VIDAS DOS SANTOS

Padre Rohrbacher

EDITORA DAS AMERICAS

http://www.obrascatolicas.com

AVISO AO LEITOR

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do Padre Rohrbacher.

http://www.obrascatolicas.com

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME IV

EDITÔRA DAS AMÉRICAS
Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988
Caixa Postal 4468
SÃO PAULO

http://www.obrascatolicas.com

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Propriedade literária e artística da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS

http://www.obrascatolicas.com

Vidas dos Santos

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

Fevereiro

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

26.º DIA DE FEVEREIRO

SANTO ALEXANDRE

Bispo de Alexandria do Egito

Jesus Cristo, antes de ascender ao céu, disse aos apóstolos: "Foi-me dado todo o poder no céu e na terra; ide, pois, ensinar a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-lhes a observar tudo quanto vos recomendei; e eis que estarei convosco todos os dias até a consumação dos séculos." Antes de se separarem, em obediência à ordem de Nosso Senhor, os doze apóstolos resumiram em doze artigos principais a fé que deviam pregar a todos os povos da terra: é a profissão de fé ou o símbolo dos apóstolos. Foi por tal símbolo ou crença que os mártires sofreram, que os doutôres escreveram. Foi nessa fé que nos batizaram e esperamos a vida eterna.

Durante três séculos, milhões de mártires padeceram pelo primeiro artigo do símbolo: *Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra.* Durante três séculos, diziam-lhes os pagãos: adorai os nossos deuses do ar, da terra e do inferno, adorai os nossos ídolos, adorai os nossos imperadores, se não, sereis despojados dos bens, mergulhados em

http://www.obrascatolicas.com

masmorras, torturados e condenados à mais cruel das mortes. E os cristãos respondiam no meio dos tormentos: não adoramos os vossos deuses do ar, nem da terra, nem do inferno, que são demônios, anjos apóstatas; não adoramos os vossos ídolos, que são de madeira, de pedra, de metal; respeitamos os imperadores, não os adoramos. Adoramos apenas o único Deus Todo-Poderoso verdadeiro, que fêz o céu e a terra, os anjos e os homens, os reis e os povos, e que a todos julgará, quer os imperadores, quer os outros.

Entre os cristãos que assim morreram pelo primeiro artigo do símbolo, contam-se todos os primeiros bispos de Alexandria, começando por São Marcos, o primeiro.

Com o primeiro artigo do símbolo, confessavam os mártires também o segundo, a divindade de Jesus Cristo. Assim, nas cartas do mártir Santo Inácio, bispo de Antioquia, Jesus Cristo é chamado nosso Deus, Deus existente no homem, Deus manifestado no homem, Deus levado no seio de Maria, sangue dela, sangue de Deus. Quanto à igreja de Alexandria, desde logo teve uma escola de famosos doutôres, cujos escritos possuímos. A divindade de Jesus Cristo é ensinada como o é nos nossos catecismos. Clemente, um dos mais antigos dentre êles, expõe no primeiro livro do *Pedagogo*, ou preceptor de crianças, quem é o nosso instituidor ou mestre: "É, diz, o santo Deus Jesus, o Verbo, que rege tôda a natureza humana, o próprio Deus clemente, pois Deus e o Verbo são ambos a mesma coisa, Deus; com efeito, está dito: no princípio era o Verbo, e o Verbo habitava em Deus, e o Verbo era Deus. Foi o Verbo, essa razão soberana, que governou os homens do

http://www.obrascatolicas.com

Velho Testamento pelo temor, e que agora guia os do Novo pelo amor." No fim do *Pedagogo*, convida os ouvintes a abençoar, a louvar noite e dia o Pai, o Filho e o Espírito Santo, "que são, diz, um Deus soberanamente um, soberanamente bom, soberanamente belo, soberanamente sábio, soberanamente justo." Termina, enfim, a obra por um hino em louvor de Jesus Cristo; canta-o, não sòmente como rei, chefe e pastor, títulos que, a rigor, poderiam convir-lhe enquanto homem; mas como Verbo eterno, é o infinito, luz eterna, fonte de misericórdia, Deus da paz, atributos que lhe convém enquanto Deus. Clemente recitou êsse hino na igreja; pode ser um dos que, segundo o velho uso atestado por Plínio, se cantava em honra de Cristo como Deus.

Orígenes, discípulo de Clemente e, depois dêle, chefe da escola de Alexandria, ensina as mesmas verdades. Quanto ao mistério da Trindade, vê-se nos escritos de Orígenes, entre outras na sua quinta homilia sôbre o Êxodo, que era crença pública dos cristãos não haver senão um Deus, mas que tal Deus único é simultâneamente Pai, Filho e Espírito Santo, e era isso, sobretudo, que feria os infiéis. "Ninguém é imutável, sem comêço e sem fim, ninguém é criador de tôdas as coisas, diz na sexta homilia, senão o Pai com o Filho e o Espírito Santo. — Quando vimos ao batismo, diz na oitava homilia, renunciamos aos demais deuses e senhores, e confessamos um único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo." Quanto à divindade e à encarnação de Jesus Cristo, diz na sua obra contra Celso que os mais ignorantes entre os cristãos acreditavam num Deus soberano e em seu Filho único, Verbo e Deus; que Jesus Cristo é Deus, ungido de Deus, que é o próprio Deus, que ninguém

http://www.obrascatolicas.com

pode conhecer dignamente o Filho incriado, nascido antes de qualquer criatura, senão o Pai que o gerou, que Jesus Cristo é Deus com um corpo e alma humanos (1).

São Dionísio, discípulo de Orígenes e bispo de Alexandria, assim escrevia, antes do fim do terceiro século, ao heresiarca Paulo de Samosata: "Como dizes que Cristo é um homem ilustre, e não realmente Deus, adorado por tôdas as criaturas com o Pai e o Espírito Santo, encarnado da santa virgem Maria, mãe de Deus? Não há senão um Cristo, o que está no Pai, seu Verbo coeterno; não há senão uma pessoa, Deus invisível feito visível. Pois Deus se manifestou na carne, nascendo de uma mulher, êle a quem Deus Pai gera do seu seio antes da aurora. O Verbo se fêz carne sem divisão nem partilha; não está dividido na carne e no Verbo, como se o Verbo habitasse no homem. Isso é excluir a geração. Há longo tempo habita êle nas almas justas entre as quais haveria, assim, inúmeras mães. Ora, uma única virgem deu à luz o Verbo vivente e subsistente em si próprio; o incriado e o criador; aquêle que veio ao mundo, o Deus desconhecido, o Deus sobreceleste, o arquiteto do céu, o criador do mundo; aquêle que santifica e é santificado. Com efeito, aquêle que a si próprio santifica não é outro senão aquêle que êle santifica. Ora, um Deus, sòmente um Deus podia dizer: Santifico a mim próprio por êles, pois é impossível a um homem santificar a si próprio ou santificar outro. Eis o que desfaz, de ponta a ponta, o que propuseste: ser Cristo outro homem diferente de Deus o Verbo, e diferir, na substância e dignidade,

(1) Hist. univ. da Igreja Catól., l. XXVIII, t. V, p. 370, 2.ª ed.

http://www.obrascatolicas.com

dêsse outro Cristo que habita nêle e executa as obras da justiça divina. Dizes que Cristo Salvador foi abandonado na cruz? Êle que é Senhor por natureza, Verbo do Pai, por quem o Pai tudo fêz, e que os santos Padres, que nos instruíram sôbre Deus, afirmaram ser consubstancial ao Pai! Dizes que Cristo, filho do homem, não é o mesmo que êsse Verbo do Pai? Não respeitas, pois, nem Pedro, o qual, inspirado pelo próprio Deus Pai, confessa que Cristo, filho do homem, é filho do Deus vivente, nem Tomás que reconhecia, pelas chagas, o Senhor e Deus, e o confessa diante de todos! (1)"

Foi assim que São Dionísio, refutando Paulo de Samosata, refutava, outrossim, o heresiarca Nestório. O que ali há, sobretudo, de notável é o testemunho por êle prestado de que, até antes daquela época, chamavam os santos Padres ao Filho consubstancial ao Pai.

Há, todavia, algo mais notável ainda. Alguns fiéis de Alexandria, bem instruídos na fé, tendo lido certas palavras numa carta do seu santo bispo contra o heresiarca Sabélio, mas não havendo indagado do próprio santo como as entendia, foram a Roma e o denunciaram a São Dionísio, papa, afirmando que ensinava ter sido o Filho feito e não ser consubstancial ao Pai. O papa reuniu um concílio em Roma, o qual achou péssimo o que se atribuía ao bispo de Alexandria. O papa escreveu-lhe o pensamento de todos, ordenando-lhe esclarecesse os pontos sôbre os quais era acusado, e condenando como culpáveis de duas impiedades opostas, mas igualmente criminosas,

(1) Hist. Univ. da Igreja Catól., l. XXIX, t. V, p. 518, 2.ª edição.

http://www.obrascatolicas.com

tanto os que sustentavam, como Sabélio, serem o Pai e o Filho uma só e mesma pessoa, como os que diziam ter sido o Verbo de Deus criado, feito, ou formado, e não ser consubstancial ao Pai. O bispo de Alexandria respondeu ao papa, a princípio por uma carta, e em seguida por uma apologia mais longa, e numa e noutra, demonstrou ser falsa a acusação atirada contra êle, *como se não dissesse ser Cristo consubstancial a Deus*. Afirmava, pois, ser o Filho consubstancial ao Pai, e afirmava-o com o papa e o seu concílio; e afirmava-o com os fiéis que o tinham acusado. É a conseqüência mais tarde tirada por Santo Atanásio (1). Vê-se daí que a palavra *consubstancial*, em grego *homoousios*, pelo menos sessenta anos antes do concílio de Nicéia, era usada até entre os simples fiéis, e por êles considerada expressão distintiva da verdadeira fé, devendo, os que dela se não serviam, ser tidos por suspeitos.

Faleceu São Dionísio de Alexandria em 264, e teve por sucessor Máximo, que com êle confessara a fé. Em 300, São Máximo teve por sucessor São Teonas; êste, por sua vez, São Pedro, primeiro do nome, martirizado em 311. Foi substituído no trono de Alexandria por Santo Aquilas, o qual faleceu em 313.

Escolheu-se, então, Santo Alexandre, sacerdote da mesma igreja, cuja vida e doutrina apostólica eram incensuráveis. Santo Alexandre era eloqüente, amado do clero e do povo, suave, afável, liberal e caridoso para os pobres. Assistira na prisão ao bispo Pedro, na véspera do martírio; ouvira-lhe as derradeiras e

(1) Hist. Univ. da Igreja Catól. l. XXIX, t. V, p. 514, 2.ª edição.

http://www.obrascatolicas.com

solenes recomendações, relativamente a um tal Ário, então diácono.

Nascera Ário na Líbia cirenaica, como o heresiarca Sabélio. Tratava-se de varão de porte avantajado, aspecto imponente, grave, que inspirava respeito. O seu trato afável e gracioso, a sua conversação doce e agradável atraíam confiança. Costumes austeros, ar penitente, zêlo evidente da religião, raro pendor pela dialética, conhecimentos bastante extensos nas ciências profanas e eclesiásticas, mas sem muita consistência nem profundidade, tudo isso cobria um fundo de melancolia, de inquietação, de ambição e um gôsto secreto pelas novidades. O bispo apóstata Melécio havia formado um cisma, e a êste se atirou Ário. Retirando-se depois, acolheu Pedro de Alexandria de novo na comunhão, ordenou-o diácono, mas foi obrigado a excomungá-lo pouco mais tarde, em virtude de novas ligações com os cismáticos.

Quando, pois, foi o bispo aprisionado pela primeira vez, temeu Ário que, após a morte do santo, ninguém quisesse ou pudesse reconciliá-lo. Foi, então, procurar os principais do clero, e suplicou-lhes intercedessem por êle com o arcebispo. Consentiram êles, entraram na prisão e, depois da habitual prece, prostrados sôbre o chão, beijaram os pés do pontífice, regaram-nos de lágrimas, e suplicaram-lhe, à vista do martírio já próximo, que fôsse indulgente com Ário e lhe perdoasse. Repeliu-os o homem de Deus com indignação, e exclamou, de mãos erguidas para o céu: "Ousais suplicar-me por Ário! Tanto neste mundo, como no outro, ficará Ário separado para sempre da glória do Filho de Deus, Jesus Cristo Nosso Senhor!" Todos os presentes ficaram cons-

http://www.obrascatolicas.com

ternados, e supuseram uma inspiração divina naquela sentença. Efetivamente, afastando-se com os dois sacerdotes mais antigos, Aquilas e Alexandre, disse-lhes o santo: "Não me considereis inumano ou demasiadamente severo. A astúcia oculta de Ário supera qualquer iniqüidade e impiedade. O que digo não é meu. Esta mesma noite, no momento em que dirigia a Deus as minhas preces, surgiu ao meu lado um menino de uns doze anos, de rosto tão resplendente que eu lhe não podia suportar o fulgor, estando a prisão inteira iluminada. Vestia-o uma túnica de linho, mas rasgada de alto a baixo; o menino segurava as duas partes para cobrir o peito. Quando a surprêsa me permitiu falar, perguntei-lhe: Senhor, quem vos rasgou a veste? Respondeu-me: Foi Ário que ma rasgou; guardai-vos de o admitir à comunidade, pois amanhã virão interceder por êle. Pelo contrário, recomendai aos sacerdotes Aquilas e Alexandre, os quais governarão a minha igreja depois da vossa passagem, que jamais o recebam. Quanto a vós, não tardareis em completar o martírio."

Em seguida ao martírio do santo bispo Pedro, implorou Ário a clemência do sucessor, santo Aquilas, que não sòmente lhe perdoou, como também o ordenou sacerdote, lhe confiou uma das principais igrejas de Alexandria, e até o ensino público das sagradas letras. Ário não cabia em si de vaidade. Chamava a si próprio de Ilustre a quem Deus comunicara em extraordinária medida a ciência e a sabedoria. Veremos Maomé gloriar-se do mesmo título e das mesmas luzes.

Com a morte de Aquilas, contava Ário ser bispo. Não logrou suportar lhe preferissem outro. Nada tendo que repreender nos costumes de Santo Ale-

http://www.obrascatolicas.com

xandre, procurou caluniar-lhe a doutrina. Assim, visto que Alexandre, seguindo em tudo a doutrina do Evangelho e dos apóstolos, ensinava ser igual o Filho de Deus ao Pai, e da mesma substância, pôs-se Ário a sustentar que aquela era doutrina de Sabélio, que o Filho fôra feito e criado, que nem sempre existiu, que foi tirado do nada, que, por sua livre vontade, foi capaz de vício e de virtude. Teve até a ousadia de afirmar que o Filho era incapaz de ver e conhecer perfeitamente o Pai e conhecer a si próprio. Numa palavra, sustentou Ário a mesma heresia que mais tarde Maomé, e nos nossos dias a incredulidade moderna, a grande heresia do anticristo ou de Satã, a qual impele os homens a renegar a Deus e a Cristo, para fazer-se adorar em substituição ao Pai e Filho.

A princípio, Ário só alastrou a sua heresia em conversações particulares, de modo que, por longo tempo, ficou oculto o mal; mas quando notou que lhe davam atenção e se viu apoiado por grande número de sequazes, pregou-a pùblicamente. Tentou santo Alexandre, no comêço, chamá-lo à ordem mediante caridosas advertências, e empregou tal paciência que alguns chegaram a queixar-se dela. Finalmente, manteve com o seu clero duas conferências: Ário teve nelas a liberdade de se explicar e retratar-se. Além de tais conferências públicas e particulares, instava ainda o santo bispo, mediante cartas, para que Ário renunciasse à impiedade e voltasse à fé católica. Revelando-se inúteis todos êsses caminhos, reuniu um concílio de quase cem bispos do Egito e da Líbia; havendo Ário renovado as suas blasfêmias, foi excomungado, com uns doze dos seus principais companheiros, sacerdotes e diáconos. Corria o ano de 320.

http://www.obrascatolicas.com

Retirou-se Ário para a Palestina, e granjeou novos partidários, até entre os bispos. Vários o acolheram e lhe permitiram reunir os sequazes; muitos outros, tanto da Palestina como das províncias mais afastadas, escreveram, em favor dêle, a santo Alexandre. Diante da nova, o próprio santo escreveu aos bispos da Palestina, da Fenícia e de Celesíria, para queixar-se dos que tinham dado abrigo ao heresiarca. Responderam os bispos, desculpando-se e justificando-se, uns com sinceridade, outros com disfarce e hipocrisia. Houve-os que declararam não terem, de maneira nenhuma, recebido Ário; outros confessaram que o haviam acolhido por ignorância; mais outros disseram que só o tinham acolhido para conquistá-lo e levá-lo de volta ao dever.

Mas Ário conquistara um dêles, que, desde então, se tornou o patrono da seita. Era um dos seus velhos condiscípulos. Tinham tido por mestre, ambos, certo Luciano, discípulo de Paulo de Samosata, e que ficara excomungado sob três bispos de Antioquia. Chamava-se Eusébio o patrono, e era bispo de Nicomédia. Pensava como Ário, antes do próprio Ário. Passava por ter cometido apostasia na perseguição; depois, tornara-se, ninguém sabe como, bispo de Berita na Fenícia. Mais cortesão do que qualquer outra coisa, insinuou-se nas boas graças de Constância, irmã do imperador Constantino e mulher de Licínio. O bispado metropolitano de Nicomédia ficara vago; Eusébio, que media a dignidade episcopal pela grandeza das cidades, abandonou, sem nenhuma autorização canônica, a cidadezinha de Berita pela cidade imperial de Nicomédia. Quando Licínio guerreava, simultâneamente, contra a fé e contra os cristãos, além de combater Constantino, Eusébio puse-

http://www.obrascatolicas.com

ra-se ao lado de Licínio; Constantino venceu, e êle soube conquistar o favor de Constantino. Mais tarde deixará Nicomédia por Constantinopla, e tornar-se-á preceptor de Juliano o Apóstata, um dos precursores do anticristo.

Tendo-se Ário retirado para Alexandria, implorou a proteção dêsse Eusébio e lhe escreveu uma carta, na qual se vê tôda a sua heresia: que o Filho começou e foi tirado do nada, donde se segue, por conseqüência necessária, que não é mais do que um deus nominal e uma pura criatura. Vê-se nela também a doutrina de Santo Alexandre: que o Filho procede do Pai e lhe é coeterno. O bispo cortesão de Nicomédia, o ímpio Eusébio, aprovou a impiedade de Ário. Gabou-se até de fazer com que o piedoso bispo de Alexandria partilhasse dela. Porém, Alexandre escreveu aos bispos da Palestina, Fenícia e Celesíria, queixando-se enèrgicamente dos que tinham acolhido Ário. A impressão causada pelas suas cartas foi tal que ninguém mais quis receber o heresiarca, o qual se refugiou com Eusébio de Nicomédia. As duas serpentes, para melhor alastrarem o veneno na Igreja, esforçaram-se por nela permanecer. Ário colocou a sua impiedade em canções ridículas, a fim de a semear entre a população. Eusébio escreveu e mandou escrever várias vêzes a santo Alexandre, em favor de Ário.

Alexandre, que era importunado por todos os lados, atingira a extrema velhice. O seu zêlo pela fé em perigo lhe devolveu o vigor da mocidade. Dispunha, aliás, para o ajudar, do seu diácono Atanásio. Escreveu, pois, a todos os bispos para informá-los do que se passava, e animar-lhes o zêlo. Conhecia Santo Epifânio setenta de tais cartas, a maioria cir-

http://www.obrascatolicas.com

culares. Havia uma, em particular, dirigida ao papa São Silvestre, ainda existente no tempo do papa Líbero. Em tão grande número, encontrava-se um volume ou memória, subscrita pelos bispos católicos, para abafar a heresia, mediante o seu acôrdo. Dentre tôdas aquelas cartas, só nos restam duas. Uma dirigida ao bispo de Bizâncio, também chamado Alexandre e igualmente santo. Nela expõe Alexandre, e refuta-a, a impiedade dos arianos, e dá o nome dos apóstatas e dos seus principais sequazes.

Quanto a Eusébio de Nicomédia, êle, sobretudo, é que tomava o partido de Ário, orgulhoso do prestígio de que desfrutava na côrte; gabava-se, talvez, de não haver quem ousasse contradizê-lo. O velho bispo de Alexandria não fêz outra coisa senão escrever com maior liberdade contra êle próprio, numa carta dirigida a todos os bispos do mundo, na qual diz: que havia pretendido calar-se para abafar o mal na pessoa dos apóstatas e não manchar os ouvidos de gente simples. "Mas, acrescenta, uma vez que Eusébio, o qual julga dispor dos negócios da Igreja, por ter abandonado Berita e usurpado a igreja de Nicomédia, também se põe à testa dos apóstatas, e de todos os lados escreve em favor dêles, sou obrigado a romper o silêncio para dar a conhecer a vós todos as pessoas dos apóstatas e os infelizes discursos da sua heresia, a fim de que vos não detenhais no que poderia escrever-vos Eusébio; Eusébio finge escrever por êles, mas, na realidade, escreve por si próprio; busca renovar, através dêles, os seus maus sentimentos de outros tempos, que o tempo fizera esquecer."

Antes de enviar tais cartas, reuniu Alexandre o seu clero, leu-as na presença de todos e mandou que as subscrevessem. Eusébio e o seu partido viram-se

http://www.obrascatolicas.com

prodigiosamente ofendidos pela firmeza do santo ancião, desde aquêle momento conceberam um ódio mortal contra Atanásio, diácono de Alexandria, pois, tendo indagado, souberam que estava constantemente perto do bispo de quem era bastante estimado. Reuniram um concílio na Bitínia, e escreveram a todos os bispos do mundo pedindo-lhes se comunicassem com os arianos, e fizessem com que Alexandre também com êles se comunicasse. A perturbação cresceu. Já não eram apenas os bispos e sacerdotes que discutiam; povos inteiros se dividiam. Já havia grande número de cartas escritas, de ambas as partes, pelos bispos. Ário recolheu as que lhe eram favoráveis, enquanto Santo Alexandre tôdas as que sustentavam a doutrina católica.

Tal era o estado dos espíritos e das coisas, quando, após a derrota de Licínio, Constantino se viu senhor de todo o Oriente. Ficou sensìvelmente aflito ao saber daquela divisão, tanto mais que Eusébio de Nicomédia, com quem se demorara algum tempo, o havia persuadido de que se tratava de uma simples questão de palavras; que o maior mal era o azedume dos espíritos e, em particular, a aversão do imperador em usar da sua autoridade para impor silêncio. Escreveu Constantino, em tal sentido, a Alexandre e a Ário. A carta foi levada a Alexandre por um bispo da Espanha, Ósio de Córdova. Reuniu lá um numeroso concílio, no qual alguns cismáticos voltaram à Igreja. Mas a questão de Ário não terminou. Ósio e Alexandre aconselharam ao imperador que reunisse um concílio universal.

O imperador Constantino e o papa São Silvestre reuniram, pois, e convocaram o concílio em Nicéia, na Bitínia. Dizemos o imperador Constantino e o

http://www.obrascatolicas.com

papa São Silvestre, pois que isso se vê em tôdas as cartas na ação dezoito do sexto concílio geral, terceiro de Constantinopla (1). Se alguns historiadores calaram a cooperação do papa, nem por isso é menos certo o fato. Por conseguinte, reuniram-se os bispos em Nicéia, em número de trezentos e dezoito, sem contar os sacerdotes, os diáconos e os acólitos.

Constantino o Grande,
Imperador Romano.

Nunca se vira nem tampouco se imaginara coisa semelhante. Via-se o escol da humanidade cristã pronta a resumir, num ato de fé e de amor, a fé, a esperança, a verdadeira sabedoria de todos os séculos passados, presentes e vindouros. Até então, o escol da humanidade pagã, os filósofos, dissertara bastante sôbre Deus, a sua natureza, providência, o todo das suas obras; e, após séculos de dissertações, raciocínios e sutilezas, nenhuma verdade havia sido ainda definida de comum acôrdo, nem posta ao alcance do comúm dos homens. Ora, o que não tinham podido os filósofos gregos, em dez séculos, o que não poderão os filósofos da Índia em trinta ou quarenta, poderão os pastôres cristãos em poucos dias, em Nicéia; fá-lo-ão apesar de tôdas as astúcias, de tôdas as argúcias do filosofismo ariano; fá-lo-ão consignando no seu *Credo* a doutrina que acabavam de

(1) Labbe, t. VI, p. 1049.

http://www.obrascatolicas.com

confessar nas prisões, no fundo das minas, diante dos tiranos e dos algozes que lhes haviam vazado os olhos, queimado as mãos, cortado os jarretes; doutrina hereditária que tinham recebido dos mártires, êstes dos apóstolos, os apóstolos de Cristo, Cristo de Deus; e o *Credo*, que define com tão maravilhosa precisão as verdades mais sublimes, tornar-se-á até o fim do mundo, e para todo o universo cristão, um canto popular de fé, de esperança e de amor.

O que cada vez mais mostrava a Igreja como humanidade divinamente restabelecida na unidade, era que tão augusta assembléia era presidida pelo vigário de Cristo, o sucessor de São Pedro, o papa São Silvestre, na pessoa dos seus legados, Ósio de Córdova, e os sacerdotes Vito e Vicente, do clero romano. O grego Gelásio de Cízica diz em palavras próprias que Ósio da Espanha tinha lá o lugar de Silvestre, bispo de Roma, com os sacerdotes romanos Vito e Vicente. Aliás, o papa São Júlio e os historiadores gregos Sócrates e Sosómenes nos ensinam que, desde então, constituía uma das regras da Igreja não se reunir concílio nem ordenar fôsse o que fôsse sem o consentimento do bispo de Roma.

O concílio, após ouvir os arianos, declarou contra êles a fé da Igreja, nestes têrmos: "Cremos num único Deus, Pai Todo Poderoso, criador de tôdas as coisas visíveis e invisíveis, e num só Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus, gerado pelo Pai, isto é, pela substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, gerado e não feito; consubstancial ao Pai; por quem tôdas as coisas foram feitas no céu e na terra. O qual, por nós homens e pela nossa salvação, desceu dos céus, se encarnou e se fêz homem; sofreu, ressuscitou no ter-

http://www.obrascatolicas.com

ceiro dia subiu aos céus, e virá julgar os vivos e os mortos. Cremos também no Espírito Santo. Quanto aos que dizem: foi tirado nado; ou pretendem que o Filho de Deus é de outra substância, ou mutável, ou alterável, a santa Igreja católica e apostólica os anatematiza."

Todos os bispos aprovaram o símbolo e subscreveram-no com exceção de um pequeno número de arianos. Foram, a princípio, dezessete os que se recusaram; em seguida, reduziram-se a cinco, e, finalmente, a dois. O chefe, Ário, foi condenado com os seus escritos. Condenaram-se também as pessoas condenadas, com êle, pelo concílio de Alexandria.

O concílio de Nicéia conciliou outra questão: o cisma dos melecianos, que, havia vinte e quatro anos, desolava o Egito. Melécio, bispo de Licópolis, sacrificara aos ídolos, na perseguição. Deposto pelo bispo de Alexandria, em vez de se submeter, formou um cisma, ordenou bispos, sacerdotes e diáconos; e quando os arianos apareceram, uniram-se-lhes os melecianos, sem contudo participar da doutrina. Ora, para pôr côbro a tal cisma, nascido da apostasia e fautor da heresia, o santíssimo concílio de Nicéia, embora declarasse que, em rigor, Melécio era indigno de qualquer perdão, empregou com êle certa indulgência, e lhe permitiu ficar na cidade de Licópolis, com o título e as honras de bispo, mas sem poder, nem de escolher, nem de ordenar, nem de ir, para tanto, ao campo ou a outra cidade. Os que haviam sido por êle ordenados foram mais indulgentemente ainda tratados: a condição principal de reconciliação foi a subordinação ao bispo de Alexandria. Santo Alexandre pediu a Melécio a lista dos seus bispos: eram vinte e nove. Melécio, entregando a lista, apre-

http://www.obrascatolicas.com

sentou a Santo Alexandre os que nela tinham sido nomeados; deu-lhe também as igrejas cuja superioridade havia usurpado; e ficou em Licópolis, onde morreu algum tempo depois.

Tendo o concílio de Nicéia terminado tão graves questões, foi redigida uma carta à igreja de Alexandria, concluída nestes têrmos: "Rejubilai-vos com tão feliz êxito, com a paz e a união da Igreja, e a extirpação de tôdas as heresias, e recebei com muita honra e amor o nosso colega, vosso bispo Alexandre, que nos alegrou com a sua presença, e que, em idade tão avançada, tanto se esforçou para vos proporcionar a paz. Rogai, também, por todos nós, a fim de que as coisas, que se nos afiguram bem regradas, permaneçam firmes por nosso Senhor Jesus Cristo, sendo feitas, como acreditamos, segundo o prazer de Deus Pai no Espírito Santo, a quem vai a glória nos séculos dos séculos. Amém."

O concílio de Nicéia, convocado pelo papa São Silvestre, pediu-lhe canônicamente a confirmação dos seus decretos. Assim, em 481, um concílio romano, presidido pelo papa Félix III, escreveu ao clero do Oriente que os trezentos e dezoito santos Padres de Nicéia, segundo a palavra do Senhor "Tu és Pedro, e sôbre esta pedra erguerei a minha Igreja", haviam deferido a confirmação e a autoridade das questões à santa Igreja romana (1).

O santo ancião Alexandre pouco sobreviveu à glória de ter arrasado a heresia ariana; morreu, por assim dizer, em pleno triunfo, cinco meses após o

(1) Labbe, t. IV, col. 1126.

http://www.obrascatolicas.com

regresso a Alexandria, em 17 de abril de 326. Havia poderosamente servido à Igreja, durante a vida; menos a não serviu com a morte, preparando, por uma espécie de inspiração divina, o bispado de Santo Atanásio. Estando prestes a morrer, chamou-o pelo nome. Prevendo o que ia suceder, Santo Atanásio se havia ocultado. Outro Atanásio, presente, respondeu; mas Santo Alexandre não lhe disse uma palavra, mostrando que não era aquêle o homem chamado. Tornou a chamar Atanásio, e repetiu várias vêzes o nome. O Atanásio presente calou-se; compreenderam todos de quem falava o santo bispo, que acrescentou profèticamente: "Atanásio, cuidas haver escapado mediante a fuga, mas não escaparás." Com efeito, após a morte do santo, foi eleito unânimemente.

Peçamos a Deus, por intercessão dêsses dois santos, a graça de professar de coração e de bôca, pelas nossas palavras e obras, a fé católica que tão corajosamente defenderam contra a heresia, e que cantamos todos os domingos e festas no símbolo de Nicéia.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO NESTOR (*)

Bispo e Mártir

Em 250, durante a perseguição de Décio, São Nestor era bispo de Magidos, na Panfília. Pollion, então, assentava-se na Prefeitura, e recebera ordens de iniciar a prisão dos cristãos, o que aconteceu por tôda a província.

Ora, Nestor era o mais fervoroso dêles, e, pois, devia ser o primeiro a enfrentar os idólatras.

Ciente do que lhe estava para suceder, o bom e santo bispo aconselhou os diocesanos que fugissem. Quanto a êle, ficou, serenamente, à espera dos sucessos, a rezar, a suplicar a Deus, sem cessar, que lhe preservasse o rebanho.

Prêso, São Nestor, com grande majestade, com imensa calma, compareceu diante do juiz. E por todo o trajeto, recebendo honrarias, até dos senadores ouvia:

— Tua vida só é digna de elogios!

Num dos edifícios ao lado do Forum, numa vasta sala, São Nestor foi introduzido e encaminhado a um lugar de honra. Sentado numa alta cadeira, o grande bispo, muito digno e muito tranqüilo, aguardou a palavra dos interrogadores, que o olhavam respeitosamente, tanta a sua majestade e domínio de si mesmo.

http://www.obrascatolicas.com

Tanto assim era que o inquiridor principiou chamando-o mestre:

— Tu conheces, mestre, o decreto do imperador?

São Nestor respondeu doce, mas contundentemente:

— Eu conheço o preceito do Deus todo poderoso. Quanto ao do imperador, ignoro-o.

O juiz avisou-o:

— Ó Nestor, fala com calma, sê prudente e benigno contigo mesmo. Isto não é um julgamento. Por que não consentes?

— Consentir em quê?

— Nas ordens do imperador.

— Eu só me submeto às ordens do Rei dos céus.

O inquiridor principiou a perder a calma. Disse àsperamente:

— Tu estás possuído do demônio, Nestor!

São Nestor sorriu brandamente:

— Eu? Mas não sou eu que lhe rendo homenagens! És tu que o cultuas!

Uma punhada na mesa e um esbravejar:

— Ó homem! Como tens a ousadia de chamar nossos deuses de demônios?

— A própria razão quer que se lhes chamem demônios, respondeu o santo bispo.

— Hás de ver! estortorou o inquiridor. Pelos tormentos que te serão infligidos, e na presença do governador, haverás de confessar que nossos deuses são deuses!

São Nestor levantou-se, fêz o sinal da cruz, e disse:

— Por que ameaças? De que valem ameaças? Eu não tenho nenhum mêdo dos suplícios! Achas, porventura, que os suplícios irão impedir-me de con-

http://www.obrascatolicas.com

fessar a Cristo, Filho de Deus vivo? Estás muito, muito enganado!

Cheio de raiva, o juiz suspendeu o interrogatório. E, naquele mesmo dia, partiu para Perge, ao encontro do governador.

São Nestor, confiado a dois lictores, seguiu, com aquêles, logo em seguida, prisioneiro. Ora, pelo caminho, houve um grande, prolongado tremor de terra, e uma voz, vinda do céu, consolou o santo bispo.

Passado o fenômeno, emudecida a voz, São Nestor dirigiu-se aos dois homens que o levavam, e que estavam brancos de pavor, trêmulos e desassossegados:

— Ouvistes? perguntou-lhes. Sentistes a terra a tremer como vós tremeis? É um testemunho de que meu Deus, nos céus, desaprova o que fazeis!

Chegados que foram a Perge, sòmente no dia seguinte São Nestor compareceu diante do governador. E iniciou-se novo interrogatório.

— Como te chamas? perguntou o governador ao santo bispo.

— Sou um servidor do meu Senhor Jesus Cristo.

— Não perguntei qual a tua qualidade, apenas teu nome. Como te chamas?

— Meu nome próprio, respondeu o Santo, imperturbável, é Cristão. Meus pais, contudo, deram-me o de Nestor.

— Por que não sacrificas aos deuses? entrou o governador ràpidamente na questão primordial, sem rodeios. Sacrifica, e não recorreremos às torturas. Escreverei imediatamente ao Senhor Imperador e a êle rogarei que te faça chefe dos sacerdotes de tôda a província.

http://www.obrascatolicas.com

São Nestor levantou os olhos para o céu, respondeu:

— Sejam quais forem os tormentos, jamais renegarei o meu Deus, o meu Senhor Jesus Cristo! Nunca!

Ligado, então, ao cavalete, o santo bispo passou por cruéis torturas. Com as unhas de ferro, foi lacerado. Nestor, sem deixar escapar um só gemido, cantava:

— Eu bendirei o Senhor por tôda a vida! Louvá-lo-ei eternamente, e eternamente os louvores que lhe são devidos estarão na minha bôca!

O governador aproximou-se, e perguntou com voz forte, impacientado ao extremo:

— Vais sacrificar?

— Nunca! exclamou o santo bispo.

— Desejas, então, morrer com Cristo?

— Existirá maior ventura?

Furioso, o governador recuou e proferiu a sentença:

— Nestor, como não quiseste obedecer ao vitorioso imperador nem aos deuses imortais, ficando agarrado a Cristo que foi crucificado sob Pôncio Pilatos, sofrerás a mesma pena que Cristo sofreu! Serás crucificado!

Preparada a cruz, ràpidamente, o grande e santo bispo a ela foi ligado, incontinenti. E dela suspenso, a exortar os cristãos todos que lhe eram testemunhas do suplício, pedindo a Deus todo poderoso que os conservasse inabaláveis na fé, expirou, dizendo bem alto:

— Amém!

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO PORFÍRIO DE GAZA (*)

Bispo e Confessor

São Porfírio era natural de Tessalônica, onde nasceu em 347. Filho de rica família, com um futuro brilhante, segundo o mundo, pela frente, deixou aquêle mesmo mundo, com tôdas as suas quimeras, e foi, gostosamente, viver na solidão do êrmo.

Demandando o Egito, embarafustou-se no deserto. Recebendo o hábito, cinco anos depois transferiu-se para a Palestina. Fixando-se perto do rio Jordão, numa caverna insalubre, contraiu grave moléstia: um câncer no fígado. Sempre febril, permanentemente derreado, fêz-se para Jerusalém, a visitar os santos Lugares. Ajudado por um amigo, arrimado num bordão, todo arcado pela dor, lá chegou. Pouco depois conheceria aquêle que havia de ser o seu biógrafo, Marcos de Gaza, que era diácono e fazia a sua peregrinação. Ouçamo-lo discorrer sôbre o Santo.

* * *

"Assistindo aos ofícios, quer na igreja da Ressurreição, quer noutros santuários, notava eu sempre a presença indefectível dum monge de quarenta anos mais ou menos, de tez biliosa, de pele ressecada, com o dorso todo êle dobrado, a andar com dificuldade, muito penosamente, todo pendurado dum bordão.

http://www.obrascatolicas.com

"Um dia, entrando na basílica Constantina, eu o vi subir penosamente, como se carregasse tôdas as penas do mundo, os degraus que levam da rua ao átrio. Precipitei-me, então, ao seu encontro, todo no doce afã de lhe oferecer o braço. Recusou-se, gemendo:

"— Não é justo. Perseguindo meu caminho para solicitar o perdão dos meus pecados, como poderia eu me apoiar em alguém? Que Deus se digne olhar-me benignamente e, na sua infinita misericórdia, tenha piedade de mim!"

"Êle entrou para ouvir os ensinamentos divinos, depois do que retornou, deixando o templo.

"Pus-me, então, ao seu serviço. Naquela altura, vivia êle preocupado, uma vez que a parte que lhe tocara como herança não pudera ser vendida para ser distribuída aos pobres, conforme o conselho evangélico, porque seus irmãos eram meninos ainda quando deixara o país. Assim, pediu-me que fôsse à Tessalônica para tratar da partilha dos bens entre os irmãos e êle. Deu-me, para tanto, uma procuração, e algum dinheiro para a viagem. Parti. Embarcado no pôrto de Ascalon, treze dias depois chegava em Tessalônica, onde, tudo organizado, tratei da volta.

"À minha chegada, aquêle homem três vêzes bendito acolheu-me de lágrimas nos olhos, chorando de alegria. Estava outro: o corpo aprumara-se-lhe, parecia mais vigoroso: o rosto ganhara outras côres. Como eu o olhasse cheio de admiração, disse-me, sorrindo:

"— Admira antes em mim, irmão Marcos, os efeitos da grande bondade do Cristo. Há mais ou menos quarenta dias, assistia eu às vigílias do santo

http://www.obrascatolicas.com

dia do Senhor, e uma espantosa cólica de fígado, insuportável, tomou-me. Como não a suportasse, fui, como pude, ao Gólgota, e lá, sôbre a terra, estendi-me de comprido. Fui tomado pelo êxtase, e vi o Salvador pregado na cruz, com um dos ladrões suspenso noutra, ao seu lado. Pus-me, então, a gritar, repetindo as palavras do bom ladrão: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino". O Senhor respondeu à minha oração, dizendo ao ladrão ligado à cruz: "Desce da tua cruz e salva aquêle homem ali estendido, como tu te salvaste a ti mesmo". O ladrão obedeceu, deixou a cruz, tomou-me em seus braços e beijou-me. Depois, estendendo a mão direita, disse-me: "Vai para o Salvador!" Eu corri para o Cristo, vi-o descer da cruz e ouvi que me dizia: "Toma e guarda êste madeiro" — êle me mostrava a cruz. Eu obedeci. E, levando-lhe a cruz, deixou-me o êxtase. A partir daquele instante, não mais senti qualquer dor. Todos os traços do mal haviam desaparecido".

"Ao ouvir tal narração, rendi graças a Deus, o qual se compadece especialmente daqueles que o invocam na sinceridade do coração. Daí em diante, servi Porfírio com mais solicitude, vendo que era um verdadeiro servidor de Deus.

"Pus-lhe nas mãos tudo aquilo que lhe pertencia e que trouxera comigo da Tessalônica. E passei a viver com êle, e me deleitava com a conversação que entabulávamos.

"Homem sem mácula, doce, compassivo, possuía, mais do que ninguém, o dom de interpretar a santa Escritura. Era de ver a facilidade com que resolvia as dificuldades e fechava a bôca dos incrédulos e dos heréticos. Amava os pobres, e por êles enternecia-se

http://www.obrascatolicas.com

fàcilmente, até as lágrimas. Em pouco tempo, distribuiu tudo o que possuía, não sòmente na cidade santa, mas também nas aldeias das redondezas. Uma parte tôda especial, deu-a êle aos mosteiros do Egito, que eram muito pobres. Para os estrangeiros que estavam em Jerusalém, foi como outro Abraão. Assim, viu-se logo reduzido a nada, sem ter o com que comprar a subsistência diária. Começou, então, a trabalhar como sapateiro, para viver do labor das próprias mãos, a exemplo do grande apóstolo, embora eu tivesse dito que o meu salário, vindo da transcrição de manuscritos, bastava para nos alimentar aos dois.

"— Não, disse-me êle, porque o homem que não trabalha não tem o direito de comer".

Eu repliquei:

"— Mas, quando tinhas e eras rico, por que não trabalhavas e não me deixavas trabalhar?"

"Respondeu-me:

"— O que eu então fazia, ultrapassava, e de muito, o que agora faço, porque o que faço pode apenas entreter duas pessoas, e o que eu fazia entretinha a vida de muita gente, de multidões".

"Assim, aquêle homem fornecia a mim, além do material, o alimento espiritual de minha alma.

"Ora, Praílio, bispo da cidade santa, ouviu falar de Porfírio. Chamou-o, conferiu-lhe o sacerdócio e confiou-lhe a guarda do lenho sagrado da verdadeira cruz. Viu-se, então, o cumprimento daquilo que lhe havia sido dito durante o êxtase: "Toma e guarda êste madeiro".

"Porfírio estava, então, com cêrca de quarenta e cinco anos. A maneira de viver era a mesma: continuava com as mortificações, os jejuns e as vigí-

http://www.obrascatolicas.com

lias. Comia pão velho e ervas, o que fazia sòmente ao entardecer, depois do cair do sol, salvo nos dias de festa, que se alimentava às seis horas, juntando ao pão um pouco de azeite, de queijo e de legumes. Bebia um trago de vinho, ao qual adicionava água, em virtude dos males do estômago. Era o seu regime. Tôda a vida foi assim.

"Três anos se passaram sôbre o novo ofício. O bispo de Gaza, Eneu, morrera, e os fiéis daquela Igreja, pouco numerosos, diga-se de passagem, mais o clero, não chegavam a um acôrdo quanto à escolha do sucessor. Foram, então, à procura do arcebispo de Cesaréia, João, metropolitano de Gaza, que, prescrevendo um jejum, três dias depois vinha o Senhor de lhe designar o santo homem Porfírio.

"João escreveu ao bispo de Jerusalém, pedindo lhe enviasse Porfírio, dando como razão que dêle se tinha necessidade para a resolução de uma difícil questão concernente à Escritura. O bispo de Jerusalém transmitiu a Porfírio o desejo do arcebispo, autorizou-o a partir, dizendo-lhe, contudo, que se não demorasse por mais de sete dias.

"Porfírio perturbou-se diante daquela ordem, e exclamou: "Seja feita a vontade de Deus!"

"Chamou-me e disse:

"— Irmão Marcos, vamos venerar a santa cruz, porque muito tempo há de correr antes que o possamos fazer novamente".

"— Por que, meu pai, falas assim?" pergunteilhe.

"Respondeu-me:

"— Porque vi, ontem, o Senhor, que me disse: "Devolve-me o que te confiei, porque quero te dar

http://www.obrascatolicas.com

uma espôsa que é muito humilde, muito, em verdade, mas virtuosíssima. Aceita-a, embeleza-a e faze com que se esqueça da pobreza. Tôda humildade que ela é, não importa, porque é minha irmã. Quanto a ti, toma-a, cuida-lhe da casa, vela por ela e não cometas qualquer injustiça, violência ou ilegalidade. Contenta-te por ter um grande zêlo, e o resto te virá donde menos esperas". Eis o que o Cristo meu mestre, revelou-me ontem pela tarde.

"Juntos, fomos visitar os santos Lugares e venerar o adorável lenho da cruz. Depois de longas orações e de muitas lágrimas, Porfírio devolveu a cruz ao relicário de ouro, foi levar a chave ao bispo, dêle recebendo a bênção. Fizemos, então, os preparativos para a viagem. Dois dias depois, estávamos em Cesaréia, onde a notícia de nossa vinda já se espalhara. O arcebispo apareceu na hospedaria em que nos fixamos, para saudar-nos, e depois de têrmos comido alguma coisa, fomos celebrar as vigílias do santo dia — que era à tardinha do sábado".

* * *

São Porfírio foi sagrado bispo e partiu imediatamente para Gaza. Muito perseguido pelos idólatras, o grande santo, pelos milagres que operou, converteu multidões. Pelos renitentes, orava incansàvelmente, sem cessar, dia e noite.

Ajudado por São João Crisóstomo, conseguiu o santo bispo vencer inúmeras dificuldades opostas pelos pagãos. E amado pela imperatriz Eudóxia, São Porfírio levou avante o seu glorioso episcopado, que, em 420 — estava então com 73 anos de idade — deixava para subir aos céus, indo-se para o Senhor,

http://www.obrascatolicas.com

falecendo muito tranqüilamente, a Deus recomendando o rebanho que soube apascentar por vinte e cinco anos.

* * *

No mesmo dia, em Arcis, na França, São Vítor, confessor, de quem São Bernardo escreveu louvores. Nascido em Troyes, educado ùnicamente para Deus, recebeu o sacerdócio. Atraído pela solidão, retirou-se para Arcis, onde jejuava e se dava à contemplação. Foram tais os milagres que operou, que, em pouco tempo, passou a ser visitado por multidões, mesmo por reis.

Em São Bertinho, o bem-aventurado Leão, abade e confessor, originário de Furnes, Flandres. Sob a direção do abade Alviso, tornou-se monge de conduta irrepreensível. Abade de São Bertinho em 1138, estêve na cruzada (1146), falecendo no seu mosteiro em 1163.

Em Pont-à-Mousson, a bem-aventurada Filipa de Gueldre, viúva, nascida em 1462, falecida em 1547. Filha de Adolfo de Gueldre e de Catarina de Bourbon, viu-se órfã na mais tenra idade. Adotada por uma tia do lado paterno, chamada Catarina, foi educada cristãmente. Sobrinha do duque de Bourbon, freqüentou a côrte. Pedida em casamento, desposou Renato II, duque de Lorena. Viúva, com doze filhos, conheceu a adversidade. Entrando para o convento das clarissas em 1519, submeteu-se a tôdas as regras do noviciado, pronunciando, um ano depois, os quatro solenes votos: pobreza, castidade, obediência e perpétua clausura. Modêlo das religiosas, faleceu santamente, depois de longa doença.

http://www.obrascatolicas.com

Em Spanheim, diocese de Maiença, Santa Matilde, virgem, filha de Eberardo e de Hiltrude. Irmã de Bernhelm monge de Santo Albano, com treze anos propôs-se guardar perpétua virgindade, vivendo reclusa perto do mosteiro em que aquêle professava. Faleceu em 1154, quando então tinha sob sua conduta muitas jovens desejosas de lhe imitar a santa vida.

Em Maiença também, Santo Hilário, bispo e mártir, desaparecido, segundo se crê, em 158.

Em Augsburgo, São Dionísio, bispo e mártir, querem alguns que do século IV.

Em Gaza, na Síria, Santa Irene, virgem, batizada por São Porfírio, que lhe deu o véu das virgens (490).

Em Nevers, Santo Agrícola, bispo e confessor, nascido na Borgonha, sucessor de Eoládio. Falecido em 594.

Em Verona, São Sérvulo, bispo e confessor, desaparecido em 504.

Na Irlanda, Santo Ogan, bispo.

Na Baviera, a bem-aventurada Edigna, virgem, princesa filha do rei Henrique I (segundo outros de Filipe I). Deixando a côrte, levou vida reclusa em Puch, perto de Furstenberg, falecendo em 1109. Deram-se muitas curas milagrosas por sua intercessão.

Em Perga, os Santos Pápias, Deodoro, Cônon e Claudiano, martirizados antes de São Nestor. — Ademais, os Santos Fortunato, Félix e outros vinte e sete mártires. — Em Bolonha, São Faustiniano, bispo, cujas pregações firmaram e até fizeram crescer aquela igreja, aflita pela perseguição de Diocleciano. — Em Florença, Santo André, bispo e confessor.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

27.º DIA DE FEVEREIRO

SÃO LEANDRO

Bispo de Sevilha e apóstolo dos visigodos

São Leandro, com quem São Gregório, o Grande, estreitou íntima amizade em Constantinopla, era de uma ilustre família de Cartagena, na Espanha. Chamava-se-lhe o pai Severiano, e a mãe Turtúria ou Teodora. Era o filho mais velho de uma família de santos. O irmão cadete foi Santo Isidoro, seu discípulo e sucessor no trono episcopal de Sevilha. Tinha São Leandro outro irmão, São Fulgêncio bispo de Ecija e de Cartagena, e uma irmã consagrada a Deus, Santa Florentina. Vários autores supõem que outra irmã de São Leandro, chamada Teodósia, desposou Levigildo, rei dos visigodos, e foi mãe de Santo Hermenigildo e do rei Recarede. Leandro, muito jovem ainda, retirou-se para um mosteiro, onde passou vários anos nos exercícios da penitência, no estudo das Sagradas Escrituras e das ciências eclesiásticas. A fama da sua virtude, doutrina e eloqüência fêz com que fôsse elevado ao trono metropolitano de Sevilha. Tão elevada dignidade em nada lhe mudou a maneira de viver. Não diminuiu em nada a austeridade, embora tivesse de governar um grande povo e prover

http://www.obrascatolicas.com

às necessidades de quase tôdas as igrejas da Espanha.

Achava-se, então, a Espanha dividida entre três potências. Os romanos ou os imperadores lá possuíam ainda algumas cidades: a maior parte do país estava ocupada pelos visigodos; algumas províncias, em particular, a Galícia pelos suevos. Os suevos e os visigodos eram geralmente arianos; mas aproximava-se o tempo em que iriam reunir-se à Igreja Católica. A heresia lhes viera originàriamente de Constantinopla: a fé ortodoxa lhes virá da França. Foram os suevos os primeiros em voltar, como veremos na vida de São Martinho de Duma.

Em 572, o rei dos visigodos da Espanha era Levigildo, que de uma primeira mulher tivera dois filhos, Hermenigildo e Recarede. A fim de perpetuar a realeza na família, e de eletiva transformá-la em hereditária, Levigildo declarou reis os dois filhos Hermenigildo e Recarede, dividindo o reino em três partes. Levigildo conservou Toledo como capital, Hermenigildo recebeu Sevilha, e Recarede uma nova cidade, chamada Recópolis.

Hermenigildo desposara Ingunda, filha do rei Sigeberto da Austrásia e de Brunehilda. Ingunda, fidelíssima católica, iniciou a conversão do marido, que era ariano. Conseguiu o que desejava, valendo-se do auxílio de São Leandro, tio materno do rei seu espôso. Mas Levigildo, impelido pela segunda mulher, apaixonada ariana, declarou guerra ao rei de Sevilha, caso não voltasse ao arianismo. Hermenigildo, rei independente como seu pai, repeliu a fôrça com a fôrça; mas foi traído pelas tropas gregas que o auxiliavam. Em conseqüência da traição entregou-

http://www.obrascatolicas.com

Morte de Hermenegildo, segundo desenho de Hans Bungkmair.

http://www.obrascatolicas.com

se ao pai, que jurou não submetê-lo a nenhuma humilhação, mas, desprezando o juramento, o mandou para a prisão. Hermenigildo lá ficou três anos, sempre solicitado a abjurar a fé católica. Diante da constante recusa, seu pai mandou que lhe cortassem a cabeça em 13 de abril de 586, dia no qual a Igreja lhe honra a memória de mártir.

Por sua vez, São Leandro fôra exilado. Contudo, não permanecia inativo. Compôs dois livros contra os arianos; dêles nada nos resta, mas dispomos de um terceiro, escrito com muita elegância e piedade para sua irmã Florentina, e tendo por título: *Instituição das virgens e do desprêzo do mundo*. Perguntara Santa Florentina ao irmão que lhe deixaria ao morrer. Leandro, após muito refletir, não encontrou nada que fôsse digno dela nos bens da terra, por serem todos perecíveis. Era mister portanto, procurar nos céus, de onde lhe viera a graça da virgindade; e pareceu ao irmão que o que de melhor lhe poderia legar era ensinar-lhe a unir-se inteiramente a quem é herança dos justos e espôso das virgens. "Não é pensar sensatamente, disse à irmã, preferir o mundo, que foi resgatado com o sangue de Jesus Cristo, ao próprio Cristo; quem resgata é mais digno de admiração que aquilo que êle resgata. As virgens têm a vantagem de ser tais quais foram formadas pelas mãos de Deus. O primeiro sòmente se perdeu, e com êle o gênero humano, ao querer ser mais do que o fizera Deus. As virgens são as primícias da Igreja. Que glória não devem esperar no século futuro, para desprezarem a carne e o sangue, e se terem conservado puras de qualquer corrupção!" São Leandro assinala em pormenor as vantagens da virgindade, e os

http://www.obrascatolicas.com

perigos a que se expõem aquelas que, mediante inúteis ornatos, procuram agradar aos homens. Convém que o casamento tenha também as suas prerrogativas, nem que fôsse apenas para gerar virgens e fazer nascer filhos para o céu; mas sustenta que os perigos são grandíssimos e em número importante, quer para esta vida, quer para a outra. Faz-lhes a descrição, e dá a Florentina e às virgens que com ela viviam em comunidade uma regra de vida distribuída em vinte e um capítulos.

Entretanto, o rei Levigildo, que tão fortemente perseguia os católicos, não sobreviveu muito tempo ao filho Santo Hermenigildo. Em breve se arrependeu de havê-lo mandado matar, e reconheceu a verdade da religião católica; todavia, o temor do povo o impediu de a professar pùblicamente. Tendo caído enfêrmo e, vendo-se reduzido aos extremos, mandou chamar São Leandro, a quem tanto perseguira, e recomendou-lhe o filho Recarede, que iria suceder-lhe, rogando ao santo fizesse pelo jovem o que havia feito pelo irmão, ou seja, levá-lo ao catolicismo. Diziam alguns que Levigildo passara sete dias debulhado em lágrimas, a chorar os males feitos contra Deus, e que morrera católico. Seja como fôr, faleceu no décimo-oitavo ano do reino, em 587 depois de Jesus Cristo.

Sucedeu-lhe o filho Recarede, o qual seguiu o exemplo do irmão Hermenigildo, pois, tendo-se feito instruir e reconhecido a verdade da religião católica, recebeu o sinal da cruz com a unção do santo crisma. No décimo mês do primeiro ano do seu reinado, falou com tal sabedoria aos bispos arianos, que os obrigou a fazerem-se católicos, mais pela razão do que pela autoridade. Numa palavra, converteu tôda a nação

http://www.obrascatolicas.com

dos visigodos, não permitindo que nenhum herege servisse nos exércitos ou nos cargos. Reconduziu, pois, todos os suevos à religião católica. O comêço do seu reinado foi o fim da heresia na Espanha, onde havia dominado desde a entrada dos bárbaros, ou seja, desde o comêço do século quinto, durante cêrca de cento e oitenta anos. O rei Recarede mandou levar as novas da sua conversão à província narbonesa, que lhe devia obediência. Os hereges que lá viviam converteram-se, seguindo-lhe o exemplo; mas um bispo ariano, chamado Ataloco, morreu de desgôsto.

Para firmar a conversão dos godos, reuniu o rei Recarede um concílio de todos os países que lhe prestavam obediência. Convocou-o em Toledo para o sexto dia de maio de 589, quarto do seu reinado. Encontraram-se sessenta e quatro bispos e oito deputados por outros tantos bispos ausentes. Antes do início das sessões, o rei, que se achava presente, exortou-os a se prepararem mediante jejuns, vigílias e preces. Passaram três dias inteiros em tais exercícios de piedade. Quando se reuniram de novo, pediu-lhes o rei que fizessem ler, examinassem sinodalmente, e, em seguida, guardassem a profissão de fé sôbre a Trindade, subscrita pela sua própria mão e pela da rainha, sua espôsa. Os bispos receberam-no da mão do soberano e mandaram que um secretário a lêsse. Ao fim da leitura, todo o concílio exclamou: "Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que se dignou proporcionar paz e unidade à santa Igreja Católica! Glória a nosso Deus Jesus Cristo, que, a preço do sangue, reuniu a Igreja católica de tôdas as nações! Glória a nosso Senhor Jesus Cristo, que reconduziu

http://www.obrascatolicas.com

nação tão ilustre à unidade da verdadeira fé, e de todos não fêz senão um rebanho e um pastor! Quem merece de Deus uma recompensa eterna, senão o rei verdadeiramente católico Recarede? Seja para sempre querido de Deus e dos homens aquêle que tão maravilhosamente glorificou Deus sôbre a terra!"

Depois daquelas aclamações, e por ordem do concílio, um dos bispos católicos, dirigindo a palavra aos bispos, aos sacerdotes e aos mais ilustres dos gôdos convertidos, perguntou-lhes o que condenavam na heresia que acabavam de abandonar, e o que acreditavam na Igreja católica à qual se haviam reunido, a fim de que se visse, pela confissão dêles, que anatematizavam sinceramente a perfídia ariana, com todos os seus dogmas, ofícios, comunhão, livros, e que não restava nenhuma dúvida de serem verdadeiros membros do corpo de Jesus Cristo. Então, todos os bispos, com os clérigos e outros principais da nação, declararam que, muito embora já tivessem feito no momento da conversão o que dêles se exigia, estavam prontos a reiterá-lo e a confessar tudo quanto os bispos católicos lhes haviam provado ser melhor.

Pronunciaram-se, nisso, vinte e três artigos com anátema contra os principais erros dos arianos, e contra todos aquêles que lhe tomavam a defesa. Anatematiza-se quem não acredita que o Filho tenha sido gerado, sem comêço, da substância do Pai, ou lhe seja igual e consubstancial; anatematiza-se quem nega que o Espírito Santo seja coeterno e igual ao Pai e ao Filho, e proceda de um e de outro. No fim, os bispos gôdos subscreveram, em número de oito, tanto os vinte e três artigos, como as fórmulas de fé de Nicéia e Constantinopla, e também a definição

http://www.obrascatolicas.com

de Calcedônia; depois dêles, os sacerdotes e diáconos; em seguida, os grandes senhores e os anciãos dos gôdos. Feito aquilo, o rei Recarede propôs aos bispos a elaboração dos estatutos para regra da disciplina eclesiástica, e reparo das brechas causadas pela heresia. Pediu, em particular, que, em tôdas as igrejas da Espanha e da Galícia, se recitasse em voz clara e inteligível o símbolo no sacrifício da missa, antes da comunhão do corpo e do sangue de Jesus Cristo, segundo o costume dos orientais, a fim de que os povos soubessem, antes, aquilo em que deviam acreditar, e, que purificando o coração pela fé, se aproximassem para receber os divinos mistérios. Daí nasceu em todo o Ocidente o uso de cantar o *Credo* nas missas solenes. Reconhecia-se nêle, desde então, que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

Quanto aos vinte e três cânones que tal concílio estabeleceu em Toledo, vê-se pela primeira vez, de maneira bem expressa, a constituição natural de uma nação cristã. Entre os gôdos da Espanha, a primeira lei fundamental do Estado é a fé católica; os decretos dos concílios e as decretais dos pontífices romanos são a regra aplicativa da crença e dos costumes; a Igreja, além do seu govêrno próprio, exerce poder diretor sôbre o govêrno temporal; é com a assembléia dos bispos que os magistrados aprenderão a bem governar os povos; os bispos são os inspetores constitucionais dos magistrados; os pobres, os alforriados estão debaixo da proteção especial da Igreja, que deve cuidar da sua subsistência e liberdade. Finalmente, a nação dos gôdos, sempre uma em si e distinta das demais, não deixa de estar unida às outras num magnífico conjunto; é uma província da Igreja cató-

http://www.obrascatolicas.com

lica, que abraça tôdas as nações da terra, como os ramos diversos de uma mesma família, a humanidade cristã, de quem é mãe, sendo Cristo o pai.

São Leandro celebrou as maravilhas que acabamos de citar num discurso proferido no fim do concílio. Convida a Igreja de Deus a rejubilar-se, mudando-se as dores em alegria. Diz entre outras coisas: "Sabendo como é doce a caridade, como é deleitável a unidade, vós não pregais senão a aliança das nações, vós suspirais apenas pela união dos povos, vós sòmente espalhais por tôda parte os bens da caridade e da paz. Rejubilai-vos no Senhor; os vossos desejos não foram iludidos, pois aquêles que, há muito tempo, concebestes na dor, eis que de repente os criastes na alegria. E nós também, meus irmãos, rejubilemo-nos em Deus de tôda a caridade da nossa alma. O que já está feito nos garante o que resta por fazer. Disse o Senhor: tenho ainda outras ovelhas que não pertencem a êste redil; é preciso que também essas eu conduza, para que não haja senão um rebanho e um pastor. Ora, isso vemos feito sob os nossos olhos. Portanto, não duvidamos de que o mundo inteiro possa acreditar em Cristo e reunir-se na mesma Igreja. O orgulho dividiu os povos pela diversidade das línguas; é mister que a caridade os reúna. O possuidor do universo é um, segundo estas palavras: Pede-me, e eu te darei as nações por herança, e por tua posse os confins da terra; a própria posse deve também ser uma. Saídas do mesmo homem, unidas pela origem, quer a ordem natural que tôdas as nações sejam semelhantemente unidas pela fé e caridade. A heresia, que não faz outra coisa senão dividir, é uma coisa contra a natureza.

http://www.obrascatolicas.com

"Foi dessa Igreja que reúne tôdas as nações em Cristo, que o Profeta disse: e nos últimos dias será fundada no pico dos montes a montanha da casa do Senhor, e ela se levantará por cima das colinas, e todos os povos afluirão para ela. E os povos acorrerão e dirão: Vinde, subamos à montanha do Senhor e à casa do Deus de Jacó (1). Pois essa montanha é Cristo; essa casa do Deus de Jacó é a sua Igreja, que é uma. Ainda dessa Igreja é que diz o profeta: Levanta-te, Jerusalém, ilumina-te, pois a tua luz veio, e a glória do Senhor sôbre ti se ergueu. E os povos caminharão à tua luz, e os reis ao esplendor do teu nascer. Ergue os olhos e olha em tôrno de ti: todos aquêles que aqui vês se reuniram para vir a ti. Os filhos dos estrangeiros construirão as muralhas, e os seus reis serão teus ministros. A nação e o reino que te não forem sujeitos perecerão e dêles eu farei espantoso deserto (2).

"Digamos, pois, todos, concluiu São Leandro: Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. Todos que somos um mesmo reino pela união das almas, só nos resta rogar a Deus, tanto pela estabilidade do reino terrestre, como pela felicidade do reino celeste, a fim de que tal reino e tal nação, que glorificaram Cristo sôbre a terra, sejam glorificados não sòmente na terra, senão também nos céus. *Assim seja* (3)".

Eis como os visigodos, ou seja os gôdos do Oeste, se reuniram à Igreja católica. Identificada pela religião aos antigos habitantes do país, tornou-se

(1) Is., II.

(2) Id., LX.

(3) Labbe, t. V, Col. 1018.

http://www.obrascatolicas.com

essa nação a nação espanhola, de que houve por bem servir-se a Providência, para dar a conhecer a verdadeira fé num novo mundo e nas ilhas longínquas do grande Oceano.

Em 590, São Leandro presidiu um concílio em Sevilha. Tendo sabido que seu amigo São Gregório, o Grande, acabava de ser eleito papa, escreveu-lhe para com êle se congratular, e, ao mesmo tempo, enviar-lhe a sólida conversão e a piedade do rei Recarede. Respondeu-lhe o santo papa: "Não sei exprimir o júbilo por saber que nosso comum filho, o gloriosíssimo rei Recarede, se converteu, com inteira devoção, à fé católica. O que me dizeis dos seus costumes faz que eu o ame sem o conhecer. Bem conheceis, porém, as astúcias do velho inimigo e o encarniçamento com o qual ataca os vencedores. Vigie vossa santidade com mais solicitude, para que êle complete o que bem iniciou, para que se não afaste das boas obras, para que a pureza da sua vida corresponda à pureza da fé; para que se mostre, pelas obras, cidadão do reino eterno, a fim de, após tão longa carreira, passar de um reino a outro".

Morreu São Leandro em 27 de fevereiro de 596. O rei Recarede seguiu-o em 601, no décimo-quinto ano de reinado. Para terminar santamente a vida após um reinado tranqüilo e glorioso, fêz a sua confissão pública em espírito de penitência. Assim é que dêle fala Santo Isidoro, que acabava de suceder a São Leandro, seu irmão, no trono de Sevilha.

Possa a Espanha mostrar-se sempre digna dos seus gloriosos antepassados!

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO JOÃO DE VANDIÈRES

Nasceu João pelos fins do século nono, na aldeia de Vandières, velha residência real, perto de Pont-à-Mousson, diocese de Nancy. Seus pais pertenciam a uma condição medíocre, mas gozavam de bens superiores à condição. O pai, que viveu mais de noventa anos, governava com feliz iniciativa os bens e a família, fazendo-se estimar de todos pela eqüidade, benevolência, hospitalidade, esmolas, zêlo pela decoração da igreja e boas obras. Já estava bem avançado em idade, quando desposou jovem mulher, da qual teve três filhos. O primeiro foi João. O pai, que o tivera quando já era velho, amava-o com especial ternura; a princípio, educou-o em casa, sob os olhos, temeroso de que lhe sucedesse alguma coisa. O menino aprendeu as primeiras letras a pequena distância da casa do pai; em seguida, estudou nas escolas de Metz, embora o pai padecesse pelo afastamento. Estêve também algum tempo no mosteiro de São Mihiel, onde Hildebolde, discípulo de Remi de Auxerre, ensinava gramática; João realizou poucos progressos, por descuido ou desdém do professor, embora freqüentemente a êste chegassem presentes que não eram medíocres. Morto o pai de João, sua mãe, ainda moça, casou-se de novo; João foi chamado para casa a fim de cuidar dos irmãos e de tôda a família. Dedicado à economia doméstica, o rapaz deu

http://www.obrascatolicas.com

mostras de superiores qualidades; travou conhecimento com as várias artes que a ela se prendem, a tal ponto que, nos negócios do mundo, poucas as coisas que não soubesse. Não sòmente cuidou da família e da educação dos irmãos, como também aumentou consideràvelmente os bens. Aquela administração o põe em relações com ilustres pessoas da Igreja e do Estado, cujo exemplo lhe ensinou a boa maneira de viver. O bispo de Verdun recorreu freqüentemente à sua habilidade nos negócios, e teria gostado de tê-lo ao seu lado para sempre. O conde Riquin, irmão do duque Giselberto de Lorena, reteve-o durante vários anos em sua casa, e, em benefício, lhe deu a igreja de Vandières, sua localidade natal. João recebeu, ao mesmo tempo, de um gentil-homem chamado Warnier, a igreja de São Lourenço, na aldeia de Fontenoi, perto de Toul.

Sendo essas duas igrejas da diocese de Toul, freqüentes vêzes foi a esta cidade. Lá retomou os estudos sob a direção de um homem de grande doutrina e vida santa, o diácono Bernacer. Guiado pelo hábil mestre, aprendeu a primeira parte da gramática de Donat, dedicando-se, em seguida, ao estudo das divinas Escrituras, onde adquiriu, em pouco tempo, prodigioso conhecimento. Queria sobretudo à igreja de São Lourenço, e ornava-a com todo o zêlo e piedade possíveis. Quando não tinha o que fazer, passava nela dias e noites, orando. Embora parecesse gostar ainda do mundo, de vez em quando se entregava à meditação das coisas espirituais. Durante a sua ausência, uma piedosa mulher, a quem êle dispensava tratamento conveniente, cuidava da igreja. João mantinha nesta, com grande caridade, um velho

http://www.obrascatolicas.com

sacerdote, refugiado de Beauce, para escapar às devastações dos normandos. Êsse sacerdote, que tinha especial devoção pelo ofício divino, e o diácono Bernacer, que se distinguia por exemplar castidade, davam a João conselhos, por vêzes até bastante severos, sôbre as faltas de leviandade nas quais ainda incidia; e João tirava proveito de tais conselhos. Uma singular circunstância acabou de o determinar a seguir uma vida santa.

Como a igreja e o benefício de que estava provido dependiam do mosteiro de São Pedro de Metz, era obrigado a servir no altar. Era um mosteiro de religiosas, a quem o bispo Adalberon mandara retomar a regra de São Bento. Entre as pensionistas do mosteiro, encontrava-se uma criatura muito jovem, chamada Geisa, criada pela tia que era religiosa, com particular cuidado. Geisa dedicava-se com grande zêlo à prática da virtude, de tal modo que, sob os hábitos ordinários, trazia constantemente um duro cilício. Até então não sabia João o que vinha a ser. Um dia, pois, estando a conversar com ela, julgou perceber algo de sombrio nos ombros, que o hábito não conseguia cobrir direito; encostou a mão e sentiu alguma coisa de bem duro; de tal modo ficou assombrado, que estremeceu em todo o corpo, perguntando insistentemente o que era. A jovem corou, ficou por algum tempo interdita, e finalmente lhe explicou que se tratava de um cilício, acrescentando: "Não sabeis que não devemos viver para êste mundo? Os prazeres que a maioria das pessoas procuram são a perdição das almas. Eu quero salvar a minha". João, como que despertando de um longo sono, exclamou com um profundo suspiro: "Ai de mim, covarde que

http://www.obrascatolicas.com

sou, que há tão longo tempo arrasto uma, não sòmente estéril, senão também perdida! Como! Eu, um homem, tenho de ver o sexo frágil ultrapassar-me na virtude? Mas o que é o cúmulo do opróbrio, além de a não atingir no seu curso, nem sequer ânimo tenho de me levantar e dar um passo!"

Desde aquêle instante, de acôrdo com as piedosas servas de Deus, começou sèriamente uma vida mais perfeita; leu e decorou todo o Velho e o Novo Testamento, os livros dos ofícios divinos, os decretos dos concílios, as regras da penitência, as cerimônias e o canto da Igreja, a jurisprudência eclesiástica, as leis civis, as homilias dos Padres e as vidas dos santos, a tal ponto que disso falava com facilidade tamanha que era como se estivesse lendo. A êsses trabalhos, unia o jejum, as vigílias, as preces freqüentes e as macerações. Aspirava, enfim, de todo coração a abandonar o mundo e todos os seus bens. Não sabia, porém, para onde iria retirar-se, pois, em conseqüência das guerras, a disciplina monástica estava bastante desleixada aquém dos Alpes; dizia-se que mal havia na Itália um ou outro mosteiro no qual se mantivesse a regularidade. Esperando, pôs-se sob a guia de dois eclesiásticos de grande virtude, um chamado Roland, mestre de canto em Santo Estêvão de Metz; outro cura de São Salvador, chamado Warimberto. A vida que lá se fazia, embora bastante regrada, se lhe afigurou demasiadamente comum para o desejo que tinha de tender à perfeição. Diante do que ouviu dizer, retirou-se para perto de um santo recluso de Verdun, chamado Humberto, homem mortificadíssimo e instruidíssimo nas sagradas letras, ao qual fêz uma confissão geral de todos os pecados

http://www.obrascatolicas.com

cometidos. Julga-se que foi lá que começou a se abster de carne para o resto dos seus dias, e a jejuar rigorosamente.

De Humberto, rumou para a floresta de Argonne, a fim de transcorrer algum tempo ao lado de um sacerdote solitário chamado Lamberto. Tratava-se de homem de santidade pùblicamente reconhecida, mas de procedimento bastante irregular: não tinha hora certa nem para dizer a missa, nem para comer, nem para os exercícios; tudo lhe era indiferente, a noite, o dia; pouco se importava com manter qualquer relação com o mundo, e até de se cobrir o pouco que o pudor exige; de súbito saía do retiro, percorria as cidades e os campos; depois, também de súbito, voltava para a cela. A sua piedade consistia em se acabrunhar de trabalho, por vêzes insensatamente, vivendo de modo tão extraordinário, que era impossível vê-lo sem desatar a rir. A nutrição correspondia ao resto. Reduzia um moio de farinha a um único pão, que lhe bastava para dois meses e que, por fim, se tornava tão duro que os pedaços deviam ser cortados a machadadas. João observou aquêle homem de perto e da vida interior tirou o que mais havia de praticável. Em seguida, a conselho de Humberto, bem como de um piedoso e sábio bretão chamado André, empreendeu a jornada a Roma, resolvido a buscar outros modelos de espiritualidade nos mosteiros e ermidas da Itália. Acompanhou-o na viagem Bernacer, clérigo da igreja de Metz, o qual vivera algum tempo na comunidade de São Salvador, varão muito hábil em escrever, cantar e calcular, com poucos bens sim, mas dotado de grande devoção.

http://www.obrascatolicas.com

Chegado a Roma, e satisfeita a piedade, dominou-o o desejo de ir ainda mais longe. Deixando lá vários dos companheiros, partiu com Bernacer e outros, rumando ao monte Gargano, dedicado ao arcanjo São Miguel. De passagem, visitou Monte Cassino, tão famoso por São Bento, demorou-se nêle alguns dias entre os servos de Deus e, com curiosidade, explorou a santa instituição da qual restavam vestígios. Visitou igualmente os servos de Deus que viviam ao pé do Vesúvio, recomendou-se às preces dêles e deu-lhes alguns presentes. Finalmente, voltou felizmente à Lorena, e, a conselho de Humberto, retirou-se em casa dêle, não tendo logrado descobrir abrigo conveniente. Esperando, levava vida de religioso, continuamente dedicado ao estudo, à prece, aos jejuns, às vigílias e demais mortificações.

Naquela época, havia em Toul um santo e sábio varão que gozava de grande fortuna, o arcediácono Einoldo. Impelido pelo amor de Deus, distribuiu os bens aos pobres, conservando uma simples veste; com os livros e hábitos sacerdotais, encerrou-se numa cela contígua ao claustro da catedral e, durante três anos, de lá só saiu para celebrar a missa e assistir ao ofício, de noite. Não vivia senão do que o bispo Gauzelin lhe enviava por caridade. Um dia, estando sòzinho na cela, ouviu uma voz proferir distintamente estas palavras: "Elevar-vos-ei sôbre as alturas da terra, saciar-vos-ei com a herança de Jacó, vosso pai: é a bôca do Senhor que vos falou". Assombrado, o santo mandou o criado investigar em tôrno se nenhum menino da escola havia recitado as palavras da Escritura; não havia um menino sequer, nem àquela hora, nem nas cercanias. Compreendeu o santo que

http://www.obrascatolicas.com

aquilo era advertência do céu e sentiu grande confiança. Pouco depois, para seu espanto, viu chegar o recluso Humberto de Verdun, que lhe rogou uma solidão mais tranqüila, onde ambos pudessem viver juntos. Rumaram os dois para um local êrmo além do Mosela; mas, após o experimentarem, viram que lhes não convinha, e Humberto regressou para a sua cela. Todavia, de vez em quando visitava o arcediácono Einoldo, para consultá-lo sôbre o plano de retiro que a ambos interessava.

Um dia, estavam examinando juntos que pessoas de suas relações se adequavam ao gênero de vida meditado, Humberto de Verdun nomeou João de Vandières. "Conheço-o há muito tempo, disse Einoldo de Toul, mas não sei se possui tal disposição. — Possui-a, retrucou Humberto, mas trata-se de homem que se não abre a qualquer pessoa. Só se fôr pessoa que êle conheça intimamente, e mesmo num caso dêsses não se abre fàcilmente. De resto, basta-vos chamá-lo, e em breve sabereis, por vós próprio, o que vos interessa. João apareceu, e os dois amigos lhe expuseram o motivo. O bem-aventurado João explicou-lhes, então, não sòmente que estava pronto, mas que vários dos seus amigos de Metz anelavam a mesma ventura. Tratava-se das duas santas religiosas do mosteiro de São Pedro, Geisa e sua tia Fredburg, com várias outras do mesmo mosteiro; o clérigo Salecon de São Martinho, o sacerdote Raringue de São Sinforiano, e o diácono Bernacer, visto que os outros dois virtuosos eclesiásticos de que falamos, Rolando e Warimberto, já estavam mortos. Diante de tão feliz nova, Einoldo abandonou a catedral de Toul e Humberto a cela de Verdun, para se reunirem em

http://www.obrascatolicas.com

Metz ao grupo de santas pessoas. Procuravam todos juntos em que lugar poderiam praticar a vida em comum. Não achando no país recanto que lhes agradasse, visto que em todos êles estava bastante desleixada a disciplina monástica, resolveram transferir-se para a Itália e estabelecer-se quer na província de Benevento, quer nas cercanias do monte Cassino ou do Vesúvio. Tomada a resolução, prepararam-se para partir quanto antes.

Entretanto, o diácono Bernacer, que recebera de um nobre senhor, chamado Lamberto, um benefício na igreja de São Salvador, julgou, por reconhecimento, não poder retirar-se sem lhe explicar porquê. Disse-lhe, pois, em confidência o de que se tratava, falou-lhe da santidade de Einoldo e de João de Vandières, bem como dos companheiros. Lamberto, igualmente piedoso e nobre, recomendou-lhe que os retivesse de qualquer maneira, até que êle pudesse falar com o bispo Adalberon, de quem era amigo e conselheiro íntimo. Falou, efetivamente, com o bispo, acrescentando que seria uma vergonha para tão grande diocese, com tantos mosteiros, deixar partir a santa colônia, por lhe não poder oferecer lugar conveniente. Disse o bispo que o mais acalentado dos seus votos era retê-los, e perguntou a Lamberto que localidade lhe proporia. Lamberto nomeou o mosteiro de Gorza, pouco distante da cidade, mas reduzido à solidão e só dispondo de alguns indivíduos com o hábito de monges. Os bens do mosteiro tinham sido doados ao conde Adelberto, homem violento e intratável, cunhado de Lamberto e irmão do bispo de Verdun. Imediatamente, lembra-se Adalberon de uma promessa feita antes de ser bispo. Sob

http://www.obrascatolicas.com

o pontificado do seu predecessor, em tempo de sêca, foi, com o povo de Metz, em procissão, de pés descalços, à igreja de Gorza, para lograr a bênção da chuva. Prostrado diante do túmulo do santo mártir Gorgon, afligiu-se profundamente por ver aquela igreja tão mal reduzida pela negligência dos prelados, pois notou vestígios de animais até bem perto do altar, e prometeu a Deus, que se houvesse por bem fazê-lo bispo, saberia restabelecer o santuário. Adalberon, lembrando-se da promessa, rejubilou-se com a proposta do amigo Lamberto, e rogou-lhe guardasse segrêdo até que chegassem tôdas aquelas santas personagens, às quais seria oferecido o mosteiro de que se tratava. Lamberto, por sua vez, recomendou a Bernacer que fizesse tudo quanto possível para persuadi-los, quando o bispo os chamasse para a escolha, de que só pedissem o mosteiro de Gorza.

Enquanto tudo se fazia em segrêdo, e os outros, de nada sabendo, se ocupavam da partida próxima, um dentre êles, o cônego Radingue, disse a Einoldo que lhe parecia pouco conveniente tirarem-lhe o título canonical, à sua revelia, e sem a licença do bispo. Einoldo e os outros reconheceram que êle tinha razão, e Radingue, a conselho dêles, tendo obtido uma audiência do bispo Adalberon, por interferência de Lamberto, lhe revelou qual era o seu plano e o dos companheiros, e solicitou-lhe permissão para partir. Os presentes, assombrados com o que acabavam de ouvir, rogavam que não fôsse permitida a partida de semelhantes varões, e que imediatamente lhes fôsse proporcionada habitação digna.

O bispo, convocando-os todos imediatamente, garantiu-lhes benevolência, e permitiu-lhes a escolha

http://www.obrascatolicas.com

de um recanto conveniente na sua diocese. Pediram êles, e obtiveram, alguns instantes para deliberar. Bernacer, que recebera secretamente a palavra de ordem, citou Gorza. Visto que os outros hesitavam, preferindo exilar-se, João de Vandières, que mais do que os outros o preferia, não deixou de dizer, contudo, que Gorza era o melhor lugar que se pudesse exigir. Era uma delicadeza da sua parte, pois julgava impossível a coisa, uma vez que os bens do mosteiro estavam entre as mãos do conde Adelberto, o qual jamais os cederia. Esperava, portanto, que Gorza lhes seria recusado, e que, então, já ninguém os poderia impedir de partir. Mas o bispo deu-lhes, sem perda de tempo, o mosteiro, encarregou-se das reparações e das despesas necessárias para os estabelecer e, algum tempo depois, lhes mandou entregar os bens retidos pelo conde Adelberto. João de Vandières, com os companheiros, em número de sete, entrou no mosteiro em 933. Mal estavam reparadas as devastações causadas pelos normandos e húngaros, introduziu-se, pela autoridade do bispo Adalberon, a reforma, abraçada também pelos poucos antigos monges lá encontrados.

Einoldo foi escolhido para abade, e João, procurador e despenseiro, em virtude da sua experiência nos negócios e na ciência da economia. Deu todos os bens do seu dilatado patrimônio à abadia, após haver persuadido os dois irmãos que tinha a se retirarem para lá. Atraiu também sua própria mãe, a quem cuidou de manter, pelo resto dos seus dias, num aposento fora do recinto do mosteiro. Embora a comunidade, que a fama da nova reforma tornou numerosíssima desde o comêço, considerasse João seu

http://www.obrascatolicas.com

principal autor e o honrasse como pai, quis êle sempre ser considerado o último da casa e servidor de todos. Deu aos dois irmãos o exemplo de perfeita submissão na sua obediência para o abade Einolde, que muitas vêzes lhe mudou as funções e as multiplicou, quer para as necessidades da comunidade, quer para exemplo dos religiosos, em virtude da boa opinião que tinha das suas fôrças, paciência e humildade. Levou as duas virtudes até além do que se poderia imaginar. Foi o que se notou na maneira pela qual sofria as censuras mais injustas e os mais incômodos efeitos do mau humor dos outros, e de que se incumbiu, além das funções ordinárias, dos misteres mais baixos e penosos da padaria e da cozinha. Era severíssimo, para não dizermos cruel consigo próprio, mas bastante suave e compassivo para os outros. Recusava-se os mais legítimos alívios permitidos pela regra, para se refazerem as fôrças da natureza. Nunca tornava a deitar-se após as matinas, embora tivesse, mais do que qualquer outro, de combater o sono. O abade deixou-lhe, em tal ponto, a liberdade de fazer violência contra si próprio; mas empregou tôda a autoridade para obrigá-lo a moderar excessivas abstinências. Assim era São João de Vandières (1).

Em 955, procurava o imperador Otão I um homem que fôsse, ao mesmo tempo, prudente e firme para o enviar, como legado, ao rei muçulmano de Córdova, Abderam III. Apontaram-lhe João de Vandières, que efetivamente se desincumbiu da missão com tamanha sabedoria e coragem que provocou a admiração do rei infiel. No regresso, foi nomeado

(1) Acta SS., 27 fever. Act. Bened., sec. V.

http://www.obrascatolicas.com

abade de Gorza, por volta de 960, e morreu em 973, quadragésimo ano da sua profissão monástica.

Temos de João de Vandières uma vida de Santa Glossinda, virgem, nascida pelo fim do século sexto, na Gália belga, chamada depois França. A sua família era das mais ilustres. Seu pai, Vintron, tinha o título de duque. Fredegário nos diz que era duque de Champagne, e que no terceiro ano do reinado de Teodeberto, em 598, foi morto pelas intrigas de Brunehaut. Glodesinda ou Glossinda praticou a virtude desde a infância na casa paterna, onde foi criada com o maior cuidado. Consagrou-se desde então a Deus, não desejando outro espôso que não o das virgens. Entretanto, quando atingiu a idade, os pais a prometeram em casamento a um jovem nobre, Obolen. No próprio dia em que o jovem devia conduzi-la para casa, com grande aparato, para celebrar as núpcias, foi chamado ao palácio do soberano. Era a época de Brunehaut e de Fredegunda, época de facções e assassínios políticos. Obolen foi acusado, na presença do rei, de enormes crimes, atirado a uma masmorra por um ano, depois condenado à decapitação. Virgem, resolveu Glossinda mais do que nunca não ter outro espôso senão Jesus Cristo. Os pais, contudo, pensavam em outro casamento; mas ela resistia com tôdas as fôrças. Seu pai tinha em Trèves uma irmã chamada Rotlinda, abadessa de um mosteiro. Tencionava levar para lá a filha, a fim de que a irmã a persuadisse a aquiescer aos desejos dos pais. Sabendo Glossinda do plano, fugiu para a cidade de Metz e refugiou-se na igreja de Santo Estêvão, que é a catedral. Os pais seguiram-na de perto, e puseram guardas em tôdas as portas, para

http://www.obrascatolicas.com

se apoderarem dela, no caso de vir a sair. Glossinda ficou na igreja seis dias inteiros, não sòmente sem sair, senão também sem comer nem beber, sustentando-a Deus com o alimento dos anjos. No sétimo dia, dia do Senhor, uma personagem de aspecto angelical, seguida de dois lindos meninos, chega à vista de todos, caminha diretamente para a parte do altar em que estava refugiada Glossinda, e, aos olhos dos presentes, lhe impõe o véu da religião. Depois, com os dois meninos, desaparece repentinamente diante dos espectadores que emudecem de surprêsa, temor e admiração, na presença da virgem coberta do véu. Todos reconhecem que acaba de aparecer um anjo de Deus. Os próprios guardas vão prostrar-se aos pés de Glossinda, e lhe rogam perdão pela violência que pensavam infligir-lhe. Perdoou-lhes ela de todo o coração, voltou para a casa dos pais, submissa, foi visitar a tia em Trèves, aprendeu com ela tudo quanto diz respeito à vida religiosa, regressou para a querida cidade de Metz, ligou-se lá a certo número de piedosas jovens, obteve dos pais um terreno, e fundou um mosteiro onde não tardou em reunir até cem religiosas. Governou-o durante seis anos, e lá morreu com a idade de trinta, por volta de 640, pois se diz que morreu antes de Santo Arnulfo, cuja morte ocorreu em 645.

O mosteiro tomou o nome de São Pedro ou de Santa Glossinda. Era no altar dêsse mosteiro que João de Vandières tinha de servir por semana, em virtude dos benefícios. Foi lá que travou conhecimento com ardentes religiosas, as quais lhe rogaram escrevesse a vida de Santa Glossinda, com a história das suas trasladações e milagres. João escreveu a vida

http://www.obrascatolicas.com

baseado em outra mais antiga, porém mais curta e de estilo inculto, que também possuímos. A essência de ambas é a mesma.

Vinte e cinco anos após a sua morte, foi transferido o corpo da santa, da igreja dos Apóstolos ou de Santo Arnulfo fora da cidade para uma nova igreja da Santa Virgem, contígua ao mosteiro e que serviu de sepultura às religiosas. O corpo foi encontrado sem corrupção. Uma segunda trasladação se verificou, dessa igreja para a do próprio mosteiro, sob Luís o Bom, e foi obra de seu irmão Drogon, bispo de Metz. Outra houve, em 851, sob o bispo Adalberon, quando foi preciso restaurar a igreja; João de Vandières ou de Gorza, testemunha da última, descreve, pois, os milagres das três. Santa Glossinda é honrada na Lorena, em 25 de julho.

Sendo abade de Gorza, sob o mesmo bispo Adalberon, João de Vandières escreveu ainda uma história dos milagres de São Gorgon, um dos patronos da sua abadia. São Crodegang, tendo fundado aquela abadia no tempo do rei Pepino, desejou enriquecê-la com tesouros celestes. Numa viagem a Roma, pediu alguns ao papa Paulo, que lhe cedeu os corpos dos três mártires Gorgon, Nabor e Nazário. Crodegang cedeu São Nabor ao mosteiro de Santo Hilário, chamado depois Nabor, no Mosela, São Nazário ao de Lauresbam, e levou São Gorgon ao de Gorza, em 765, onde êle próprio quis sepultá-lo. De Roma a Gorza, realizavam-se milagres em cada parada, ao longo da estrada. João de Vandières cita a cidade de Varangisa ou Varangeville sôbre o Meurthe, os lugares chamados Mont-Viron ou Moivron, Nomante ou Nomeny, sôbre o Seille. Por volta de 919, sob o

http://www.obrascatolicas.com

bispado de Vigerico, por ocasião da invasão dos húngaros, não sendo a abadia de Gorza dotada de muros fortificados, refugiaram-se os monges em Metz com o que tinham de mais precioso, e depositaram as relíquias de São Gorgon na igreja de São Salvador. O sacerdote da igreja, homem piedosíssimo, desejava ardentemente ter uma parcela das santas relíquias; à fôrça de pedidos, persuadiu um dos monges a entregar-lhe alguma coisa secretamente. Mas quando o monge levou a mão ao relicário, ambos tombaram de costas, e ficaram sem sentidos durante três ou quatro horas. Algum tempo depois, já curados, disse o bom sacerdote ao monge: se não fui digno de receber uma relíquia do santo corpo, tende ao menos a bondade de ceder-me uma partezinha do relicário. Tentou o monge, mas ambos foram derrubados como da primeira vez, permanecendo no chão como mortos. Por tais coisas, que não tardaram em ser conhecidas, o santo incutia tão grande terror, que ninguém ousava mais perturbar-lhe o repouso. João de Vandières, na primeira mocidade, conheceu pessoalmente o monge, que passava então por centenário.

Quando o bispo Adalberon entregou o mosteiro de Gorza a São João de Vandières e aos amigos dêste, lá foi ter para a festa de São Gorgon. No ofício da noite, no momento em que se ia entoar o invitatório, um homem, cego havia doze anos, que rogou a São Gorgon se apiedasse dêle, recobrou sùbitamente a vista. O bispo, presente, experimentou enorme júbilo, deu solenemente graças a Deus, e estendeu o manto sôbre o túmulo do santo.

http://www.obrascatolicas.com

Um mudo de nascimento, chegado da cidade de Autun, em seguida a uma revelação, foi procurar a cura no mosteiro de Gorza. Lá estava havia vários dias, quando obteve do guarda da igreja licença para passar a noite no templo, orando. Por volta da meia-noite, quando já estavam dormindo todos, o relicário do santo mártir ressoou com tamanho estrondo que despertou o guarda. Quanto ao mudo, teve a impressão de que um jovem adolescente, saindo do relicário, lhe punha o dedo na bôca, lhe desprendia a língua do paladar, e fazia jorrar bastante sangue, à vista de todos os irmãos; ao mesmo tempo, todavia, começou o mudo a falar livremente, louvando a Deus e São Gorgon. No regresso, de passagem pela aldeia de Arnold, hoje Arnaville, encolerizou-se contra o servo e bateu-lhe com rudeza. Imediatamente, perdeu a faculdade de falar. Arrependido, foi de novo implorar a misericórdia do santo, e mais uma vez pôde falar. Testemunha de tudo foi João de Vandières (1).

* * *

(1) Acta SS., Bened. sec. 3, parte 2.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO GELÁSIO (*)

Mártir

Gelásio, idólatra, natural da Fenícia, era um dos principais atores duma companhia de comediantes de Hierápolis.

É deveras interessante a história dêste Santo.

Um dia, preparavam-se os atores para entrar em cena. Iam apresentar a comédia do batizado, e Gelásio faria o principal papel. E o que era bufonaria para o idólatra comediante se transformou em salvação.

Quando, no clímax da comédia, agarraram Gelásio e atiraram com êle, de pernas para o ar, para dentro duma grande cuba cheia de água, deu-se o prodígio. Os espectadores, divertidos, riam a valer, mas Gelásio, deixando a cuba, dela saía muito sério. E, todo contrito, disse bem alto:

— Sou cristão! Quando estava dentro dágua vi uma cena que me apavorou. Sou cristão e quero morrer como os demais cristãos! Fui batizado por via divina!

Todos riam desbragadamente. Como representava bem, aquêle jovem!

http://www.obrascatolicas.com

Aquilo, porém, que Gelásio dissera, não constava do papel e, pois, num instante, pelo comportamento dos outros artistas que estavam em cena, a platéia se capacitou da verdade: o moço comediante falava sèriamente: era cristão de verdade. Surpresos e furiosos, deixando os lugares, lançaram-se sôbre êle e o mataram. Estava-se, então, em 297 e Diocleciano, terrìvelmente, imperava.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO GABRIEL DA VIRGEM DOLOROSA (*)

Confessor

São Gabriel da Virgem Dolorosa, no século Francisco Possenti, nasceu em Assis no dia 1.º de maio de 1838, numa família de grandes recursos. Órfão de mãe com apenas quatro anos de idade, Francisco foi educado pelo pai, assim como o foram seus doze irmãos.

Menino sempre obediente, mas irrequieto, repreendido era invariàvelmente tomado por insopitáveis acessos de cólera. Aos dezesseis anos, amava a vida. E o mundo, com os seus divertimentos, atraía-o sobremodo.

Acometido, na adolescência, de grave enfermidade, estêve às portas da morte. Apavorado, prometeu deixar a vida secular, se se curasse. Curou-se prontamente e, prontamente, esqueceu-se do prometido.

Pouco depois, nova moléstia o assaltava, perigosamente. Outra vez cheio de mêdo, lembrando-se da promessa que fizera e não cumprira, renovou-a: entraria, se Deus o livrasse da doença, numa das congregações religiosas.

http://www.obrascatolicas.com

Era pouco depois da beatificação do bem-aventurado André Bobola, e Francisco, cheio de fé e de confiança, implorou-lhe a proteção. E tendo, aquela noite da renovação da promessa, dormido com uma imagem do mártir, acordou, no dia seguinte, completamente curado.

Francisco, então, pensou em executar o que prometera. Matutando, acabou por se deixar levar por frívolos pensamentos. A idéia de deixar o mundo, a pouco e pouco, esfumando-se, esgarçando-se, foi desaparecendo.

Um dia, eis que o cólera, tomando-lhe uma das irmãs, em breve espaço de tempo a levou do convívio da família. Aquilo, para Francisco, foi um golpe tremendo. Era certamente, um castigo dos céus, pois se lhe ia a irmã a quem mais se afeiçoava. Assim, achegou-se do pai e disse que desejava levar vida religiosa.

— Tens que pensar sèriamente no que desejas, Francisco, disse-lhe o pai. Antes de tomares tal resolução, pensa bem no que vais fazer. Vê se tens vocação, estuda-te, ausculta-te, reflete maduramente.

Francisco, uma vez mais deixou-se levar pelos encantos mundanos e enganadores. E a promessa deixou de ser cumprida.

Um dia, eis que, ao passar duma rua para outra, deu com uma procissão. A imagem de Nossa Senhora ia passando, tôda enfeitada no seu lindo andor. Francisco fixou-a. E Maria, parecia, olhava-o muito ternamente, com inefável doçura. E, de repente, muito ternamente também, soaram-lhe aos ouvidos, muito baixinho, as seguintes palavras:

http://www.obrascatolicas.com

— Francisco, não é mais para ti o mundo! Deves deixá-lo, Francisco! Abraça a religião!

O moço escapou correndo, com um terrível nó na garganta. E, num lugar solitário, deixou que as lágrimas corressem livremente.

Dessa vez, Francisco, completamente mudado, amadurecido, deixou o século, aquêle mundo tão sedutor que o atraía sempre e sempre. E passou a professar entre os passionistas de Morrovale, com o nome de Gabriel de Nossa Senhora das Sete-Dôres. Vencera, enfim, o mundo. Era agora o homem novo, que nascia em 1856, no dia 21 de setembro. Estava, então, com 18 anos.

Passionista, da paixão do Salvador tirou todos os temas para a meditação. Muitíssimo devotado à santa Mãe de Deus, que o salvara, a Maria cultuava dum modo especialíssimo.

Em 1858, principiou os estudos, e, a 25 de maio de 1861, Gabriel recebia as ordens menores.

Depois de cinco anos de vida religiosa, de intenso trabalho intelectual, de orações, de penitências, gravíssima doença apoderou-se do bom Gabriel: a tuberculose, que o levou do mundo que não mais o atraía como outrora. Principiara o ano de 1862, e o nosso Santo estava tão-sòmente com vinte e quatro anos.

As últimas palavras que pronunciou foram os benditos nomes de Jesus, Maria e José. De rosto sereno, passionista que era, foi estendido numa prancha e, com a cabeça polvilhada de cinza, com o crucifixo nas mãos cruzadas sôbre o peito, foi sepultado na capela do convento.

http://www.obrascatolicas.com

Beatificado por Pio X em maio de 1908, foi canonizado em maio de 1920 por Bento XV. São Gabriel da Virgem Dolorosa operou vários milagres.

* * *

No mesmo dia, em Lião, na França, São Valdomiro, confessor, cujo túmulo foi ilustrado por muitos milagres. Também conhecido como *Baldomero, Valdimer* ou *Gaumier,* o Santo nasceu na França, no Forez, passando, quando ainda muito jovem, para Lião. Homem deveras simples, exerceu o ofício de serralheiro, ao qual juntava a oração e a prática de boas obras. Caridoso, parte do que ganhava com o trabalho sustentava muitos pobres. Retirando-se para o mosteiro de São Justo, ali faleceu no dia 27 de janeiro de 650, como sub-diácono.

Na diocese de Bayeux, Santa Honorina, mártir, provàvelmente no século IV.

Na Síria, São Taleleu, anacoreta e confessor, natural da Cilícia, que viveu retirado numa montanha perto da cidade de Gabales, numa cela que construiu ao lado dum templo dedicado aos demônios, aos quais expulsou pela fé e com a graça de Jesus Cristo. Faleceu em 460.

Em Messina, a bem-aventurada Eustóquia Calafato, virgem, filha do conde Bernardo Calafato e de Matilde Colonna. Nascida em 1437, no século chamou-se Smaradga. Educada com esmêro, estava a poucos dias do casamento, quando lhe morreu o noivo. Tempos depois, novamente noiva, levou-lhe o Senhor o segundo pretendente. Certa de que Jesus Cristo devia ser o seu Espôso, deixou o mundo e

http://www.obrascatolicas.com

tomou o hábito de Santa Clara, entrando para o convento de Bassicano, quando, então, adotou aquêle nome de Estóquia. Fundadora do convento do Monte das Virgens, foi uma de suas abadessas (1460). Favorecida com o dom dos milagres, faleceu a 14 de janeiro de 1484. O martirológio da ordem seráfica tem seu nome inscrito no dia de hoje.

Em Colônia, Santa Onésima, virgem.

Na Irlanda, São Congan, abade e confessor, falecido em 565.

Em Maestricht, Santo Eugênio, bispo e confessor.

Na Inglaterra, Santo Alnoth, mártir, pastor nas terras de Santa Valburga. Assassinado por ladrões em 700. Morto, operou milagres.

Em Prum, São Marvat, abade, conhecido também como Marcovart. Falecido em 855.

No mesmo dia, em Roma, festa dos santos mártires Alexandre, Abúndio, Antígono e Fortunato. — Em Alexandria, o martírio de São Julião. De tal modo o torturava a gôta que, não podendo nem caminhar nem ficar de pé, dois servos o conduziram numa cadeira para apresentá-lo ao juiz, ao mesmo tempo em que êles próprios se apresentavam. — Um dêles apostatou; o outro, chamado Euno, perseverou com Julião em confessar a Jesus Cristo; foram, pois, ambos postos sôbre camelos, e em tal estado, conduzidos por tôda a cidade, depois dilacerados a chicotadas, finalmente atirados a uma grande fogueira, onde se queimaram à vista de todo o povo. — Na mesma cidade, São Besas, soldado, que esforçando-se por

http://www.obrascatolicas.com

reprimir os insultos dos que zombavam dos santos mártires, foi levado à presença do juiz, e, combatendo generosamente pela fé, foi decapitado. — Em Constantinopla os santos confessores Basílio e Procópio, os quais, no tempo do imperador Leão, combateram com coragem pelo culto das santas imagens.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

28.º DIA DE FEVEREIRO

OS CRISTÃOS DE ALEXANDRIA

Mártires da caridade

São Dionísio, bispo dêles, assim no-los dá a conhecer. Voltando êle próprio do exílio, por volta do ano 260, viu a cidade prêsa de guerra tão encarniçada, que era impossível passar de um bairro a outro, sendo mais fácil escrever e ter resposta do Oriente ao Ocidente, que de Alexandria a Alexandria. À guerra civil, sucedeu-se a fome e a peste. No meio de tal devastação, não deixou o santo de exortar o povo a celebrar a festa da Páscoa, isto é, a festa da ressurreição e da alegria. "Para os outros homens, dizia, não pareceria ser o tempo adequado à celebração de uma festa, no estado em que se acham as coisas. Por tôda parte, o luto; todos estão aflitos; a cidade ressoa de gemidos; não há casa em que se não encontre um morto. E bem o merece a população; expulsou-nos, e somos nós os únicos que, perseguidos por todos até a morte, não deixamos de celebrar a festa. O lugar em que cada um de nós se achava naquela opressão lhe servia de

http://www.obrascatolicas.com

lugar de assembléia; o campo, o êrmo, um navio. uma hospedagem, uma prisão; e os que celebraram a festa mais alegre são os mártires admitidos ao banquete celestial. Para os outros, a doença presente é a mais cruel de tôdas as calamidades; para nós é um exercício e uma prova, como o resto. A maior parte de nossos irmãos, no excesso da sua caridade, não se pouparam. Foram, uns após os outros, visitar os doentes, sem precaução, consolaram-nos e serviram-nos assìduamente, atraindo de boa vontade a doença, de modo que vários, ao curarem os outros, morreram. Os melhores de nossos irmãos assim se foram: alguns sacerdotes, alguns diáconos, e os leigos mais estimados; e julgamos que tal gênero de morte não diferia absolutamente do martírio. Outros pegaram os corpos dêsses santos nos braços, limparam-lhes os olhos e fecharam-lhes a bôca, e levaram-nos aos ombros, sem temor de tocá-los; estenderam-nos, lavaram-nos, vestiram-nos e, pouco tempo depois, tiveram a mesma sorte; porém os que ficam substituem os outros. Os pagãos fazem o contrário. Desde o comêço da enfermidade, afastam-se dos que antes amavam; atiram-nos, semimortos, às ruas; deixam os corpos sem sepultura, de tal modo temem a comunicação da morte, que, todavia, não evitam (1)".

* * *

(1) Euseb. l. VII, c. XXI e XXII.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO ROMÃO E SÃO LUPICINO

Fundadores dos mosteiros do Monte Jura

Romão deixara o século, com a idade de trinta e cinco anos, para ir viver no mosteiro de Ainai, na confluência da Saona e do Ródano. Após lá transcorrer algum tempo, retirou-se para o monte Jura, que separa a Suíça do Franco Condado. Levava consigo as instituições e conferências de Cassiano. Deteve-se num vale chamado Condat ou Condasticone, por nêle haver um terreno que podia ser cultivado, com uma fonte e árvores que lhe forneciam frutos silvestres. Naquela solidão, empregava o tempo disponível no trabalho manual, salvo as horas passadas na prece e na leitura; não tardou em se lhe unir o irmão, Lupicino. A reputação das virtudes de ambos e o fulgor dos milagres que realizavam atraiu-lhes, em breve, grande número de discípulos, o que os determinou a erguer o mosteiro de Condat, que mais tarde veio a ser a famosa abadia, e, finalmente, a cidade episcopal de São Cláudio. Vendo, em seguida, que não podiam conter todos os que iam pôr-se debaixo da guia dêles, construíram o de Leucone, distante cêrca de uma légua. Mandaram, então, erguer mais outro, para as mulheres que pretendessem consagrar-se a Deus, num vale chamado Baume, e hoje São Romain-de-la-Roche. Observa-se neste

http://www.obrascatolicas.com

último, sob a direção da irmã dos dois santos, a mais rígida clausura, nunca jamais entrando qualquer homem. São Romão nêle escolheu o lugar em que seria sepultado.

Os dois santos governavam conjuntamente os seus mosteiros, mas com tal união, que ninguém percebia a existência de mais de um superior. A união era mais admirável ainda por terem os dois irmãos caráter diferente: Romão inclinava-se para a doçura, e Lupicino para a severidade. Êste vivia ordinàriamente em Leucone, onde guiava cento e cinqüenta religiosos. Piedosas pessoas haviam, com a sua liberalidade, enriquecido o mosteiro de Condat; alguns dos irmãos pretenderam nêle introduzir o desleixo; substituíram iguarias mais delicadas aos pratos que a regra prescrevia. Lupicino, informado em boa hora, rumou para Condat, a fim de remediar a desordem, e conseguiu o intento. Entretanto, não ordenou abstinência tão rigorosa como a que se praticava no Oriente, ou até em Lérins, quer por serem os gauleses, naturalmente, grandes comedores, quer por se ocupar a comunidade de trabalhos penosos; mas não deixou de proibir o uso da carne, e não permitiu o leite nem os ovos, a não ser em caso de doença. São Romão, ao ser ordenado sacerdote, mais humilde e fervoroso se tornou. Morreu por volta do ano de 460, sobrevivendo-lhe cêrca de vinte anos o irmão Lupicino.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

BEM-AVENTURADO AUGUSTO CHAPDELAINE (*)

Mártir

Augusto Chapdelaine era de Coutances, onde nasceu em 1814. Ordenado padre em 1843, pertenceu à Sociedade das Missões Estrangeiras. Numa carta escrita ao superior, datada de 18 de junho de 1855, pode ver-se o que passou em Kouang-si, na China.

"Venho prestar conta do que tenho feito por Kouang-si, único lugar da China sem um padre europeu há mais de século e meio. Um habitante de Kouang-si, apareceu, um dia, em Kouei-tcheu para tratar de negócios. Por casualidade, encontrou-se com um parente, recentemente convertido, e foi iniciado nas verdades de nossa santa religião. Renunciou, então, aos ídolos, adorou o verdadeiro Deus e, na família, sem que tivesse recebido qualquer missão, pôs-se a exercer o apostolado junto dos parentes e dos amigos. Converteu, assim, quarenta ou cinqüenta famílias.

"Êste novo apóstolo tornou a Kouei-tcheu e solicitou um cristão para secundá-lo. Eu acabava de chegar, e pus-me a ajudá-lo, dando-lhe conselhos. Três meses depois de minha chegada, na festa da

http://www.obrascatolicas.com

Imaculada Conceição de Maria, celebrava eu a santa missa em meio daqueles neófitos, quando o demônio principiou a agir: um parente dos neófitos foi denunciar-nos ao grande mandarim do lugar. No mesmo instante, foram despachados homens para prender-nos: apoderaram-se êles de quatro novos cristãos, de dois catequistas e dêste vosso servidor, conduzindo-nos à cidade vizinha, chamada Sy-lin-hien. Chegados que fomos, o mandarim interrogou-nos separadamente, no seu tribunal.

"Os quatro cristãos foram os primeiros. Tratados duramente, nem por isso se intimidaram, e permaneceram firmes. Minha vez foi depois dos catequistas. Estrangeiro, fui submetido a rigorosa revista: queriam ver se comigo não havia qualquer objeto suspeito. Queriam também que eu me curvasse em presença dos grandes personagens e abaixasse a cabeça, como um acusado, o que não fiz. E o mandarim exclamou: "Que atitude!" Acreditei que minha condenação já estava decidida.

"Terminada a entrevista, passaram-nos cadeias ao pescoço e fomos conduzidos a uma prisão, onde ficamos por vinte e quatro horas, depois do que, tornamos ao tribunal".

Desta feita bem acolhidos pelo mandarim, depois de longa conversação amistosa, ao padre Augusto e aos demais companheiros foi dada a liberdade.

Por dois anos, o padre Chapdelaine exerceu seu ministério em Kouang-si. Estava então com duzentos neófitos convertidos, quando se iniciou uma terrível perseguição. Acusado por dois homens que votavam grande ódio à religião cristã, o padre Augusto foi prêso e levado à presença do mandarim, não mais àquele que lhe dera a liberdade, mas ao sucessor.

http://www.obrascatolicas.com

Interrogado sôbre a religião, manteve-se firme, respondendo ao que devia, calando-se quando se fazia necessário. Prêso, sofreu horrores, sendo, afinal, em 1856, decapitado.

Com o padre Augusto morreram outros cristãos mais, dentre êles, Lourenço Pe-mou e Inês Tsaou-Kong.

O bem-aventurado Augusto Chapdelaine foi beatificado em 1900 por Leão XIII.

* * *

Em Alexandria, neste mesmo dia 28 de fevereiro, São Pedro Protero, bispo e mártir, patriarca de Alexandria, eleito em razão da pureza de sua doutrina. Massacrado por uma multidão hostil, os assassinos arrancaram-no da igreja de São Quirino, onde então oficiava, arrastaram-no pelas ruas, queimaram-lhe o corpo, ao vento dispersando-lhe as cinzas (457).

Na Itália, a bem-aventurada Villana de Botti, viúva. Nascida em Florença em 1332, era filha dum rico comerciante da cidade. Casada com Rosso de Piero Benintendi, muito devotada aos pobres, por êles chegou a mendigar nas ruas, depois de lhes ter dado tôda a fortuna deixada pelo marido. Muito tentada pelo demônio, soube, com a graça de Deus, vencê-lo, falecendo docemente em 1360. Morta, imediatamente do corpo principiou a exalar um indizível perfume, que embalsamou o ar do quarto em que morreu, depois o da igreja de Santa Maria Novella, onde ficou exposto por trinta e sete dias, sempre odorante.

Ainda na Itália, a bem-aventurada Antônia ou Antonieta, também viúva e de Florença. Honrada

http://www.obrascatolicas.com

com uma aparição de Nossa Senhora, teve muitas visões. Falecida em 1472, muitos milagres foram por ela operados durante os funerais. Pio IX aprovou-lhe o culto.

Na Irlanda, Santa Ermina, no VI século.

Na diocese de Quimper, São Ruellin, bispo, discípulo de São Tugdual.

Em Maiença, São Martinho, bispo e confessor, falecido em 350.

Em Verona, São Vindemial, bispo, cujo corpo se encontra na igreja de Santo Estêvão.

Em Damasco, São Barso, bispo.

No Oriente, São Ninfas e Santo Éubulo, no século I, dois amigos de São Paulo: "Saudai os irmãos que estão em Laodicéia, e saudai Ninfas e a Igreja que se reúne em sua casa" (1). Noutra epístola (2) lê-se: "Apressa-te a vir antes do inverno. Saúdam-te Éubulo", etc.

Em Reims, São Romano, bispo e confessor, nascido perto de Troyes. Fundador da abadia de Mantenay e sucessor de São Remi.

No mesmo dia, em Roma, festa dos santos mártires Macário, Rufino, Justo e Teófilo. — Em Alexandria, martírio dos santos Cereal, Púpulo, Caio e Serapião. — Em Pavia, trasladação do corpo de Santo Agostinho, bispo, o qual da ilha de Sardenha de onde era, foi levado para Pavia pelos cuidados de Luitprando, rei dos Lombardos.

* * *

(1) Col. 4, 15.
(2) Tim. 4, 21.

http://www.obrascatolicas.com

29.º DIA DE FEVEREIRO

Ano bissexto

SANTO OSWALDO

Bispo de Worcester

Santo Oswaldo era nobilíssimo, de raça dinamarquesa, filho do irmão de Santo Odon, arcebispo de Cantuária, a quem os pais o confiaram para que fôsse instruído nas letras e na piedade, e que o fêz cônego de Wincester, do qual, pouco depois, Santo Oswaldo passou a ser deão. Vendo, todavia, que se esforçava inùtilmente por corrigir os desregrados costumes dos cônegos, renunciou à dignidade, e, resolvido a abandonar o mundo, transferiu-se para a França, indo a Fleuri-sur-Loire, carregado de cartas e presentes destinados ao arcebispo, seu tio, lá bastante conhecido. Era, então, costume dos inglêses que pretendiam seguir a observância mais exata, procurá-la naquele mosteiro, que consideravam uma fonte. Oswaldo tomou o hábito monástico e realizou grandes progressos na virtude e na prática da oração mental. Santo Odon, seu tio, sabendo de tudo, deu graças a Deus, e enviou inúmeros presentes ao abade e aos monges de Fleuri, para lhes agradecer. De-

http://www.obrascatolicas.com

clarou também ao sobrinho que desejava ardentemente revê-lo, tanto por estar avançado em idade e saber que a morte se aproximava, como também por se propor servir-se dêle para ensinar aos inglêses a disciplina monástica. Os monges de Fleuri mandaram Oswaldo a contragosto; êle próprio escreveu várias vêzes ao tio, desculpando-se pelo pouco tempo que transcorrera na observância monástica, e só a notícia da enfermidade do tio foi que o determinou a partir. Soube da sua morte em Dover e houvera imediatamente regressado a Fleuri, se os que o acompanhavam não lhe tivessem dito que era obrigado a oferecer os préstimos à família. Voltou, pois, para a Inglaterra em 961.

Após ter cumprido os últimos deveres a Santo Odon, retirou-se para a casa de Osquetul, bispo de Dorchester, de quem também era parente, e que, encantado com as virtudes de Santo Oswaldo, o reteve em sua companhia durante vários anos; mas Osquetul foi transferido para o arcebispado de York, e São Dunstan revelou o mérito de Santo Oswaldo ao rei Edgar, que lhe dedicou afeto e lhe cedeu o bispado de Wigorne, isto é, de Worcester. Oswaldo, sendo bispo, estabeleceu primeiramente um mosteiro de doze monges em Westbury, para onde se retirava freqüentemente, em seguida outro maior em Ramsey, cuja igreja foi dedicada em 974. Era tal Santo Oswaldo, que, executando o concílio em que presidia São Dunstan, estabeleceu na sua diocese sete mosteiros, colocando monges no lugar de clérigos de vida desregrada. A sua virtude favorita era a caridade para com os infelizes. Além de um sem-número dêles a quem nutria todos os dias, todos os dias também lavava os pés a doze pobres, beijava-lhes os

http://www.obrascatolicas.com

pés e lhos enxugava, não sòmente com um pano, senão também com os cabelos, dava-lhes água para que lavassem as mãos e servia-os à mesa. Não houve enfermidade que o impedisse de cumprir o dever; pelo contrário, quanto mais sentia débil o corpo, tanto mais ardor demonstrava em servi-los.

Um dia, tendo saído do oratório com os seus, olhou fixamente para o céu, orando com fervor. Visto que já fazia tempo que mantinha aquela posição, perguntou-lhe alguém o que estava vendo. Respondeu o santo: "Estou olhando para onde vou, e amanhã o fato vo-lo dirá, sem que mister se faça vo-lo diga eu, pois a salvação eterna pela qual trabalhei me diz que o dia de amanhã não passará sem que o Senhor me não introduza no céu, tal qual me prometeu." De volta ao oratório, convocou os irmãos, e rogou-lhes lhe ministrassem a extrema unção e o sagrado viático. Na noite seguinte, esquecendo o langor, entrou na Igreja e, por todo o tempo do ofício, lá ficou, empregando o resto da noite em louvar a Deus. De manhã, como fazia habitualmente, depois de cobrir-se com um pano, lavou e beijou os pés dos pobres, entoando, como de costume, quinze salmos; estava acrescentando o último *Gloria Patri*, e os pobres iam levantar-se para agradecer-lhe, quando expirou aos pés dêles, dizendo: *Et Spiritui Sancto* (1). Era o 29.º dia de fevereiro de 992, trigésimo ano do seu episcopado.

* * *

(1) **Acta SS.** 29 feb. **Act. Bened.,** sect. V.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO EUGENDO OU OIENDO

Abade de Condat, depois São Cláudio

Santo Eugendo foi recebido, com a idade de sete anos, por São Romano e São Lupicino, no mosteiro de Condat, fundado por êles, e que, com o tempo, se tornou mosteiro e cidade de São Cláudio. Minauso, sucessor de Lupicino, vendo-se enfêrmo, ligou Eugendo ao govêrno daquela comunidade. Eugendo não tardou em ser escolhido para abade, apesar da juventude. A prudência substituiu a experiência que lhe faltava, e o brilho das suas virtudes lhes deu tôda a autoridade da mais respeitável velhice. Mandou abater as celas separadas dos monges, e obrigou-os a deitar-se no mesmo dormitório, mas em leitos separados. Para melhor conservar o espírito de pobreza, não permitiu absolutamente que nenhum dos seus religiosos tivesse baú nem armário. A tal ponto dominava as paixões, que nunca o viram triste e nunca o viram rir. Sempre o primeiro no ofício, era o último em sair. Comia apenas uma vez por dia; e desde a idade de sete anos, quando entrou no mosteiro, até os sessenta anos, idade com que faleceu, de lá não saiu. Embora tivesse aprendido latim e grego, nunca puderam levá-lo a receber a ordem do sacerdócio.

http://www.obrascatolicas.com

Adoecendo o santo abade aos sessenta anos e quase seis meses, faltou pela primeira vez na vida ao ofício, a que costumava assistir com os irmãos. Desde o comêço da enfermidade, pressentiu a morte, e mandou lhe dessem a extrema unção por intermédio de um dos religiosos a quem cedera o cargo de administrador do sacramento aos enfermos, o que mostra o uso daquele século, e confirma, em tal ponto, a tradição da Igreja. No dia seguinte, de manhã, tendo ido os monges saber como passara a noite, disse-lhes êle, chorando: o Senhor vos perdoe, meus irmãos! Vós é que me retendes na prisão dêste corpo mortal; esta noite vi os santos abades Romano e Lupicino trazer um ataúde diante do meu leito, para me levarem, e vós os impedistes. Se tendes alguma compaixão de um velho, se amais um pai que vos ama, não me retenhais por mais tempo; deixai que vá reunir-me a meus pais. Vendo que os religiosos só respondiam com gemidos, acrescentou: suplico-vos, meus caros filhos, perseverai com tal constância na prática das regras de nossos pais, que possais conquistar a palma da vitória. É o que vos peço para consôlo meu, vosso e de todos os Santos. Proferindo estas últimas palavras, expirou docemente. Era o dia 1.º de janeiro de 514. O autor que descreve tais circunstâncias achava-se presente na hora da morte (1).

* * *

(1) **Acta SS., 1.º de janeiro.**

http://www.obrascatolicas.com

SANTO ODILON

Abade de Clugni

Santo Odilon, sexto abade de Clugni, nasceu em Auvergne, de uma nobre família da província. Era cônego de São Juliano de Brioude, quando o santo abade Guilherme o levou a abraçar a vida monástica no mosteiro de Clugni. Odilon realizou, em pouco tempo, tão grandes progressos na piedade, e revelou tamanha prudência e sabedoria em idade tão pouco avançada que mal contava quatro anos de religião, que São Mayeul, abade do mosteiro, houve por bem designá-lo por seu sucessor. Tendo, pois, reunido a comunidade, fêz com que fôsse eleito, estando êle, São Mayeul ainda vivo, de mêdo que as enfermidades da velhice lhe impedissem manter em vigor a disciplina regular.

Em 1030, houve uma terrível fome que durou três anos. Santo Odilon exibiu incomparável caridade. O seu mosteiro de Clugni era um dos mais ricos do mundo cristão, e tornou-se pobre para aliviar a miséria pública. Santo Odilon confiava nos cuidados da Providência para a subsistência dos seus religiosos; quanto, porém, à dos pobres, achava que era preciso começar por nela empregar os bens do seu mosteiro. Dava com tamanha liberalidade, que o acusaram de dissipador. Quando esgotou as pro-

http://www.obrascatolicas.com

visões do mosteiro, vendeu os cálices e demais vasos sagrados; vendeu até a coroa de ouro que o santo imperador Henrique dera a São Pedro de Clugni. Um dia, ficou profundamente impressionado por ver dois meninos, seminus, mortos de fome e de frio na estrada de Paris a São Dionísio. Imediatamente, despojou-se de parte das vestes para os sepultar.

Chegou à extrema velhice, sem em nada diminuir as macerações e a vigilância sôbre os mosteiros entregues aos seus cuidados. Parecia que a sua coragem ia aumentando à medida que as fôrças lhe diminuíam; e, por mais enfêrmo que estivesse, empreendeu a peregrinação a Roma, com a idade de oitenta e cinco anos, na esperança de morrer ao pé dos túmulos dos santos apóstolos. Enganou-se. Após languescer quatro meses em Roma, onde o papa e vários prelados lhe deram brilhantes sinais de estima, viu-se perfeitamente curado. Voltou, assim, para Clugni, onde se demorou quase um ano, entregando-se ao jejum, à prece e ao ensino dos seus religiosos, na medida em que lhe permitia a caducidade. O zêlo até o persuadiu que ainda dispunha de fôrças para visitar os mosteiros dêle dependentes. Pôs-se a caminho e começou por Souvigni. Pregou pùblicamente para dispor o povo à solenidade do Natal, que se aproximava. Mas adoeceu antes da festa, e em breve todos desesperavam de vê-lo curado. Assim, não hesitaram em lhe ministrar os sacramentos da extrema unção e da eucaristia, após o que lhe foi apresentado o crucifixo para que o adorasse, o que êle fêz com tamanha ternura e devoção que comoveu todos os presentes.

O demônio assaltou-o várias vêzes no último combate. Mas o santo abade, recolhendo as fôrças,

http://www.obrascatolicas.com

disse-lhe: "Inimigo do gênero humano, eu to ordeno, em nome de meu Senhor Jesus Cristo e pela virtude da Santa Cruz, cessa de me atacar pública ou secretamente. A cruz de meu Salvador está comigo, é a minha vida e a minha morte. Adoro e abençôo o Salvador, e é entre as suas mãos que coloco minha alma."

Na véspera do Natal, Odilon, apesar de agonizante, pediu o conduzissem ao capítulo e lá dirigiu a palavra aos irmãos; após falar um pouco da festa, consolou-os da sua morte com tal graça e eloqüência, que todos tiveram a impressão de nunca haverem ouvido falar melhor. Longe, portanto, de lhes diminuir a dor, o santo lhes aumentou os pesares, fazendo-lhes melhor sentir o que iam perder. Mandou o levassem a tôda hora aos ofícios das festas de Natal. Finalmente, porém, no dia de São Silvestre, faltaram-lhe de vez as fôrças, e pela segunda vez pediu o viático, adorou de novo a Cruz e pediu lhe lessem o símbolo com a exposição de Santo Agostinho. Consultaram-no sôbre o seu sucessor, e êle respondeu: "Deixo a escolha a Deus e a meus irmãos." Pelo entardecer, véspera da Circuncisão, mandou que o conduzissem, no leito, às vésperas; durante a noite, todavia, piorou. Imediatamente os irmãos que velavam estenderam um cilício no chão, cobriram-no de cinza e sôbre êle colocaram o santo abade. Perguntou-lhes o santo se tôda a comunidade se achava reunida. Como lhe respondessem que todos os monges e até os meninos estavam presentes, fitou o olhar na cruz posta na sua frente, e expirou docemente em 1049, no primeiro dia de janeiro, o qual, naquele ano, caía num domingo, no octogésimo-oitavo ano de idade, e qüinqüagésimo-sexto de govêrno.

http://www.obrascatolicas.com

Santo Odilon a si próprio pintou nas obras que deixou: nelas vemos o seu espírito amável, o seu caráter de doçura, a terna piedade. Os escritos que nos restam constituem a vida de São Mayeul, seu predecessor, a de Santa Adelaide, imperatriz, vários sermões sôbre os mistérios de Nosso Senhor e da Santa Virgem, e algumas cartas que dão a conhecer que estima desfrutava com a maioria dos príncipes da Europa. Os reis da França, Hugo Capeto, Roberto e Henrique, a imperatriz Santa Adelaide, os imperadores Santo Henrique, Conrado e Henrique o Negro, Rodolfo, rei da Borgonha, Sancho e Garcias, reis de Navarra, Casimiro, rei da Polônia, todos dedicaram a Santo Odilon terna afeição e filial confiança. Escreviam-lhe e enviavam-lhe freqüentemente presentes, para lhe cultivar a amizade.

Santo Odilon sempre demonstrou especial devoção pela mãe de Deus. Escolhera-a para padroeira e advogada, e dedicara-se de maneira particular ao seu serviço, não deixando nunca de lhe obter a glória; a tal o levava o reconhecimento pelos favores dela recebidos. Esforçava-se, sobretudo, por lhe agradar, mediante o amor à pureza. A prova é que, até na extrema velhice, tinha ainda a circunspecção e o pudor de uma virgem. Chamavam-lhe até virgem de cem anos.

Teve Odilon um zêlo particular do alívio das almas do purgatório; e à sua compassiva caridade é que se deve a primeira instituição da comemoração de todos os fiéis mortos no dia seguinte ao da festa de todos os santos. A ordem vigorava em todos os mosteiros dependentes dêle, antes que a Igreja, que em todos os tempos fêz orações pelos mortos, para

http://www.obrascatolicas.com

tanto destinasse aquêle dia. Eis o que obrigou Santo Odilon a fazer tal instituição.

Um peregrino do território de Rhodez, voltando de Jerusalém, viu-se forçado pela tempestade a deter-se numa ilha, nas costas da Sicília. Lá visitou um santo ermitão, o qual, informando-se do país do visitante, lhe perguntou se conhecia o mosteiro de Clugni e o abade Odilon. Respondeu o peregrino afirmativamente, e acrescentou que desejava saber porque lhe era feita aquela pergunta: "Porque, respondeu o ermitão, há perto daqui um lugar que vomita chamas e no qual os demônios atormentam durante algum tempo as almas dos pecadores. Ora, ouço freqüentemente os espíritos malignos murmurar contra as pessoas de piedade, as quais, mediante preces e esmolas, libertam tais almas. Queixam-se particularmente de Odilon e dos seus religiosos. É por isso que, quando voltardes ao vosso país, rogo-vos, em nome de Deus, exorteis o abade e os monges de Clugni a redobrarem preces e esmolas pela libertação das pobres almas.

De regresso, desincumbiu-se da tarefa o peregrino. Foi o que levou Santo Odilon a ordenar que, em todos os mosteiros do instituto de Clugni, se fizesse todos os anos, no segundo dia de novembro, a comemoração dos fiéis mortos. Temos o decreto que foi redigido em Clugni. Nêle se ordena que, visto celebrar-se na Igreja a festa de todos os santos, se celebre no dia seguinte, em Clugni, a comemoração de todos os fiéis mortos; em tal dia, após o capítulo, o deão e o despenseiro darão esmola de vinho e pão a todos os mendigos que se apresentarem, como se faz na quinta-feira santa; e, mais, dar-se-á ao esmo-

http://www.obrascatolicas.com

ler, para os pobres, tudo quanto restar do jantar da comunidade, salvo o pão e vinho; depois das segundas vésperas de Todos os Santos, tanger-se-ão os sinos, e dir-se-ão as vésperas dos mortos; no dia seguinte, tanger-se-ão todos os sinos e os sacerdotes celebrarão a missa pelos fiéis mortos. Vê-se que desde então se estabeleceu o uso do tanger dos sinos pelos mortos (1).

* * *

(1) Acta SS., 1.º de janeiro.

http://www.obrascatolicas.com

PANEGÍRICO DE TODOS OS MÁRTIRES PELO DIÁCONO CONSTANTINO

Terminaremos o primeiro volume da Vida dos Santos (1) por um panegírico de todos os mártires, composto desde os primeiros séculos da era cristã por Constantino, diácono e arquivista da igreja de Constantinopla, e do qual importante fragmento foi lido, em 787, no segundo concílio de Nicéia. Nesse eloqüente panegírico, encontrado inteiro pelo cardeal Mai, mostra-nos o autor a grande luta entre o céu e o inferno, começando no paraíso terrestre pela queda do primeiro homem, piorando depois de século em século, até a vinda do Redentor, que mudou a sorte do combate (2).

"Mas o demônio, tirano por natureza, não ficaria em repouso. Armou, como milícia, uma multidão de apóstatas, e não teve trabalho em submeter às suas ordens, pelas maquinações de uma falsa religião, os que haviam recusado ser inscritos entre as falanges divinas. Foi por isso que, após arranjar como auxiliares reis, cônsules, prefeitos, governadores, generais e tiranos, súditos e magistrados, povos, tribos e as diversas línguas, quer do Oriente, quer do

---

(1) Refere-se à edição francesa do P. Rohrbacher.

(2) Mai, Spicilegium romanum, t. X, p. 94-168.

http://www.obrascatolicas.com

Ocidente, do Norte e do Sul, declarou guerra aos sequazes da piedade...

"Não era, porém, com menor ardor que se preparavam para a resistência os defensores da fé, cujos nomes estavam inscritos no livro de Deus, e que eram superiores aos ímpios pela firmeza física, pelo exercício de tôdas as virtudes e pelas mais difíceis provações. Dos dois sexos, de tôdas as idades, ligados a tôda espécie de estudos ou de profissões diversas, separados pelas variedades de língua e de pátria, nem por isso deixaram de compor a santa falange que tinha uma única alma. Era como que um prado esplêndido e variado, resplendente de lindas flôres de inúmeras côres; eram adolescentes e virgens, jovens e ancião. As mulheres também se tornavam homens, esqueciam a sua própria natureza, e, pelo ardor da resolução, rivalizavam em coragem com os homens. Notava-se no piedoso exército uma multidão de meninos, os quais exibiam razão madura, apesar dos poucos anos. Viam-se misturados magistrados e réus, senhores e escravos, personagens obscuras e ilustres, plebeus e nobres, gregos e bárbaros, macedônios, ilírios, habitantes do Ponto Euxino, da Trácia e de Bizâncio, cimerianos do Bósforo, gálatas, isaurianos, lídios..., citas, persas, bactrianos, assírios, partas e medos, elamitas, osroenianos, blemianos, indianos, etíopes, ismaelitas, egípcios, sírios, cipriotas, cretenses, árabes, romanos, cirenaicos e líbios, dácios e getas, sármatas, celtas, vândalos, iberos. Viam-se também moabitas, amonitas, cananeus... e habitantes das ilhas britânicas e de Gades; e, como diz o *livro dos Atos*, era um exército em linha de batalha, de tôdas as nações que existem sob o céu...

http://www.obrascatolicas.com

"Vejamos, agora, qual a natureza e grandeza do combate. Acendia-se o fogo sob os altares, diante das estátuas dos ídolos; tôdas as coisas necessárias aos sacrifícios eram preparadas, os perfumes, a mirra, o incenso, o gênero das vítimas, o bolo sagrado. Ao mesmo tempo, publicavam-se editos imperiais em tôda a cidade, para impor os dogmas ímpios do gentio, e ab-rogar a verdadeira fé dos cristãos; a todos se ordenava, tanto aos forasteiros como aos cidadãos, abjurassem a piedade e adorassem a criatura em vez do Criador. Os que não obedeciam a tais ordens eram obrigados a padecer tôda espécie de tormentos, trocar a vida pela morte, sem nenhuma piedade nem pela idade nem pela posição, nem pela fraqueza natural das mulheres, nem pela razão incompleta dos meninos. Nos lugares públicos e principais, erguiam-se tronos e tribunais, do alto dos quais os juízes, sentados, prescreviam o rápido cumprimento da sua vontade. Rodeavam-nos verdugos e sequazes, prontos para obedecer aos sinais dos amos. Havia também uma multidão de pessoas de tôda espécie, uns para sacrificar, outros para ser simples espectadores do que se iria passar.

"Havia-se escogitado uma infinita variedade de instrumentos de tortura, de todos os formatos, de tôdas as matérias, de tôdas as fabricações engenhosas e refinadas, e capazes, só pelo aspecto, de lançar o horror e o espanto nas almas, até antes do suplício. Eram tenazes, grades, caldeiras, gládios, ganchos, correntes, correias, chicotes, cepos, máquinas de tensão; eram, ainda, pontas agudas, unhas de ferro, arranhadores, barras, rodas, cavaletes e outras detestáveis invenções dos ímpios, imaginadas para espanto dos olhos. Havia, também, bandos de javalis e de

http://www.obrascatolicas.com

panteras para devorarem os corpos. Tudo servia para os suplícios: as entranhas cavadas da terra, a densidade das trevas, o rigor do frio, a profundidade dos mares, e, mais, o fogo nutrido de pez, de nafta, de estopa, de lenha sêca, a erguer-se em imensas labaredas. E era assim que as criaturas de Deus se viam ousadamente forçadas, pela vontade humana, a servir para o tormento dos fiéis; assim era que os elementos honrados e adorados pelos pagãos, eram servilmente empregados na tortura dos corpos humanos. Finalmente, um arauto exortava, aos brados, o povo a sacrificar aos demônios, a renegar a Cristo e não postergar o sacrifício."

Após descrever a fraqueza, a covardia, a vergonha dos apóstatas, acrescenta o diácono Constantino: "Não eram assim os invencíveis mártires. Enquanto os não exortavam à apostasia, mantinham-se calados. Mas, chamavam-nos à luta? Imediatamente avançavam, débeis de corpo, armados porém da fé e da firmeza de resolução. Do alto das tribunas, lançavam os tiranos sôbre êles um olhar ameaçador e irritado. "Quem sois, diziam, e que país deixastes para vir aqui, vós que, em lugar de respeitar a autoridade e temer os tronos, vos mantendes ousados e altivos diante dos tribunais dos juízes? — Obrigavam-nos, em seguida, a dizer que posição ocupavam, qual era o seu gênero de vida, a religião, e o que pensavam do culto dos ídolos.

Os mártires, de coração tranqüilo e voz plácida, respondiam e justificavam-se mais ou menos nestes têrmos:

"A nossa natureza, ó juízes, não difere da vossa; entretanto, não nascemos da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus nosso Pai, que

http://www.obrascatolicas.com

nos concedeu a graça de nos tornarmos cristãos. Cristãos é nosso nome comum; quanto à pátria e à nutriz é a gloriosa cidade de Deus, nossa mãe espiritual, Sião, fundada pelo Altíssimo. A nossa nação, os nossos compatriotas, os nossos concidadãos são os espíritos superiores que rodeiam a Deus. Têm a mesma origem que nós, por terem sido como nós criados por Deus e do nada. Assemelham-se a nós por um igual zêlo da religião e igual observância da justiça; mas, pela elevação da sua dignidade, pela pureza e simplicidade da sua natureza, e também por terem sido iluminados, antes de tudo, pela luz divina, entre êles brilhou uma glória maior. No que tange à nossa condição e ao nosso emprêgo da vida, exercitamo-nos na prudência, na firmeza, na justiça e na temperança; com o auxílio dessas virtudes capitais, fazemos sempre o que é bom, e assim nos devotamos, sem medida, à verdadeira vida.

"O nosso culto é a piedade, é não erguer a criatura contra o Criador, é não reter a verdade na injustiça, é não mudar a imagem de Deus incorruptível na semelhança do homem corruptível, das aves, dos quadrúpedes e dos répteis; pelo contrário, fixos nos limites da ciência perfeita e imutável, conhecer a diferença do Criador e da criatura. É confessar o Criador em três pessoas: o Pai que gera sem comêço, o Filho que é gerado sem comêço e depois se fêz homem por nós, no tempo, e o Espírito Santo que nos vivifica e a todos nós santifica; é confessá-los numa só essência, divindade, poder e domínio. É ter por sujeitas e dependentes as demais coisas, visíveis ou invisíveis, que possamos imaginar ou criar.

"Quanto ao que pensamos do culto dos ídolos, bastam poucas palavras para exprimi-lo. São, aos

http://www.obrascatolicas.com

nossos olhos, como os perigosos venenos mortais, como os piores répteis, com a diferença de que os peixes e os répteis venenosos fazem leves mordidas que não podem atingir senão o corpo e uma matéria perecível, ao passo que os ídolos se agarram à alma e ao corpo, simultâneamente, e os dilaceram com muito mais crueldade e violência".

Os inimigos, irritados por tais palavras, mas refreando a cólera, para não terem o aspecto de quem ràpidamente se enfurece, diziam: "Por que, deixando de lado tudo quanto é da carne, bem como a vida dêste mundo, onde poderíeis garantir-vos uma brilhante condição, vos ocupais do que se passa nas elevadas regiões do ar, e pretendeis, como alguns mágicos, amedrontar-nos com palavras estranhas e inauditas? Daqui a pouco chegaremos ao vosso culto e ao nosso, por vós tão ultrajosamente atacado, e com tamanha audácia e amargor, pois não julgueis que admitimos, impunemente, a imensa e quase monstruosa inanidade das vossas palavras.

"E poderá haver, retrucavam os mártires, sinal melhor e mais fulgente que o que acabamos de dizer, para demonstrar aos ignorantes mediante que especiais caracteres diferimos dos outros homens? Pois, quanto ao pó, à grosseria e à composição da matéria, não deferimos de vós. O nosso rosto, os nossos hábitos corporais, provam inteiramente que somos da mesma espécie que vós; as nossas proporções físicas, o nosso porte, os nomes, as qualidades materiais, tudo é semelhante entre vós e nós. A nossa vida, finalmente, é, como a vossa, sujeita a nascer e morrer. Mas no que concerne à alma, há entre vós e nós enorme distância; e nós não nos assemelhamos a vós nem pelo princípio dos nossos sentimentos, dos nossos

http://www.obrascatolicas.com

trabalhos e das nossas vontades... Vós próprios não podereis negar que a alma está acorrentada a um corpo inferior a ela, que ela o domina e o governa, e que, enquanto conserva a dignidade, ordena a seu bel-prazer à matéria, submissa, pela superioridade da sua natureza. Se, portanto, o homem é menos orgulhoso da beleza da principal parte do seu ser, do que o é da carne que o cobre, parece que dá uma preferência insensata ao que nêle há de mais infame, e que coloca a criatura antes da virtude. Crede, pois, que não temos temeridade, nem absurdidade, nem malícia, nem astúcia, mas a mais oportuna conveniência em gravar no vosso espírito a razão da nossa vida. Resta-vos, como já nos ameaçastes, interrogar-nos sôbre a nossa religião; estamos prontos a responder a todos os interrogatórios e a prestar contas da nossa esperança."

Replicaram àquilo os juízes: "Valorizais, com razão, as coisas que nós também valorizamos. Mas por que tentais introduzir entre nós esta espécie de religião recentemente inventada e a novidade dos dogmas? Pois nos obrigais a ouvir coisas estranhas, e repelis, no que tange aos deuses, o sentimento de vossos pais há longo tempo consagrado pelos séculos, pelos costumes e pelas leis. São os deuses que ligam entre si tôdas as partes discordantes e opostas do universo, e, como por uma lei de união e de ordem, mantém o acôrdo e a harmonia do mundo, bem como a conservação e a segurança de nossa vida. Ora, que razão vos impeliu a reduzir o número dos deuses, e a vos apegardes sòmente a três deuses, ainda por cima desconhecidos, que a vossa imaginação acaba de fabricar? Se vos é permitido nomear a Trindade, com base na autoridade dêste verso de Homero:

http://www.obrascatolicas.com

Tudo está submetido a uma divisão tripartida (1), não é razão para cortar, por assim dizer, o universo homérico, guardar uma parte, e rejeitar a outra. Embora o poeta atribua o govêrno do mundo a alguns principais motores, isto é, a certas causas primeiras, não exclui absolutamente o resto dos deuses do govêrno das coisas. Em todo o seu poema, mostra-nos os deuses a deliberarem juntos sôbre resoluções, a assistirem aos mesmos festins, a governarem juntos, a combaterem e auxiliarem-se na guerra, a fazerem, numa palavra, tudo quanto é mister para que acreditemos na grandeza dos deuses, e cuidarem, pela providência, de tôdas as coisas criadas. Devemos, por conseguinte, rodeá-los das nossas homenagens e preces, e torná-los propícios a nós por oferendas. Reconhecei, pois, o vosso êrro, libertai-vos dêle como de enfermidade contagiosa; purifique-se-vos o espírito pela luz do verdadeiro e do honesto, e acredita nos nossos conselhos. Ainda vos poupamos, porque nos apiedamos da vossa loucura. Falamos-vos com doçura, pondo de lado qualquer altivez de posição e de comando, e procuramos, como o mestre com os meninos, levar-vos à fôrça para o que vos é útil.

"E como pode ser, retrucaram os mártires, que vejamos em vós pais e benévolos magistrados, se antes nos não proporcionais doutrinas e ensinamentos verdadeiramente dignos do nome? Tendes de vós próprios uma idéia tão magnífica e gloriosa, que, a dar-vos crédito, a nós cabe receber as vossas reprimendas, como se fôssem de mestre, sôbre o mais grave de todos os assuntos; e julgais agir para conosco com benevolência e humanidade, só pelo

(1) Trichtha de panta dedastai, Iliad., l. XV, v. 189.

http://www.obrascatolicas.com

fato de nos dirigirdes a palavra sem cólera, com doçura. Visto, porém, que conservastes intacta até agora a moderação que nos prometestes, e como perturbação nenhuma vos aflige o espírito, vamos, discutamos juntos a matéria mais grave e importante do mundo, pesemos, por assim dizer, as palavras numa balança; indique o lado para o qual pender a balança o partido da vitória, e estaremos prontos a submeter-nos ao vencedor. Primeiramente, se quiserdes, tratemos da antiguidade da religião.

"A nossa doutrina atesta, por tradição, que o primeiro homem, divinamente instruído sôbre o que é mister pensar e crer do Ser, foi um teólogo perfeito e cheio de sabedoria. Mas, caído das alturas da contemplação pelas ciladas e inveja do mau, e abaixado para os pensamentos da terra, sentiu desaparecer em si a extrema penetração e a sutil pureza do espírito, e, como espêssa nuvem envolvê-lo e roubar-lhe a lembrança do bem. Tendo assim perdido as luminosas visões, foi expulso da esplêndida morada do paraíso. Desde então, a luz do raio teológico nunca mais fulgiu aos olhos dos seus descendentes a não ser da maneira obscura e indistinta, como que através das frestas de um recinto. Mas Abraão, nosso antepassado, o qual sobressaía no amor à sabedoria, conheceu e compreendeu, na medida do possível, as coisas mais sublimes, pela profundidade das suas pesquisas e, mais ainda, pela fé, e foi clara e manifestamente iniciado nos próprios mistérios da Trindade e do nosso culto sagrado; finalmente, a sua inteligência, que aspirava a coisas maiores, e cujo laborioso ardor perscrutava as divinas profundezas, mereceu que o mistério de um da Trindade, Deus o

http://www.obrascatolicas.com

Verbo, encarnando-se nos séculos seguintes, lhe fôsse mostrado de antemão, e simbòlicamente predito.

"Depois de Abraão, Moisés, a quem foi dado ver Deus e dêle receber a lei escrita, comunicou ao povo um conhecimento mais expresso do Ser, e, posteriormente, essa luz cresceu e se estendeu pouco a pouco, até o dia em que Filho do Pai, vindo habitar entre nós na carne, realizou a nossa salvação na terra. A êle é que devemos a perfeição de uma fé exata, e o poder de contemplar a glória do Senhor, não mais em sombras e imagens, mas como num espelho, e de rosto descoberto. Assim, foi-nos anunciada, de antemão, a doutrina de verdade que, pela sua antigüidade, ultrapassa tôdas as vossas opiniões mitológicas. Pois Abraão florescia pelo tempo de Nino; e Moisés apareceu quando reinava na Siciônia Ortopólida, que vivia antes de Cecrops. O vosso Zeus (Júpiter), êsse pai dos homens e dos deuses, foi feito deus pelo próprio Cecrops; e, em seguida, sucessivamente, foi gerado o resto do vosso rebanho de deuses, e nasceram as calamidades de Ilion e a cegueira da vossa poesia homérica, e a pedra e a lenha se tranformaram em deuses com extrema prodigalidade, e revestiram tôdas as formas, segundo o gênio e o capricho do obreiro. Por que, pois, não dardes a vossa adesão à crença constante e proclamada de antemão pelo tempo, renunciando a opiniões animais, e atendo-vos ao que todos confessam?

"Mas de onde tirais, perguntaram os juízes, a prova do que afirmais?

"Podemos demonstrar a verdade do que afirmamos, replicaram os mártires, em parte pelos nossos livros sagrados, em parte por um grande número dos vossos historiadores, dos vossos escribas e dos vossos

http://www.obrascatolicas.com

filósofos Eupolemo e Artapan; com efeito, Demétrio e Porfírio, e um sem-número de outros autores que calamos, em virtude da quantidade, dão testemunho sôbre a antiguidade de Moisés. Criados, pois, à imagem de Deus, e premiados com o dom do livre arbítrio, não desçamos aos instintos do bruto, e, semelhantes aos vis porcos, e por detestável preferência, não evitemos as límpidas águas das puras fontes, para mergulharmos na lama do êrro. E não é vergonhoso, não é a última das absurdidades e loucuras, o fato de uma natureza dotada de inteligência e de alma, ornada do privilégio da razão, e repleta das distinções da virtude, ir fundamentar a esperança da sua vida em madeira e cobre, e petrificar-se, de algum modo, com os brutais apetites do espírito, com a matéria, nossa escrava, que pisamos?

"Credes, pois, disseram os juízes, que esperamos a salvação do cobre e da madeira, e não voltemos o olhar para certa fôrça providencial, que a tudo encerra e pela qual nos vêm todos os bens?

"Se assim é, por que, replicaram os mártires, multiplicam os vossos modeladores e estatuários, sob formas tão diversas, uma multidão de figuras, e as colocam nos templos? Por que lhes ofereceis vós outros um culto e sacrifícios, e lhes pedis a solução das vossas dúvidas? Que pretendem os vossos tiranos? — O que chamais de Divindade não se exprime por imagens? Por que, pois, nos dirigis tão cruéis invectivas, vós que, neste ponto, agis como nós agimos? Mas visto que a censuras fáceis de refutar, ligais a acusação concernente às imagens, permiti-nos tirar-vos, nesse ponto, de todo êrro e equívoco.

"Quanto a nós, não entendemos de maneira nenhuma representar, sob certas formas e figura precisa,

http://www.obrascatolicas.com

a Divindade, que é simples e incompreensível; e não pensamos se possa honrar, com imagens de cêra ou de madeira, a essência superessencial e anterior a qualquer comêço. Mas, ao primeiro homem, vencido na queda pela audácia e pelo poder do espírito de revolta, mister se fazia um auxílio que o reerguesse, pois a natureza caída não podia absolutamente reformar-se nem renovar-se por si própria, e, pesando-lhe sempre o inimigo, só seria libertado de tal tirania por uma segunda luta. Foi então que o próprio Criador, um da Trindade, Deus Verbo, assim como, outrora, não precisara de nenhum auxílio para formar a natureza, assim também, no instante em que se tratava de renovar uma imagem corrompida, não confiou a restauração senão a êle próprio; recorrendo apenas ao seu poder e à sua ação própria, aceitou o combate por nós sob forma humana. De certo modo era digno de Deus, travar, por assim dizer, a luta contra o inimigo, de armas iguais e leais. Com efeito, todo combatente costuma vencer o adversário por um dêstes três meios: astúcia, lei, tirania. Ora, o nosso defensor divino rejeitou o primeiro e o último dêsses meios por impotentes e indignos dêle, e por carecerem de utilidade e fruto até para as criaturas pelas quais se travava a luta; a astúcia gera uma falsa vitória, triunfando do adversário de maneira desleal; e a tirania é vitoriosa por uma violência insensata, pois fere uma luta sem eqüidade. Nosso Salvador preferiu o outro meio, e escolheu uma luta leal e direita. Tomou emprestada da nossa natureza decaída a sua carne, vivificada com uma alma sensata e intelectual; e, continuando a ser o que era, e não perdendo nada do que lhe era próprio, recebeu, com exceção do pecado, tudo quanto constitui a natureza do ho-

http://www.obrascatolicas.com

mem. Não se mostrou sob uma simples e fantástica aparência da nossa carne: não combateu igualmente o demônio com a sua pura divindade: o primeiro meio houvera sido enganador e quase tímido, e o segundo tirânico e violento. Armado sòmente da nossa natureza vencida, venceu com superabundância de justiça aquêle que fôra vencedor pela astúcia. Quis a princípio, segundo a lei da natureza, passar sobrenaturalmente, fora o pecado, por todos os sofrimentos humanos, dos quais é mãe a malícia, e que são a fome, a sêde, o trabalho, as lágrimas, os suores, a agonia, os ferimentos, e finalmente a quebra do corpo e a morte. Assim o quis, para destruir logo tôdas as misérias sintetizadas em si, para tirar tôda imundície do gênero humano, como faz a arte do fundidor desaparecer do seu trabalho tudo quanto é inútil e impuro, e para devolver ao homem o mesmo estado em que se achara antes da queda. Finalmente, ressuscitando dentre os mortos, e subindo ao céu, e anunciando que viria julgar-nos no fim dos tempos, assegurou-nos a infalível ressurreição dos corpos e a perpétua incorruptibilidade da nossa natureza. Eis porque o representamos por imagens, segundo a forma pela qual nos apareceu, e pela qual se comunicou e viveu com os homens, a fim de despertar por tal tipo divino a memória da salvação que nos trouxe, e não, como fazeis vós, para criarmos a nosso bel-prazer caprichosas figuras, e ferir os olhos pela diversidade de formas. Entre vós, efetivamente, um deus é macho e barbudo, outro é do sexo feminino; mais outro hermafrodita; aquêle, já avançado em idade, passou os anos da mocidade; êste está em pleno vigor da vida; e, para o dizer numa palavra, só soubestes imaginar os deuses sob formas as mais múltiplas e diversas.

http://www.obrascatolicas.com

Ora, de onde tirastes a exatidão de tôdas essas vãs representações?

"Apesar de as formas dos nossos deuses, responderam os juízes, terem o costume de variar nas imagens particulares, nem por isso deixou de nos ser transmitida uma doutrina mais divina, que eleva o nosso espírito a uma teoria mais verdadeira e sublime, e até a um arquétipo, e não permite que caiamos e nos percamos na divisibilidade de uma vil matéria, nem tampouco nos apeguemos exclusivamente à variedade das côres. Seria, porém, violar o direito a piedade revelar tal doutrina a profanos e estrangeiros como vós. Se ousardes ser iniciados nos nossos mistérios sagrados, e tornar-vos nossos correligionários, revelar-vos-emos os nossos segredos, e nada de oculto teremos para vós. Quanto às imagens dos nossos deuses, que representamos umas vêzes sob aspecto de um ancião, outras sob o de um mancebo, o vosso pensamento a tal respeito é semelhante ao nosso, uma vez que chamais um de Pai e ao outro Filho. Não é evidente que a idéia e a noção de Pai devem ser anteriores às de Filho?

"Que vós também, disseram os mártires, tanto pela imaginação como pela alegoria, representeis simbòlicamente os deuses sob o aspecto humano, compreendemos; mas por que fazeis um deus de cabeça de cão, um deus com chifres ou com pés de animal, um deus metade homem, metade animal, um deus hermafrodita, finalmente, ao passo que as idéias das coisas divinas, mesmo quando se pretende dar-lhes uma forma sensível, devem conservar uma dignidade completa, se é que não queremos comprometer as esperanças da nossa salvação. E não é ímpio, e inteiramente indigno de homens sensatos, caracterizar a

http://www.obrascatolicas.com

Divindade sob vergonhosos símbolos, impor o aspecto de cão à natureza primeira e perfeita, e, assim, ladrar contra a Providência? Para nós, dizer que Deus é mais velho ou mais jovem é dizer coisa detestável, pois tal linguagem só convém às criaturas temporais. Mas, na natureza eterna e sem comêço, não há nada que se possa medir pelas proporções humanas, pois a Divindade está além de todos os tempos, acima de qualquer comêço, e de tôdas as propriedades que se possam conceber nas coisas criadas, ainda que, em virtude da debilidade e baixeza do nosso natural, lhe demos uma vez que outra nomes humanos. Não se conceberá, portanto, o Pai sem o Filho, nem o Filho sem o Pai, se se quiser fazer nobre e sincero uso da razão, assim como se não concebe o fogo sem o brilho, nem o sol sem os raios, para exprimir coisas incompreensíveis, na medida em que é possível, sob uma breve imagem, ainda infinitamente distante da verdade. Quando, pois, dizemos que o Pai não tem comêço, confessamos-lhe coeternos e sem comêço, tanto o Filho que é gerado, como o Espírito Santo que procede do Pai...

"E entre nós, exclamaram os juízes, compreendemos e cremos que existe uma só Divindade com pessoas distintas.

"Sim, em palavras, replicaram os mártires, não negamos seja essa a vossa opinião; mas não prosseguis, e, na realidade, vos afastais bastante do sentido das vossas próprias palavras. E como reconhecer o caráter da unidade naquilo que se repele e se combate recìprocamente, naquilo que não mostra senão disparates e contradições, onde uma parte domina como tirana, e a outra obedece como escrava? E não compreendemos com que habilidade vos haveríeis nisso,

http://www.obrascatolicas.com

para não verdes senão um só e mesmo deus nas guerras dos titãs, nos combates dos deuses sob os muros de Tróia, em Saturno que devora os filhos, nos filhos de Saturno que perseguem e aprisionam o pai, no seu poder que se separa em dinastias, e nos reinos que se dividem. Reconhecei, pois, que estais perdidos nas contradições do êrro, e que a expressão do vosso sentimento cai e desaparece diante da forma da verdade."

A tais palavras, os magistrados, irritados, não dissimulando mais a cólera, bradavam aos mártires: "A nós, sem dúvida, mais que a vós próprios, é que imputamos as absurdas palavras que acabamos de ouvir e as blasfêmias proferidas contra os deuses... Eis a sentença que vos ameaça e o perigo suspenso por cima da vossa cabeça.... Renunciai, pois, a tôdas essas vãs tentativas, a todos êsses tortuosos labirintos de palavras... Sacrificai aos deuses invencíveis, e submetei-vos, enfim, às ordens dos augustos imperadores, pois sabeis que às vossas recusas está reservada uma pena imortal."

Os mártires respondem com calma e modéstia: "Ó juízes! O que chamais de intemperança de palavras, o amor da vossa salvação no-lo faz dizer sensatíssimo e utilíssimo. Aliás, era preciso que as nossas palavras respondessem às vossas interrogações. Agora que vos irritais sem justiça, dignai-vos ainda conceder-nos um único instante de repouso e responder às nossas perguntas. A que deuses e por que motivo nos ordenais sacrifiquemos?"

Responderam imediatamente os juízes: "A Júpiter, sem dúvida nenhuma, e a seus filhos, e a Netuno, a Juno, à mãe dos deuses, para os aplacardes ofere-

http://www.obrascatolicas.com

cendo-lhes incenso, sacrifícios de animais domésticos e o restante das honras habituais.

"Que coisa ridícula! replicaram os mártires, e como é admirável a sutileza do vosso espírito! Vós que, em geral, nas vossas noções diversas, estais em desacôrdo até sôbre a natureza das vítimas que é preciso imolar, e que estais assim em perpétua discordância, vós, finalmente, que vos não entendeis nem sequer sôbre a natureza dos vossos deuses, vós é que nos obrigais a partilhar dos vossos sentimentos em tal ponto, como se vos não bastasse o abuso que cometeis contra vós próprios nas coisas religiosas, e pretendêsseis arrastar os outros para o vosso êrro. Não seria absurdo e inconveniente ver homens, devorados em sua própria casa por doenças contagiosas, oferecer aos vizinhos um remédio que, por conta própria, não usariam? E ficaria bem a um país prêsa de todos os perigos de uma sedição, interpor-se noutro, mediante conselhos de paz desmentidos pelo seu próprio exemplo? Se nos puséssemos ao lado da opinião de alguns dentre vós, outro, que favoreceria uma seita contrária, não deixaria de exclamar que é o depositário das melhores e mais úteis doutrinas, e de tratar de granjear a simpatia dos ouvintes mediante palavras persuasivas. Em breve, outro faria a mesma coisa e os mesmos esforços, e depois dêle outro. E assim, sem cessar, em virtude dos inventores de doutrinas opostas, seria a Divindade, por assim dizer, dilacerada e dividida em seitas absurdas até que o nosso espírito fatigado se deixasse levar pelo ateísmo, nauseado com tanta mentira e êrro. Como! Os vossos deuses não são, em alguns povos, tais quais dizeis? Mas, entre outros povos, não são macacos, bodes, íbis, crocodilos e gatos; e até as próprias águas do

http://www.obrascatolicas.com

Nilo, e até o boi Ápis de Mênfis, deus que muge e se nutre de ervas, rodeado de sacerdotes antes da morte, depois da morte, chorado com lágrimas e gemidos, simultâneamente sagrado e sujeito a apodrecer, e submisso, segundo o tempo, a essa dupla condição? E noutros países, a água, o fogo, os cavalos, familiares serpentes passam por deuses que presidem à humanidade; e noutros, ainda, um gládio ou uma árvore selvagem e copada; e em mais outros, finalmente, uma môsca, o mais vil e fraco dos insetos usurpam o lugar da Divindade. Dá-se o mesmo com a diversidade dos sacrifícios. Uns imolam vítimas humanas; outros imolam animais; êstes oferecem frutos da terra; aquêles se contentam com purificar as mãos mediante abluções; outros, praticando incisões no corpo, com o gládio, julgam prestar um culto pelo sangue que se escoa. Mas haverá necessidade de citar tantos cultos discordantes e contraditórios?

"Não falando dos outros deuses, e lembrando apenas os que mais venerados são pela maioria dentre vós, podemos sacrificar a deuses adúlteros, a deuses que se comprazem nas mais abomináveis uniões, e nas mais contrárias à natureza, a deuses efeminados, semi-homens, submetidos a tôdas as misérias da humanidade? Como seria sensato tudo isso aos olhos dos homens que possuem, íntegra, a inteligência? Certamente, se por qualquer motivo vos obedecemos, a vós que nos impondes tal culto, imediatamente se levantam contra nós as próprias leis, e nos bradam que só se devem suplícios aos que, provadamente, cometeram os mais ignóbeis crimes. O que desejamos, nós, é imitar a Deus, que é a causa primeira de tudo quanto é bom; e, aliás, é um preceito da filosofia, segundo o vosso Platão, aspirar o homem, tanto

http://www.obrascatolicas.com

quanto depende da sua capacidade, a se assemelhar a Deus... Eis porque tendes diante de vós homens que se não submetem, de maneira nenhuma, às vossas ordens, e a quem não espantam as vossas ameaças. Armados que estamos de fé e de esperança, resistimos-vos, quer pela palavra, quer pela coragem. Pela palavra, repelimos os vossos argumentos e a vossa fôrça; pela coragem, repelimos o mêdo..."

A partir daquele momento, só restava aos pagãos o uso da violência e das torturas. Por última resposta, tiravam dos mártires as vestes, e zombavam da nudez dêles. Em seguida, submetiam-nos a ignominiosas flagelações, e recomendavam aos escravos os rasgasse, com unhas de ferro, até os ossos, até a medula dos ossos. Ouvia-se, então, apenas o ruído dos golpes, e um murmúrio confuso: os tiranos e os verdugos gritavam e torturavam ao mesmo tempo, e todo o tribunal ecoava dissonantes clamores emitidos, em línguas diversas, pela multidão que rodeava os supliciados. Quanto aos mártires, só proferiam as mais dignas e doces palavras. Em vez de queixas e de gemidos, só entoavam piedosos cantos e rezavam; e em vez de dirigirem aos tiranos rogos e súplicas, tratavam de animar um ao outro, dizendo:

"Homens e mulheres, jovens e anciãos que, por vocação divina, sustentamos um duplo combate, um combate simultâneamente espiritual e material, e que, expondo-nos ao perigo por Cristo, rejeitamos com alegria o pesado fardo do corpo, para conseguirmos uma vitória mais fácil não temamos livrar-nos da violência dos inimigos. Que os nossos próprios ferimentos nos defendam e substituam, em nós, couraças e escudos; quanto mais numerosos e vivos forem, tanto mais seguramente nos protegerão. Não aban-

http://www.obrascatolicas.com

donemos a Deus que nos guia, que está no meio de nós, e que combate nas nossas fileiras... Temos, por espectadores desta luta, os anjos, e é Cristo, o primeiro dos mártires, que preside ao combate. Não desanimemos por causa de uns acidentes quaisquer, pois bem sabe Cristo, pelo que sofreu pessoalmente, auxiliar os que estão submetidos à prova...A felicidade de nossos pais no paraíso foi seguida de gemidos e tristezas. Por uma mudança, obtemos a felicidade através de sofrimentos, uma existência imutável através de uma vida destinada à morte. Não prefira ninguém o amor do próximo ao amor de Deus, e não se abaixe o nosso coração para as míseras individualidades da terra. Cumpramos mùtuamente, uns para com os outros, os deveres da nossa própria família... Mas para que falarmos mais? Evitemos os castigos futuros com sofrimentos temporais. Por que não comprarmos o mais precioso de todos os tesouros mediante o sacrifício de tudo quanto possuímos? Entre tôdas as coisas que possuímos, dispomos de algo que seja mais valioso e belo que o nosso corpo? Acrescentemo-lo, pois, a todo o resto, para pagarmos a eternidade bem-aventurada, e não lhe estimaremos exatamente o valor... Não sabemos que, pela purificação do nosso corpo e do nosso sangue, nos tornaremos o novo lêvedo e o sal de tôda a massa do gênero humano, que fermentará e será salgada, e que, com o auxílio do fogo divino, isto é, do espírito, será transformada num perfeito pão de vida, um pão despojado de qualquer velho fermento de vício e de mal. Honremos, portanto, a Deus tanto pelo nosso corpo como pelo espírito, pois ambos nos vêm de Deus."

Era assim que os mártires se animavam uns aos outros. Mas quando os tiranos os viam gotejantes

http://www.obrascatolicas.com

de sangue e com as carnes dilaceradas, dirigiam-lhes estas palavras de escárnio: "Como estais com esta primeira prova, ó bem-aventurados? — Respondiam os mártires: E vós, por vossa vez, dizei-nos, qual foi o êxito das vossas esperanças? Nós, após têrmos superado as coisas que julgais terríveis, só um mêdo conservamos, ó juízes, e é que, contrariando o costume, mudeis a sentença, vos torneis mais suaves e, de pena do nosso corpo, deixeis adormecer o ardor que pondes em torturar-nos. — Vamos mostrar-vos, respondiam, como mudamos." E, guiados exclusivamente pela cólera, lançavam-se sôbre os mártires invencíveis, e ordenavam aos lictores que esgotassem nêles todos os gêneros de suplícios. Tudo ficava imediatamente pronto, tudo quanto é horrível de ver e impossível de narrar, o fogo, as feras, o gládio; nada faltava do que serve para os tormentos; os verdugos eram violentos, cruéis... e a idolatria gargalhava diante daquele espetáculo.

Era preciso, então, ver os mártires padecendo os mais lamentáveis males, e suportando-os com a maior coragem. Rasgavam-lhes as carnes, moiam-lhes os ossos, cortavam-lhes os nervos, mutilavam-lhes os membros, convulsionavam-lhes as fibras, inutilizavam-lhes as articulações, picoteavam-lhes o corpo; arrancavam-lhes o tutano, os olhos, as entranhas; cortavam-lhes as pernas e faziam de todo o corpo uma massa dilacerada e confusa. Que palavras poderão jamais, como num quadro, pintar ao espírito de todos a horrível variedade daquela cena de carnificina? Poder-se-ia com justiça dizer que tais sofrimentos foram uma tempestade agitada pelas tormentas, como por outros tantos furacões e raios sem-número, e que não eram inferiores às penas do inferno, reservadas

http://www.obrascatolicas.com

aos ímpiós. Era preciso ver também os verdugos a se atirarem como fúrias contra os mártires, esgotando sôbre êles tôda a violência da sua maldade, espantando-os com engenhosas crueldades, e torturando-os mediante as mais refinadas e ferozes invenções. Procuravam vencer um ao outro com as idéias mais terríveis, não tendo todos senão um fim, a destruição dos mártires. Não colheram, porém, por recompensa senão a vergonha e a infâmia, obedecendo à serpente de maldade e covardia. Pois que, por inesperado milagre, a luta mudou. As fôrças dos verdugos os abandonaram, os corpos se lhes tornaram pesados, e uma espécie de paralisia lhes dominou os membros; foram atacados de frêmitos, de vertigens, de colapsos cardíacos e, como que esgotados de tanto trabalho e dos esforços da imaginação para o descobrimento dos suplícios.

Os defensores da fé, pelo contrário, eram mais fortificados que abatidos pela dor. Conseguiam novo vigor nas provações; eram radiosos como sol, e mais brancos que a neve; e, na sua nobre confiança, bradavam aos adversários: "De onde vem estarem os olhos do vosso espírito de tal maneira cegados pelo êrro? Quem pôde assim desviar a vossa alma da retidão do dever? Não vêdes manifestamente que, sem receber golpes, estais mais severamente punidos vós próprios que os homens a quem punis com as flagelações? Não vêdes que para nós tôdas essas torturas são uma espécie de campo de exercício físico que purifica a alma e a eleva a uma beleza mais perfeita? Onde estão as vossas palavras compostas com tanto artifício? Isso tudo não emudece e sufoca diante das simples palavras da verdade? Se, pois, a vossa eloqüência não tem mais fôrça nem segurança; se as

http://www.obrascatolicas.com

obras da vossa tirania se desfazem e quebram contra a muralha da fé, se já empreendeis a fuga velando o rosto, por que, vós que fugis, não vos unis a nós que sofremos a perseguição? E por que, numa luta em que fulge a vossa derrota mais que o vosso poder, não aspirais à verdadeira glória? Pois, neste combate, é por nós que a vitória se ergue. Uma ilustre humildade é melhor que uma glória infame, uma modéstia magnânima é melhor que o domínio de um espírito estreito; e mais vale, finalmente, uma condição pequena e certa, que uma grandeza que vacila. Imitai, pois, o nosso exemplo, apagai de vossa alma os sinais da ignorância, e nós gravaremos no vosso coração, com buril do Espírito, a lei divina do conhecimento ou ciência. Vós próprios a lereis e freqüentemente, e com ela aprendereis a bem viver. Instruí-vos neste tribunal como numa academia, e reformai-vos de acôrdo com o nosso exemplo. Quem de vós todos ama a vida com a mesma paixão com a qual corremos ao encontro da morte por Jesus Cristo?... E eis que nós, que obedecemos à lei de Deus, oramos por vós que ainda permaneceis nas trevas do êrro; desejamos que partilheis conosco os dons de Cristo, porque o resgate divino também por vós foi dado, a fim de vos libertar da escravidão. Enquanto estivermos na terra, esforcemo-nos por resgatar as penas que vos aguardam sob a terra. Rôto o laço da vida, e no inferno, após a separação de uns dos outros, não haverá mais confissão para ninguém. Estais agrilhoados como escravos pelas vossas más ações; mas, se quiserdes, nós, vossos cativos, despedaçaremos tais grilhões. Não tardeis, portanto, não vos vades; é fácil a vossa salvação, está nas vossas próprias mãos; sêde batizados e puri-

http://www.obrascatolicas.com

ficados. Curvai com dor a cabeça sob o leve jugo do Evangelho, e atirai para longe de vós o pesado fardo dos vossos pecados; e eis o soberano bem. Se, por acaso, pensardes que as nossas palavras, sob uma benévola aparência, não são ditadas pelo mêdo e pela covardia, pois bem, afiai os gládios, atiçai a fogueira, trazei algozes cujas fôrças sejam novas, tamanha é a nossa intrepidez e grandeza de alma!"

Por resposta, os juízes ordenaram fôssem os cristãos conduzidos ao suplício. Chegados ao lugar da execução, obtiveram os mártires, dos guardas, uma leve demora, por êles empregada em agradecer a Deus e orar por todos os homens. Prostrados sôbre o chão, mas de alma levantada para os céus, dizem com voz forte, debulhados em lágrimas:

"Damos-vos graças, Senhor Deus, Salvador e Criador do Universo, que reunificastes as duas partes do gênero humano (judeus e gentios) e que na vossa carne destruístes o muro da separação, a recíproca inimizade, e que criastes em vós os dois povos, para dêles fazer um só homem novo (1). Damos-vos graças por nos terdes aberto o paraíso do martírio, o deleitável curso dos nossos antepassados, e por nos haverdes compensado com as suas delícias. Santificados através das provações, e pelo maduro fruto das virtudes, saboreamos da árvore da vida que Adão não pôde sequer tocar. Soubemos que o Senhor é Cristo, e que despimos a túnica de pele, dilacerada pelo gládio e pelos chicotes. E eis que revestimos, diante de vós, a antiga beleza da nudez da qual se

---

(1) **Ephes.** II, 14 et 15.

http://www.obrascatolicas.com

não deve corar, e não arrastamos, empós de nós, nenhum resto de lama e de corrupção, porque vencemos a serpente, não pela astúcia, mas em leal combate, e o começo foi corrigido pelo fim. Ela, a serpente, se embaraçou nas voltas e caiu; nós, porém, nos erguemos para ser o parapeito do gênero humano... Concedei-nos, como primeiro prêmio dos nossos sofrimentos, a conversão e iluminação da raça humana. Libertai os que estão presos nas cadeias do pecado; abri os olhos que a impiedade cega; reerguei os homens que a incredulidade curva para a terra; expulsem as nossas cinzas do universo e dissipem, como pó, tôda a falange dos demônios; sejam tôdas as enfermidades do mundo curadas pelo nosso sangue derramado. Dignai-vos, Senhor, acudir a todos os que vos invocam por nós. Ordenai a tormenta das tentações, e que a tempestade se abrande, e que todos os homens repousem na vossa vontade como em seguro pôrto; que, pela virtude do Espírito, não forme mais o gênero humano senão um único rebanho, submisso por vós a Cristo pastor, e que o vosso povo se rejubile em vós. Ó Deus libertador, ó Senhor misericordioso, abram-se-vos os olhos e ouvidos à prece dos servidores!"

Terminando tais palavras, ergueram-se os mártires e, voltando-se para a multidão de cristãos e pagãos que os rodeavam: "Homens nossos irmãos, bradaram, e vós todos, no meio desta multidão, que temei a Deus, foram-vos enviadas as palavras de salvação, fôstes todos salvos por um puro benefício do alto, pois vós, que estáveis afastados, estais agora aproximados pelo sangue de Cristo. Ah, o tempo é curto, crede, o limite da vida humana estreito, e o

http://www.obrascatolicas.com

caminho bastante escorregadio! Caminhai na virtude, como em plena luz; conservai imaculada a fé... Se algum dentre vós não estiver marcado com o sinal do Espírito, seja-o com a luz do batismo; ungir com o imaculado sangue a morada de vossa alma e as portas dos vossos sentidos, é o único meio de escapar ao exterminador. Ninguém, dentre vós, desespere da salvação; inspire-vos confiança a nossa luta; sejam um belo exemplo os nossos ferimentos. Não fomos nós, acaso, revestidos de uma carne como a vossa?... Imitai-nos, pois, como nós próprios imitamos a Cristo, que venceu o pecado com a sua cruz e os sofrimentos."

Àquelas palavras, os verdugos atiraram-se contra os mártires. Uns foram consumidos pelas chamas; outros morreram estrangulados. Êstes pereceram pelo gládio, aquêles foram lançados ao fundo do mar. Alguns foram moídos pelos dentes de feras; outros expiraram no suplício da fome; vários foram serrados vivos; grande número foi esmagado por mós de moinho; e todos, enfim, após padecerem a morte que desejavam, repousaram no Senhor.

Eis como o diácono Constantino nos representa os magistrados do século e os mártires de Cristo, o inferno e a Igreja, lutando um contra o outro, durante trezentos anos. É um resumo fiel da história, quanto aos fatos, e até quanto às palavras; nos atos mais autênticos e completos, como os dos santos Taraco, Probo e Andrônico, vemos da parte dos magistrados pagãos sempre os mesmos arrazoados. Vemo-los ainda nos editos de perseguição; mas sobretudo nos escritos dos filósofos pagãos, como Hierocles, Celso, e notadamente Juliano o Apóstata. Por tôda parte os mesmos sofismas incoerentes e contraditórios para

http://www.obrascatolicas.com

justificar a idolatria e atacar, ou melhor, adulterar o cristianismo. E depois de quinze séculos, os modernos sequazes da filosofia anticristã, panteístas, materialistas, ideologistas da Germânia e de alhures, não sabem senão reproduzir em alemão e em francês os sofismas de Juliano e de Hierocles, quer nos libelos filosóficos, quer em novos editos de perseguição. Pois, no âmago, é sempre o mesmo combate sob forma um pouco diferente. E os sofismas da incredulidade ou da apostasia moderna se vêem refutados há dezoito séculos, nos atos dos mártires, nas apologias dos confessores e nos escritos dos doutôres da Igreja. O que o diácono Constantino diz dos primeiros não é mais do que história.

"Ó santas almas! exclama, por fim, ó corpos sagrados, ó preciosos e divinos tesouros, mais inestimáveis que o ouro e o topázio! Ó moradas de Cristo, habitáculos do Espírito, vasos de virtude! Sim, reencontrareis um dia, após a decomposição desta miserável mistura, tudo quanto vos pertencia nos elementos materiais de que se formava o vosso corpo ao nascer; mas recobrá-los-eis santificados pela recompensa imortal que houverdes recebido! Ó multidão bem-aventurada! Ó esplendor múltiplo, que fulge como numa alma única! Que cantos de triunfo vos celebrarão dignamente, ó vós cuja vitória ultrapassou a fôrça da natureza. Com que troféus de eterna memória, com que salmos, com que hinos, com que cânticos espirituais não vos cingiremos a testa, como esplêndidas coroas imortalmente frescas e verdes! Honrastes vossos pais, segundo o preceito evangélico, pois, com o sofrimento, apagaste a vergonha

http://www.obrascatolicas.com

dos vossos antepassados, livrastes vossos pais da desonra, e destes à natureza humana o júbilo em vez do luto. Mudastes a terra em céu, e sois como o oriente sereno, como a aurora da justiça, e como estrêlas que brilham em tôda parte, pois todos os passos que dais estão na reta senda dos santos mandamentos...

"Em algumas horas, realizastes trabalhos mais penosos na vinha de Deus que aquêles a quem chamamos patriarcas. Colocastes-vos, pelas vossas obras acima de vosso primeiro pai, pois guardastes os mandamentos de Cristo, oferecestes ao Senhor um sacrifício mais santo que o de Abel, o holocausto de vossa alma. Fôstes transportados para uma imortalidade mais bela que a de Enoque, numa arca mais sólida que a de Noé, feita que é dos incorruptíveis materiais da virtude. Foi nessa arca que a alma se vos preservou do sufocamento dos ídolos. Abraão reconheceu o mistério da Trindade num tipo e numa sombra; mas vós, nos combates que sustentastes pela Trindade, vos fizestes, com voz estentórea, arautos fulgentes da verdade. O vosso sacrifício foi superior ao de Isaac, pois que o fizestes mediante a imolação de vós próprios. Pela sinceridade do vosso fim, ultrapassastes a vida simples e cândida de Jacó. A excelência da vossa vida foi, segundo o santo preceito, semelhante à inocência das pombas. Fôstes vós que, habitando uma casa ilustre, a Igreja, apresentastes um festim a Deus o Pai, a saber, os vossos ferimentos, imolando como cabrito o corpo da vossa humildade. Recebestes, dessarte, a bênção, a vida eterna. Vencestes José em castidade, vós que repelistes a doutrina dos falsos deuses, doutrina corrom-

http://www.obrascatolicas.com

pida nos seus atos e nas suas imagens, e que abandonastes a êsses tiranos dissolutos e perversos a veste que vos envolve, isto é, o corpo. Tôdas as provações de Jó, vós as padecestes; e, mais que êle, suportastes os suplícios até a própria morte. Tivestes uma honra maior que Moisés, pois, após receberdes e guardardes a lei da graça, atravessastes a pé enxuto o mar da idolatria avermelhada pelo vosso sangue, e chegastes à terra da promissão, a celestial Jerusalém. Já antes destes prova das vossas forças aos inimigos pelo grande número de sinais e milagres que tinham brilhado no deserto, na vida religiosa; e, pela vossa morte, esmagastes e sufocastes sob os pés as traiçoeiras serpentes que perseguiam os homens com as venenosas mordidas. Em vez da veste de Aarão, feita pela mão de homem, recobristes-vos, como convém aos santos da justiça de Cristo. Purificastes o povo, não pelo sangue dos cordeiros, mas pelo vosso próprio sangue.

"As cidadelas dos ímpios, as cidades do inimigo, as línguas faladeiras e contraditórias, a vã sabedoria, a tudo derrubastes com o clarim dos vossos ensinamentos; ultrapassastes os feitos de Josué; mostrastes-vos mais santos que Samuel, e mais próprios ao ministério divino, pois fôstes oferecidos a Deus, não por vossa mãe mas por vós próprios, não para viver, mas para morrer, a fim de viver a vida eterna. Abatestes o Golias intelectual, não pela fraude, como Davi, mas com uma pedra repudiada pelos homens, Cristo. Finalmente, após haverdes, pelos vossos perigos, esmagado a cabeça do dragão dominador, subistes como triunfadores coroados de fulgentes feitos, a um carro mais sublime que o do profeta Elias, e entrastes

http://www.obrascatolicas.com

nas portas do céu, levados pelas vossas virtudes e obras; e agora, com os incontáveis anjos, com a Igreja dos primogênitos, formais uma jubilosa harmonia diante do tabernáculo verdadeiro.

"Espalhais sôbre vossos irmãos uma parte do esplendor que sorveis na fonte da luz intelectual, pois sois propostos no que diz respeito ao gênero humano inteiro como tutores das almas, médicos dos corpos, coluna da fé, consumação do sacerdócio, remissão dos pecados, fundamento e apoio das igrejas, remédio das enfermidades, repouso dos viajantes, leme dos navegantes, recurso dos indigentes; sustentais os que combatem, levantais os que tombam, devolveis a coragem aos que se queixam, guiais os que se perdem, guardais os que seguem o caminho reto; sois o consôlo dos aflitos, e para todos poderoso socorro e firme apoio de inquebrantável esperança."

Termina o diácono Constantino as suas palavras, e nós terminaremos o volume, com esta prece aos santos mártires: "É a vós, instituidores do culto intelectual, herdeiros de Cristo, divinos luminares, povo eleito, mártires ilustres; é a vós que oferecemos as nossas incultas palavras que se apresentam como grinalda de espinhos. Dignai-vos aceitar êste pobre fruto do nosso trabalho; não meçais pela vossa dignidade, mas pela nossa fôrça, êste empreendimento que realizamos com o suor do rosto. Não temos nem bastante ciência, nem bastante talento, para publicar dignamente a glória das vossas palavras e dos vossos atos. Aliás, por certa preguiça somos indolentes e adormecidos para o que há de mais útil. Entretanto, unimos o trabalho à boa vontade, e suprimos a falta

http://www.obrascatolicas.com

de arte pelo zêlo. Da vossa parte, purificai-nos do limo dos pecados e da impura borra do século; fazei que o que resta de vida em nós seja, com a justiça de cada lado, dirigida no bom caminho e conservado na paz e na graça. E quando partirmos daqui e formos libertados dos incômodos dêste mundo, oxalá possamos estar incluídos no número dos eleitos pelo juiz universal! E possamos obter a recompensa da nossa humilde oferta, por Nosso Senhor Jesus Cristo, a quem, com o Pai e o Espírito Santo, cabe a glória, agora e sempre, e nos séculos dos séculos! Amém."

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

Março

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

1.º DIA DE MARÇO

SÃO SUIBERTO

Apóstolo da Frísia

Convertidos ao cristianismo pelos missionários do papa São Gregório o Grande, os anglo-saxões, vindos da Germânia para a Grã-Bretanha, tiveram, por seu turno, muito zêlo pela conversão das nações germanas de que haviam saído, em particular pela conversão da Frísia. São Vilfrido, arcebispo de York, foi o primeiro apóstolo dela, mas por acidente. Êle ia da Inglaterra para Roma no ano 678, quando uma tempestade o lançou às costas da Frísia, cujos habitantes eram ainda idólatras. Pôs-se a pregar-lhes a fé, e o fêz com tanto êxito que batizou quase todos os senhores e vários milhares no povo. Mas não ficou no país senão o inverno e dali partiu no comêço da primavera de 679, para continuar viagem para Roma. Em 686, Santo Egberto, nobre inglês que abraçara

http://www.obrascatolicas.com

a vida monástica na Irlanda, dispunha-se a passar o mar para continuar a obra de São Vilfrido; mas pensou naufragar no pôrto onde queria embarcar. Um de seus companheiros, chamado Vigberto, chegou até à Frísia e, durante dois anos seguidos, pregou o Evangelho a essa nação e a seu rei Radbod; mas, vendo que não produzia nenhum fruto, voltou para seu mosteiro na Irlanda. Entretanto, São Vigberto tentou novo ensaio. Escolheu doze homens zelosos e virtuosos, dos quais os dois principais eram São Vildberto e São Willebrod. Tendo chegado à Frísia no ano 690, êsses doze missionários foram muito bem recebidos por Pepino, duque dos francos e intendente do palácio, cognominado de Heristal. Êle acabava de conquistar sôbre Radbod a Frísia Citerior, entre o Reno e o Mosa. Eis porque para ali os enviou a pregar e lhes deu proteção, proibindo lhes causassem qualquer desgôsto e concedendo graças aos que abraçavam a fé: o que produziu, em pouco tempo, a conversão de grande número de idólatras.

Então, os missionários escolheram Suiberto para ser ordenado bispo. Antes de chegar à Frísia, êle era padre e abade do mosteiro de Dacor, nos confins da Escócia. Enviaram-no de novo para a Inglaterra, onde encontrou vaga a sede de Cantuária, no intervalo entre a morte de São Teodoro e a ordenação de São Britwald, isto é, no ano 692. São Suiberto dirigiu-se, pois, a São Vilfrido, arcebispo de York, que o ordenou bispo. A missão da Frísia se achou assim consolidada por aquêle mesmo que a começara acidentalmente. O papa Sérgio fêz ali uma igreja completa em 696, onde sagrou São Willebrod arcebispo dos frisões.

http://www.obrascatolicas.com

Quanto a São Suiberto, em seu retôrno à Germânia, passou entre os brúcteros, povos dos arredores de Colônia, e converteu vários dêles. Mas, pouco tempo depois, tendo sido êsses povos derrotados pelos saxões, os cristãos-novos se dispersaram por tôda parte e São Suiberto foi encontrar Pepino, que, à recomendação de sua mulher, Plectudra, lhe deu, para ali se retirar, uma ilha do Reno, onde êle construiu um mosteiro chamado Verden e em seguida Keiserswert, isto é, a ilha do imperador. São Suiberto morreu no ano 713, e a Igreja lhe honra a memória em 1.º de março.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA EUDÓCIA (*)

Mártir

Eudócia, de pais originários da Samaria, nasceu em Heliópolis, onde vivia, numa casa um tanto afastada do centro, a levar vida pecaminosa. Criminosamente, dada a imensa beleza, amealhara invejável fortuna.

Um dia, um monge, Germano, de viagem, deixara o mosteiro em que professava, e, de passagem por Heliópolis, hospedou-se na casa dum amigo, pegada à de Eudócia.

Altas horas da noite, quebravam os galos o silêncio, a amiudar, eis que a formosa jovem acordou com alguém a recitar em alta voz:

— Misericórdia, Senhor! Misericórdia, Senhor!

E depois:

"Nunca entregues a tua alma às mulheres de má vida,

"para que não te percas a ti e aos teus bens.

"Não deixes errar os olhos pelas ruas da cidade,

"nem andes vagueando pelas suas praças.

"Afasta os olhos da mulher enfeitada,

"e não olhes com insistência para a formosura alheia.

"Por causa da formosura da mulher pereceram muitos,

http://www.obrascatolicas.com

"e por ela se acende a concupiscência como fogo.
"Tôda mulher devassa
"será pisada como estêrco no caminho" (1).

Calou-se a voz. Eudócia estava atenta. Nunca ouvira semelhantes coisas. Respirava apressada e ruidosamente.

De novo, depois de certo intervalo, ouviu:

"Não invejes a glória nem as riquezas do pecador,
"porque não sabes qual será a sua ruína" (2).

A jovem, sempre atenta, de respiração agora suspensa, ouvia e ouvia:

"As riquezas são boas para o que não tem pecado na consciência" (3).

Era madrugada alta quando Eudócia conseguiu conciliar o sono. E uma voz, dentro dela, repetia, latejante:

"Por causa da formosura da mulher pereceram muitos. Tôda mulher devassa será pisada como estêrco no caminho".

No dia seguinte, quando acordou, no cérebro cansado duma noite mal dormida havia um eco insistente, que dizia:

— Pecado na consciência, pecado na consciência, pecado na consciência!...

Foi um dia esquisito, aquêle. Um dia diferente, pesado, que oprimia.

Naquela noite, o monge tornou às práticas costumeiras. E dizia, no silêncio imenso:

---

(1) Ecles. 9, 6, 10.
(2) Ecles. 9, 16.
(3) Ecles. 13, 30.

http://www.obrascatolicas.com

"Quando vier o Filho do homem na sua majestade, e todos os anjos com Êle, então se sentará sôbre o trono da sua majestade. E serão tôdas as gentes congregadas diante d'Êle, e separará as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à esquerda.

"Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: "Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde a criação do mundo..."

Eudócia sentia-se mal. A voz do monge era cortante como faca afiada.

"Então dirá também aos que estiverem à esquerda: "Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e para os seus anjos..."

Eudócia, na escuridão do quarto, ofegava. E o monge, sempre cortante como faca afiada, prosseguia.

"E êsses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna" (4).

A vida eterna! O suplício eterno! Sofrer eternamente! sempre, sempre, sempre!

Eudócia, no dia seguinte, humildemente, foi procurar o monge. E abertamente, contou-lhe da vida que levava, de tudo o que ouvira, do grande mêdo que sentia, acabando por lhe perguntar:

— Que deverei fazer para escapar às terríveis penas eternas e ganhar a vida que jamais se acabará?

Germano respondeu-lhe:

— Um jovem rico, um dia, quando o Salvador estava entre os homens, fêz-lhe a mesma pergunta.

---

(4) Mt. 25, 31, 46.

http://www.obrascatolicas.com

— E Jesus? perguntou Eudócia, aflita. Que lhe respondeu Jesus?

— Respondeu-lhe: "Vende tudo quanto tens, dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Vem, e segue-me". Se tens riquezas mal adquiridas, desvencilha-te delas. E jejua e ora.

Eudócia, tendo sido instruída pelo monge na doutrina cristã, recebeu os meios de se santificar.

Batizada pelo bispo Teodoto, a jovem cristã distribuiu tudo o que possuía à pobreza, retirando-se a um convento onde se deu às mais austeras práticas de penitência.

Denunciada como cristã ao prefeito de Heliópolis, foi torturada, operou milagres e foi decapitada, ganhando a coroa do martírio e a vida pela qual suspirava — a vida eterna.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTO ALBINO (*)

Bispo e Confessor

Albino era filho de importante e nobre família da Bretanha. Nascido no ano de 469, em Vannes, cedo consagrou-se ao serviço de Deus. Retirado no mosteiro de Cincillac, que se situava perto de Angers, ali praticou tôdas as virtudes. Modêlo de humildade, de mortificação e de penitência, era querido pelos irmãos, que, de comum acôrdo, o escolheram, um dia, para abade da comunidade.

Estava então Albino com trinta e cinco anos; sob sua conduta a abadia floresceu.

Depois de vinte e cinco anos de profícua vida abacial, eis que se viu elevado à dignidade episcopal: morria o bispo de Angers, Adolfo, e todos, conhecedores das virtudes do bom abade, elegeram-no para pastor.

Humilde, o Santo, a princípio, procurou esquivar-se, alegando incompetência, dizendo várias vêzes:

— Por Deus, não! Eu sou incapaz! Sou incapaz, e, pois, indigno, muito indigno de tão alto pôsto!

Em vão, porém. Instado fortemente, Albino cedeu, vendo naquilo a vontade do Altíssimo.

Sagrado por Melânio, bispo de Rennes, Santo Albino foi pastor ardente. Os pobres, os humildes,

http://www.obrascatolicas.com

os injustiçados nêle encontraram um pai desvelado, sempre atento.

Favorecido por Deus com o dom dos milagres, extirpou da diocese o vício e a maldade.

Conta-se dêle que, certa vez, muitos detentos, presos na tôrre de Angers, eram duramente castigados. Quis certificar-se, e, um dia, passando pela tôrre, ouviu, do alto, as lamentações dos prisioneiros, que lhe pediam:

— Senhor bispo, tem piedade de nós, sofredores!

Albino foi ver o juiz, e, diante dêle, solicitou a soltura dos infelizes.

O juiz, inflexível, levou o bom bispo a dizer:

— Bem, agradeço-te a acolhida. Como de ti nada consegui, irei rogar a Deus, o juiz supremo.

Saiu e foi postar-se, de joelhos, à base da tôrre. Era de tarde, e Albino, caída a noite, lá ainda se encontrava a orar e suplicar, ardentemente, pelos desgraçados. Eis senão quando, com fragor, uma pedra se desprendeu da imensa mole, e deu passagem aos detentos. Admirados de se verem em liberdade, acompanharam o bom bispo, entraram na igreja e deram graças a Deus pelo livramento.

Santo Albino faleceu bastante idoso, em 550, com oitenta e um anos de idade.

Celebrizado pelos milagres, o servidor de Deus foi um dos santos mais populares da Idade Média. Enterrado em São Pedro de Angers, foi, pelo sucessor, Eutrópio, trasladado para a basílica que jazia sob a invocação de Santo Estêvão (556), mais tarde basílica de Santo Albino.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO DAVI (*)

Bispo e Confessor

São Davi nasceu no condado de Cardigan. Era filho de Xanto e de Santa Nonna. O mais célebre dos santos do País de Gales, foi discípulo de Iltut, o fundador do mosteiro de Llantwit.

A regra que o Santo impôs aos seus monges não lhes permitia falar senão em caso de extrema necessidade. Quando no trabalho do campo, a ajuda dos animais de carga ou tração era proibida; ao mesmo tempo que labutavam, mentalmente deviam estar orando. Terminada a faina, tornavam ao mosteiro, e, em silêncio, liam, escreviam ou rezavam. Alimentavam-se de pão com algum legume, e sal. De bebida, afora a água, o leite misturado com aquêle líquido era permitido.

Vestidos de peles de animais levavam os monges vida simples. Deitavam-se cedo e levantavam-se com o primeiro canto dos galos.

São Davi foi, pela ciência, milagres e eloqüência, um grande refutador da heresia pelagiana. Como bispo, residiu, por uns tempos, em Caerlon, donde, com a autorização do rei Artur, transferiu-se para Menevia. Falecendo em idade assaz avançada, em 589, foi enterrado na igreja de Santo André —

http://www.obrascatolicas.com

depois de São Davi — tendo fundado vários mosteiros, dentre êles os de Repton, Bath, Leominster, Glastonbury e Crowland, todos grandes escolas de virtude, onde se formou um elevado número de santos homens servidores de Deus.

* * *

No mesmo dia, em Bourges, São Simplício, bispo e confessor, desaparecido em 480. De família senatorial, brilhou pelo saber, eloqüência, virtudes e pureza. Grande combatente da simonia no clero, converteu inúmeros pecadores e santificou o rebanho que apascentava.

Na Escócia, São Marnan ou Marnock, bispo e confessor, grande pregador do Evangelho, zeloso e piedoso. Morto, foi sepultado com honra na igreja de Aberchirder, e as relíquias, conservadas religiosamente, operaram vários milagres. Desaparecido em 625, foi muito invocado para apaziguar tempestades e se obter bom tempo.

Em Mans, França, São Siviardo, abade, ou Severo, filho de nobre família do Maine. Vendo o pai retirar-se para a vida religiosa, na abadia de Anisole, que foi fundada por São Calais, seguiu-lhe o exemplo. No mesmo mosteiro, foi modêlo dos religiosos. Verdadeiro discípulo de Nosso Senhor Jesus Cristo, era doce, dado a grandes mortificações, humilde, arredio e ao mesmo tempo muito serviçal, quando não podia fugir dos irmãos. Abade da comunidade, faleceu em 687.

Em Baiona, São Leão, bispo e mártir, natural de Carenton, na baixa Normandia. Amante do estudo,

http://www.obrascatolicas.com

atraído pela solidão, foi decapitado por piratas em 890. Padroeiro de Baiona, esta cidade tem sentido os efeitos de sua proteção.

Na Sicília, São Leão Lucas, abade e confessor. Órfão na infância, apresentou-se no mosteiro de São Filipe de Argirion e foi enviado para a abadia de Corleon, então sob o govêrno de Cristóvão. À morte dêste, sucedeu-lhe. Operando milagres, faleceu em 900.

Em Duma, São Rudesindo, bispo e confessor, aparentado com Afonso, o Grande. Nascido em Portugal no dia 26 de novembro de 907, era filho de Aldara, mulher virtuosa e muito piedosa, que lhe inspirou grande amor no Senhor. Fundador, na Galícia, dum mosteiro que denominou Cela Nova, faleceu, depois de deixar o bispado de Duma, em 977, como abade da casa que fundara. Vários milagres lhe ilustraram a tumba.

Em Bourges, o bem-aventurado Rogério, arcebispo e confessor, filho de Godofredo, o Forte e sobrinho do cardeal de La Chapelle Taillefer, bispo de Toulouse. Bispo de Bourges, depois de Limoges, foi, finalmente, arcebispo daquela primeira cidade. Falecido com mais de noventa anos, fundou um hospital, extirpou vícios, distribuiu aos pobres tudo aquilo que possuía, sendo o instituidor, na sua diocese, da festa da conceição de Nossa Senhora. Desapareceu santa e quietamente em 1367.

Em Embruno, outro Santo Albino, bispo, falecido em 650.

Em Marselha, Santo Abdalongo, bispo e confessor no século VIII.

http://www.obrascatolicas.com

Na Escócia, São Monan, mártir do IX século, companheiro de Santo Adriano, bispo de Santo André. Foi morto pelos dinamarqueses.

No mesmo dia, em Roma, duzentos e sessenta mártires, que o imperador Cláudio condenou como cristãos, primeiro a puxar areia fora da porta *Salária*, depois a ser varados por flechas num anfiteatro. — Em Roma ainda, os santos mártires Leão, Donato, Abundâncio, Nicéforo e nove outros. — Em Marselha, os santos Hermes e Adriano, mártires. — No mesmo dia, Santa Antonina, mártir, que, tendo zombado dos deuses dos gentios durante a perseguição de Diocleciano, foi, após diversos tormentos, encerrada num tonel e submersa num charco da cidade de Céia. — Em Perúsia, trasladação de Santo Herculano, bispo e mártir, que foi decapitado por ordem de Tótila, rei dos gôdos. O papa São Gregório refere que, no quadragésimo dia após sua morte, seu corpo foi achado tão são e tão perfeitamente junto à cabeça como se o ferro não o tivesse tocado.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

2.º DIA DE MARÇO

SÃO SIMPLÍCIO

Papa

O viajante que passa em diligência não se detém em ficar muito tempo na mesma estação: se pára um instante para tomar algum alimento, está presto ao sinal da partida. O fim da viagem é chegar. A vida inteira do homem e mesmo da humanidade é uma viagem sôbre a terra. O que se chama de tempos de paz são curtas estações, ainda mais aparentes do que reais: o estado verdadeiro é rolar, como em caminho de ferro, de revolução em revolução, até à estação final. Essas revoluções são às vêzes mais súbitas, mais perturbadoras, para despertar os indivíduos e os povos de seu sono, recordar-lhes que não estão em casa, mas em viagem, e que será preciso regular suas contas no grande desembarcadouro. Os cristãos do século XIX não devem, pois, inquietar-se por viverem no meio das revoluções, mas, ao contrário, levantar a cabeça e ter confiança: porque a redenção se aproxima.

No século V da era cristã, houve revoluções mais formidáveis, e os cristãos nem por isso se amedrontaram. O que até então o universo conhecera

http://www.obrascatolicas.com

de mais firme, o Império Romano, se vê desmembrar em plena vida pelos vândalos, suevos, gôdos, alanos, francos, hunos: morre no Ocidente sob os golpes de Rugiano Odoacro. Roma pagã, que se chamava a deusa das nações, vê-se pilhada e queimada pelo vândalo Genserico e pelo suevo Ricimero. No Oriente, começa o que se chama, de bom direito, o Baixo Império; porque, salvo poucas exceções, tudo ali se torna baixo, ignóbil, pérfido, freqüentemente atroz. Os imperadores de Constantinopla, em lugar de repelir ou de civilizar os bárbaros, só pensam em enredar, em corromper a Igreja e o Império com heresias sem cessar renascentes, como que para preparar o Império e a Igreja para a grande heresia de Maomé.

E é nesse século de revoluções e calamidades que a Igreja de Deus aparece em tôda a grandeza e fôrça: aparece como a casa viva do Deus vivo. Ao pé dessa casa, o Império Romano é apenas o andaime grosseiro para construí-la; acabada a casa, o andaime é abatido. No meio dos destroços fumegantes dêsse Império, a Igreja Católica dá nascimento para Deus, não mais a três e cinco mil homens, mas à primeira das nações cristãs, a nação francesa, esperando a nação espanhola e a nação inglêsa. No Oriente, fulmina a heresia de Nestório em Éfeso pela bôca do papa Celestino, a heresia de Eutiques em Calcedônia pela bôca do papa Leão. Tôdas as igrejas do Oriente, divididas e pervertidas pela prevaricação de Acácio, bispo de Constantinopla, pedem sua cura ao papa Símaco e a encontram em sua obediência à decisão do papa Hormisda. O papa Simplício era digno de ser o sucessor ou o predecessor dêsses grandes e santos pontífices.

http://www.obrascatolicas.com

O papa Santo Leão-o-Grande morrera em 10 de novembro de 461. Seu sucessor, o papa Santo Hilário, morreu em 10 de setembro de 467. Após dez dias de vacância, elegeu-se, em 20 de setembro, Simplício de Tíbur ou Tívoli, que teve a Santa Sé perto de dezesseis anos. Seu predecessor, para velar pela manutenção da disciplina na Espanha, no meio das guerras dos suevos e dos gôdos, para ali enviara como seu delegado o subdiácono Trajano. No mesmo desígnio, o papa Simplício nomeou Zenão, bispo de Sevilha, vigário da Sé apostólica em tôdas as igrejas da Espanha, para que pudesse, com autoridade, fazer observar exatamente os decretos dos apóstolos e dos padres. Assim, enquanto tudo se esboroa no mundo e o trono se torna cadafalso ou antro, tudo permanece firme na Igreja. Os papas se sucedem sem perturbação e mantêm, com vigor constante, a fé e a disciplina, a unidade intelectual e moral.

Em Constantinopla, conspirações davam e tiravam o Império. A imperatriz Verina, viúva de Leão, o fizera dar por suas intrigas a seu genro Zenão. Descontente com Zenão, ela conspirou para lho tirar e dar a seu próprio irmão Basilisco. A mulher de Basilisco vivia em adultério. Entretanto, soube inspirar-lhe a heresia de Eutiques. Logo que subiu ao trono chamou do exílio os chefes da heresia e publicou um edito pelo qual ordenava a todos os bispos e clérigos, sob pena de deposição, a todos os monges e laicos, sob pena de banimento, que pronunciassem anátema contra o concílio de Calcedônia e contra a carta do papa São Leão. Mais de cinqüenta bispos do Baixo-Império sucumbiram ao temor e protestaram que sua subscrição era livre e voluntária: o que, entretanto, renegaram no ano seguinte, quando o

http://www.obrascatolicas.com

edito foi revogado. Acácio, bispo de Constantinopla, então ainda fiel, ousou resistir sòzinho ao imperador; recusou subscrever o edito e admitir os hereges em sua comunhão, tendo por si os monges e todo o povo de Constantinopla, que se reuniu na igreja contra Basilisco. Para fazer conhecer o luto da Igreja e o perigo ao qual a fé estava exposta, Acácio vestiu-se de negro e cobriu com um véu da mesma côr o altar e o trono episcopal.

Desde o primeiro momento, os padres e os arquimandritas de Constantinopla tinham escrito ao papa Simplício, informando-o do retôrno do herege Timóteo Eluro, das perturbações que êle excitava na capital para se fazer restabelecer em Alexandria e rogando-lhe enviasse legados para remediar a todos êsses males. O santo papa Simplício escreveu, em conseqüência, na primeira quinzena de janeiro de 476, três e quatro cartas: uma ao imperador, duas ao patriarca, uma última aos padres e aos arquimandritas de Constantinopla. Exorta o imperador a seguir os exemplos de Marciano e de Leão, sob os quais tinha sido educado; a manter como êles o concílio de Calcedônia e a carta de São Leão, onde o mistério da Encarnação é tão bem explicado que não se pode desconhecê-lo sem cessar de ser cristão; a restabelecer na sede de Alexandria o bispo católico e dali expulsar para bem longe o parricida Eluro. Para que o imperador pudesse instruir-se mais fàcilmente da verdadeira fé, o papa lhe envia uma cópia das cartas de São Leão; "pois, diz êle, a regra da doutrina apostólica fica sempre a mesma nos sucessores daquele a quem o Senhor cometeu o cuidado de todo o aprisco, a quem prometeu infalível assistência até ao fim do mundo, contra quem prometeu que as

http://www.obrascatolicas.com

portas do inferno jamais prevalecerão, e do qual atesta que o que a sentença tiver ligado sôbre a terra não poderá ser desligado no próprio céu."

O papa encarregou o bispo Acácio, mesmo como seu legado, de se juntar aos padres e monges que resistiam a Eluro e de, com êles, solicitar ao imperador que o excluísse de Alexandria e o impedisse de falar na realização de novo concílio; "pois, diz êle, sendo pública a doutrina de nossos predecessores, contra a qual é um crime discutir, os que pensam bem não têm nenhuma necessidade de decisões novas; tudo o que é preciso para instruir, seja os catecúmenos, seja os que tenham sido seduzidos pelos hereges, é claro e perfeito. Nunca, aliás, se indicou concílio senão quando se elevava um novo êrro ou alguma dúvida nos dogmas, a fim de que a autoridade da discussão sacerdotal esclarecesse o que pudesse haver nêles de obscuro." Enfim, em sua carta aos padres e aos abades de Constantinopla, o papa encara como inútil refutar a impiedade dos hereges depois de haver sido ela refutada na carta de São Leão a Flaviano, espalhada por tôda a terra. Escusa-se de enviar legados, como lhe tinham pedido, porque não era o caso de esclarecer nenhuma dificuldade nova, mas de permanecer firmes nas verdades estabelecidas e de resistir com coragem aos que fôssem inimigos delas. Louva-os por sua resistência às emprêsas de Eluro e pelo fato de que, com sua oposição, êle não tivesse podido fazer-se receber em nenhuma das igrejas de Constantinopla. E, a fim de que soubessem o que escrevera ao imperador para empenhá-lo em expulsar Eluro, envia-lhes uma cópia de sua carta ao príncipe.

Em 477, nova revolução de mulheres derruba Basilisco e reconduz Zenão. Basilisco, abandonado

http://www.obrascatolicas.com

por tôda a gente, refugiou-se na igreja de Santa Irene com a mulher e os filhos e, tendo deposto no altar a coroa imperial, encerrou-se no batistério. Zenão, não ousando violar êsse asilo, lhe fêz assegurar por juramentos que não lhe cortariam a cabeça e não lhe derramariam o sangue. Logo que êle saiu, o imperador fêz reunir o Senado e os bispos que se achavam em Constantinopla, como para consultá-los sôbre o tratamento que devia dar-lhe. Basilisco foi condenado a ser relegado, com sua mulher Zenônida e os filhos, no castelo de Limnos, perto de Cucusa, em Capadócia. Ali foram atirados a uma cisterna sêca, que foi em seguida fechada e guardada por soldados, a fim de que não pudessem levar-lhes nenhuma nutrição. Acharam-nos, algum tempo depois, mortos de frio e de fome, segurando-se abraçados uns aos outros. Zenão julgou não ter violado os juramentos que fizera de não lhes cortar a cabeça nem lhes derramar o sangue.

Como se vê, a adversidade não corrigira Zenão; reprimiu-lhe, todavia, os vícios por algum tempo. Êle escreveu ao papa Simplício testemunhando-lhe estar persuadido de que desejara muito e pedira a Deus sua volta. Fazia, na mesma carta, o elogio da firmeza com a qual Acácio se opusera a Basilisco, ajuntando que êle próprio pensava em abolir inteiramente o êrro de Eutiques, em exterminar os que o seguissem, em fazer observar por tôda parte o decreto do concílio de Calcedônia e em restabelecer o bispo legítimo Solofacíolo na sé de Alexandria. O papa respondeu a essa carta em 8 de outubro de 477, com grandes testemunhos de alegria pelo feliz restabelecimento de Zenão. Faz-lhe notar que os inimigos de seu império tinham sido inimigos de Deus e o exorta a testemu-

http://www.obrascatolicas.com

nhar a Deus seu reconhecimento protegendo-lhe a Igreja, mantendo sobretudo a autoridade do concílio de Calcedônia, livrando a Igreja do usurpador Eluro, restabelecendo nela o pastor legítimo e dela tirando aquêles que Eluro tinha ordenado, para restabelecer os que êle depusera ou substituí-los por outros cuja fé fôsse ortodoxa. Em conseqüência, Zenão cassou tôdas as ordenanças baixadas por Basilisco em prejuízo da fé e dos bispos católicos.

Acácio, de seu lado, enviou ao papa Simplício o diácono Epifânio, com ampla relação de tudo o que os hereges tinham feito contra a fé e os cânones, perguntando-lhe como se poderia socorrer as igrejas que Timóteo Eluro oprimira em favor da tirania de Basilisco. O papa respondeu a Acácio que era do imperador, depois de Deus, que cumpria esperar o socorro da Igreja, e que havia lugar para esperar isso de uma alma cristianíssima, pois que se tratava da causa da religião. Acrescenta que êsse príncipe devia publicar uma ordenança para exilar os que Timóteo Eluro tivesse ordenado bispos e restabelecer em suas sedes os bispos católicos. "Juntai, pois, diz êle, às nossas cartas vossas instâncias e as de tantos bispos que vieram a Constantinopla, a fim de que Timóteo e seus sectários sejam banidos sem regresso." O papa entrava acima em alguns pormenores.

O imperador Zenão executou o que o Papa desejava. Fêz depor num concílio do Oriente Pedro Pisseiro, bispo herege e intruso de Antioquia, assim como João de Apaméia, que o suplantara durante três meses. Estêvão, homem piedoso, foi ordenado bispo de Antioquia. Houve ainda muitos outros incidentes e dificuldades, mas que o papa aplainou a pedido do imperador e para o bem da paz.

http://www.obrascatolicas.com

Enquanto as igrejas do Oriente recobravam a tranqüilidade pelos esforços reunidos do papa e do imperador, as igrejas da África respiraram um instante, mas para se prepararem para nova perseguição. Tendo morrido em 25 de janeiro de 477, o vândalo Genserico teve por sucessor seu filho Hunerico, que testemunhou primeiro alguma doçura para com tôda a gente, principalmente para com os católicos. Êstes puderam ordenar um bispo para a igreja de Cartago, que havia vinte e quatro anos não a possuía. Mas logo a perseguição recomeçou mais furiosa e mais pérfida do que nunca.

Houve reviravolta semelhante no Oriente. As divisões causadas pela heresia de Eutiques se acalmavam ali pouco a pouco, graças aos esforços do santo papa Simplício, secundado no momento pelo imperador e pelo bispo de Constantinopla, quando a susceptibilidade ambiciosa dêste último as reanimou e aumentou para muitos anos.

Tendo morrido Timóteo Solofacíolo, bispo católico de Alexandria, deram-lhe por sucessor João Talaia, igualmente católico, que foi eleito canônicamente e mesmo com o agrado do imperador. Êsse novo bispo escreveu a Acácio de Constantinopla. Mas êste, não tendo recebido, por causa do correio, a carta em tempo, ficou tão zangado que instigou o imperador contra os católicos em favor dos hereges e perturbou de novo todo o Oriente. Levou mesmo Zenão a arvorar-se em regulador supremo da Igreja, por seu edito de união ou henótico, assim chamado porque devia reunir todos os dissidentes.

Mas êsse edito de união, redigido provàvelmente por Acácio, não estava de acôrdo consigo mesmo, pois é difícil reunir na mesma peça mais inépcias, contra-

http://www.obrascatolicas.com

dições e incoerências. O imperador deplora nêle a divisão das igrejas; e êle sòzinho a recomeçava por sua recusa de reconhecer o bispo canônicamente eleito de Alexandria, para pôr em seu lugar o intruso Pedro Monge, que êle próprio expulsara como autor de tôda a perturbação. Avança que tôdas as igrejas não reconhecem com êle outra fé senão a de Nicéia, e todos os bispos do mundo, interrogados por seu predecessor Leão, acabavam de responder que era preciso aferrar-se à definição de Calcedônia como a uma regra inviolável. Essa decisão reconduzira a paz às igrejas, e êle, pelo texto mesmo de seu edito, aí reconduz uma confusão maior do que nunca; pois, após ter anatematizado quem quer que reconhecesse outra definição que não a de Nicéia, logo declara aderir à de Éfeso contra Nestório, aos doze capítulos de São Cirilo, que eram precisamente doze definições contra o mesmo heresiarca; enfim, êle próprio, em seu edito, ergue uma definição contra Eutiques, que é em substância a de Calcedônia. Pode-se contradizer e condenar a si mesmo de maneira mais inepta? Era de um príncipe de bom senso, pelo prazer de embrulhar de novo uma coisa esclarecida e decidida, pôr em perturbação e em perigo todo o império?

Mas Zenão não via tão longe, ou antes, não via nem previa nada. Sua sogra Verina, que já o fizera, desfizera e refizera imperador, e que estava encerrada no castelo de Papírio em Isáuria, foi tirada dali no ano 479 pelo isauriano Ilo, a fim de colocar a coroa imperial na cabeça do sírio Leôncio, que ela proclamou imperador. Dirigiu, em seguida, uma carta circular a todos os governadores e comandantes do Oriente, do Egito e da Líbia. Estava concebida nestes têrmos:

http://www.obrascatolicas.com

"Verina Augusta, a todos os nossos prefeitos e nossos povos, saúde. Sabeis que o Império nos pertence e que, depois do falecimento de Leão, nosso espôso, elevamos ao poder soberano Trascalisseu, que tomou o nome de Zenão; esperávamos que êle tornaria nossos povos felizes; mas, vendo que, por insaciável avareza, êle é próprio sòmente para afligi-los, julgamos necessário dar-vos um imperador verdadeiramente cristão, que, conformando-se às regras da religião e da justiça, soubesse reerguer o Estado decadente contra a ruína, governar os povos e conter nossos inimigos. Por essas causas, nós coroamos o piedosíssimo Leôncio. Tendes de o reconhecer por imperador dos romanos, e quem quer que lhe recuse obediência será tratado como rebelde."

Essa proclamação da sogra de Zenão forma digno paralelo com o decreto de união de seu genro. Desde que o genro, em lugar de governar o Império, se ocupava em reger a Igreja, era justo que a sogra dispusesse do trono e regesse o Império. A carta de Verina foi recebida com grandes aclamações; a maior parte das cidades da Síria submeteu-se a Leôncio. Verina teve logo o salário de sua complacência. Quando Ilo deixou de precisar de sua autoridade, encerrou-a de novo no castelo de Papírio, onde ela morreu algum tempo depois.

O oráculo de Ilo e de seu imperador Leôncio era um pagão, chamado Pamprépio, grande astrólogo. Êsse impostor, de concêrto com Isauriano Mário, pagão como êle, infectara Ilo das impiedades do paganismo; Leôncio deixara-se também corromper: êles tinham formado o projeto de restabelecer a idolatria. Ilo e Leôncio, após a primeira vitória, foram derrotados e se encerraram no mesmo castelo de Papírio,

http://www.obrascatolicas.com

onde tinham sido encerrados Leôncia, Marciano e Verina. O astrólogo Pamprépio lhes predizia êxitos infalíveis e ao mesmo tempo os traía. Tendo percebido isso, êles lhe cortaram a cabeça. Mas não foram assim menos traídos por outro e, por seu turno, tiveram a cabeça cortada (1).

Foi no meio dessas tristes revoluções do Império que Zenão lançou seu edito de união ou, antes, de divisão na Igreja. Ordenou fôsse expulso de Alexandria o bispo católico João Talaia e pôsto em seu lugar o herege Pedro Monge; mas sob a condição de que subscrevesse o henótico e dirigisse cartas sinodais a Acácio e ao papa Simplício. João Talaia, o bispo católico de Alexandria, refugiou-se em Roma pelo comêço do ano 483. O papa Simplício o recebeu muito bem e escreveu por êle ao bispo de Constantinopla. Mas, apenas começada a correspondência, o santo papa morreu e foi enterrado em São Pedro, a 2 de março de 483.

Sua conduta nos negócios tão embrulhados do Oriente, onde não conhecia ainda tôdas as variações de Acácio, apresenta um misto feliz de doçura, condescendência e firmeza. Vê-se em particular, por sua vida, quanto os fiéis cristãos têm razão de orar pelos papas, a fim de que não se deixem surpreender pelos ardis do inferno. Pois desde o século V a política do mundo não se tornou melhor.

* * *

(1) **Hist. do Baixo-Império, l. XXXVI.**

http://www.obrascatolicas.com

BEM-AVENTURADO CARLOS, O BOM (*)

Mártir

Carlos, cognominado o Bom, era filho de São Canuto, rei da Dinamarca. Órfão de pai com apenas cinco anos de idade, pela mãe, Adélia de Flandres, foi conduzido para a côrte do avô, o conde de Flandres, que se fixava em Bruges.

Moço, foi armado cavaleiro, e, com um tio, Roberto, tomou parte numa das cruzadas contra os infiéis na Terra Santa. De volta, coberto de glória, esperava-o o poder: um primo germânico, Balduíno, que sucedera ao conde de Flandres, legava-lhe o condado.

Homem que amava profundamente a justiça e que tinha predileção muito especial pelos oprimidos, pelos pobrezinhos, dos quais era pai e protetor, Carlos conquistou, num átimo, o apelido de o Bom.

Assistia o conde, todos os dias, à santa missa, e quando podia, às vésperas, na igreja de São Pedro de Gand. Tinha sempre, ao lado, três religiosos, doutôres em teologia, que tôdas as noites, depois do jantar, lhe explicavam um ou dois capítulos da Bíblia, lições que ouvia com grande interêsse e singular prazer. E tanto amava a Deus, que proibiu aos súditos jurar pelo seu santo nome: quem o fizesse,

http://www.obrascatolicas.com

estava sujeito a perder, conforme a maior ou menor gravidade do caso, uma das mãos ou um pé.

Justiceiro por excelência, era o terror dos maus, dos que oprimiam os pobres, extorquiam viúvas e perseguiam órfãos.

Quando o imperador romano desapareceu sem deixar herdeiros, cuidou-se de sua eleição, mas o conde que já se negara a aceitar o reinado de Jerusalém, declinou do cetro.

Desprendido das coisas do mundo, simples, afável e caridoso, Carlos teve ocasião de mostrá-lo quando foi da grande fome que assolou as Flandres: todos os dias, invariàvelmente, cuidava de cem pobres de Bruges, alimentando-os e vestindo. E a Tancmar, seu capelão, encarregou de fiscalizar os vendedores, para que não exorbitassem no preço dos gêneros, obrigando-os a vendê-los razoàvelmente.

Carlos, o Bom, foi morto por Burchard, um incitador de revoltas, inconformado por não ter auferido grandes lucros, quando daquela fome. Tôdas as manhãs, o conde ia ouvir a missa numa capela da igreja de São Donaciano, pegada ao castelo. Burchard, sabedor daquele hábito, ali apareceu com cúmplices. Carlos, de joelhos, cantava em alta voz um salmo. O matador, cautamente, avançou para êle. Uma mulher, vendo-o puxar da espada, gritou:

— Senhor conde, levanta-te e guarda-te!

Era tarde, porém, porque Burchard já lhe dirigira uma certeira e funda estocada ao pescoço, e os outros assassinos acabaram de matá-lo, furiosamente.

O corpo de Carlos, enterrado no mesmo lugar em que o trucidaram, foi, mais tarde, transferido — estava perfeitamente conservado — para a igreja de São Cristóvão.

http://www.obrascatolicas.com

O culto do bem-aventurado filho de São Canuto foi aprovado por Leão XIII, em 1882.

* * *

No mesmo dia, em Ulm, o bem-aventurado Henrique Suso, O. P., confessor, nascido em 1300. O pai era da nobre família dos Berg e a mãe dos Suso. Henrique sempre votou pela progenitora um terno e grande amor, daí o Suso que adotou e não o Berg, do pai. Com treze anos, recolheu-se ao convento de Constança. Dominicano, tudo para êle foi instrumento de santificação: o silêncio, a solidão, a prática de obras de caridade, o sofrimento, a calúnia. Falecido em 1366, o corpo foi sepultado sob o altar de São Pedro, mártir, na igreja dos dominicanos de Ulm. O culto, nascido quando morreu, sòmente foi estabelecido em 1831 por Gregório XVI.

Na diocese de Quimper, São Joevino, bispo e confessor, um dos mais ardorosos discípulos de São Paulo Aureliano, ao qual seguiu pela Bretanha Armórica, tendo levado vida de anacoreta. Sucessor de São Paulo Aureliano, faleceu em 578.

Na Ásia Menor, São Quinto, taumaturgo, confessor, natural da Frígia. De imensa compaixão pelos indigentes, os gregos falam dêle, continuamente, nos seus fastos. Livrou centenas de pessoas das mais variadas doenças. Faleceu em 283.

Em Lichfield, na Inglaterra, São Ceadas, bispo de Mércia e de Lindisfarne, o qual é tratado carinhosamente pelo venerável São Beda. Sagrado por Wini, bispo de Winchester, o Santo foi pastor cônscio dos seus deveres, dos quais zelosamente se desincumbia. Visitando as paróquias, a pé, sem qualquer

http://www.obrascatolicas.com

aparato, muito simples, pregava o Evangelho como os apóstolos fizeram, procurando os mais pobres e os mais abandonados. Falecido em 672, o corpo do santo bispo foi enterrado em Linchfield, perto da igreja de Santa Maria, sendo, mais tarde, transferido para a de São Pedro. Em 1148, erigiu-se uma grande igreja, sob a invocação de Santa Maria e de São Ceadas — depois catedral de Lichfield — onde se veneraram as relíquias do Santo, atualmente em Birmingham. São Ceadas foi um dos santos mais populares entre os inglêses.

Em Kaiserwerth, São Willeic, confessor, o principal discípulo de São Suitberto. Coadjutor dêste, foi caridoso, pregando na Frísia. Quando foi fundado o mosteiro de Kaiserwerth, do qual Suitberto foi abade, substituiu-o, falecendo em 726. Operou milagres.

Na Sicília, São Lucas Casali, abade e confessor. Professando no mosteiro de Argira, com a morte do abade, o santo passou a governar a comunidade. Muito procurado para conselhos, ia em meio à sua vida abacial quando ficou cego, o que não impediu se desincumbisse com valor das obrigações que lhe eram próprias. Conta-se dêle que, levado por dois religiosos, se pôs a pregar, diziam os seus condutores, a muita gente. Em verdade, porém, estavam num deserto, onde só havia rochedos. Quando, então, São Lucas Casali terminou a prédica, ouviram-se de todos os lados: *Amém! Amém! Amém!* Eram as pedras que respondiam. São Lucas Casali faleceu, bastante idoso, em 800.

Na Irlanda, São Fergna, bispo e confessor, falecido em 622.

http://www.obrascatolicas.com

No mesmo dia, em Roma, na via Latina, os santos Jovino e Basileu, que sofreram a morte sob os imperadores Valeriano e Galiano. — Em Roma ainda, a memória de vários santos mártires que, sob o imperador Alexandre e o governador Ulpiano, após cruéis torturas, foram enfim condenados a perder a cabeça. — No Pôrto, os santos mártires Paulo, Heráclio, Secundila e Januária. — Em Cesaréia, na Capadócia, os santos Lúcio, bispo, Absalão e Lórgio, mártires. — Em Campânia, a memória de oitenta mártires, que os lombardos puseram à morte, porque recusavam adorar uma cabeça de cabra e comer carne oferecida aos ídolos.

http://www.obrascatolicas.com

3.º DIA DE MARÇO

O BEM-AVENTURADO NICOLAU ALBERGATI

Cartucho, Bispo de Bolonha e Cardeal

Nicolau Albergati era de uma das mais antigas e mais nobres famílias de Bolonha, na Itália. Nasceu no ano 1375. Aplicado aos estudos logo que disso foi capaz, terminou cedo as humanidades e ocupou-se, em seguida, do direito civil sob a direção do pai, que lhe quis servir de mestre. Tudo parecia anunciar-lhe brilhante carreira no mundo. O nascimento, o espírito, os êxitos nas ciências tinham feito que seus pais concebessem nêle grandes esperanças; ia ser promovido, na cidade natal, ao bacharelato pela universidade, da qual era o melhor aluno. Tinha vinte anos e ia, de tempos a tempos, visitar a Cartuxa, perto de Bolonha. Uma borrasca, sobrevinda à tarde, o obrigou a passar ali a noite. Ficou a princípio contrariado, mas logo se felicitou. Despertado no meio da noite pelo som do sino que chamava os religiosos às matinas, teve a piedosa curiosidade de assistir a elas. Ficou tão edificado com a modéstia, o recolhimento daqueles bons padres, com os piedosos cantos no meio do silêncio de tôda a natureza, que sentiu grande desejo de servir a Deus e ganhar

http://www.obrascatolicas.com

o céu na santa companhia dêles. Algum tempo depois, deixou a família e o mundo, e foi à Cartuxa receber o hábito de São Bruno. A divina fonte de sua vocação logo se manifestou, pelo fervor com o qual praticou tôdas as virtudes religiosas. Seus confrades conceberam dêle tão alta idéia que, apenas foi ordenado sacerdote, lhe foram confiados sucessivamente diversos empregos da casa, e dela foi eleito prior no ano 1407. Governava o mosteiro havia dez anos, quando, tendo morrido em 1417 o bispo de Bolonha, o clero e o povo o elegeram para suceder-lhe. Comissários foram levar-lhe o decreto, mas não puderam vencer-lhe a humildade. Nicolau, prosternando-se no chão, suplicou-lhes que não o privassem do repouso e da paz de que gozava; disse-lhes não ter experiência e achar-se incapaz e indigníssimo do predicamento a que desejavam elevá-lo, tanto a verdadeira virtude inspira baixos sentimentos de si mesmo.

Tendo a resistência do santo religioso durado seis meses, durante os quais a igreja de Bolonha ficou viúva e desolada, os habitantes dessa cidade empregaram novo meio para o constranger a responder aos seus votos: foi o de enviar deputados em França ao prior da Grande Cartuxa, geral da ordem, para rogar-lhe que constrangesse Nicolau a aceitar o episcopado. Os deputados desincumbiram-se da comissão e souberam tornar favorável Dom João de Griffemont, que governava então os Cartuxos e que, confirmando a eleição de Nicolau, lhe ordenou se submetesse. O novo prelado foi, em conseqüência, sagrado em 14 de julho de 1417. Sua nova dignidade não o fêz esquecer o primeiro estado; continuou a usar o hábito religioso e a observar as abstinências

http://www.obrascatolicas.com

da ordem. Escolhido pelos habitantes de Bolonha para ir em nome dêles cumprimentar o papa Martinho V, que, após o encerramento do concílio de Constança, retornava à Itália, foi recebido por aquêle pontífice com muita distinção e dêle obteve diversas graças. De volta de sua cidade episcopal, aplicou-se com grande zêlo a cumprir todos os deveres que o cargo lhe impunha. Os pobres, sobretudo, foram objeto de cuidados particulares: cheio de compaixão pela miséria dêles, não se contentava em aliviar os que iam reclamar-lhe socorros e que nunca êle despedia sem lhos dar; mandava mesmo procurar na cidade todos os indigentes, a fim de prover-lhes às necessidades. Mas não se limitava a aliviar os males corporais; sem cessar ocupado com a salvação de seu rebanho, trabalhava com ardor em instruir o povo e preenchia tôdas as outras funções reservadas aos bispos.

Enquanto o bem-aventurado assim procurava, sem descanso, proporcionar a santificação das almas que lhe eram confiadas, a Providência permitiu que êle tivesse de sofrer uma rude prova que lhe servisse de exercício à virtude. A cidade episcopal estava dividida em facções e os habitantes não queriam viver sob o domínio temporal do papa. Deputaram, pois, o bispo ainda a Martinho V, para tratar de conhecer as intenções do pontífice a tal respeito. Êste, percebendo a má disposição dos bolonheses e a resistência que punham em reconhecer-lhe a soberania, resolveu submetê-los. Não tendo podido consegui-lo, lançou sôbre a cidade um interdito e confiou as cartas que infligiam essa pena a Nicolau, com ordem de partir imediatamente para Bolonha e só abri-las quando ali chegasse. O santo prelado, desde muito

http://www.obrascatolicas.com

tempo acostumado a praticar a obediência, torna a partir sem demora e, logo que chega a Bolonha, impõe-se o dever de executar a triste comissão de que estava encarregado, convocando para tal efeito os principais habitantes; mas, apenas pronunciou o interdito, os facciosos puseram-se em furor, lançaram-se sôbre o bispo e lhe arrancaram das mãos a carta que acabava de ler. Não falavam nada menos que de lhe tirar a vida, e vários dos chefes foram ao palácio episcopal conduzindo consigo carrascos para pô-lo à morte; mas não puderam, todavia, executar o sacrílego desígnio, pois ninguém ousou pôr a mão sôbre êle. Nicolau julgou dever fugir ao ambiente de confusão. Assim, depois de se disfarçar, saiu da cidade, no dia seguinte, e retirou-se na Cartuxa de Florença, onde, durante alguns meses, saboreou as doçuras da solidão. Quando enfim os bolonheses se submeteram ao soberano, o virtuoso pastor voltou ao meio do rebanho.

Não pôde gozar muito tempo, em Bolonha, do restabelecimento da tranqüilidade pública. O papa, que lhe conhecia o mérito e a virtude, confiou-lhe delicada missão no ano 1422. Tratava-se nada menos do que reconciliar duas poderosas nações que entre si faziam desde muito tempo a guerra, em grande detrimento dos povos: eram os franceses e os inglêses. Mas como entrementes tivessem morrido Carlos VI, rei de França, e Henrique V, rei da Inglaterra, êsses acontecimentos impediram o êxito das pacíficas diligências do bem-aventurado e o forçaram a retornar à Itália. Depois de prestar contas de sua comissão ao soberano pontífice, apressou-se em partir para Bolonha, onde, durante dois anos, se ocupou

http://www.obrascatolicas.com

em prodigalizar a seu rebanho os mais paternais cuidados.

Os negócios da Igreja exigiram, ao cabo dêsse tempo, que o papa Martinho V reclamasse de novo os serviços de Nicolau; mas, antes de enviá-lo a tratar com as potências, quis honrar-lhe o mérito e virtude, elevando-o à dignidade de cardeal, sob o título de Santa Cruz, e o encarregou, em seguida, de ir restabelecer a paz entre o duque de Milão, os venezianos e os florentinos. O santo prelado entregou-se a essa boa obra com grande zêlo, e estava a ponto de terminar felizmente o importante negócio quando a má-fé de um dos personagens lhe tornou inúteis todos os esforços. Mas, como lhe reinasse no coração a caridade e desejasse vivamente proporcionar a paz aos povos que estavam privados dela, não perdeu a coragem e, após um ano empregado em negociações, conseguiu enfim reconciliar as partes beligerantes.

Enquanto o servidor de Deus se empenhava com tanta aplicação em pacificar as divergências surgidas entre os milaneses e os venezianos e, de volta à Bolonha, se ocupava em proporcionar o bem espiritual da diocese, assim como em aplainar algumas dificuldades sobrevindas desde a conclusão da paz que restabelecera, sediciosos se revoltaram de novo contra o santo bispo, gritando: "Viva o povo e a liberdade!" O desejo de subtrair-se à autoridade temporal da Santa Sé era o verdadeiro motivo da revolta. O povo toma as armas e manda chamar, por um homem da populaça, seu primeiro pastor ao conselho da cidade. Como não se pode obter que êle para aí se

http://www.obrascatolicas.com

dirija, seis dos principais de Bolonha vão à casa dêle para significar-lhe as intenções de seus concidadãos, que não estavam mesmo bem fixadas. O santo bispo recebeu-os em presença de tôda a casa e lhes falou com tanta razão, e ao mesmo tempo com tanta fôrça, mostrando tanta dignidade e tanta caridade, que êsses deputados não puderam responder palavra e se retiraram de cabeça baixa. Sem embargo de que o furor popular continuasse sempre a manifestar-se, Nicolau salvou-se pela segunda vez da cidade episcopal e retirou-se para Mântua. Asseguram autores que a irritação dos bolonheses foi tal que lhe pilharam o palácio e que, tendo-o declarado traidor da pátria, pretenderam eleger em seu lugar outro bispo. Entretanto, tendo voltado de Mântua para Ferrara, conseguiu ainda uma vez acalmar a tempestade e se retirou, durante os anos 1429 e 1430, para Roma, junto ao papa Martinho V, que logo o enviou à França para pôr têrmo à guerra entre os franceses e inglêses e, de passagem, restabelecer a paz entre os milaneses e os venezianos, armados de novo uns contra os outros (1).

No começo de seu pontificado, Eugênio IV enviou-o de novo legado em França para negociar a paz entre os reis de França e da Inglaterra e o duque de Borgonha. No meio dessas negociações, que então não tiveram nenhum êxito, foi chamado para presidir ao concílio de Basiléia em nome do papa. De Basiléia, foi enviado à Itália, para reconciliar o duque de Milão e os venezianos. Eugênio IV, que êle tinha ido encontrar em Florença, enviou-o de novo à Fran-

(1) **Acta SS.**, 9 maii. Godescard, 3 de março.

http://www.obrascatolicas.com

ça, onde conseguiu, em 1435, concluir a paz, não ainda entre os franceses e os inglêses, mas entre o rei de França e o duque de Borgonha; o que deu meio ao rei Carlos VII de expulsar os inglêses de todo o reino, e acabou assim a obra de Joana d'Arc. O bem-aventurado Nicolau Albergati presidiu, pois, às primeiras sessões do concílio ecumênico de Ferrara ou de Florença. Durante o concílio mesmo, o papa enviou-o legado na Alemanha, para ali combater os manejos cismáticos do conciliábulo de Basiléia. Tendo voltado da Alemanha para Florença, no concílio ecumênico, Eugênio IV o nomeou grande penitenciário da Igreja Romana. Essa nova dignidade nada mudou no gênero de vida simples e modesta do virtuoso cardeal. Admirava-se nêle a sincera amizade aliada ao caráter firme e cheio de elevação, a candura unida à prudência, a caridade benevolente, para com todos, o grande amor pelos pobres e o zêlo ardente pela religião. Sua casa estava perfeitamente regularizada: por isso, vários daqueles que a compunham alcançaram as mais altas dignidades da Igreja; dois dentre êles foram mesmo elevados ao papado sob os nomes de Nicolau V e Pio II. Ligado de coração ao seu primeiro estado, praticava sob a púrpura romana as austeridades dos Cartuxos, dormindo no chão e jamais comendo carne, nem mesmo quando doente. Amigo das letras, formou uma biblioteca considerável, que legou, por sua morte, a diversos mosteiros. Dispunha-se a acompanhar o papa, que retornava a Roma, quando foi obrigado a deter-se em Siene, entre os agostinhos, de cuja ordem era protetor havia dezessete anos. Ali morreu de pedra, com a idade de sessenta e oito

http://www.obrascatolicas.com

anos, em 9 de maio de 1443. Suas entranhas foram inumadas na igreja da casa e seu corpo levado para a Cartuxa de Florença, onde ainda se conserva. Bento XIV, que fôra um dos sucessores do bem-aventurado Nicolau na sé de Bolonha, aprovou, em 6 de outubro de 1744, o culto prestado de tempo imemorial a êsse santo pontífice. (1)

* * *

(1) Acta SS., 9 maii. Godescard, 3 de março.

http://www.obrascatolicas.com

O BEM-AVENTURADO PEDRO DE PALERMO

Foi na cidade de Palermo, na Sicília, que nasceu, no ano 1381, o bem-aventurado Pedro, da nobre família dos Jeremi. Começou os estudos naquela cidade e foi acabá-los em Bolonha, cuja universidade, então na maior celebridade, contava grande número de distintos professôres e atraía jovens das regiões mais longínquas. Pedro fêz rápidos progressos na ciência do direito, que era a de seu pai; quando o professor ficava impedido de dar aula, êle o substituía, com os aplausos dos condiscípulos. Uma noite em que estudava a fim de se preparar para o doutorado, bateram-lhe violentamente à janela. Assustado, a princípio, acabou por perguntar quem era que se permitia perturbá-lo daquela maneira. Uma voz respondeu: "Sou um de vossos parentes, não mediòcremente versado em um e outro direito. Advogado, eu dava conselhos aos outros e não os dei a mim mesmo; ensinava os outros a evitar as peças dos adversários e não quis evitar as peças do inimigo comum do gênero humano; saí dêste mundo, não como defensor, mas como culpado e para sofrer penas eternas. Escutai-me, ou antes, escutai a Deus, que me envia para vos advertir: Fugi a essa gloríola que passa, assim como às insígnias do doutorado." Dito isso, a visão desapareceu. A estranha adver-

http://www.obrascatolicas.com

tência, Pedro a aproveitou. Resolveu entrar numa ordem religiosa. Para experimentar primeiro a si mesmo, cingiu o corpo com uma corrente de ferro de dezoito libras. Depois do que, apresentou-se ao convento dos dominicanos, e ali pediu e recebeu o hábito.

Seu pai, que era controlador geral das finanças na Sicília, ao saber do passo dado pelo filho, foi enfurecido a Bolonha, para arrancá-lo do mosteiro. Mas aconteceu coisa diversa do que pensava. Quando o filho o soube à porta do convento, pediu ao superior que êle próprio fôsse apaziguá-lo e consolá-lo. O pai ficou muito zangado por não terem sequer permitido ver o filho. Voltou quinze dias depois, e obteve com grande dificuldade que o veria de longe, mas sem lhe falar. Quando o percebeu num canto do mosteiro, vendo-lhe a modéstia e a piedade, a cólera se lhe fundiu em lágrimas, levantou as mãos para o céu, deu graças a Deus e desejou ao filho tôda sorte de bênçãos. Tendo afinal obtido permissão para conversar com êle antes de partir de novo para a Sicília, não só não o desviou de sua vocação, mas o exortou longamente à piedade e à virtude.

Logo que Pedro de Palermo foi ordenado sacerdote, começou a desempenhar, com zêlo, as funções do ministério evangélico. São Vicente Ferrer, que foi à Bolonha, em 1416, visitar o corpo de São Domingos, exortou-o vivamente a continuar, assegurando-lhe que seus trabalhos eram agradáveis a Deus. Com efeito, o santo religioso não omitia nada do que pudesse atrair a bênção do céu sôbre suas pregações. Preces fervorosas, mortificações assíduas, humildade profunda, tais são os meios pelos quais procurava sobretudo converter os pecadores. Recorreu mesmo

http://www.obrascatolicas.com

a um gênero de penitência extraordinária que o espírito de Deus sem dúvida lhe inspirara: encerrou o corpo em cinco círculos de ferro e os apertou com tanta fôrça que, mesmo depois de morto, não puderam retirá-los, porque lhe tinham penetrado as carnes. Foi preciso esperar, para tirá-los, que o corpo estivesse inteiramente dessecado. Exemplos tão impressionantes deviam produzir frutos. Foi assim que se viram vários jovens senhores de famílias nobres, tocados por aquêle desprendimento e por aquela vida austera, renunciar às vaidades do século para seguir Jesus Cristo, entre outros o bem-aventurado Licci, que lhe deveu sua entrada na ordem dos dominicanos.

Mais tarde, teve ocasião de desenvolver zêlo e prudência de maneira tôda particular na direção que lhe foi confiada de várias casas da ordem. Sobretudo, esforçou-se em restabelecer ali a disciplina com todo o vigor e, acabando o exemplo o que as pregações haviam começado, teve a consolação de consegui-lo quase geralmente.

Eugênio IV mandou chamá-lo ao concílio de Florença, onde êle se distinguiu pela santidade e a doutrina. Não tendo o papa podido fazê-lo aceitar as dignidades da Igreja, enviou-o como visitador da ordem e missionário apostólico à Sicília. Pedro produziu grandes frutos de salvação com suas prédicas, exemplos e milagres. O povo acorria em tão grande número para ouvi-lo que êle era obrigado a pregar nas praças públicas. Em 1444, quando estava em missão em Catânia, o monte Etna apareceu em fogo; uma torrente de lava candente avançava para a cidade, ameaçando-a de completa destruição. O clero e o povo de Catânia suplicam ao bem-aventurado

http://www.obrascatolicas.com

que leve o véu de Santa Ágata, virgem e mártir, à frente de uma procissão. Ao aproximar-se o véu da santa levado por um santo, o incêndio toma outro curso e extingue-se vinte dias depois. De regresso a Palermo, o bem-aventurado Pedro ressuscitou uma jovem morta e, com suas preces, proporcionou víveres aos habitantes em fome. Teve, a vida tôda, de sofrer particularmente nas pernas. Suportava as dores com paciência tão maravilhosa que, quando diminuíam, afligia-se como se Deus o abandonasse. Morreu nessas disposições heróicas, em 3 de março de 1452, aos setenta e um anos de idade. Seu culto foi aprovado pelo papa Pio VII.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA ARTELAIS (*)

Virgem

Nascida em Constantinopla, quando do imperador Justiniano, Artelais era filha do procônsul Lúcio e de Santa Antusa. Muito bela, cortejada pelo imperador, a mãe deu de trazê-la constantemente fechada em casa. Sabedora do voto que a filha fizera, de guardar a virgindade, vivia apavorada com a idéia de que Justiniano viesse, um dia, reclamá-la para si.

Assim, de comum acôrdo com o marido, resolveu enviá-la para um dos tios, Narseu, que era governador na Itália.

O que então se conta de Santa Artelais, vem mostrar o quão apreciada era por Deus, e querida.

Ia a viagem para a Itália em meio, quando a jovem e santa virgem foi aprisionada por ladrões. As servas, responsáveis pela senhora, assustadas, debandando, acabaram por se reunir numa igreja dedicada a Santa Eulália, e ali, a chorar, rogaram a Deus, entre soluços, lhes devolvesse, sã e salva, aquela pela qual foram expressamente responsabilizadas.

Depois de orar, de muito suplicar, deixaram a igreja. Um bando de pobres, então, vinha vindo pela estrada, e tôdas principiaram a distribuir esmolas, pròdigamente, com aquilo procurando captar um

http://www.obrascatolicas.com

benigno olhar do Senhor para a desesperação em que jaziam.

Uma delas logo se achegou de um pobre muito maltrapilho, muito alquebrado, e pôs-lhe na mão uma moeda de ouro, penalizada com tamanha indigência. O pobre, olhando-a nos olhos, muito docemente, disse-lhe:

— Deus te pague! Deus te pague!

Quando, deixando aquêle, foi socorrer outro, tendo acabado de fazê-lo, ouviu do mendigo:

— O que fizeste a êste meu pequenino irmão, em verdade te digo, a mim o fizeste!

Não era aquilo um dito do Senhor Jesus? Era. Quando a jovem, voltando a si da surprêsa, quis observar mais atentamente aquêle que socorrera, havia já êle desaparecido, misteriosamente: era Jesus.

Ora, Artelais, prêsa pelos ladrões, libertava-se. Deus, consentindo que fôssem êles tomados pelo demônio, enviou um anjo para livrar a santa virgem fiel, que, reunida às servas, continuou a viagem, chegando, sem mais obstáculos, à Itália.

Santa Artelais falecia pouco depois. Era em 570 e desaparecia tão-sòmente com dezessete anos.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA CUNEGUNDES (*)

Virgem e Imperatriz

Santa Cunegundes era filha do conde de Luxemburgo, Siegfried, e de Hedwiges. Tais foram os sentimentos de piedade que ambos lhe inspiraram, desde a infância, que a jovenzinha, sob a proteção de Nossa Senhora, resolveu guardar perpétua virgindade.

Teve Cunegundes, no entanto, por obediência aos pais, que se casar com o duque da Baviera, Henrique, proclamado em 1002, morto o imperador Oton III, rei dos romanos.

Cunegundes foi, então, coroada rainha em Paderborn, e não se esqueceu do voto que fêz. Declarou-o ao espôso. E Henrique, tocado, deliberou fazer o mesmo: ao lado da companheira, haveria de permanecer perpètuamente casto.

Ora, para tão grande feito, forçosamente devia, um dia, volver-se o demônio. E foi o que aconteceu. Henrique, dando ouvidos a caluniadores, passou a desconfiar da espôsa, quanto à fidelidade.

Aflita, a jovem imperatriz lançou-se aos pés de Maria, e a Deus entregou sua causa. E consentiu, cheia de confiança, em passar pela prova então em uso naqueles idos: caminhar descalça sôbre barras de ferro incandescentes. O que sucedeu foi a des-

http://www.obrascatolicas.com

moralização dos caluniadores: Cunegundes, ilesa, fôra socorrida, na tribulação, por Aquêle que lhe era o protetor da virgindade.

Desde aquêle dia, ambos, a imperatriz e o imperador, viram crescer dentro do coração a mais forte das amizades. Deram-se de corpo e alma às obras de caridade, às vigílias e mortificações. Erigiram a catedral de Bamberg. Cunegundes, no afã de socorrer os que desejavam viver para Deus, fundou um mosteiro da ordem de São Bento em honra de São Miguel.

Quando em 1024 faleceu o imperador Henrique, Cunegundes sofreu um rude golpe. Sôbre o corpo do casto espôso, chorou demoradamente, e só cessou quando lhe veio à mente a idéia de que a êle, no céu, poderia reunir-se, um dia, quando Deus, bondosamente, também a levasse e se dignasse conceder-lhe o prêmio dos prazeres eternos.

Um ano depois da morte de Henrique, a imperatriz renunciou ao mundo, retirando-se para um dos conventos que fundara, o de Kaffungen. Ali, admirada de tôdas as religiosas, pela pureza, humildade e piedade, veio a morrer em 1040.

Segundo seu desejo, foi enterrada na catedral de Bamberg, ao lado do santo espôso. Grande número de milagres, então, por aquela serva fidelíssima, operou o Senhor.

Em 1200, o papa Inocêncio III canonizou-a.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO GERWIN (*)

Abade e Confessor

São Gerwin desincumbia-se de um canonicato na Igreja de Reims, quando, inspirado por Deus, o deixou para se retirar à tranqüilidade de um mosteiro. Abandonando aquela dignidade, distribuiu aos pobres tudo o que possuía e foi professar, como monge beneditino, na abadia de São Vanne, em Verdun.

O santo homem foi monge de devoções extraordinárias: praticava tudo o que os irmãos praticavam e, depois, quando aquêles se retiravam, para o repouso, longe dêles, continuava a vigiar, a orar, a meditar. Longos eram os seus jejuns, duras as penitências a que se entregava, austero, pois, todo o seu modo de ser. Deus, logo lhe conferiu o dom dos milagres. Um dia, quando dois cegos, era São Gerwin abade de São Riquiero, oravam na tumba dêste Santo, o servo de Deus restituiu-lhes a vista.

Poucos anos antes de falecer, São Gerwin adquiriu horrível lepra. Foi mais um motivo para, suportando o mal com verdadeira resignação cristã, santificar-se mais e mais. Quando se sentiu perto da morte, fêz pùblicamente a confissão dos pecados. Os irmãos, comovidos, olhavam-no terna, docemente. E o santo abade, com voz fraca, disse-lhes:

http://www.obrascatolicas.com

— Meus bons irmãos, eu vos recomendo minha alma.

Perdeu, então, o uso da palavra. Nos últimos momentos, porém, recuperou-a. E, tendo recebido a extrema-unção, deixou-se ficar muito calmo, a ouvir os irmãos que, ao pé do leito, recitavam salmos, a meia voz.

Quando terminaram, um dos monges, achegando-se mais do moribundo, perguntou com infinitos de brandura:

— Onde queres, irmãozinho, que te enterremos? Que desejas de nós?

São Gerwin olhou os frades, todos de olhos pregados na face que a lepra corroera, terrível, e respondeu:

— Ah, irmãos meus! O que desejo, vós não o faríeis!

— Por quê? Que desejas que façamos?

— O que desejo, repito, vós não o faríeis. Sabeis o que é? Gostaria, e isto seria para mim uma grande, imensa consolação, que, morto, me atásseis uma corda ao pescoço, me arrastásseis pelas ruas e me atirásseis num monturo.

— Oh, irmão, por Deus!

— Seria doce, doce, irmãos! É o que mereço!

São Gerwin faleceu estendido sôbre cinzas. Era em 1075; a lepra, inteiramente, desaparecera, e um suave perfume se exalava do corpo do santo abade.

* * *

No mesmo dia, no Egito, Santa Piamuna, virgem, nascida em Alexandria. Favorecida por Deus

http://www.obrascatolicas.com

com o dom da profecia, salvou a cidade, em que nasceu, da destruição. Faleceu em 377.

Na Bretanha, São Guenoleu, abade e confessor, filho de Fracan e de Alba. Sob a direção habilíssima de Budoc, que fundara um mosteiro perto

O bem-aventurado Heldrado expulsa as serpentes.

de Brehat, o Santo fêz rápidos progressos no caminho da perfeição. Era todo dado aos pobres; favorecido com o dom dos milagres, restituiu a vista a um cego. Atraído pela fama de São Patrício, o grande

http://www.obrascatolicas.com

apóstolo da Irlanda, ardeu Guenoleu no desejo de ir visitar-lhe a tumba. São Patrício, aparecendo-lhe, dissuadiu-o daquela ida, dando-lhe a saber que devia ficar e fundar uma nova colônia monástica. Abade, faleceu o santo homem em 529.

Em Auvergne, São Calupan, recluso e confessor, de grande santidade, que recebia as visitas de Santo Avito, bispo de Clermont, e de Gregório de Tours, os quais o achavam muitíssimo instruído. Bastante idoso, faleceu em 576.

Na Itália, Santo Anselmo de Nonantola, abade e confessor. Duque do Friul e parente de Astolfo, rei dos lombardos, desgostoso das coisas do século, deixou o mundo para se consagrar inteiramente ao serviço do Senhor. Fundador da abadia de Nonantola, cuja igreja foi dedicada a Nossa Senhora e a São Bento, Santo Anselmo faleceu, depois de uma vida tôda dedicada a Deus, em 803.

Na Frísia, o bem-aventurado Frederico, abade e confessor, natural de Hallum. Órfão muito criança, foi educado pela mãe. Estudado em Munster, premonstratense, operou milagres, falecendo em 1175.

Em Vercelli, o bem-aventurado Jacobino de Canepacci, confessor.

Na diocese de Sens, Santa Camila, virgem. Originária de Civita-Vecchia, na Itália, operou milagres. Morta em 437, teve o corpo queimado pelos calvinistas, anos mais tarde.

Na Escócia, São Lamalisso, confessor. Retirado na ilha de Arran, nas costas ocidentais da Escócia, ali se aperfeiçoou na santidade (século VII).

http://www.obrascatolicas.com

Na Irlanda, São Sacero ou Mosacero, abade. De muito nobre origem, foi o fundador do mosteiro denominado *Casa de Sacero,* onde foi abade.

No mesmo dia, em Cesaréia, na Palestina, São Marino e Santo Astério, senador, martirizados durante a perseguição de Valeriano: o primeiro, acusado por seus camaradas de fazer profissão do cristianismo e interrogado pelo juiz, confessou altivamente que era cristão e foi, no mesmo instante, decapitado. Astério, que estendeu o hábito e curvou os ombros para receber o corpo do mártir, separado da cabeça, logo obteve honra semelhante à que prestou ao mártir, tornando-se mártir êle próprio. — Na Espanha, os Santos Hemitério e Celidônio, soldados do exército acampado em Leão, cidade da Galícia, os quais, tendo partido para Calahorra, durante uma perseguição que se acendeu contra os cristãos, sofreram diversas torturas pela confissão do nome de Jesus Cristo e receberam a coroa do martírio. — No mesmo dia, celebra-se o martírio dos santos Félix, Lucíolo, Fortunato e Márcio, e de seus companheiros, assim como dos Santos Cleonico, Eutrópio e Basilisco, soldados, que durante a perseguição de Maximiano, sob o presidente Asclepíades, triunfaram felizmente pelo suplício da cruz. — Em Bréscia, Ticiano, bispo e confessor.

http://www.obrascatolicas.com

4.º DIA DE MARÇO

SÃO CASEMIRO

Rei da Polônia

São Casemiro, príncipe da Polônia, foi o terceiro dos treze filhos que Casemiro III, rei da Polônia, teve de Isabel da Áustria, filha do imperador Alberto II. Veio ao mundo em 5 de outubro de 1458 e demonstrou, desde a infância, muita inclinação para a virtude. Teve por preceptor João Dlugosz, denominado Longino, cônego de Cracóvia e historiador da Polônia, homem que juntava rara piedade a grande extensão de conhecimentos e que recusou, por humildade, vários bispados que seu mérito extraordinário fizera lhe fôssem oferecidos. Casemiro e os outros príncipes, seus irmãos, lhe eram tão ternamente afeiçoados que não podiam tolerar que os separassem dêle um momento; mas nosso santo foi aquêle que mais aproveitou as lições de tão hábil mestre.

Viram-no, na flor da idade, entregar-se com ardor aos exercícios da piedade e às práticas da mortificação. Tinha profundo horror pelo luxo e pela ociosidade reinantes na côrte dos reis; trazia um cilício debaixo das vestes, que eram sempre muito simples; muitas vêzes, deitava-se no chão nu e pas-

http://www.obrascatolicas.com

sava grande parte da noite a orar e meditar. A paixão de Jesus Cristo era o assunto mais costumeiro de suas meditações. Saía freqüentemente à noite para ir rezar à porta das igrejas, onde esperava se abrissem para assistir às matinas. Espírito e coração continuamente unidos a Deus, a paz interior de sua alma se manifestava a tôda a gente pela serenidade do rosto. Cheio de respeito por tudo o que concernia ao culto divino, as mais pequenas cerimônias da Igreja lhe interessavam a piedade. Uma coisa se lhe tornava cara a partir do momento em que a glória de Deus fôsse dela objeto. Tinha particular devoção a Jesus que sofreu e jamais pensava no mistério de nossa redenção sem desfazer-se em lágrimas e sentir-se abrasado de amor. Quanto ao santo sacrifício da missa, a êle assistia com tanto fervor e recolhimento que parecia maravilhado em êxtase. Para marcar a confiança que possuía na proteção da Santa Virgem, compôs, ou ao menos recitava freqüentemente, em sua honra, o hino que traz seu nome e, ao morrer, quis que uma cópia lhe fôsse posta no túmulo. Amava tão ternamente os pobres que lhes sentia de certo modo as misérias. Não contente de lhes distribuir os bens, empregava ainda, para aliviá-los, tudo o que possuía de crédito junto a seu pai e a seu irmão Uladislau, rei da Boêmia.

Os húngaros, descontentes com Matias, seu rei, quiseram elevar nosso santo ao trono, em 1471; enviaram para êsse fim uma deputação ao rei da Polônia, seu pai. O jovem Casemiro, que não tinha ainda treze anos completos, desejaria bem recusar a coroa que lhe ofereceram; mas, para agradar ao pai, partiu à testa de um exército, a fim de sustentar o direito de sua eleição. Tendo chegado às fronteiras da

http://www.obrascatolicas.com

Hungria, soube que Matias acabava de reunir dezesseis mil homens para ir à frente dos poloneses e que tornara a conquistar o coração dos súditos. Soube também que o papa Sisto IV se declarara pelo rei destronado e enviara uma embaixada a seu pai, para fazê-lo abandonar a emprêsa. Tôdas essas circunstâncias reunidas deram secreta alegria ao jovem príncipe. Pediu ao pai que voltasse sôbre os próprios passos, o que só com muita dificuldade lhe foi concedido; mas, para não aumentar o desgôsto que o pai sentia por ter visto malograr seus desígnios, evitou a princípio aparecer em sua presença; em lugar de ir direito a Cracóvia, retirou-se ao castelo de Dobzski, que fica a uma légua, e lá passou três meses na prática de austera penitência. Tendo reconhecido, em seguida, a injustiça da expedição que o tinham forçado a empreender contra o rei da Hungria, recusou constantemente render-se a segundo convite que lhe fizeram os húngaros, e isso malgrado as solicitações e ordens reiteradas do pai.

Casemiro empregou os doze últimos anos de vida em consumar a obra de sua santificação. Viveu na maior continência, malgrado as razões prementes que se alegavam para levá-lo ao casamento. Morreu de tísica em Vilna, capital da Lituânia, a 4 de março de 1483, com a idade de vinte e quatro anos e cinco meses. Predissera a morte antes que ela chegasse e para isso estava preparado por um redobramento de fervor e pela recepção dos sacramentos da Igreja. Foi enterrado na igreja de Santo Estanislau. Operou-se grande número de milagres por sua intercessão. O papa Leão X canonizou-o no ano 1522. Cento e vinte anos após sua morte, encontraram-lhe o corpo

http://www.obrascatolicas.com

sem corrupção. Os ricos tecidos com os quais o tinham envolvido foram também achados inteiros, malgrado a excessiva umidade do jazigo onde fôra enterrado. Mandaram construir uma capela magnífica de mármore para nela serem depositadas suas relíquias. São Casemiro é patrono da Polônia, e o propõem comumente aos jovens como perfeito modêlo de pureza. (1)

* * *

(1) **Acta SS.**, e Godescard, 4 de março.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO LEONARDO (*)

Bispo e Confessor

Leonardo, também conhecido como Leodovaldo, era natural de Vains, cantão de Avranches, onde nasceu em 540. Filho de rica e piedosíssima família, era bondoso e caritativo.

Turbulento na mocidade, converteu-se, graças às orações da mãe. Em 578, quando o bispo Severo deixou as funções, o povo e o clero escolheram-no para lhe suceder.

Leonardo era grande devoto de São Martinho, e desejava ardentemente conseguir alguma relíquia daquele Santo para a Igreja que vinha governando. Assim, enviou um dos seus sacerdotes a Tours, para que ali obtivesse o que tanto desejava.

O enviado foi visitar o túmulo de São Martinho, ali rezou com fervor, e obteve as relíquias que viera buscar. De volta para Avranches, viu que o povo, em massa, o esperava. E um pobre paralítico, levado a braços por dois piedosos amigos, recomendando-se a São Martinho, beijando-lhe as relíquias, curou-se na mesma hora.

http://www.obrascatolicas.com

Naquele lugar em que se deu o milagre, São Leonardo, gostosamente, fêz com que se levantasse uma igreja, em honra do milagroso Santo.

Quando o bom bispo faleceu, em 614, o povo passou a venerá-lo como santo, e, em sua honra, erigiram-lhe os diocesanos uma igreja na cidade em que nasceu.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTO APIANO (*)

Confessor

Originário da Ligúria, Apiano, também chamado Apuano, era monge de São Pedro do Céu de Ouro. Quieto, doce, de muito bom gênio, era homem dado a grandes mortificações, mortificações que praticava escondido dos irmãos, para que o não tomasse a vaidade.

Morto em 800, foi sepultado perto da igreja de São Gervásio, lugar freqüentemente procurado pelas crianças para seus brinquedos.

Um dia, um grande bando ruidoso azucrinava nas imediações. A criançada, correndo e gritando, fazia uma algazarra fora do comum. Eis senão quando, uma menina, caindo, procurou levantar-se e não pôde. Gritava, a chorar, assustadíssima:

— Minhas pernas! Não posso movê-las! Ai, que não posso mais andar! Quero meu pai, quero minha mãe!

Foi um corre-corre. A menina, levada para casa, estava paralítica: não podia sequer mexer as pernas.

Ora, as murmurações que se ergueram acabaram chegando aos ouvidos do bispo, que, ciente pelos

http://www.obrascatolicas.com

fiéis da balbúrdia que ia pelas cercanias do túmulo do santo confessor, resolveu, em reparação, ali levar a efeito uma cerimônia em sua honra. Assim fêz. Finda aquela reparação, a menina paralítica, no mesmo instante, curou-se milagrosamente.

Anos depois, transferido para a igreja de São Mauro, Santo Apiano operou inúmeros milagres.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO PEDRO PAPPACARBONO (*)

Bispo e Confessor

Filho de uma ilustre família, os Pappacarbono de Salerno, Pedro era sobrinho de Santo Alfiero, que foi o fundador do mosteiro chamado de La Cava. Nascido no ano de 1038, viveu sob a conduta do tio desde a primeira juventude.

Morto Santo Alfiero, São Pedro professou debaixo das ordens do abade que lhe sucedeu, Leão, dando-se todo inteiro, e com grande ardor, a todos os exercícios e a tôdas as práticas de penitência.

Certa vez, na quaresma, quis viver mais isoladamente e, pois, deixou a comunidade, retirando-se a uma montanha vizinha.

Tão duros eram os jejuns que fazia, que, por tôda aquela quaresma, passou com cinco pães, a única coisa que, ao deixar os irmãos, levara consigo para o êrmo.

São Pedro estêve uns tempos em Cluny, mas em 1073 deixou aquêle grande centro religioso, tornando a La Cava. Foi, então, pelo clero e pelo povo de Policastro, feito bispo, dignidade que, pouco depois, deixava, uma vez que, parecia-lhe, Deus o queria tão-sòmente como monge. Em breve nasceria em La Cava a famosa congregação beneditina, que

http://www.obrascatolicas.com

levaria São Pedro Pappacarbono a dar o hábito a mais de três mil religiosos.

Plàcidamente, rodeado dos irmãos que edificou sempre e sempre, São Pedro Pappacarbono faleceu em 1123. Confirmou-lhe o culto o papa Leão XIII a 21 de dezembro de 1893.

* * *

No mesmo dia, na Sabóia, o bem-aventurado Humberto, o Terceiro, confessor, filho de Amadeu, também o Terceiro, conde da Sabóia, e de Matilde de Viena. Nascido em 1136, com treze anos estava à frente do condado: morrera-lhe o pai quando retornava da Terra Santa. Amadeu, bispo de Lausanne foi seu guia. Sob tão sábio homem, governou a côrte e se santificou. A fama de sua sabedoria e prudência, da probidade e outras virtudes levaram-no a receber inúmeros testemunhos de estima e de confiança de muitos dos seus contemporâneos. Viúvo, tomou o hábito na abadia de Haute-Combe. Bondoso, ornado de raras virtudes, corajoso e santo, faleceu em 1189, tendo sido o culto que se lhe rendeu aprovado, em 1836, por Gregório XVI.

Em Roma, São Lúcio I, papa e mártir, que, durante a perseguição movimentada por Valeriano, foi enviado ao exílio pela fé. Decapitado, recebeu a coroa do martírio em 254. São Cipriano elogiou-o muitíssimo. Teve curto pontificado: de 25 de junho de 253 a 4 de março de 254. Seu corpo foi deposto na cripta papal do cemitério de Calixto. Ao santo papa atribuiu-se um decreto que estabeleceu clérigos para a casa do papa. São Lúcio foi venerado na Dinamarca, onde um grande número de igrejas ja-

http://www.obrascatolicas.com

zem sob sua invocação: é que os apóstolos daquele país para ali levaram relíquias do santo papa mártir.

Na diocese de Trèves, São Basin, bispo e confessor, nascido na Lorena, de família assaz ilustre, do reino da Austrásia. Cuidadosamente educado, renunciou ao mundo com todos os seus efêmeros prazeres, e se consagrou a Deus na abadia de São Maximino de Trèves. Modêlo da comunidade, sucedeu ao abade Hervin. Bispo, depois de Numeriano, faleceu muito santamente em 672, em São Maximino, para onde, livre do episcopado, tornara a voltar com imensa satisfação, tanto apreciava a tranqüilidade do claustro.

Na Inglaterra, Santo Owin, confessor, que, diz o venerável Beda, acompanhou a rainha Eteldreda quando, tendo desposado o rei Egfrido, passou a Northumberland. Santo Owin era-lhe o intendente e o primeiro oficial da côrte. Deixando o mundo, desgostoso de suas galas, vestido muito pobremente, procurou o mosteiro de Lestingay. Amicíssimo de São Ceado, que vimos no dia 2 dêste, deixou o mundo, que o desgostara, no ano de 680.

Na Escócia, Santo Adriano, bispo e mártir, nascido na Hungria, de estirpe real. Pregou o Evangelho na Escócia e fundou um mosteiro na ilha de May. Morto pelos dinamarqueses (875) com inúmeros companheiros, querem alguns autores que Santo Adriano tenha sido bispo de Santo André da Escócia.

Em São Gall, São Burchard, o Segundo, abade e confessor, morto na Itália em 1022, quando ali acompanhava o imperador Henrique. Operou inúmeros milagres.

http://www.obrascatolicas.com

Em Roma ainda, na via Ápia, festa de novecentos mártires, que foram sepultados perto de Santa Cecília, no cemitério onde estava o corpo dessa santa. — No mesmo dia, São Caio, oficial do palácio, que foi precipitado no mar com vinte e sete outros. — Além dêsses, os Santos Arquelau, Cirilo e Fócio, mártires. — No Quersoneso, o martírio dos santos bispos Basílio, Eugênio, Agatodoro, Elpídio, Etério, Capitônio, Efrém, Nestor e Arcádio.

http://www.obrascatolicas.com

5.º DIA DE MARÇO

SÃO JOÃO JOSÉ DA CRUZ

Franciscano

São João José da Cruz veio ao mundo em 15 de agôsto de 1652, na cidade de Ísquia, situada numa ilha do mesmo nome, mais ou menos em frente da cidade de Nápoles. No mesmo dia, festa da Assunção da Virgem, recebeu o batismo e o nome de Caitano. Seus pais pertenciam a uma família nobre, mas se distinguiam muito mais ainda por elevada piedade. Tinham muitos filhos; cinco dos filhos deixaram o mundo para retirar-se nos claustros e só viver para Deus. Um dêles, sobretudo, Carlos Caitano, deu, desde os primeiros anos, as mais belas esperanças. Não se notava nêle nada de pueril; sempre amigável para com tôda a gente, jamais mostrou mau-humor para com quem quer que fôsse. Tinha particular devoção pela bem-aventurada mãe de Deus, em honra da qual erigira pequeno altar num lugar retirado da casa paterna, aonde ia constantemente dirigir-lhe preces com filialíssima confiança. Desde que ficou em idade de compreender a importância e a grandeza dos sacramentos, os pais o fizeram aproximar-se dos da penitência e da santa comunhão. Cada semana, preparava-se para recebê-

http://www.obrascatolicas.com

los pelo silêncio, jejum e práticas de penitência; pois desde então tinha o cuidado de se deitar em leito duríssimo. Não mais se apartou dêsse gênero de vida, quando em idade mais avançada se votou ao estudo das ciências. Tôda ofensa a Deus o afligia profundamente, e todos os seus esforços, palavras e exortações tendiam a afastar do pecado os companheiros de estudo, que o consideravam modêlo de pureza e de tôdas as virtudes.

Quis Deus ter essa bela alma inteiramente para si na flor da juventude. Assim Caitano, com a idade de dezessete anos apenas, redobrava esforços para levar vida mais austera e merecer, por fervorosas preces, as luzes do Espírito Santo. Precisamente nessa época, chegou da Espanha à Itália o servidor de Deus, João de São Bernardo, franciscano descalço, da reforma de São Pedro de Alcântara, para propagar, naquele país essa ordem severa. Quando chegou à pátria de nosso santo, de tal maneira o transportou com seus discursos e virtudes que êste logo tomou a resolução de se ligar a êle e não mais conservou nenhuma dúvida sôbre a vontade de Deus a êsse respeito. Logo partiu, pois, para Nápoles, onde solicitou com ardor sua admissão na ordem e, depois de receber o hábito, mudou de nome para João Jose da Cruz.

Os superiores decidiram que faria o noviciado em Nápoles e aí pronunciaria os solenes votos. Suas práticas de devoção, nessa época, apresentavam caráter de extraordinária austeridade; jejuava todos os dias, só dormia poucas horas e por tôda parte levava consigo, segundo as palavras de São Paulo, a mortificação de Jesus Cristo no espírito e no coração. Esforçou-se particularmente por imitar o fun-

http://www.obrascatolicas.com

dador da ordem, São Francisco, assim como a São Pedro de Alcântara. Se observava com fidelidade os mandamentos de Deus e da Igreja, não era menos exato no cumprimento das menores regras da ordem. Um de seus irmãos que se distinguisse pela mais elevada prática de alguma bela virtude, êle se esforçava logo por igualá-lo, não por sentimento de ciúme, mas para aproveitar a graça que Deus lhe concedia ao pôr-lhe tão belos exemplos sob os olhos.

Quando fêz seus votos, em 25 de junho de 1671, os superiores lhe deram a missão especial de ir fundar novo convento no Piemonte, em Áfila. O santo não recuou diante de nenhuma fadiga para levar a têrmo feliz a grande emprêsa; consagrou-lhe tôdas as fôrças e todos os cuidados. Foi mesmo tão longe que desejou que essa casa, a primeira da ordem fundada na Itália, não sòmente rivalizasse com a de Pedroso, estabelecida na província de Extremadura, na Espanha, por São Pedro de Alcântara, mas ainda que a superasse pela severidade da regra. Não contente de ver ali a santa virtude de pobreza observada com todo o rigor, quis que, segundo o espírito dos primeiros conventos, reinasse o mais absoluto silêncio, que as regras da ordem fôssem observadas com a maior pontualidade e que, no canto das horas, realizado com longas pausas, se introduzissem outras preces.

A obediência lhe deu o dever de receber o sacerdócio e, em seguida, de se entregar ao exercício do santo ministério no tribunal da penitência. Deus lhe concedeu, sobretudo, o dom de distinguir os espíritos, e logo só se falou de sua instrução e profunda sagacidade. A penetração extraordinária que êle mostrava em todos os julgamentos vinha menos

http://www.obrascatolicas.com

dos estudos que fizera do que de suas conversações com Deus, que lhe dera particular talento para fazer os pecadores entrar de novo no caminho da salvação.

Aspirava à completa solidão; mas foi nomeado quatro vêzes mestre dos noviços, depois provincial e, enfim, geral da ordem. Amava a pobreza evangélica a tal ponto que não só jamais quis possuir nada de próprio, mas desejaria mesmo dispensar coisas as mais necessárias, das quais entretanto a regra permite o uso. Todo o mobiliário do quarto consistia em uma imagem de Jesus Cristo e da Santa Virgem, um breviário e um leito duríssimo, composto de duas peles e uma coberta de lã. Tinha apenas um só hábito da ordem, do pano mais grosseiro; e aquêle com que estava, ao morrer, fazia sessenta e cinco anos que o usava. A vista de um pobre o fazia experimentar tão viva emoção que jamais despediu um só sem lhe dar esmola. Punha de lado, para êles, a maior parte do alimento que lhe serviam, só guardando para si a menor e pior. Malgrado vida tão austera e penitente, viveu além de oitenta e quatro anos e só morreu em 1737, honrado por milagres antes e depois da morte. Foi beatificado em 20 de janeiro de 1789, por seu contemporâneo Pio VI, e canonizado em 26 de maio de 1839, por Gregório XVI. (1)

* * *

---

(1) Vidas dos Santos Canonizados em 26 de maio de 1839. Paris, 1840. — Godescard, 5, de março.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO GERASMO (*)

Abade e Confessor

Gerasmo, filho de pais cristãos nasceu, na Lícia, e, por êles, desde o berço, foi consagrado a Deus.

Muito jovem, menino ainda, diz-se, abraçou a vida religiosa. Doce, humilde, deveras sossegado, apreciando a solidão, porque assim mais próximo do Senhor se achava, Gerasmo levou, então, vida de anacoreta.

Em 451, passou a Jerusalém, fixando-se, depois de ter visitado e venerado os santuários da Cidade Santa e da Palestina, num deserto que se estendia, perdido e desolado, até as proximidades do Mar Morto.

Cinco anos mais tarde, perto do rio Jordão, viu-se rodeado de discípulos. Vivendo em desengonçadas cabanas muito rústicas ou em grutas que a mão de Deus abrira na rocha viva das montanhas, eram êles mais ou menos em número de setenta. Jejuavam, recitavam salmos, oravam, e só aos domingos se reuniam. Deixavam as choças, deixavam as grutas e iam assistir, silenciosos, à santa missa.

Neste dia estavam juntos. Juntos, num amplo refeitório, almoçavam e jantavam, e, à noite, num vasto dormitório, juntos, repousavam.

http://www.obrascatolicas.com

À tardinha, a São Gerasmo, sòzinho, apet
dar um passeio e, aqui, descrever-se-á uma delici
história em que se ressalta a ternura do bruto i
cional.

Numa tarde de domingo, São Gerasmo, seg
do tranqüilamente a margem do Jordão, viu-se,
inopino, frente a frente com um grande leão
surgia detrás de altos caniços. Mancava, a fera,
alevantada, trazia uma das patas dianteiras.

O santo homem estacou. Longe, porém, de
amedrontar, observou o animal atentamente, sem
cuar um passo. O leão, nêle fixando os olh
caminhando a curtos pulos, sempre de pata erguid
dirigiu-se para o doce anacoreta.

São Gerasmo, por sua vez, foi-lhe ao encontr
Vendo que a fera apresentava um grande estre
enterrado na patorra erguida, abaixou-se e toma
do-a, pôs-se a examiná-la com infinito cuidado.

— Como foi isso, irmão? perguntou, afinal,
santo ao vasto felino.

O leão, como resposta, deixou escapar do fund
do peito um curto rugido baixo e cavernoso, onde
nota de satisfação era patente. E fazendo press
com a pata nas mãos de Gerasmo, parecia dizer:

— Livra-me disto, que me magoa.

Extraído o estrepe, um longo espinho pontia-
gudo, pensada a ferida, a fera, agradecida, pôs-se a
rodar mansamente em tôrno do Santo, esfregando-s
nêle com brandura.

http://www.obrascatolicas.com

Quando Gerasmo, dando o passeio por termi-
lo, voltou os passos para a comunidade, o rei das
vas, como um cãozinho solícito, o seguiu.

Os anacoretas todos, espantados com aquela
rível aparição, largaram a correr, em busca de
uros refúgios, mas ao ouvir o superior a concla-
-los, a dizer que a fera se fizera amiga, a princípio
sabiados, depois mais confiantes, foram se apro-
nando e rodeando o grande animal, que os olhava
piscar, sem qualquer traço de selvageria.

O leão passou, então, a viver entre os servidores
Deus. E fêz-se amigo do jumento dos religiosos.
ntos, saíam, o jumento para pastar, o leão para
çar. Juntos, como dois velhos amigos, retornavam
ra os irmãos.

Ora, um dia, como soía acontecer, pastava o
mento num prado, e o leão, embrenhado na mataria,
içava.

Passou, então, pelo prado, um cameleiro que
emandava Jerusalém. E vendo, sòzinho, sem pastor
em cão, um belo jumento tranqüilamente a tosar a
elva, aproximou-se dêle, laçou-o, apoderou-se do
esprotegido e lá se foi muito satisfeito com tão
alioso achado.

Naquele dia, o leão voltou sòzinho. De cabeça
aixa e cauda varrendo o chão, recebia, triste, os
lhares dos irmãos, reprovadores.

São Gerasmo aproximou-se da fera:

— Que fizeste? perguntou-lhe em tom severo.
'iveste, então, coragem de devorar nosso irmão e
u amigo, tão inofensivo?

http://www.obrascatolicas.com

Arrependido, porém, de ter recriminado o felino, São Gerasmo deixou-o, pensando na lei natural que regia as grandes feras carnívoras.

O leão, sempre tristonho, ficou vários dias sem arredar pé do lugar em que, costumeiramente, êle e o jumento passavam a noite. A fome, contudo, um dia, obrigou-o a se dirigir à selva, para caçar. Era, justamente, o dia em que o cameleiro, tratados os negócios em Jerusalém, retornava. À tardinha, deu com a fera, que, regressando das brenhas, sentira, pelo faro, a aproximação do amigo perdido, e aparecia, enorme, diante do cameleiro apavorado.

O jumento, soltando-se da corda que o prendia, reuniu-se, aos saltos e a escoicear de contentamento, ao amigo do qual fôra separado. E juntos, muito alegres, trotaram para a comunidade, enquanto o cameleiro, pregado no chão, só fazia tremer.

Foi uma tarde de júbilo, aquela. São Gerasmo, de olhos marejados d'água, ajoelhado ao pé do grande felino, penitenciou-se do mau julgamento que fizera. E acariciou o bom amigo fiel, sem fim, com muita ternura, a chorar com os anacoretas que acorreram e também choravam.

O tempo passou. Era em 475, e o Santo, depois de longa doença, falecia. O grande leão, entristecido, enterrado o amigo e benfeitor, deitou-se-lhe sôbre a tumba e ali se deixou ficar indiferente a tudo e a todos. Nem tempestades que rugiam, nem sol de escaldar, ou frias madrugadas de ininterrupta garoa o tiravam de perto do santo homem que se fôra para sempre. Sem se alimentar, foi emagrecendo, foi definhando — tornou-se, em breve, uma sombra. Esquálido, todo ossos, morreu sôbre a

http://www.obrascatolicas.com

campa do meigo e grande benfeitor — de tristeza, de funda saudade, grande espinho que se lhe fincara, dolorosíssimo, no coração e não tinha mais quem dali, carinhosamente, o tirasse.

* * *

Neste mesmo dia, em Cesaréia, Palestina, São Teófilo, bispo e confessor, que, sob o imperador Severo, tornou-se notável pelo saber, prudência e integridade de vida. Um dos mais ilustres bispos do Oriente, governou a Igreja de Cesaréia com mão firme e coração leve. Autor de uma carta sinodal que combatia aquêles que celebravam a Páscoa no mesmo dia em que os judeus o faziam, faleceu, depois de profícuo episcopado, em 195.

Ainda em Cesaréia da Palestina, Santo Adriano, mártir, quando da perseguição do imperador Diocleciano, sob o prefeito Firmiliano. Despedaçado por um leão, recebeu a coroa do martírio no ano de 308.

Em Antioquia, São Focas, mártir. Depois de inúmeros sofrimentos que suportou pelo nome do Redentor, recebeu o prêmio dos prazeres eternos. Atormentado, triunfou gloriosamente da antiga serpente, o que é confirmado por um perene milagre. Se alguém, mordido por uma serpente, chegar à porta da igreja dêste santo mártir, e, com fé viva e inabalável, invocá-lo, ver-se-á, incontinenti, curado.

Em Cremona, Santo Eusébio, discípulo de São Jerônimo, confessor, filho de honesta família muito distinguida. Depois de passar a adolescência na cidade em que nasceu, foi a Roma visitar o túmulo dos santos apóstolos, onde encontrou São Jerônimo e com êle estêve algum tempo a estudar as santas

http://www.obrascatolicas.com

Escrituras. Quando o grande doutor demandou Oriente, Eusébio acompanhou-o. Diz-se que o Sa assistiu ao amigo na hora da morte. Dirigiu o m teiro de Belém, falecendo em 423.

Em Arles, São Virgílio, arcebispo e confess originário de uma das províncias da Aqüitânia. Ed cado cristãmente, logo procurou fugir do mund buscando o mosteiro de Lerins. Chamado para g vernar a abadia de São Sinfroniano de Autun, e 588, pelas mãos de Siágrio, bispo de Autun, f alçado à dignidade de arcebispo de Arles. Elogiad por Gregório, o Grande, depois de uma vida tôd votada para as coisas de Deus, faleceu em 61 sendo enterrado na basílica do Salvador. Inúmero milagres lhe ilustraram o túmulo.

Em Soissons, São Drausino, bispo e confessor também chamado Drauscio. Viveu quando de Clo tário II. Franzino, era, no entanto, infatigável no exercício da função pastoral: pregava, visitava os doentes, os prisioneiros, cuidava sem cessar da po- breza, da recepção de estrangeiros e peregrinos, aos quais, humildemente, lavava os pés e servia à mesa. Morto em 674, muitos milagres operou o Senhor para atestar a alta santidade daquele servo que sem- pre lhe fôra de uma fidelidade a tôda prova.

Na Irlanda, São Kieran e São Carthag. Kieran, também chamado Ciaran, pertenceu a uma nobre família de Ossory. Bispo, consagrado por São Pa- trício, faleceu em 530. Carthag, confessor, viveu sob a orientação de São Kieran, governou o mosteiro de Saighir, e faleceu em 540.

Em Isáuria, Bida, São Conon e a espôsa, Maria (época incerta).

http://www.obrascatolicas.com

Em Bréscia, Santa Olívia, virgem e mártir no
ulo II, quando do imperador Adriano.

Na Palestina, Santo Eulógio, mártir. Origi-
io da Palestina, filho de pais idólatras, converteu-
e foi batizado. Mortos os pais, aos pobres dis-
buiu todos os bens herdados. Passou, então, a
er de esmolas. Converteu ao cristianismo inúmeros
racenos. Morreu decapitado.

Na diocese de Auch, São Lupérculo, martiri-
do sob o imperador Décio (século III).

Em Chipre, São Gregório, bispo.

Na Sicília, São Clemente, abade e confessor,
ue professou na abadia de Santa Lúcia de Siracusa.
corpo, que era venerado nesta abadia, foi transfe-
do para Constantinopla, juntamente com as relí-
uias da virgem mártir Lúcia (800).

Em Luca, o bem-aventurado Romeu, carmelo,
onfessor, íntimo de Santo Avertan. Faleceu em
380, oito dias depois do grande amigo. O culto
o bem-aventurado Romeu foi aprovado em 1842
or Gregório XVI.

No mesmo dia, Santo Eusébio, oficial do palá-
io, e nove outros santos mártires.

———

http://www.obrascatolicas.com

6.º DIA DE MARÇO

SANTA COLETA

Na época em que Deus salvava a França por Joana d'Arc e santificava a Suíça pelo bem-aventurado Nicolau de Flue, restabelecia por Santa Coleta a austeridade primitiva num ramo da família de São Francisco. Nasceu a santa no ano 1380, em Córbia, na Picardia. O pai, carpinteiro de profissão, chamava-se Roberto Boillet, e a mãe Margarida. Recebeu no batismo o nome de Coleta, isto é, Nicolina, por causa da devoção que os pais tinham a São Nicolau. Foi educada no amor das humilhações e austeridades da penitência. O temor de ferir a virtude da pureza a fêz renunciar a tôdas as companhias, mesmo à das pessoas do próprio sexo; ou, se às vêzes via estas últimas, era só para lhes dar instruções salutares sôbre as vaidades do mundo. Seus discursos tinham então uma unção que, ajudada pela graça, tocava os corações mais insensíveis. A humildade era sua virtude favorita, e a alegria lhe aumentava na proporção do desprêzo que se fazia de sua pessoa. Vivamente penetrada do sentimento de sua baixeza e de suas misérias, não ousava aparecer aos olhos do mundo sem corar. A si mesma considerava como grandíssima pecadora e prevenia as menores recidivas de amor-próprio pela prática de tôda sorte de humilha-

http://www.obrascatolicas.com

ções. Os pobres e os doentes achavam nela uma benfeitora, ou antes, mãe: servia-se com afeição que por si só teria sido capaz de suavizar-lhes o rigor da sorte. Impusera a si mesma a solidão na casa paterna, vivendo retirada num pequeno quarto onde partilhava o tempo entre a prece e o trabalho manual. Alarmada com o perigo ao qual a beleza a expunha, pediu a Deus que lha tirasse e tornou-se tão magra e pálida que era apenas reconhecível. Cooperou na mudança, de seu lado, por meio de rudes macerações. Isso não impediu, contudo, que lhe restasse certo ar de majestade, doçura e modéstia, que edificava todos os que a viam. O pai e a mãe, que descobriam nela a orientação extraordinária do espírito de Deus, não a importunavam em seus exercícios e lhe deixavam a tal respeito inteira liberdade.

Depois da morte de seus virtuosos pais, Coleta distribuiu aos pobres os poucos bens que êles lhe deixaram e se retirou entre as beguinas estabelecidas em Flandres, na Picardia e na Lorena. Era uma sociedade de mulheres piedosas que subsistiam do trabalho de suas mãos e que, levando vida regularíssima sem fazer votos, mantinham uma espécie de meio entre as mulheres do século e as que se haviam consagrado a Deus na solitude do claustro. Não tendo encontrado bastante austeridade entre as companheiras, nossa bem-aventurada abandonou-as e tomou, a conselho de seu confessor, o hábito da ordem terceira de São Francisco, dita dos Penitentes. Três anos depois, foi ter entre as religiosas de Santa Clara, chamadas Urbanistas, do nome do papa Urbano IV, que lhes mitigara a regra. Seu desígnio era trabalhar na reforma da ordem e reconduzi-la à primitiva pureza institucional.

http://www.obrascatolicas.com

A fim de se preparar para essa grande obra, cuja idéia lhe fôra inspirada pelo espírito de Deus, encerrou-se, com permissão do abade de Córbia, num pequeno eremitério, onde passou três anos, tôda ocupada em práticas da mais rigorosa penitência e favorecida por várias revelações celestes. Foi ter em seguida entre as Clarissas de Amiens e de vários outros lugares; mas, persuadida de que em seu piedoso desígnio só conseguiria tanto quanto lhe fôsse autorizado, fêz a viagem de Nice à Provença, a fim de ali conferenciar com Pedro de Luna, que a França então reconhecia como papa sob o nome de Bento XIII. Êle recebeu-a com bondade, prometeu-lhe proteção e deu-lhe o título de superiora geral das Clarissas, com pleno poder de estabelecer nessa ordem todos os regulamentos que julgasse próprios para contribuir à glória de Deus e à salvação das almas.

Coleta, inflamada de novo zêlo, percorreu as dioceses de Paris, Beauvais, Noyon e Amiens, a fim de reconduzir às diferentes casas de sua ordem o verdadeiro espírito de São Francisco; mas experimentou grandes dificuldades da parte de todos aquêles que não sabiam discernir a obra de Deus; trataram-na mesmo de visionária e fanática. Sofreu com alegria as injúrias com que a cumulavam e pôs tôda a confiança em Deus, que cedo ou tarde faz triunfar as emprêsas das quais sua glória é o princípio. Retirou-se para a Sabóia, onde os espíritos estavam melhor dispostos; ali estabeleceu sua reforma, que logo depois foi adotada na Borgonha, em França, em Flandres e na Espanha. Além de várias antigas casas que a receberam, a bem-aventurada introduziu-a em dezessete novos conventos que fundou em vida, e tôdas essas religiosas foram em seguida distinguidas das

http://www.obrascatolicas.com

Urbanistas pelo nome de pobres Clarissas. Houve também várias comunidades de homens que se submeteram à reforma da bem-aventurada Coleta.

Hábito das beguinas. Segundo uma gravura da História da Origem das Beguinas Belgas.

A serva de Deus tinha extraordinário amor pela pobreza: queria que tudo respirasse essa virtude nas igrejas e casas de sua ordem. Não usava sandálias e andava sempre descalça. Seu hábito era não sòmente de tecido grosseiro, mas de diferentes retalhos reuni-

http://www.obrascatolicas.com

dos e costurados. Inculcava fortemente às irmãs a necessidade de mortificar a vontade. Não tendo Jesus Cristo jamais feito, dizia ela, senão a vontade de seu Pai desde o primeiro instante de sua vida até o último suspiro, como poderíamos nós fazer a nossa? Quem, acrescentava, está firmemente ligado a seus sentidos, anda no caminho do inferno. A paixão do Salvador era o assunto mais comum de suas meditações. Às sextas-feiras, aplicava-se a êste santo exercício desde seis horas da manhã até seis horas da tarde, sem tomar nenhum alimento. Durante todo êsse tempo, seu espírito e coração se ocupavam sòmente com os sofrimentos de Jesus Cristo e os olhos se transformavam em abundante fonte de lágrimas. O fervor por Jesus Cristo ainda redobrava na Semana Santa. Não podia moderar os transportes de amor durante o augusto sacrifício da missa e confessava-se freqüentemente antes de assistir a ela, a fim de o fazer com maior pureza de alma. Por uma conseqüência da grande caridade que tinha pelo próximo, solicitava continuamente, por meio de orações fervorosas, a conversão dos pecadores e a salvação das almas do purgatório.

Enfim, nossa santa adoeceu em Gand e aí morreu, munida dos sacramentos da Igreja, a 6 de março de 1447, aos sessenta anos de idade. Seu corpo foi exposto à veneração pública na Igreja do monastério de sua ordem, chamado Belém, depois transferida para Poligny no Franco-Condado, quando as pobres Clarissas de Gand aí se refugiaram para evitar as perseguições do imperador José II contra as casas religiosas. Santa Coleta foi canonizada a 24 de maio de 1807, festa da Santa Trindade. Desde muito tempo, os franciscanos e algumas cidades diziam em

http://www.obrascatolicas.com

sua honra um ofício especial, que foi aprovado pelos papas Clemente VIII, Paulo V, Gregório XV e Urbano VIII. Quando levaram seu corpo para Gand, no ano de 1747, operaram-se muitos milagres. O bispo do lugar reconheceu-lhe jurìdicamente a veracidade e redigiu a ata, que foi enviada para Roma (1).

O apóstolo São Jaime dizia aos cristãos de seu tempo: "Quem dentre vós é prudente e sábio, faça suas obras aparecerem pelo seguimento de uma boa vida, com uma sabedoria plena de mansuetude. Se tendes zêlo amargo e continência em vosso coração, não vos glorifiqueis e não mintais contra a verdade; porque não está aí a sabedoria que desce do alto, mas uma sabedoria terrestre, animal, diabólica. Com efeito, onde estão o ciúme e a continência, estão a perturbação e tôda espécie de mal. Mas a sabedoria que vem do alto é primeiramente casta, em seguida amiga da paz, moderada, dócil, dirigida a tudo o que é bom, plena de misericórdia e de frutos de boas obras; ela não julga, não é dissimulada (2).

Nestas palavras do apóstolo, vemos de um lado a sabedoria e a ciência dos santos; do outro, a sabedoria e a ciência dos heresiarcas: a primeira, semelhante a Deus de quem ela emana, é pura, doce, pacífica, modesta, dócil, dirigida para a misericórdia e para as boas obras, não julgando temeràriamente os outros, não usando dissimulação nem hipocrisia; vimo-la nos apóstolos, nos mártires, nos santos doutôres, nos patriarcas das ordens religiosas, nos homens apostólicos que despertaram a fé e a piedade ora nos povos ora nos conventos; dêstes últimos, São Vicente

(1) Acta SS., e Godescard, 6 de março.

(2) Jacob, III, 13-17.

http://www.obrascatolicas.com

Ferrer, São Bernardino de Siene, o bem-aventurado Nicolau de Flue, Santa Coleta de Córbia. A outra sabedoria, a outra ciência sai do inferno como fumaça pestilencial; é amarga, contida, indócil, terrestre, animal, diabólica, temerária, dissimulada, não mostrando do bem senão a aparência, a fim de arruinar sua essência e favorecer tôda espécie de males, impiedades, impurezas, desordens, crimes, perturbações. Nós a vimos no próprio Satã, dizendo a nossos pais: "Sereis sábios como deuses." Falsa e funesta ciência, cujo primeiro efeito foi o pecado e a morte, depois o fratricídio de Caim, depois os crimes que trouxeram o dilúvio. Nós a vimos naqueles falsos deuses aos quais Satã nos queria fazer semelhantes por sua falsa ciência e que se faziam adorar num Júpiter incestuoso, numa Vênus impudica, num Marte homicida e adúltero, num Mercúrio ladrão, enfim, em todos os crimes e de que se compunham os impuros mistérios da idolatria. Nós a vimos nos filósofos e imperadores pagãos que, por causa de seus ídolos vãos, caluniavam e massacravam os adoradores do Deus verdadeiro e de seu Cristo. Nós a vimos nos maniqueus hipócritas, que, sob aparência de piedade, blasfemavam contra Deus e seu Cristo e divinizavam em seu lugar todos os crimes. Nós a vimos na grande heresia de Ário, negando a divindade do Filho e do Espírito Santo e, todavia, adorando-os, restaurando assim a idolatria com tôdas as suas violências e velhacarias. Nós a vemos na heresia anticristã de Maomé, mentiroso e homicida desde o comêço, tudo como aquêle de quem êle é profeta.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

MARTÍRIO DE QUARENTA OFICIAIS NO ORIENTE

Tinham sido feitos prisioneiros de guerra, na tomada de Amório pelo califa Motacém, em 836. Quando o califa voltou a Bagdá, mandou-os pôr a ferros, com entraves nos pés, em uma prisão tão escura que não se via ali a menor luz em pleno meio-dia e onde mal se conheciam pela voz. Lá não tinham outra companhia senão os guardas, um pouco de pão e água por alimento, a terra por leito, e, por hábito, farrapos cheios de vermes. Se algumas vêzes permitiam-lhes sair para pedir esmola, cada um dêles era acompanhado por dez soldados, e, na volta, cortavam-lhes o pão e revistavam-lhes as tigelas, de mêdo que aí escondessem alguma carta.

Quando suas fôrças se viram consumidas e os corpos extenuados pela duração da prisão, começaram a pedir-lhes que mudassem de religião. O califa lhes enviou doutôres que passavam pelos mais hábeis entre os muçulmanos. Êstes fingiam vir por si mesmos, por compaixão; e, tendo obtido permissão dos que comandavam os guardas, traziam aos prisioneiros dinheiro e roupas, para os subornar; porque o califa dizia que não valia nada a conquista de uma cidade em comparação com a das almas.

http://www.obrascatolicas.com

Como os generais cristãos rejeitassem com horror as primeiras propostas para se perverterem, os muçulmanos lhes diziam: "Não vos convém ser tão orgulhosos; escutai-nos e, em seguida, desdenhai nossos conselhos, se não vos forem vantajosos. Não amais vossos pais, vossos filhos, vossas mulheres, a companhia de vossos amigos, os costumes de vosso país? Tendes sòmente um meio de recobrar todos êsses bens, que é dissimular um pouco, deixar-vos circuncidar e fazer a oração com o califa. Êle vos cumulará de bens e a guerra vos abrirá alguma ocasião de retornar às vossas casas e de retomar vossa religião". Os cristãos responderam: "Agiríeis assim, se estivésseis em nosso lugar?" — "Sim, disseram os muçulmanos, pois não há nada mais caro do que a liberdade; e o confirmaram em juramento." — "E nós, disseram os cristãos, não recebemos conselho sôbre a religião dos que não são firmes na sua." E mandaram-nos de volta confusos.

Alguns dias depois, vieram outros, sob o mesmo pretexto de lhes dar esmola, que começaram a lamentá-los até com lágrimas. "Que infelicidade, diziam, não crer no grande Macmé! Essas pessoas que vemos carregadas de ferros não são parentes do imperador, bravos guerreiros, cheios de espírito e de coragem? Não tinham grandes tropas? Quem tornou inúteis tôdas essas vantagens, se não o fato de não reconhecer o profeta, cujos servidores os venceram? Mas não é de admirar que não conheçam a verdade, sôbre a qual não foram instruídas; é preciso perdoar-lhes a ignorância." Depois, dirigindo a palavra aos prisioneiros, diziam-lhes: "Deixai essa via estreita, por onde o filho de Maria vos ordenou andar; entrai na via larga, por esta vida e pela outra, que o grande

http://www.obrascatolicas.com

profeta nos mostrou. Que ensina êle de incrível, quando diz que Deus pode dar aos que o servem tôda sorte de prazeres nesta vida e o paraíso na outra? Deixai vossa ignorância e não rejeiteis êstes benefícios; porque, como êle é bom, vendo que os homens eram fracos demais para cumprir a lei de Jesus, tão dura e difícil, enviou seu profeta Maomé para descarregá-los dêste pêso e salvá-los só pela fé." Os cristãos olharam-se uns aos outros sorrindo e disseram-lhes: "Podeis crer verdadeira e agradável a Deus uma doutrina que dá à carne tôda liberdade e submete a razão às paixões? Que diferença há entre os animais e os homens que vivem assim? Nada nos pode separar da caridade de Jesus Cristo."

Algum tempo depois, vieram outros do número de faquires e muçulmanos, que deram também esmola aos cativos, os beijaram todos, e, tendo-se sentado, disseram-lhes: "Vêde a quem Deus dá atualmente o poder: aos romanos ou aos muçulmanos? A quem dá êle as terras férteis e os exércitos vitoriosos? Não é a nós? No entanto, êle é justo; portanto, se nós não observássemos seus comandos, êle não nos daria tantos bens e não vos submeteria a nós, se não vos tivésseis recusado a crer em seu profeta." Os cristãos disseram: "Permiti que vos façamos uma pergunta. Quando dois homens disputam entre si a posse de uma herança, se um se contenta em gritar que ela é dêle, sem apresentar testemunhas, e outro, sem disputar, traz muitas testemunhas dignas de fé, a quem se deve adjudicar a herança?" — "A êste, disseram os muçulmanos, que dá boas testemunhas." — Os cristãos replicaram: "Jesus Cristo veio, nascido de uma virgem, como o dizeis vós mesmos, tendo por si todos os antigos profetas que lhe predisseram a

http://www.obrascatolicas.com

vinda. Dizeis que Maomé veio trazer uma terce lei. Não devia êle ter ao menos um ou dois profet como garantes de sua missão? Quanto à vantag que pretendeis tirar de vossas conquistas, não conh ceis as dos persas, que subjugaram quase tôda gente, e as dos gregos, que venceram os persas, as dos antigos romanos, cujo império era tão extens Seguiam êles a verdadeira religião? Não adorava muitas divindades, por uma idolatria insensata? Deu dá algumas vêzes a vitória àqueles que o servem algumas vêzes, permite que sejam vencidos quando ofendem, para os castigar pelas mãos dos maus."

Os quarenta generais cristãos, dos quais muito eram patrícios permaneceram sete anos inteiros nessa medonha prisão, rendendo graças a Deus por lhes dar êsse meio de expiar seus pecados passados e rezando pela conversão dos muçulmanos. Tendo morrido o califa Motacém em 842, teve por sucessor seu filho Vatek, que obteve enfim dos quarenta oficiais a coroa do martírio.

A 5 de março de 845, o traidor Badizés, que libertara a cidade de Amório e se tornara muçulmano, veio à tarde à porta da prisão, chamou Constantino, secretário do patrício Aécio e, falando-lhe por um buraco, lhe recomendou que ninguém os ouvisse, porque tinha um segrêdo a revelar-lhe. Então, disse: "Sempre amei o patrício, vosso mestre. Tendo, pois, sabido que certamente o califa resolvera mandar matá-lo amanhã, se não consentisse em fazer a oração com êle, corri a dar-vos conselho que pode salvar-vos a vida. Persuadi-o a obedecer e obedecei vós mesmo, conservando em vosso coração a fé dos cristãos, e Deus vo-lo perdoará, por causa da necessidade que vos impõe".

http://www.obrascatolicas.com

Constantino fêz o sinal da cruz contra a bôca
apóstata e disse: "Deus te fará perecer, tentador!
tira-te, operário de iniqüidade." Voltou para o fundo
prisão e o patrício lhe perguntou quem o tinha
amado e porque. Constantino o puxou à parte e
e disse que sua morte estava resolvida; sem lhe
lar do resto, com mêdo de o expor a alguma tenta-
io. O patrício rendeu graças a Deus e disse: "Seja
ita a vontade do Senhor." Depois, mandou Cons-
ntino escrever o testamento e convidou os outros
risioneiros a cantar tôda a noite os louvores a Deus,
que fizeram. No dia seguinte, veio um oficial
nviado pelo califa, com pessoas armadas e um apa-
elho terrível. Tendo feito abrir as portas da prisão,
rdenou aos mais considerados entre os prisioneiros
que saíssem. Êles saíram, em número de quarenta e
dois, e êle mandou fechar novamente a porta. Depois,
perguntou-lhes: "Durante quantos anos credes vós
estar fechados?" — "Vós bem o sabeis, disseram,
estamos no sétimo ano." — Êle replicou: "Esta
longa demora vos mostra a bondade do defunto califa
e a de seu sucessor."

Depois de outros discursos, em que os cristãos reprovaram os muçulmanos por não conhecerem o verdadeiro Deus, já que o faziam autor do mal como do bem, o oficial do califa lhes disse: "Não quereis, pois, fazer hoje a oração com o califa? É para isso que êle me enviou e sei que há alguns dentre vós que o desejam. Quando virem como serão honrados, aquêles que tiverem recusado deplorarão sua má sorte." Os cristãos responderam todos a uma só voz: "Pedimos ao único Deus verdadeiro que não sòmente o califa, mas vós e tôda a nação dos árabes, renuncieis ao êrro de Maomé e adoreis Jesus Cristo, anun-

http://www.obrascatolicas.com

ciado pelos profetas e pelos apóstolos, tão longe estamos de abandonar a luz pelas trevas." "Cuidado, disse o oficial, com o que dizeis, tende mêdo de arrepender-vos disso; vossa desobediência vos atrairá grandes tormentos." Responderam: "Recomendamos a Deus nossas almas e esperamos que, até o último suspiro, êle nos dê fôrça para não renunciar à sua fé." O oficial replicou: "Sereis reprovados, no dia do julgamento, por terdes deixado vossos filhos órfãos e vossas mulheres viúvas; porque o califa podia fazê-los vir aqui; e é ainda tempo, se quiserdes reconhecer o profeta Maomé. Os romanos obedecem a uma mulher que não poderá resistir às ordens de nosso mestre. Quanto aos bens, não vos preocupeis; um ano do tributo do Egito pode enriquecer vossos descendentes até à décima geração." Os cristãos responderam todos a uma voz: "Anátema a Maomé e a todos os que o reconhecem como profeta!"

Logo o oficial os mandou prender pelos soldados, que lhes ataram as mãos atrás das costas e os levaram às margens do rio, isto é, do Tigre, sôbre o qual estava Samarra, a residência do califa. Uma multidão infinita de muçulmanos e de cristãos acorreu ao espetáculo. Quando chegaram perto do rio, o oficial chamou um dos mártires, de nome Teodoro Cratera, e lhe disse: "Tu, que eras padre entre os cristãos, e pegaste em armas, e mataste homens, sem te importares com a tua profissão, por que agora queres parecer cristão? Não é melhor implorar o socorro do profeta Maomé, visto que já não tens esperança em Jesus Cristo, a quem renunciaste?" — "É isso mesmo, disse Teodoro, que me obriga a espalhar meu sangue por êle, a fim de que perdoe meus pecados. Se vosso escravo, depois de ter fugido, voltasse a combater por

http://www.obrascatolicas.com

vós até à morte, não lhe perdoaríeis?" — "Vais ser satisfeito, disse o oficial, eu o dizia para teu bem."

Como os carrascos preparassem já suas espadas e se pusessem em postura para executar os mártires, Teodoro, temendo que o patrício se enternecesse vendo correr o sangue de seus amigos, aproximou-se dêle e lhe disse: "Senhor, vós nos superastes sempre por vossa dignidade e por vossa virtude, deveis receber primeiro a coroa do martírio." O patrício não lhe quis tirar essa honra, mas lhe disse que avançasse com coragem, assegurando-lhe que o seguiria com todos os companheiros. Assim, Teodoro, tendo-se recomendado a Deus, aproximou-se do carrasco e recebeu a morte com firmeza de ânimo. Todos os outros foram executados em seguida, segundo a ordem das dignidades; e, longe de dar o menor sinal de fraqueza, impressionaram, por sua firmeza, o oficial que presidia à execução. A Igreja honra êsses quarenta e dois mártires, no dia de sua morte, 6 de março. O califa, maravilhado com sua fé heróica, disse, vendo o renegado Badizés: "Se êste tivesse sido um verdadeiro cristão, não se teria tornado apóstata." E, no mesmo instante, mandou cortar-lhe a cabeça.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO CÔNON, O JARDINEIRO (*)

Mártir

Cônon era natural da Galiléia, mas transferira-s para a Panfília, onde vivia do cultivo da terra. Cari nhosamente, nas horas vagas, dedicava todo o amo a um jardim que formara.

Quando da perseguição de Décio (251), o prefeito Públio ordenou que todos os moradores do lugar se congregassem em tôrno dêle, numa das praças da cidade, e um grupo de comandados saiu em busca daqueles que viviam mais retirados.

Os homens se acercaram de Cônon, então trabalhando no jardim, e lhe disseram:

— Anda daí, jardineiro. O prefeito quer que todos estejam com êle, já, na grande praça.

Cônon perguntou:

— Que deseja o prefeito dum pobre homem, qual sou eu, além disso, cristão?

— Justamente por isso — por sêres cristão. Anda daí.

Cônon, já velho, suportou heròicamente o suplício. Quando o entregaram a Públio, disseram-lhe:

— Senhor prefeito, vasculhamos tôda a cidade e só êste velho jardineiro se diz cristão.

http://www.obrascatolicas.com

Públio observou Cônon por um momento, depois guntou:

— Qual o teu país? Não és estrangeiro?

— Sou-o, respondeu Cônon. Sou de Nazaré, na liléia, e minha família é de Cristo, ao qual sirvo de a infância e reconheço como o Deus supremo.

— Ah, sim? fêz Públio. Se conheces Cristo, hás ıbém de conhecer nossos deuses, aos quais deves der homenagens.

— Ímpio! bradou Cônon em alta voz. Ímpio! nais me submeterei ao que é manifestamente contrio aos mandamentos de meu Deus!

Públio, então, tremendo de ódio, ordenou que e metessem pelas plantas dos pés adentro dois ossos cravos. E fazendo-o caminhar à frente de u carro, chicoteava-o com furor.

O velho jardineiro, sem uma queixa, sem um emido, logo pôs-se a cantar com quantas fôrças ranjava:

sperei, esperei no Senhor,
êle se inclinou para mim e ouviu o meu clamor.
irou-me da fossa da perdição, do pântano lodoso,
assentou os meus pés sôbre a pedra, deu firmeza
[aos meus passos.
pôs um novo cântico na minha bôca,
m hino ao nosso Deus.
Muitos verão e temerão,
esperarão no Senhor.
Bem-aventurado o homem que pôs a sua esperança no
[Senhor,
e não anda após os que adoram ídolos e se desviam
[para a mentira (1).

---

(1) Ps. 39, 1, 5.

http://www.obrascatolicas.com

Aqui, faltaram-lhe as fôrças. E Cônon, dobrando os joelhos, caiu por terra, dizendo num sussurro:

— Senhor, Senhor, recebe minha alma!

E morreu.

* * *

No mesmo dia, São Marciano, bispo e mártir em Tortona, sob Trajano, querem alguns, quando do imperador Adriano, preferem outros.

Na Suíça, São Fridolino, abade e confessor, filho de importante família da Irlanda. Grande devoto de Santo Hilário, que lhe apareceu e ordenou que, peregrinando pela terra, pregasse e fundasse igrejas, estêve em Metz, na Alsácia, na Borgonha, na Suíça. Operando milagres, faleceu em 540, num dos mosteiros que dedicou a Santo Hilário.

Em Metz, São Crodegango, um dos mais ilustres bispos do século VIII, filho duma nobilíssima família do reino da Austrásia. Nascido em Liège em 712, viveu na côrte de Carlos Martelo, sob o qual foi chanceler, depois primeiro-ministro. Embora no torvelinho da côrte, era simples, recatado e humilde. Dado aos jejuns e às vigílias, tinha o coração voltado para a pobreza e para os desgraçados. Sucedendo a Sigebaldo na sé de Metz (742), erigiu o claustro de sua catedral e as duas igrejas de São Pedro, o Velho e de São Paulo. Embaixador de Pepino, sucessor de Carlos Martelo, junto do papa Estêvão, quando dos lombardos, São Crodegango tomou parte em quase todos os negócios importantes de seu tempo. Assistiu às assembléias e aos concílios de Verberie,

http://www.obrascatolicas.com

em 753; de Quiersy-sur-Oise, em 754; de Verneuil, em 755; de Compiègne, em 757; e de Attigny, em 765. Morto em 766, foi enterrado na abadia de Gorza, da qual fôra grande benfeitor.

Em Barcelona, na Espanha, o bem-aventurado Olegário, primeiramente cônego, depois bispo de Barcelona e em seguida arcebispo de Terragona. Nascido em Barcelona, no ano de 1060, filho de nobre família visigoda, faleceu em 1137. Inúmeros milagres lhe ilustraram o túmulo, então no claustro da igreja catedral de Barcelona, cidade que o tem como padroeiro.

Em Constantinopla, São Cirilo, carmelo, confessor. Nascido em 1126, faleceu em 1224. Grande devoto de Nossa Senhora, que lhe apareceu, indicando-lhe o caminho que devia seguir — o Monte Carmelo, ordem que dirigiu por dezessete anos, São Cirilo, morto, lá foi sepultado, na capela da Santa Virgem, ocasião em que se operaram inúmeros milagres.

Em Praga, a bem-aventurada Inês da Boêmia, virgem, filha de Otokar I, rei da Boêmia, e de Constância, irmã de André II, rei da Hungria. Noiva desde os três anos de Boleslau, filho de Santa Hedwiges e de Henrique, o Barbado, duque da Silésia, foi educada no mosteiro de Treinitz. Aos nove anos, morreu-lhe o prometido. Solicitada sua mão para o príncipe Henrique, filho de Frederico II, tempos depois rompia-se o noivado. Alegre, porque desejava guardar perpétua virgindade, fêz o voto. Felicitada por Santa Clara de Assis, Inês passou a levar a vida desejada. Depois de quarenta anos dados a Deus,

http://www.obrascatolicas.com

faleceu em 1282. O Senhor conferiu-lhe três dons: o dos milagres, o da profecia e o da penetração dos corações. Pio IX aprovou-lhe o culto, que já lhe era rendido havia muito, em 1874.

Na Bretanha Armórica, São Sezino, abade e confessor, natural da Irlanda. Contemporâneo de São Patrício, foi por êste encarregado de pregar a fé aos compatriotas. Abade do mosteiro que fundou em Guic-Sezni, ali viveu com seus monges até 529, quando contava, querem alguns autores, 127 anos, uma vez que, dizem, nasceu em 402.

Na Inglaterra, as santas Kineswila e Kineburga, filhas do rei Penda de Mércia. A primeira, espôsa de Offa, rei dos saxões do Este, com êle viveu em perene continência. Kineburga, casada com Altfrido, príncipe cristão, faleceu santamente em 680, como abadessa de Dormancaster, para onde se retirara depois da morte do marido.

Em Metz, São Cadroê, abade e confessor, o qual, tendo uma visão de São Fursy, que o aconselhava a levar vida religiosa, assim o fêz. Humilde, bom e casto, foi eleito abade de São Clemente, mosteiro que experimentou grandes reformas que ali levou a efeito. Faleceu em 978.

Em Chipre, os santos Juliano e Éubulo, mártires em 360. Discípulos de Santo Arcádio, foram decapitados pela fé, depois de inúmeros suplícios.

Em Trento, São Claudiano, confessor.

Na Escócia, São Baldred, ermitão, discípulo do grande São Kentigern. Faleceu em 608, depois de ter levado vida tôda votada à oração e à penitência.

http://www.obrascatolicas.com

No mesmo dia, em Nicomédia, a festa dos santos mártires Vítor e Vitcrino, que, com São Claudiano e Santa Bassa, sua mulher, tendo durante três anos sofrido tormentos multiplicados, foram postos em prisão e aí acabaram o curso de suas vidas. — Em Constantinopla, Santo Evágrio, que, tendo sido eleito bispo pelos católicos, no tempo do imperador Valente, foi exilado por êsse príncipe e morreu santamente. — Em Bolonha, São Basílio, a quem o papa São Silvestre ordenou bispo e que, por suas palavras e exemplos, governou santamente a igreja que lhe fôra confiada.

— — — —

http://www.obrascatolicas.com

7.º DIA DE MARÇO

SÃO TOMÁS DE AQUINO

Doutor da Igreja

Um monge que vivia no tempo de São Luís, tendo mesmo comido muitas vêzes à sua mesa, foi São Tomás. Era filho do conde de Aquino, na Itália, e sua família aliada dos imperadores. Desde os primeiros anos, a inocência dos costumes, a serenidade do semblante, a igualdade do caráter, a modéstia, a doçura, tudo enfim anunciava que sua alma fôra provida das mais abundantes bênçãos do céu. Mal atingira a idade de cinco anos, o pai o pôs sob a direção dos religiosos do monte Cassino, para lhe dar os primeiros princípios das ciências e da religião. Seus mestres ainda não tinham tido discípulo que anunciasse tanto talento para o futuro e que mostrasse tão felizes disposições para a virtude. Voltando, à idade de dez anos, para junto da mãe, por alguns meses, atraiu para si a admiração de tôda a família. Ficava-se impressionado de ver nêle tanta modéstia, piedade e recolhimento. As mais numerosas companhias não o podiam distrair; e estava sempre tão ocupado com Deus quanto no mosteiro do monte Cassino. Seu maior prazer era advogar a causa dos

http://www.obrascatolicas.com

pobres junto aos pais, dos quais obtinha com que fazer abundantes esmolas. Freqüentemente, ainda, suprimia sua comida, para dar mais.

Enviado à Universidade de Nápoles para terminar os estudos, no meio de uma multidão de jovens estudantes que se entregavam ao vício, sentiu saudades da solidão do monte Cassino. Mas, não podendo para lá voltar, fêz-se como que uma solidão no meio de Nápoles mesmo. Fêz um pacto com os próprios olhos para não os deixar jamais repousar sôbre objetos perigosos ou profanos. Evitava com grande cuidado tôdas as pessoas cuja virtude era suspeita; e, enquanto os condiscípulos acorriam aos divertimentos do mundo, retirava-se em alguma igreja para aí se entreter com Deus, ou em seu gabinete para aí se aplicar ao estudo. O estudo e a oração iam juntos. Fazendo rápidos progressos nas ciências humanas, fazia-os sobretudo na ciência dos santos, pelo exercício da oração e pela prática de tôda espécie de boas obras, privando-se mais de uma vez do necessário para assistir os pobres. Tal era o jovem Tomás antes da idade de dezessete anos.

Meu Deus, possa eu, como êle, unir o estudo à oração e a oração ao estudo, a fim de tornar-me, como êle, santo e sábio, quero dizer, sábio nas coisas que vós quereis que eu saiba. Possa eu, por minhas lições e meus exemplos, ensinar a estudar assim as crianças que vós me dais para instruir. Quantos erros, (ai de mim!) cometi em tudo isso! Meu Deus, perdoai-me e fazei-me a graça de melhor agir.

São Domingos morrera havia vinte e dois anos; mas vivia entre os discípulos. Tomás teve algumas palestras com um dêles. As instruções que aí recebeu aumentaram nêle o desprêzo que já concebera por

http://www.obrascatolicas.com

tôdas as coisas do mundo. Seu fervor aumentava dia a dia. Enfim, desgostoso do mundo mais do que nunca, resolveu seguir o ardente desejo de entrar na ordem de São Domingos. O conde seu pai, uma vez informado, usou de promessas e ameaças para impedir a execução de semelhante desígnio; mas tudo foi inútil. O jovem Tomás, que sabia que a voz da carne e do sangue não deve absolutamente ser escutada quando a de Deus se faz ouvir, persistiu na primeira resolução, e tomou hábito entre os dominicanos de Nápoles, em 1243; tinha então dezessete anos.

Tomás pedira a seus superiores que o afastassem de Nápoles, para evitar os combates que aí teria de sustentar com a família; mas seus dois irmãos, oficiais no exército do imperador, surpreenderam-no em caminho por intermédio de seus soldados e o reconduziram à sua mãe. Esta usou de exortações, orações, lágrimas e carinhos. para fazê-lo mudar de resolução. Tomás sensibilizou-se com a dor materna; mas, como sabia que sua vocação era de Deus, nela permaneceu inabalável. Então, indignada de cólera, a mãe mandou fechá-lo e só a suas duas irmãs permitiu que fôssem vê-lo e falar-lhe. As irmãs também usaram de todos os meios de persuasão para vencê-lo; mas êle mesmo falou-lhes tão bem sôbre o desprêzo do mundo e o amor da virtude, que elas ficaram vivamente abaladas e participaram dos sentimentos dêle. Os irmãos, ao contrário, voltando do exército, trataram-no indignamente, puseram-lhe em trapos o hábito religioso, que êle nunca havia querido tirar e aprisionaram-no em uma tôrre, onde enviaram até uma cortesã para seduzi-lo. Mas êle a pôs em fuga com um tição ardente e se entregou mais do que nunca a Deus. Após ter sido assim aprisionado e experi-

http://www.obrascatolicas.com

O triunfo de Santo Tomás de Aquino. Segundo o quadro de Benozzo di Gozzoli. Século XV.

http://www.obrascatolicas.com

mentado durante mais de um ano, as irmãs ajudaram-no a fugir, e foi terminar o noviciado em Paris.

Compadecendo-se de nossa fraqueza, Deus não nos submeterá talvez a tão rudes provas. Mas ao menos imitemos São Tomás no que está mais ao nosso alcance, na humildade e na obediência. Um dia em que lia no refeitório, o superior lhe disse, por engano, que pronunciasse uma sílaba de modo diferente do que êle tinha feito; embora pronunciasse bem, retratou-se logo; e quando os irmãos disseram-lhe, depois da refeição, que êle não devia ter-se retratado, uma vez que não se enganara, respondeu-lhes: "Importa-nos bem pouco pronunciar um nome de tal ou tal maneira: mas importa sempre a um religioso praticar a obediência e a humildade." Pensamos nós, agimos nós como São Tomás? Pensemos nisso ao menos para o futuro!

Depois de estudar com o maior êxito, Tomás ensinou com o maior brilho. Os mais sábios o consultavam como a um oráculo. Escreveu muitos livros e sôbre as questões mais difíceis, com clareza e precisão admiráveis. Seus escritos têm tanta autoridade na Igreja que lhe servem como de regra. Embora o mais sábio, era o mais doce e o mais humilde. Jamais lhe escapou uma palavra amarga contra alguém. Jamais conseguiram fazê-lo aceitar uma dignidade eclesiástica. Quis morrer simples religioso. O mestre com quem aprendeu a ser a um tempo tão sábio e tão humilde é Jesus Cristo, a quem consultava freqüentemente ao pé da cruz e junto aos altares. Para encontrar solução das dificuldades, reunia o jejum à oração. Dizia que aprendera mais ao pé do crucifixo do que nos livros. Ó Jesus, como estudei mal até o presente! Como li pouco vosso livro junto a Vós!

http://www.obrascatolicas.com

Devoto em tudo o que dizia respeito à piedade, São Tomás o era sobretudo para com Jesus Cristo na Santa Eucaristia. Em seu tempo foi estabelecida a festa de *Corpus Christi*, ou do Santo Sacramento. Foi São Tomás que, por ordem do papa, lhe compôs o ofício, a prosa e os hinos, tais como a Igreja os canta ainda, e onde a unção da piedade se une tão maravilhosamente à precisão da doutrina. Lê-se na vida do santo que, um dia em que rezava com fervor diante do crucifixo, entrou em doce êxtase e foi elevado do chão à altura de muitos côvados. O religioso que o viu nesse estado ficou bem menos admirado com o êxtase, que sabiam ser-lhe bastante comum, do que com a voz miraculosa que saiu da bôca do crucifixo para lhe fazer ouvir estas palavras: "Tendes escrito bem sôbre mim, Tomás, que recompensa me pedis?" Ao que o santo respondeu: "Nenhuma outra senão Vós, Senhor!"

E eu também vos direi, Senhor Jesus, nenhuma outra recompensa senão vós! É verdade, não podeis dizer-me como ao vosso São Tomás: Estudaste bem, falaste bem, escreveste bem, pregaste bem, instruíste bem as crianças sôbre mim: porque, na verdade, não faço nada que valha. No entanto, por vossa graça, gostaria de fazê-lo e não ter outra recompensa senão vós, outra glória senão vós, outra riqueza senão vós. Sim, nenhuma outra senão vós, Senhor! Oh, meu Jesus, há pois na essência outra recompensa senão vós? Sem vós, tôdas as outras não são nulas?

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA PERPÉTUA E SEUS COMPANHEIROS, MÁRTIRES

Durante a perseguição do imperador Severo, a África ilustrou-se por mártires cujo número só Deus conhece. Os mais célebres foram duas jovens, Perpétua e Felicidade, cuja memória é lembrada cada dia no cânone da missa e cujas atas se liam pùblicamente nas igrejas no tempo de Santo Agostinho. Essas atas foram reencontradas há dois séculos; pareciam ser aquelas mesmas que êsse grande doutor tinha diante dos olhos quando fêz seus três ou quatro panegíricos das duas santas. Eis aqui o conteúdo delas: "Foram presos dois jovens catecúmenos, Revocato e Felicidade, escravos do mesmo senhor, Saturnino e Secúndulo, e, com êles, Vívia Perpétua, de considerável família, bem educada e casada com um homem de condição. Tinha pai e mãe, dois irmãos, um dos quais também catecúmeno e um filho de peito, que ela alimentava com o próprio leite. Sua idade era de aproximadamente vinte e dois anos. Ela mesma vai contar a espécie de seu martírio, segundo o que deixou escrito por sua mão.

"Como estávamos ainda com os perseguidores e meu pai continuava a querer fazer-me cair pela afeição que me tinha, eu lhe disse: "Meu pai, vêdes êste vaso que está no chão?" "Sim", disse êle. Acrescen-

http://www.obrascatolicas.com

tei: "Podemos dar-lhe outro nome que não o seu?" "Não", respondeu êle. "Não posso, também eu, dizer-me outra coisa diferente do que sou, isto é, cristã." Meu pai, atingido por êsse nome, jogou-se sôbre mim para arrancar-me os olhos; mas não fêz senão maltratar-me e se foi embora vencido, com as invenções do demônio. Tendo estado alguns dias sem ver meu pai, dei graças ao Senhor, e sua ausência aliviou-me. Foi no intervalo dêsses poucos dias que fomos batizados; ora, o Espírito me inspirou a pedir, ao sair da água, sòmente a paciência nas penas corporais.

"Poucos dias depois, puseram-nos na prisão; fiquei atemorizada com isso, pois nunca tinha visto tais trevas. Dia rude! Um calor sufocante, por causa da multidão; os soldados nos empurravam; enfim, eu me consumia de inquietude por meu filho. Então, os benditos diáconos Tércio e Pompônio, que nos assistiam, obtiveram, por meio de dinheiro, que pudéssemos sair e passar algumas horas em lugar mais cômodo da prisão, para nos refrescar. Saímos; cada um pensava em si, eu dava de mamar a meu filho que morria de fome. Inquieta por êle, falei sôbre isso à minha mãe; eu fortificava meu irmão e lhe recomendava meu filho. Consumia-me de dor, porque os via, a êles mesmos, consumindo-se de dor por amor de mim; passei muitos dias em tais inquietudes. Estando acostumada a guardar meu filho na prisão, achei-me logo confortada e a prisão tornou-se para mim um palácio; de sorte que gostava mais de estar ali do que em outra parte.

"Meu irmão me disse então: "Minha senhora e irmã, estais já em grande favor junto a Deus; pedi-lhe, pois, que êle vos faça conhecer por alguma visão

http://www.obrascatolicas.com

se deveis terminar pelo martírio ou por voltar à liberdade." Como eu sabia que me entretinha familiarmente com o Senhor, do qual recebi tantas graças, respondi ousadamente que no dia seguinte lhe diria novidades. Perguntei, pois, e eis o que me foi mostrado: Vi uma escada de ouro, de altura prodigiosa, que se elevava da terra até o céu, mas tão estreita, que por ela só podia subir uma pessoa por vez. Dos dois lados da escada, estava atada tôda espécie de instrumentos de ferro: havia espadas, lanças, ganchos, foices, punhais; de modo que quem subisse negligentemente ou sem olhar para o alto, seria rasgado por aquêles instrumentos e aí deixaria grande parte de sua carne. Embaixo da escada estava deitado um dragão de um tamanho imenso, que preparava emboscadas àqueles que queriam subir e, para disso desviá-los, lhes fazia mêdo. O primeiro que subiu foi Satúrio, que já não estava conosco quando fomos presos e se entregou depois voluntàriamente por nossa causa: tinha-nos instruído (1). Quando chegou ao alto da escada, voltou-se para mim e me disse: "Perpétua, eu vos espero; mas tomai cuidado para que êsse dragão não vos morda." Respondi-lhe: "Em nome do Senhor Jesus Cristo, êle não me fará absolutamente mal." O dragão levantou docemente a cabeça debaixo da escada, como se tivesse tido mêdo de mim; e marchei sôbre a cabeça dêle como sôbre o primeiro degrau. Subi e vi um jardim de espaço imenso e, no meio, um grande homem sentado, vestido de pastor, com os cabelos brancos. Tirava o leite de suas ovelhas, rodeado por muitos milhares de pessoas vestidas com roupas brancas. Levantou

(1) Essas palavras se encontram num exemplar das **Atas.**

http://www.obrascatolicas.com

a cabeça, olhou-me e disse-me: "Sois benvinda, minha filha." Depois, chamou-me e deu-me como que um bocado de coalhada daquele leite que êle tirava. Recebi-o juntando as mãos e comi-o; e todos os que o cercavam responderam: "Amém." Acordei com êsse barulho, mastigando ainda não sei que de doce. Contei logo essa visão a meu irmão e compreendemos que devíamos sofrer e começamos a não ter mais nenhuma esperança no século."

Os primeiros cristãos gostavam de representar Jesus Cristo sob a forma de pastor. Vê-se, em Tertuliano, que havia desde então essas imagens sôbre os cálices. E, ainda hoje, encontram-se inumeráveis dêsse gênero nas antigas catacumbas dos mártires. O bocado de uma doçura maravilhosa, aquelas mãos unidas para recebê-lo, aquêle amém solene dos assistentes, tudo aquilo indicava bastante claramente a eucaristia, que se tinha o costume de dar aos mártires, a fim de prepará-los para o combate. Perpétua e o irmão compreenderam bem o que aquilo queria dizer. Ela continua:

"Poucos dias depois, espalhou-se a notícia de que devíamos ser interrogados. Meu pai acorreu também da cidade, consumido de tristeza; subiu até mim para me fazer cair, dizendo: "Minha filha, tende piedade de meus cabelos brancos! Tende piedade de vosso pai, se pelo menos sou digno de que me chameis vosso pai! Se eu mesmo, com minhas mãos que aqui estão, vos eduquei até essa flor da idade; se vos preferi a todos os vossos irmãos, não me torneis o opróbrio dos homens! Olhai vossos irmãos, olhai vossa mãe e vossa tia; olhai vosso filho que não poderá viver depois de vós! Abandonai êsse orgulho, por mêdo de nos perder a todos! Pois nenhum de

http://www.obrascatolicas.com

nós ousará falar mais, se vos acontecer algum mal!" Assim me falava meu pai na sua ternura, beijando-me as mãos, jogando-se a meus pés e chamando-me com lágrimas, não mais sua filha, mas sua senhora. Quanto a mim, deplorava os cabelos brancos de meu pai, porque era o único em tôda a minha família que não se alegraria com o meu martírio; e o consolava, dizendo: "Sôbre o cadafalso, acontecerá o que agradar a Deus; pois sabei bem que estamos no poder de Deus, não no nosso." E êle partiu cheio de tristeza.

"No dia seguinte, como jantássemos, vieram de repente levar-nos para sermos interrogados, e chegamos ao local. A nova logo se espalhou nos quarteirões vizinhos e fêz-se uma multidão imensa. Subimos ao cadafalso. Os outros foram interrogados e confessaram. Quando chegou minha vez, apareceu logo meu pai com meu filho; fêz-me descer um degrau e me disse suplicando: "Tende piedade da criança!" O procurador Hilarião, que recebera o direito de vida e de morte em lugar do procônsul Minúcio Timiniano que morrera, dizia-me por sua vez: "Poupai os cabelos brancos de vosso pai! Poupai a infância de vosso filho! Sacrificai pela prosperidade dos imperadores!" — "Não farei nada disso!" respondi. — "Sois cristã?" disse-me êle. Respondi-lhe: "Sou cristã!" No entanto, como meu pai permanecia sempre ali para me fazer cair, Hilarião mandou que o expulsassem; e lhe bateram com um golpe de bastão. Senti o golpe de meu pai como se me tivessem batido em mim mesma, tanto eu me compadecia de sua infortunada velhice! Então, Hilarião pronunciou a sentença e nos condenou todos às feras. E descemos alegres à prisão. Como meu filho estava acostumado a receber de mim o seio e a morar comigo na prisão,

http://www.obrascatolicas.com

enviei imediatamente o diácono Pompônio para pedi-lo a meu pai; mas o pai não quis dá-lo. E prouve a Deus que a criança não pedisse mais de mamar e que eu não fôsse incomodada com meu leite; de maneira que fiquei sem inquietude e sem sofrimento.

"Alguns dias depois, quando estávamos todos em oração, de repente, no meio da reza, escapou-me o nomear Dinócrates e fiquei admirada de que ainda não me tivesse de todo vindo ao espírito. A lembrança de sua desgraça afligiu-me e senti no mesmo instante que eu era digna de rezar por êle e que eu o devia. Comecei, pois, a fazê-lo com fervor, gemendo diante de Deus; e, na mesma noite, tive esta visão: Vejo Dinócrates sair de um lugar tenebroso onde havia outras muitas pessoas; estava em grande ardor e grande sêde, o rosto sujo, a tez pálida, com a úlcera que tinha quando morreu. Êsse Dinócrates era meu irmão pela carne: com sete anos, morreu por desgraça de um câncer no rosto, causando horror a tôda a gente. Era por êle que eu rezara. Havia grande distância entre êle e mim; de modo que era impossível aproximar-nos um do outro. Perto dêle, havia uma bacia cheia dágua, cuja borda era mais alta que o tamanho da criança. Dinócrates esticava-se como se fôsse beber. Eu me afligi com que, havendo água na bacia, êle não pudesse atingi-la por causa da altura da borda. Acordei e percebi que meu irmão sofria, mas tive confiança em poder aliviá-lo. Rezava, pois, por êle, pedindo a Deus, dia e noite, com lágrimas, que êle mo concedesse. Continuei, até que fomos transferidos para a prisão do campo, sendo destinados ao espetáculo que aí deviam dar na festa do rei Geta. No dia em que estivemos nos grilhões, foi-me mostrado isto: Aquêle mesmo lugar que tinha visto

http://www.obrascatolicas.com

tenebroso, vi-o claro, e Dinócrates, com o corpo limpo, bem vestido, refrescando-se; e em lugar da ferida, uma cicatriz. A borda da bacia que eu vira, estava baixada até o umbigo do menino; êle tirava água daí sem cessar; sôbre êsse rebôrdo estava uma taça de ouro cheia dágua. Dinócrates aproximou-se e começou a beber dela, sem que esta diminuísse. E, quando ficou satisfeito, deixou a água cheio de alegria, para ir brincar, como fazem as crianças. Acordei e soube que êle se livrara da aflição."

Vê-se aqui, em exemplo bem memorável, a crença dos primeiros cristãos e dos mártires no purgatório e a eficácia das orações pelos mortos. Sem dúvida, essa criança de uma família muito cristã recebera o batismo; mas, antes de morrer, tinha-se tornado culpada de algum pecado; talvez o pai, ainda pagão, a tivesse levado a algum ato de idolatria. É a reflexão de Santo Agostinho a êsse respeito (1). A santa continua nestes têrmos:

"O carcereiro da prisão, que era um oficial chamado Pudêncio, concebeu uma grande estima por nós, vendo que havia em nós uma grande virtude divina; deixava, pois, entrar muitos irmãos, para nos vermos e nos consolarmos uns aos outros. Mas, como o dia do espetáculo se aproximava, meu pai veio encontrar-me, abatido de tristeza. Começou a arrancar a barba, a jogar-se por terra e deitar-se sôbre o rosto, maldizer os anos e dizer coisas capazes de comover tôdas as criaturas. Eu tinha piedade de sua desgraçada velhice.

"Na véspera de nosso combate, tive esta visão: O diácono Pompônio viera à porta da prisão e batia

(1) **De animo, l. I, c. X.**

http://www.obrascatolicas.com

Grupo de virgens mártires: ao centro **Santas Perpétua e Felicidade.**
Segundo um afresco de Luca Signorelli, em Orvieto.

bem forte; saí e abri-lhe. Estava vestido com uma túnica bordada de uma infinidade de pequenas romãs de ouro. Disse-me: "Perpétua, esperamo-vos, vinde." Tomou-me pela mão e começamos a andar por lugares rudes e tortuosos. Enfim, chegamos ao anfiteatro com grande sofrimento e completamente sem fôlego. Êle me conduziu ao meio da arena e me disse: "Não mais temais, estou aqui convosco e tomo parte em vossos trabalhos." Retirou-se e avistei uma grande multidão espantadíssima. Como eu sabia que era destinada às feras, admirava-me de que não as lançassem de todo. Saiu então contra mim um egípcio muito feio que veio combater-me com seus auxiliares. Mas vieram também em minha direção jovens bem feitos, para me socorrer. Despojada de minhas vestes, encontrei-me mudada em atleta com um vigor másculo; êles me untaram de óleo para o combate; e vi do outro lado o egípcio rolar no pó. Então, apareceu um homem maravilhosamente grande, de sorte que era mais alto que o anfiteatro, vestido de uma túnica sem cintura com duas faixas pela frente e semeada de pequenos círculos de ouro e de prata. Segurava uma varinha, como os mestres dos gladiadores e um ramo verde, onde havia maçãs de ouro. Tendo mandado fazer silêncio, disse: "Se o egípcio obtém a vitória sôbre a mulher, êle a matará com a espada; mas, se ela consegue vencê-lo, ela terá êste ramo; e retirar-se-á." Aproximamo-nos e começamos a dar sôcos. Êle queria me prender pelos pés, mas eu lhe dava golpes no rosto. Fui elevada no ar e comecei a batê-lo assim, calcando-o aos pés; mas, como vi que isso durava demais, juntei minhas duas mãos, trançando os dedos uns nos outros e, tomando-o pela cabeça, o fiz tombar sôbre o rosto e pisei-lhe a

http://www.obrascatolicas.com

cabeça. O povo se pôs a gritar e meus companheiros a cantar. Aproximei-me do mestre, que me deu o ramo com um beijo, dizendo: "A paz seja convosco, minha filha." Comecei a andar com glória em direção à porta Sana-Vivária do anfiteatro. Despertei e compreendi que não combateria com as feras, mas contra o demônio; e me senti segura da vitória. Foi o que fiz até à véspera do espetáculo; outro escreverá, se quiser, o que se passará" (1).

Assim acaba a relação de Santa Perpétua. A literatura humana não tem nada que se aproxime disso. Uma jovem, mãe de família, de nascimento distinto, querida de todos os seus e a quem nada falta para ser feliz no mundo: vê-se separada do pai, da mãe, dos irmãos, do espôso, do filhinho, para ir ser devorada pelas feras, à vista de todo um povo; vê o velho pai a quem ama, e que a ama com ternura, beijar-lhe as mãos, jogar-se a seus pés para comovê-la e mandar-lhe que diga um nome que a salve do perigo; compadece-se da dor do pai, consola-o, mas não dirá o nome, porque êsse nome seria um pecado, seria mentira; e escreve tudo isso na véspera do suplício, com uma candura, uma calma acima da humanidade. Não, essa paz, que o homem não saberia dizer nem mesmo conceber, sòmente Deus a pode dar.

O bem-aventurado Satúrio teve também uma visão que escreveu nestes têrmos: "Tínhamos sofrido: saímos de nossos corpos e começamos a ser levados em direção ao Oriente por quatro anjos, cujas mãos não nos tocavam de todo; íamos, não de costas, olhando para o alto, mas como que subindo uma doce colina. Quando passamos o primeiro mundo,

(1) **Apud Ruinart, e Acta SS., 7 mart.**

http://www.obrascatolicas.com

vimos uma luz imensa; e eu disse a Perpétua, pois ela estava a meu lado: "Eis o que o Senhor nos prometia. Levando-nos sempre os quatro anjos, encontramo-nos num grande espaço, como um jardim, onde havia roseiras e tôda espécie de flôres; as árvores eram altas como ciprestes e as fôlhas caíam incessantemente. Nesse jardim, estavam quatro anjos mais resplandescentes do que os outros. Quando nos viram, fizeram-nos honras e disseram com admiração aos outros anjos: "Ei-los, ei-los!" Então, os quatro que nos traziam nos depuseram muito admirados. Fizemos a pé um pedaço de caminho por uma larga avenida. Lá encontramos Jocondo, Saturnino e Artáxio, que tinham sido queimados vivos na mesma perseguição, e Quinto, que falecera mártir na prisão. Perguntamo-lhes onde estavam os outros; mas os anjos disseram-nos: "Vinde agora, e entrai para saudar o Senhor."

"E nos aproximamos de um lugar cujas muralhas estavam como que batidas de luz. Diante da porta, estavam de pé quatro anjos, que revestiram de roupas brancas aquêles que deviam entrar. Entramos, pois, assim vestidos, e vimos uma luz imensa e ouvimos a voz em côro de um grande número, que dizia sem cessar: "É santo! É santo! É santo!" E vimos no meio um homem sentado, de cabelos brancos como a neve e rosto de moço; nada vimos de seus pés. À sua direita e à esquerda, estavam em pé vinte e quatro velhos e, atrás dêles, uma multidão de outros. Entramos, suspensos de admiração, e ficamos de pé diante do trono; e quatro anjos nos levantaram; e beijamos aquêle que estava sentado, e êle nos passou a mão sôbre o rosto. E os outros velhos nos disseram: "Paremos." E paramos, e demos o beijo da

http://www.obrascatolicas.com

paz. E os velhos nos disseram: "Ide e recreai-vos!" E eu disse a Perpétua: "Tendes o que desejais". Ela me disse: "Deus seja louvado! Feliz enquanto estava na carne, sou ainda mais feliz agora aqui!"

"Saindo, encontramos diante da porta, à mão direita, o bispo Optato e, à mão esquerda, o padre e doutor Aspásio, separados e tristes. Jogaram-se a nossos pés e disseram: "Ponde-vos de acôrdo conosco, pois saistes e nos deixastes neste estado." Dissemo-lhes: "Não sois nosso pai e um padre? Cabe-vos atirar-vos aos nossos pés?" E nos atiramos a êles e os abraçamos. E Perpétua começou a entreter-se com êles, e os puxamos de parte no jardim, sob uma roseira. Mas, como lhes falássemos, os anjos disseram-lhes: "Deixai-os refrescar-se: se tendes algum motivo de separação, perdoai-vos um ao outro." Êles os afastaram, pois, e disseram a Optato: "Corrigi vosso povo; êles vão à vossa assembléia como se voltassem do circo e se disputassem partidos." E pareceu-nos que êles queriam fechar as portas. Lá reconhecemos grande número de irmãos, assim como mártires. Estávamos todos alimentados de um odor inefável, que nos satisfazia. Lá em cima, acordei cheio de alegria." Tal foi a visão de Satúrio, escrita por êle mesmo.

"Secúndulo morreu na prisão. Felicidade estava grávida de oito meses; e, vendo o dia do espetáculo tão próximo, estava muito aflita, temendo que seu martírio fôsse adiado, porque não era permitido executar as mulheres grávidas antes do têrmo. Ela temia espalhar em seguida seu sangue inocente com alguns celerados. Os companheiros de seu martírio estavam sensìvelmente aflitos, por sua vez, por deixá-la sòzinha, tão boa companheira, no caminho da comum

http://www.obrascatolicas.com

esperança. Reuniram-se, pois, todos juntos, a rezar e a gemer por ela, três dias antes do espetáculo. Logo após as orações, as dores tomaram conta dela; e, como o parto é naturalmente mais difícil no oitavo mês, seu trabalho foi duro e ela se queixava. Um dos ajudantes de carcereiro lhe disse: "Tu te queixas agora! E que farás, então, quando fôres exposta àquelas feras que desprezaste, quando recusaste sacrificar?" Ela respondeu: "Sou eu que sofro agora o que sofro; mas lá haverá outro em mim que sofrerá por mim, porque sofrerei por êle". Deu à luz uma menina, que uma irmã educou como filha.

O tribuno tratava os mártires mais rudemente, porque avisado por algumas pessoas tôlamente crédulas, temia que êles se livrassem da prisão por meio de encantamentos mágicos. Perpétua lhe disse em face: "Por que não nos dais alívio, já que somos os condenados do muito nobre César e que devemos combater na sua festa? Não é motivo de honra para vós que aí apareçamos bem nutridos?" O tribuno estremeceu com isso e enrubesceu: comandou, pois, que os tratassem mais humanamente, de maneira que os irmãos e outros tivessem a liberdade de entrar na prisão e de se refrescar com êles. O carcereiro da prisão já estava crente.

No dia anterior ao combate, deram-lhes, seguindo o costume, a última refeição, que era chamada de refeição livre e que se fazia em público; mas os mártires a converteram em modesto ágape, tanto quanto lhes foi possível. Falavam ao povo com a ordinária firmeza, ameaçando-o com o julgamento de Deus, retirando felicidade de seus sofrimentos e zombando da curiosidade dos que aí acorriam. Satúrio dizia-lhes: "O dia de amanhã não vos é suficiente para

http://www.obrascatolicas.com

ver à vontade aquêles que odiais. Hoje amigos, amanhã inimigos. No entanto, notai bem nossos rostos, a fim de nos reconhecer nesse dia do julgamento." De modo que todos se retiraram interditos e dêles se converteu um grande número.

Enfim, chegou o dia da vitória. Saíram da prisão para o anfiteatro, como para o céu: seus semblantes estavam radiantes; estavam comovidos, não de mêdo, mas de alegria. Perpétua seguia, de semblante sereno, passo arrebatado, como a espôsa querida do Cristo, seu Deus; tinha os olhos baixos, para nêles esconder a vivacidade a todos os olhares. Felicidade estava contente de se portar bem no parto, a fim de combater as feras e purificar-se em seu sangue. Tendo chegado à porta, quiseram obrigá-los a vestir, os homens o costume dos padres de Saturno, as mulheres o das sacerdotisas de Ceres. Recusaram-se com firmeza invencível, dizendo: "Viemos aqui voluntàriamente, apenas para conservar nossa liberdade; sacrificamos nossa vida para não fazer nada de semelhante; nisso concordamos convosco." A injustiça reconheceu a justiça: o tribuno consentiu que êles entrassem simplesmente como estavam. Perpétua cantava, calcando já aos pés a cabeça do egípcio. Revocato, Saturnino e Satúrio ameaçavam o povo que olhava. Tendo chegado à vista de Hilarião, disseram-lhe por meio de sinais, com a mão e a cabeça: "Tu nos julgas, mas Deus julgar-te-á." O povo ficou irritado com isso e mandou que êles fôssem açoitados passando diante dos veadores. Assim se chamavam certos empregados nos jogos públicos. Punham-se em linha, tendo à mão compridos chicotes, guarnecidos na ponta com bolas de chumbo ou de

http://www.obrascatolicas.com

ferro, e davam cada um seus golpes nos condenados, que eram mandados passar nus diante dêles. Os mártires alegraram-se de participar em alguma coisa na Paixão do Senhor.

Aquêle que disse: "Pedi e recebereis" concedeu-lhes a morte que cada um desejara; pois, quando se entretinham juntos com o martírio que desejavam, Saturnino testemunhou que desejaria ser exposto a tôda espécie de feras, a fim de conquistar uma coroa mais gloriosa. Assim, no espetáculo, êle e Revocato, depois de serem atacados por um leopardo, foram ainda sacudidos por um urso sôbre o cadafalso mesmo. Satúrnio nada temia quanto ao urso e esperava que um leopardo o matasse com uma só dentada. Foi primeiramente exposto a um javali; mas o veador que soltara a fera recebeu desta um golpe em conseqüência do qual morreu dias depois do espetáculo. Satúrio foi sòmente arrastado. Amarraram-no sôbre a ponte, próximo a um urso; mas o urso não saiu da toca, porque o soldado Pudêncio barrara-lhe a porta com carnes estragadas. Assim Satúrio estando são e inteiro, foi chamado pela segunda vez.

As jovens foram despojadas e postas em rêdes para serem expostas a uma vaca furiosa. O povo ficou horrorizado com isso, vendo uma delas tão delicada e a outra que acabara de dar à luz, com os seios ainda gotejando leite. Retiraram-nas, pois, e cobriram-nas com roupas amplas. Exposta primeiro, Perpétua foi jogada no ar e caiu sôbre os rins. Sentou-se e vendo a roupa rasgada ao longo da coxa, juntou-a prontamente, mais ocupada com o pudor do que com a dor. Pegaram-na de novo e ela reco-

http://www.obrascatolicas.com

lheu os cabelos, que se tinham desprendido; pois não seria nada conveniente que uma mártir sofresse com os cabelos espalhados, de mêdo de parecer aflita por causa de sua glória. Levantou-se e, vendo Felicidade machucada no chão, deu-lhe a mão e ajudou-a a levantar-se. Permaneciam de pé as duas, mas o povo, cuja dureza fôra vencida, não quis que se expusessem novamente e reconduziu-as à porta Sana Vivária. Perpétua aí foi recebida por um catecúmeno chamado Rústico, que lhe era ligado. Então, ela despertou como de um profundo sono, de tal maneira tinha sido arrebatada em espírito e em êxtase, e começou a olhar em volta, dizendo, com grande espanto de tôda a gente: "Quando é que seremos expostas àquela vaca? Ignoro-o." Disseram-lhe o que se passara; ela não acreditou, a não ser quando viu no seu corpo e nas vestes as marcas do que sofrera e quando reconheceu o catecúmeno.

"E onde estava ela?" exclama Santo Agostinho falando dessa circunstância. "Onde estava, pois, quando era atacada e rasgada por uma fera furiosa sem sentir-lhe os golpes e quando, depois de tão duro combate, perguntava quando o combate devia começar? Que via ela, para não ver o que viam todos os outros? Que sentia, para não sentir dor tão violenta? Por que amor, por que espetáculo, por que bebida estava assim tôda transportada para fora de si mesma e como que divinamente embriagada, para parecer impassível num corpo mortal?" (1)

A santa mandou chamar o irmão e lhe disse, assim como a Rústico: "Permanecei firmes na fé;

(1) Aug., **Sermo** 280, n. 4. Bened. t. V.

http://www.obrascatolicas.com

amai-vos todos uns aos outros e não fiqueis escandalizados com nossos sofrimentos."

Satúrio, em outra porta, exortava o soldado Pudêncio e lhe dizia: "Eis-me, enfim, como vos prometi e predisse; nenhuma fera me tocou ainda: crêde, pois, de todo o vosso coração; irei para lá e findarei com uma só mordida de um leopardo". Logo no fim do espetáculo, foi levado a um leopardo, que, de uma só dentada, o cobriu de sangue. O povo gritou: "Ei-lo bem lavado, ei-lo bem salvo!" fazendo alusão irônica ao batismo. Mas êle, voltando-se para Pudêncio: "Adeus", disse-lhe, "lembrai-vos de minha fé! Que isto não vos perturbe em nada, mas, ao contrário, vos confirme!" Depois, pediu o anel que êle tinha no dedo, molhou-o na ferida e devolveu-o a êle como prova hereditária de amizade e uma lembrança de seu sangue. Depois do que tombou morto no lugar onde era costume enforcar os que as feras não tinham exterminado. Êsse lugar era chamado *Spoliarium*. Assim, Satúrio morreu primeiro, segundo a visão de Perpétua.

O povo pediu que os levassem para o meio do anfiteatro, para ter o prazer de vê-los receber o golpe da morte e associar seus olhos ao homicida. Os mártires levantaram-se e foram-se por si mesmos, depois de se beijarem, a fim de consumarem o martírio pela solenidade da paz. Os outros receberam o último golpe, imóveis e em silêncio; mas Perpétua caiu nas mãos de um gladiador desajeitado, que a picou entre os ossos e a fêz gritar; porque essas execuções eram o aprendizado dos gladiadores novos, para acostumá-los sem perigo ao sangue, e os chamavam de

http://www.obrascatolicas.com

tintureiros. Perpétua conduziu ela mesma a mão trêmula do seu e acabou assim seu martírio (1).

São Próspero nos informa que foi em Cartago. Seus corpos estavam na grande igreja dessa cidade no século V. A piedade atraía então para aí os cristãos em maior número, a fim de celebrarem sua festa, de que a curiosidade atraíra seus antepassados pagãos para o anfiteatro, a fim de se alimentarem com o suplício dêles. Tôda a gente estava mudada.

---

(1) Ruinart, **Acta N. N.** e **Acta S. S.**, 7 mart.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO PAULO, O SIMPLES (*)

Ermitão e Confessor

São Paulo, cognominado o Simples, foi discípulo de Santo Antônio da Tebaida (1). Modesto agricultor, homem de grande boa fé, desprovido de malícia, casara-se com uma formosa mulher, tão formosa quão depravada.

Um dia, quando voltava da labuta do campo, encontrou-a em companhia de outro homem. Exasperado, gritou-lhe:

— Ótimo! Não te verei jamais!

E, dirigindo-se ao que a cortejava, acrescentou:

— Toma-a para ti, mas toma também os filhos todos que pôs no mundo! Não voltarei jamais! Hei de me fazer monge, e acabarei meus dias no retiro!

Paulo era já velho. Deu as costas aos dois criminosos e deixou a casa em que vivia.

* * *

Diz Paládio (2):

"Êle saiu de casa e foi bater à porta do bem-aventurado Antônio:

---

(1) 17 de janeiro.

(2) Pallade, **Histtoire Lausiaque.**

http://www.obrascatolicas.com

"— Quero ser monge! disse-lhe êle".

"Antônio replicou, observando-o:

"— Um homem velho, de sessenta anos, não pode ser monge aqui. Volta, trabalha, leva vida que levavas, porque tu não és capaz de suportar as tribulações do deserto".

"Mas o velho insistiu:

"— Farei tudo aquilo que me ensinares e ordenares".

"— Não, repetiu Antônio. Já não te disse que és muito avançado em idade e que não és capaz? Se realmente desejas ser monge, vai, e procura uma comunidade de irmãos mais numerosos que poderão suportar tua fragilidade. Não vês que eu aqui sou sòzinho? Além disso, só me alimento quando a fome aperta, e aperta deveras! Vai, e deixa-me".

"Foi assim que Antônio descartou-se de Paulo. E, vendo que o teimoso não dava um passo, recolheu-se, fechou a porta da cela, e ficou sem dali sair por três dias consecutivos, tempo, naturalmente, suficiente para se desembaraçar do importuno.

"No quarto dia, Antônio, pressionado pela necessidade, abriu a porta, saiu e deu com o velho Paulo no mesmo lugar:

"— Ó homem! exclamou. Por que me fazes assim? Tu não podes ficar aqui!"

"Paulo contentou-se em dizer:

"— É-me impossível voltar".

"Antônio pôs-se a pensar: não é que o velho ficara sem se alimentar, sem comer nem beber, suportando um jejum de quatro dias? E disse para si mesmo: "Estou vendo que aquêle teimoso acabará morrendo aqui e minha alma ficará responsabilizada por tal crime". E assim, admitiu-o em sua cela.

http://www.obrascatolicas.com

"A partir daquele momento, Antônio adotou um regime tal que jamais havia seguido desde a juventude. Arranjou fôlhas de palmeira e disse a Paulo:

"— Toma estas fôlhas e tece uma corda como vires que eu faço".

"O velho meteu mãos à obra, atrapalhou-se muito no início, mas teceu noventa e cinco braças. Antônio lançou um olhar ao trabalho e disse, desprezando-o:

"— Teceste mal. Desfaz o que fizeste e tece de novo".

"Embora fôsse repugnante o que impusera ao outro, dada a sua idade avançada, Antônio consolava-se, esperando não o fazer jamais: impacientado, o velho acabaria fugindo e o deixaria, outra vez, sòzinho. Paulo, porém, desfez o que fizera, todo paciência, demoradamente, e tornou a tecer a corda, com muito cuidado.

"Quando terminou, disse-lhe Antônio:

"— Está um pouco melhor, mas um tanto frouxa. Desmancha-a e tece-a de novo".

"Paulo, sem um murmúrio, principiou a desmanchar o feito. Antônio, então, compadeceu-se do pobre que não se queixava, indignava ou desencorajava. E como o sol baixava, disse-lhe:

"— Vamos comer um pedaço de pão?"

"O velho Paulo respondeu:

"— Se tu quiseres, Pai".

"Antônio enterneceu-se. Levantou-se, compôs a mesa e sôbre ela colocou quatro pedaços de pão velho e ressecado, já bem duro, quatro fatias nem finas nem grossas. Puxou uma delas para si, e deixou as três restantes para Paulo. Principiou

http://www.obrascatolicas.com

então a cantar salmos, que sabia de cor. E uma oração, muito longa, repetiu-a por doze vêzes — para provar o velho. Êste, com ardor, acompanhava o mestre. E pensava que era preferível fazer penitência e comer escorpiões a viver com uma mulher adúltera.

"A noite, finda a oração, caíra de todo. E os dois solitários sentaram-se para comer. Antônio tomou o seu pedaço de pão velho e sêco e comeu-o, esperando que Paulo, findo o seu, fôsse convidá-lo para um segundo. Mas Paulo disse-lhe:

"— Pai, se tu comeres um segundo pedaço, eu o farei, mas, se não, contentar-me-ei com o que já comi".

"— Um só me basta, respondeu Antônio, porque sou monge".

"— Um só pedaço igualmente me basta, Pai, porque quero ser monge", respondeu o velho firmemente.

"Então Antônio levantou-se, fêz doze orações e cantou doze salmos. Em seguida, deitou-se e dormiu um pouco. Para cantar, no meio da noite, novos salmos, levantou-se lèpidamente. E sempre acompanhado, nos menores movimentos, pelo velho companheiro, que o imitava com grande ardor, disse-lhe: "— Se tu puderes viver assim, dia a dia, fica comigo".

"— Em verdade, respondeu Paulo, se fôr necessário fazer algo penoso, não sei se poderei suportá-lo. Todavia, o que até aqui fizemos, eu o farei alegremente."

"No dia seguinte, Antônio disse ao companheiro:

"— Eis que tu és monge!"

http://www.obrascatolicas.com

"Convencera-se de que Paulo era uma alma perfeita, extremamente simples, e que a graça estava com êle. Construiu-lhe uma cela bastante afastada da sua e avisou-o:

"— Tu agora és monge, e, pois, deves suportar os assaltos do demônio, na solidão".

"Depois de um ano de êrmo, Paulo recebeu a graça de poder ordenar aos demônios e de curar doenças".

* * *

Conta-se de São Paulo, o Simples, que, um dia, levaram-lhe um endemoninhado. O Santo, depois de muitas preces, de súplicas infindas, de grandes lutas, acabou por se prostrar de costas num rochedo, na hora do mais escaldante sol, e, a orar, exclamou, dirigindo-se ao diabo:

— Não deixarei êste lugar enquanto daqui não te fores!

Logo, com um feio berro, desaparecendo, declarou o espírito impuro:

— Tua simplicidade é que me expulsa!

Muitos outros prodígios obrou São Paulo. Falecido em 340, é festejado em várias datas: 18 de dezembro, 11 e 21 de janeiro. A 7 de março, porém, vêmo-lo no martirológio romano.

* * *

No mesmo dia, na diocese de Montpellier, Santo Ardon, abade e confessor. Levando vida monástica sob Bento de Aniane, a êste acompanhou em diversas viagens. Administrador do mosteiro de Aniane, faleceu em 843.

http://www.obrascatolicas.com

Em Londres, os bem-aventurados João Larke e Germano Gardiner, mártires em 1554. O primeiro capelão de Tomás More, o segundo possìvelmente, parente de Estêvão Gardiner, bispo de Winchester. Mortos no mesmo dia e pelo mesmo motivo: traição para com o rei da Inglaterra, não o reconhecendo como chefe supremo da Igreja da Inglaterra. Ambos foram beatificados pelo papa Leão XIII em 1886.

Na Inglaterra mesma, Santo Easterwin, abade e confessor. A princípio a serviço do rei Egfrido, deixou a côrte e tomou o hábito religioso em Wearmouth. Abade, faleceu em 686.

No mesmo dia em Cesaréia, na Palestina, Santo Eubulo, um dos companheiros de Santo Adriano, que, dois dias depois dêle, tendo sido estraçalhado por leões e atravessado por uma espada, foi o último de todos a receber nessa cidade, a coroa do martírio. Na Nicomédia, São Teófilo, bispo, morto nessa cidade, onde estava exilado, pela defesa das santas imagens. — Em Pelusa, no Egito, São Paulo, bispo, que morreu exilado pela mesma causa. — Em Bréscia, São Gaudioso, bispo e confessor.

http://www.obrascatolicas.com

8.º DIA DE MARÇO

SÃO JOÃO DE DEUS

Fundador dos Frades da Caridade

Nascido em 8 de março de 1495, em Monte Maior, pequena cidade do reino de Portugal, no arcebispado de Évora, descendia de pais modestos. O genitor, André Civdad, e a genitora, cujo nome não se sabe, educaram-no em todos os exercícios de piedade que sua infância podia assimilar. Mas êles o perderam, com a idade de oito ou nove anos. Como exercessem prazenteiramente a hospitalidade, receberam certa vez em casa, um viajor, que se dizia sacerdote e se dirigia para o lado de Madri. Durante a conversa, falou da piedade que reinava na capital da Espanha, bem como das igrejas célebres que lá se viam. Isso causou tal impressão no pequeno João, que desejou acompanhar o viajante. Escondeu-se dos pais e pôs-se a caminho de Madri. Todavia, não chegou lá. O viajor deixou-o na cidade de Oropesa, em Castela. Pessoas piedosas se compadeceram do menino. Francisco, chefe dos pastôres do conde de Oropesa, tomou-o para seu serviço. Todavia, sua mãe, após várias buscas inúteis, não podendo encontrá-lo, morreu de tristeza, decorridos vinte anos. O pai, não menos aflito com sua ausência, retirou-se

http://www.obrascatolicas.com

para Lisboa e lá se fêz religioso da ordem de São Francisco.

Entrementes, Deus abençoava os cuidados e o trabalho de seus filhos. Os bens de seu amo, dos quais fôra nomeado ecônomo, aumentaram em suas mãos, os rebanhos se multiplicaram e a prosperidade reinava na casa. O amo tomou-se de grande afeição por êle e, para retê-lo, ofereceu-lhe a filha em casamento. João, que tinha terna devoção pela santa Virgem, e rezava todos os dias o rosário em sua honra, não aceitou essa união e alistou-se numa companhia de soldados a serviço de Carlos Quinto, para marchar contra os franceses em Fontarabie.

O movimento das armas, o mau exemplo dos companheiros fizeram-no esquecer os exercícios de piedade. Acostumou-se insensìvelmente a fazer como os demais. A Providência permitiu que lhe acontecessem acidentes, que o fizeram entrar em si. Um dia, faltavam víveres. João, como o mais moço, foi incumbido de ir procurá-los em uma localidade vizinha. Montava uma jumenta há pouco tomada aos franceses. Reconhecendo os lugares, o animal correu a tôda brida na direção do campo conhecido. João quis detê-la, mas, empinando-se, atirou-o para o meio de algumas pedras, onde êle ficou sem movimento e sem vida. Voltando a si, pôs-se de joelhos, implorou o socorro da santa Virgem para não cair nas mãos dos inimigos, dos quais estava muito próximo. Voltando ao campo dos espanhóis, deplorou seus desmandos e prometeu a Deus ser mais fiel no servi-lo. Dêste mal, caiu em outro. Foi-lhe confiada pelo capitão a guarda de espólios feitos aos inimigos. Todavia, ladrões os raptaram. O capitão o acusou de infidelidade, maltratou-o e quis entregá-lo à jus-

http://www.obrascatolicas.com

tiça. Várias pessoas se interessaram por êle e obtiveram-lhe indulto, com a condição de abandonar o serviço das armas.

Retornou a Oropesa, procurou o antigo amo, que o recebeu com muita ternura, tornando a confiar-lhe a guarda dos bens. Desincumbiu-se dessa missão com mais exatidão ainda, de tal sorte que o amo pediu-lhe novamente que se tornasse seu genro. João se recusou. E para se ver livre dêsses assediamentos, engajou-se novamente no exército. Era na guerra de Carlos Quinto contra os turcos. João a encarava como uma expedição santa, na qual podia sofrer alguma coisa por Jesus Cristo. Evitou todos os desmandos em que caíra anteriormente, e, bem longe de interromper os exercícios de piedade, aumentou-os.

Terminada a guerra, os soldados foram dispensados. Êle voltou a Portugal e quis ir ver os pais, em Monte Maior. Lá soube que já se encontravam mortos, tanto um como outro, de tristeza por haverem-no perdido. Resolveu, então, deixar o país e entregar-se ao serviço de Deus, alhures. Passando pela Andaluzia, entrou para os serviços de uma senhora rica, na qualidade de pastor. Passou dias e noites em exercícios de piedade e penitência, implorando a misericórdia de Deus. Por fim, convenceu-se de que não poderia fazer nada de mais apropriado, para satisfazer à justiça divina, do que dedicar-se aos infelizes. Para executar seu plano, foi para a África, a fim de proporcionar aos escravos cristãos todo o consôlo e todos os socorros que dêle dependessem. Esperava ainda encontrar nesse país a coroa do martírio, pela qual suspirava ardentemente. Em Gibraltar, encontrou um gentil-homem português, que o rei João III tinha despojado de todos os bens e conde-

http://www.obrascatolicas.com

nado ao exílio. Os oficiais do príncipe foram incumbidos de conduzi-lo, com mulher e filhos, a Ceuta. João, movido pela caridade, pôs-se a seu serviço, gratuitamente. Mas, apenas chegaram a Ceuta, a tristeza e o clima causaram no gentil-homem uma doença penosa. Bem depressa foi reduzido a extrema necessidade e obrigado a vender, para sua subsistência e da família, o pouco que havia trazido. Esgotada essa fonte, o santo supriu-a vendendo tudo o que possuía. Não parou aí, trabalhou em obras públicas e empregou o salário de suas jornadas no amenizar o sofrimento dos amos. A alegria pura que desfrutava no exercício da caridade, foi turvada pela apostasia de um dos companheiros. Êsse fato, acrescido dos conselhos do confessor, que lhe demonstrara a ilusão de procurar ali o martírio, fizeram-no decidir-se a voltar à Espanha.

De volta a Gibraltar, pôs-se a vender imagens e livros de piedade. O que lhe concedia a ocasião de exortar à prática da virtude os que a êle se dirigiam. Com os fundos consideràvelmente aumentados, foi para a Granada, onde, em 1538, se estabeleceu com uma botica. Tinha, então, cêrca de quarenta e três anos.

Sabendo que a cidade de Granada celebrava com muita devoção a festa de São Sebastião, transportou-se para o eremitério do nome dêsse santo. Nesse ano, o povo foi numeroso nesse local, porque João de Ávila, sacerdote de grande santidade, o mais célebre pregador de Espanha, cognominado o Apóstolo de Andaluzia, devia ir lá pregar. João se comoveu com o sermão a ponto de derramar lágrimas e encher a igreja com seus gritos e lamentações. Maldizia pùblicamente a vida pregressa, batia no

http://www.obrascatolicas.com

peito e pedia misericórdia pelos pecados que havia cometido. Não contente com isso, saiu pelas ruas, correndo e arrancando-se os cabelos e fazendo outras coisas de chamar a atenção. O populacho o perseguiu, como se fôra um demente, a pedradas e a bastonadas. Voltou para casa, todo coberto de lama e sangue. Deu aos pobres tudo quanto tinha e reduziu-se a uma pobreza total. Recomeçou a correr pelas ruas como antes. Algumas pessoas, compadecidas dêle, detiveram-no e o conduziram ao venerável João de Ávila. Êste grande homem, cheio do espírito de Deus, descobriu logo que nosso santo não era absolutamente tal como aparentava ser. Falou-lhe em particular, atendeu-o em confissão geral e deu-lhe conselhos salutares, prometendo-lhe assisti-lo em tôda ocasião.

Todavia, o nosso santo, incendiado de desejo de humilhações, reencetou a atitude de demente. A tal ponto, que se chegou a crer um dever encerrá-lo como um doente. Foram empregados os remédios mais violentos, para curá-lo da pretendida doença. Sofreu tudo em espírito de penitência, para expiação dos pecados da vida passada. João de Ávila, informado do que se passava, foi visitá-lo. Encontrou-o coberto de feridas, feitas pelos golpes de chicote que lhe haviam aplicado. Mas se o corpo estava em estado de fraqueza, a alma se encontrava em pleno vigor e em plena coragem, santamente ávida de novos sofrimentos e novas humilhações. João de Ávila sentiu-se extremamente edificado com um tal amor pela penitência. Entretanto, após ter dado ao santo os elogios que merecia, aconselhou-o a mudar de gênero de vida e a se ocupar de alguma coisa que pudesse ser de grande utilidade para o

http://www.obrascatolicas.com

povo. João aproveitou os conselhos de seu diretor espiritual e voltou imediatamente ao estado natural, o que causou grande surprêsa nas pessoas encarregadas de cuidar dêle. Serviu durante algum tempo aos doentes no hospital onde se encontrava, e do qual saiu no dia de Santa Úrsula, no ano de 1539.

Não pensou mais em outra coisa, senão no desígnio de executar o que pudesse servir de alívio para os pobres. Mas, antes de empreender o que quer que fôsse, colocou-se sob a proteção da santa Virgem e fêz uma peregrinação a Nossa Senhora de Guadalupe, na Extremadura. Na volta, começou a vender madeira no mercado, empregando os lucros que disso lhe advinham, no alívio dos infelizes. Alugou, em seguida, uma casa, para nela recolher os pobres doentes, e provia-lhes a tôdas as necessidades com atividade, vigilância e economia de surpreender tôda a cidade. Chegou-se ao ano de 1540. Assim, fundou-se a *Ordem da Caridade,* que, por uma bênção visível do céu, se espalhou por tôda a cristandade. O santo passou os dias junto dos doentes, empregando as noites em transportar novos necessitados para o hospital. Os habitantes de Granada, edificados com êsses estabelecimentos, prontificaram-se a fornecer tudo quanto fôsse da necessidade dos doentes. O arcebispo, testemunha dos grandes bens que resultavam da ordem admirável que lá reinava, com relação à administração do auxílio espiritual e temporal, tomou-o sob sua proteção, dando-lhe somas consideráveis, para torná-lo fixo e permanente. O exemplo do prelado produziu os melhores efeitos e excitou a caridade de numerosas pessoas virtuosas. Como não iriam ajudar uma instituição assim útil,

http://www.obrascatolicas.com

cujo fundador era um modêlo completo de caridade, de paciência e de modéstia?

O bispo de Tuy, presidente da câmara real de Granada, reteve-o um dia para jantar. Fêz-lhe várias perguntas, às quais o santo respondeu com tanta justeza, que o bispo fêz dêle a melhor idéia. O prelado perguntou-lhe como se chamava. A resposta foi: João. Tu te chamarás doravante *João de Deus*, disse o bispo. E êsse nome ficou. Prescreveu ao mesmo um hábito conveniente e vestiu-o com as próprias mãos. João não tivera jamais a intenção de fundar uma ordem religiosa. Assim, não redigiu nenhuma regra para aquêles que se consagrassem, como êle, ao consôlo dos doentes. Por isso a que leva seu nome não foi feita, senão seis anos após sua morte, ou seja, em 1556. Quanto aos votos de religião, foram introduzidos por seus discípulos em 1570.

O marquês de Tarisa quis um dia pôr à prova o desinterêsse do santo. Procurou-o, mascarado, pedindo-lhe meios para prosseguir um processo que dizia ser justo e indispensável. João deu-lhe vinte e cinco ducados, que eram tudo o que possuía. O marquês ficou extremamente edificado com semelhante generosidade. Devolveu-lhe o dinheiro e deu ainda cento e cinqüenta escudos de ouro. Enquanto estêve em Granada, enviava cada dia abundantes provisões ao hospital do santo.

João tinha uma ternura singular pelos pobres doentes. Prova disso, deu-a no dia em que o fogo lavrou no hospital. Vivamente alarmado com o perigo que corriam os doentes, resolveu se expor a tudo para salvá-los. Conduzindo no ombro, um após outro, atravessou as chamas. Experimentou êle, bem

http://www.obrascatolicas.com

visìvelmente, a proteção da Providência, porque nem êle, nem os doentes foram prejudicados pelo incêndio.

Mas sua caridade não se concentrava no recinto do hospital. Ela era por demais ativa, para não se atirar a outros lugares, afora o hospital. Sentia-se penalizado, quando ouvia dizer que algumas pessoas se encontravam em estado de indigência. Obteve uma pesquisa exata de todos os pobres da província, a fim de prover-lhes às necessidades. A uns dava o que comer em suas casas. A outros arrumava trabalho. Enfim, não existia meio que não empregasse para consolar e para assistir aos membros padecentes de Jesus Cristo. Tinha um cuidado particular com as jovens que a miséria teria podido precipitar no crime. Trabalhava ao mesmo tempo em retirar da devassidão aquelas que tinham tido a infelicidade de se deixar arrastar para o vício. E, mais de uma vez, foi, com o crucifixo na mão, procurar as pecadoras públicas e exortá-las, com lágrimas, a entrar no caminho da penitência. Conseguiu converter várias e cuidou da subsistência delas, a fim de tirar-lhes a oportunidade de recaírem nos desmandos anteriores.

A uma vida assim ativa, juntava-se a oração contínua e grande austeridade. Êle tinha o dom das lágrimas e possuía superiormente o espírito de contemplação. Todo seu modo de agir era impregnado de profunda humildade, e estava tão firme nessa virtude, que nada era capaz de demovê-lo. Isso ficou demonstrado na côrte de Valladolid, para onde seus afazeres o tinham chamado. O rei e os príncipes lhe deram, à porfia, mostras indiscutíveis de estima e lhe remeteram somas consideráveis, que êle distribuiu

http://www.obrascatolicas.com

com admirável economia, em Valladolid mesmo e nos arredores. Quanto às honras com que o cumulavam, êles as recebia com santa insensibilidade, que caracteriza um homem verdadeiramente morto para si mesmo. Dava-se bem melhor com as humilhações, que lhe faziam as delícias. Suportava-as com alegria e as procurava mesmo, com ânsia. Certo dia, a uma mulher que o acoimava de hipócrita e lhe dizia mil injúrias, deu dinheiro, para que repetisse tudo em praça pública.

Fazia já dez anos que o nosso santo sustentava com coragem invencível as fadigas que lhe causavam os serviços do hospital, quando caiu doente. Atribui-se a causa de sua doença aos esforços, durante uma inundação, para salvar da água bens pertencentes aos pobres e para salvar um homem que estava para afogar-se. A princípio disfarçou o mau estado de saúde, com receio de que o obrigassem a deixar de lado algo dos trabalhos e das austeridades. Trabalhou, ao mesmo tempo, em fazer o inventário de tudo quanto havia no hospital e em rever as contas. Reviu também os sábios regulamentos que redigira para a administração do espiritual e do temporal. O arcebispo de Granada levou-lhe ao conhecimento uma queixa de que recebia vagabundos e homens de má vida. Lançando-se-lhe aos pés, disse: "O Filho de Deus veio ao mundo para salvar os pecadores. E nós somos obrigados a trabalhar pela conversão dêles, com nossos suspiros, nossas preces e exortações. Fui infiel à minha vocação, negligenciando êsse dever. E reconheço, confuso, que não conheci outro pecador, no hospital, que eu mesmo, que sou indigno de comer o pão dos pobres". Pronunciou essas palavras com tal candura, que todos os que o ouviram, senti-

http://www.obrascatolicas.com

ram-se comovidos. E o arcebispo, pleno de respeito pelo santo, deixou-lhe tudo ao seu cuidado.

Todavia, a saúde do bem-aventurado João enfraquecia dia a dia. A doença tornou-se tão perigosa, que não lhe foi mais possível cuspir. Espalhou-se a notícia de sua doença. Uma senhora chamada Ana Osório, foi visitá-lo. Ela o encontrou deitado com suas roupas, na pequena cela, não tendo por coberta, senão um velho casaco. O santo apenas substituira a pedra que lhe servia habitualmente de travesseiro, pelo cestinho no qual costumava colocar as esmolas que recolhia pela cidade. Os doentes e os pobres desfaziam-se em lágrimas ao redor dêle. Ana Osório sentiu-se vivamente tocada com êsse espetáculo, e secretamente fêz saber ao arcebispo do estado em que se encontrava o santo. O prelado enviou imediatamente alguém a dizer a João que êle devia obedecer àquela senhora como ao próprio arcebispo. Ana, assim autorizada, obrigou o servo de Deus a deixar o hospital. Mas, antes de sair, nomeou superior Antônio Martin, deu algumas instruções aos frades e lhes recomendou sobretudo a prática da obediência e da caridade. Visitou, em seguida, o santo sacramento e deixou que o coração se expandisse em presença de Jesus Cristo. Sua oração foi tão longa, que Ana Osório se viu obrigada a interrompê-lo para fazê-lo subir na carruagem. Ela o conduziu à sua casa, reservando-se a si e às filhas o cuidado de servi-lo durante a doença. Freqüentemente liam-lhe a paixão de Jesus Cristo, o que o levava a atos de humildade, considerando que era bem tratado, enquanto o Salvador fôra maltratado.

Os progressos da doença foram tão rápidos, que após pouco tempo não restava esperanças de

http://www.obrascatolicas.com

melhora. Todos se alarmaram com o perigo em que se encontrava o homem de Deus. Tôda a nobreza veio visitá-lo e os magistrados acorriam para pedir-lhe a bênção para si e para a cidade. O santo respondeu a êstes últimos que não deviam pedir a bênção a um pecador tão grande como êle; recomendou-lhes em seguida os pobres e os frades que estavam incumbidos do cuidado do hospital. O arcebispo ordenou-lhe, por fim, que atendesse aos rogos dos magistrados. Deu, então, a bênção à cidade de Granada e fêz exortações das mais patéticas a todos os presentes. Contìnuamente se entretinha com Deus, por oração acompanhada da compunção mais viva e do amor mais ardente. O arcebispo rezou a missa no quarto e administrou-lhe os últimos sacramentos, após tê-lo ouvido em confissão. Prometeu-lhe pagar suas dívidas e prover às necessidades dos pobres dos quais seu hospital tomava cuidado. João, ainda de joelhos diante do altar, expirou, em 8 de março de 1550. Tinha cinqüenta e cinco anos completos. Foi enterrado pelo arcebispo com tôda a solenidade. O clérigo secular e regular de Granada assistiu aos funerais, bem como a côrte e a nobreza. Deus glorificou seu servidor com numerosos milagres. Em vista disso, Urbano VIII beatificou-o no ano de 1630 e Alexandre VIII o canonizou no ano de 1690. Suas relíquias foram transportadas em 1664, para a igreja dos seus discípulos.

A ordem dos frades da Caridade, instituída para o serviço dos doentes, foi aprovada pelo papa Pio V. Os frades da Caridade de Espanha têm um geral particular. Os da Itália e de França têm um que reside em Roma. Seguem todos a regra de Santo Agostinho. Na Itália, são conhecidos sob o nome

http://www.obrascatolicas.com

de frades *Fate ben Fratelli,* ou, abreviadamente, *Ben Fratelli,* por causa do fato de pedirem esmolas, antigamente, a exemplo do santo fundador, dizendo: *Meus irmãos, fazei o bem por amor a Deus.* Isso foi no tempo em que os hereges de Wittemberg sustentavam que as boas obras eram outros tantos pecados, dizendo: Irmãos, não façais o bem para vós, porque isso é um mal. — Por isso foi chamado São João de Deus.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTO ESTÊVÃO DE OBASINE

Descendia de pais honrados. Após os estudos das ciências eclesiásticas, continuou morando no mundo, cuidando da família, e mais ainda, dos pobres. Mas, ordenado sacerdote, resolveu entregar-se inteiramente a Deus e iniciou uma vida austera e deu-se à pregação, cheio de fôrça e unção. As leituras que fazia para instruir os outros, fizeram-lhe nascer o desejo de renunciar a tudo e de servir a Jesus Cristo em perfeita pobreza. Consultou a êsse respeito Estêvão de Mercouer, que fôra discípulo de São Roberto de la Chaise-Dieu. Êste santo homem aconselhou-o a executar o mais breve possível seu piedoso plano. Estêvão tinha já por companheiro outro sacerdote, chamado Pedro, homem de grande simplicidade, que era do mesmo parecer. Assim, na quinta-feira após o dia das Cinzas, reuniram os pais, para lhes darem adeus, ofereceram-lhes uma refeição e distribuíram entre os pobres tudo o que lhes restava.

Passaram a noite seguinte em orações, para pedirem a Deus a graça de cumprirem o que lhes havia inspirado. Depois, vestidos de hábito religioso e andando descalços, partiram antes do amanhecer, para deixarem o país. Havia na vizinhança um ermitão chamado Bertrando, que tinha alguns discípulos. Ficaram com êle dez meses, mas sem compromisso, deixaram-no, movidos do desejo de maior perfeição.

http://www.obrascatolicas.com

Após visitarem tôdas as casas religiosas das redondezas, sem nelas encontrar o que procuravam, detiveram-se em Obasine, lugar deserto, rodeado de bosques e rochedos, regado por um riacho. Lá chegaram na sexta-feira santa e passaram êsse e o dia seguinte sem comer. No dia da Páscoa, foram a uma igreja vizinha, onde, com sapatos emprestados, um dêles rezou a missa, dando ao outro a comunhão. Como ninguém os tivesse convidado a comer, voltaram tristes ao deserto. Mas uma mulher da redondeza trouxe-lhes a metade de um pão e um pouco de leite, com o que fizeram a mais alegre refeição da vida. Passaram vários dias sem outro alimento que as raízes e outras coisas que conseguiam obter no deserto. Entretanto, pessoas caridosas os socorreram, principalmente pastôres, o que êles recompensavam, instruindo-os.

Algum tempo depois, a conselho de Estêvão, Pedro foi a Limoges, com um clérigo chamado Bernardo, que a êles se tinha juntado. Falaram com o bispo Eustórgio e lhe expuseram suas decisões, as quais êle aprovou. Benzendo uma cruz que tinham trazido, concedeu-lhes a permissão de rezarem a missa e de construírem um mosteiro, contanto que seguissem em tudo a tradição dos Padres. Iniciaram, pois, a construção dos lugares destinados aos monges. Tinham já alguns discípulos, porém em pequeno número, dada a extrema austeridade da vida que levavam, porque, acrescenta o autor desta história, que é do mesmo tempo, ainda que os cônegos cantem regularmente, o alimento lhes é abundante e bom, repousam bastante e têm pouco ou nenhum trabalho manual. A isso o santo homem tinha grande aversão. Assim, ordenou que todo o dia fôsse empregado em

http://www.obrascatolicas.com

trabalhos, exceto o tempo destinado à leitura ou ao ofício divino. Durante o inverno chegavam a empregar nisso parte da noite. E durante o trabalho recitavam salmos.

Estêvão quis persuadir Pedro, seu primeiro companheiro, a ir aos sarracenos, na esperança de converter alguns dêles, ou de sofrer o martírio. Pedro, porém, lhe disse que era melhor aplicar-se na conversão dos costumes dos que já estavam na fé, do que trabalhar inùtilmente entre os infiéis, que talvez não fôssem predestinados. Após terem construído o mosteiro de Obasine, um passou ao outro o govêrno da casa, querendo um entregar ao outro essa honra. Para terminar com a pendência, levaram-nos à presença do legado Gefredo, bispo de Chartres, que se encontrava, então, no país, e que, após tê-los examinado bem, deu o cargo de superior a Estêvão.

Visitou os Cartuxos, que eram tidos como os mais perfeitos religiosos. Chegou à Cartuxa na ocasião em que uma avalancha de neve havia destruído várias celas, com os monges dentro. Santo Estêvão de Obasine consultou o prior da Cartuxa, que era, então, o venerável Guigue, a respeito do instituto que devia escolher. O prior lhe respondeu o seguinte: "Os cistercenses, vindos há pouco, seguem o caminho real e os estatutos dêles podem bastar para a perfeição. Quanto a nós, somos limitados, tanto no número de pessoas, como na extensão de nossas posses. Vós que reunistes várias pessoas para o serviço de Deus e que decidistes receber ainda mais, deveis abraçar a vida cenobítica".

Ao voltar da Cartuxa, Estêvão aumentou a construção de Obasine, para receber os que vinham todos os dias colocar-se sob sua direção, entre os

http://www.obrascatolicas.com

quais houve um gentil-homem que, tendo já levado uma vida bem regrada, entregou-se a êle com mulher, filho, tôda a família e todos os bens, pois Estêvão recebia também mulheres e chegou a converter um grande número delas, mesmo das mais nobres, e daquelas que tinham levado a vida mais luxuosa e desregrada. E acostumou-as a não desdenharem os trabalhos mais simples. Elas tinham seus quartos separados. Mas, com o tempo, colocou-as mais longe, e em uma clausura mais rigorosa. E chegaram elas a atingir o número de cento e cinqüenta.

Estêvão decidiu tomar a regra monástica, principalmente a conselho de Aimeri, bispo de Clermont. Enviou a Dalone, que era o único mosteiro regular do país e que já seguia a observância de Cîteaux, sem, contudo, estar ainda agregado à ordem. Fêz virem monges para instruírem os seus. Êsses monges trataram-nos duramente e com pouca discreção, como se êles devessem saber tudo a respeito das observâncias monásticas, desde o início, coisa que ainda não tinham aprendido. Os de Obasine se queixaram ao abade Estêvão, que os exortou à paciência. Todavia, sabendo que o papa Eugênio se encontrava em Cîteaux, foi procurá-lo, porque desejava, havia muito, submeter-se a essa ordem. Santo Estêvão apresentou-se, então, ao Papa e lhe expôs seus propósitos. O Papa mandou chamar Rainard, abade de Cîteaux, homem de mérito singular, e lhe recomendou Estêvão, para que dêle cuidasse como filho e o associasse à ordem. E Rainard e todos os abades reunidos em capítulo com isso concordaram plenamente, menos por obediência ao Papa do que por afeição ao santo, que foi recebido por todos, unânimemente, e acolhido em Cîteaux, por ser de sua filiação. Existiam algu-

http://www.obrascatolicas.com

mas dificuldades: a casa de Obasine tinha certas práticas contrárias aos costumes de Cîteaux, principalmente a direção das mulheres. Mas, passou-se por cima disso, por amor a Estêvão. E Rainard, que lhe queria profundamente, prometeu que essas diferenças seriam abolidas pouco e pouco. Estêvão retornou a Obasine pleno de alegria, conduzindo aquêles que o abade de Cîteaux lhe dera por mestres da observância, a saber, dois sacerdotes e dois irmãos leigos. Êsses novos mestres, bem diferentes dos de Dalone, instruíram com doçura e familiaridade e com grande discreção. A mudança que mais custou ao abade Estêvão foi concordar em dar carne aos doentes, de acôrdo com a regra. A partir dessa associação o mosteiro de Obasine aumentou sempre mais e produziu muitos outros. Santo Estêvão viveu ainda cêrca de onze anos, quando morreu, no dia 8 de março de 1159.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTO APOLÔNIO E SÃO FILÊMON (*)

Mártires

Apolônio era um solitário da Tebaida. Prêso como cristão, durante a perseguição de Diocleciano, na prisão era visitado por bandos de pagãos que sentiam imenso prazer em o insultar. Dentre êstes, o mais ferino era um tocador de flauta, chamado Filêmon, agregado a uma companhia de comediantes, muito festejado pelo povo.

Olhando Apolônio com ódio, cerrava os punhos, sacudia-os com furor, e gritava:

— Ímpio! Sedutor! Criminoso sem entranhas!

Apolônio, de lágrimas nos olhos, apiedado, dizia-lhe brandamente, sem qualquer rancor:

— Ó filho, que Deus tenha piedade de ti, e ao que dizes não considere pecado! Que te não condene!

Tal doçura e tamanha humildade acabou por penetrar no coração do flautista, amenizando-o. E, todo ímpio, todo pagão que êle era, converteu-se, tornou-se cristão.

Tão ardoroso ficou, que, indo para o juiz, proclamou-se discípulo de Jesus Cristo. E dizia:

— Tu vives erradamente! Por que punir os cristãos, que nada de mal fazem, e que, ao contrário, se dão tão-sòmente a fazer o bem?

Ariano, assim se chamava o juiz, viu naquilo a mão de Apolônio. E, imediatamente, ordenando que

http://www.obrascatolicas.com

o trouxessem à sua presença, submeteu-o a terrívei torturas, bem como ao tocador de flauta.

Afinal, diante de todo o povo, foram ambc condenados à fogueira. Quando Apolônio se vi rodeado pelas chamas, orou:

— Senhor, não condenes as almas dos que con fiam em Ti! Faze com que conheçam o teu podei Salva-nos!

No mesmo instante, uma nuvem desceu do céu pairou-lhe sôbre a cabeça e, abafando o fogo, apa gou-o diante do populacho boquiaberto.

Ariano, emocionado, gritou:

— Oh! O Deus dos cristãos é grande, imensamente grande! Só Êle é imortal!

Ora, tal mudança logo chegou aos ouvidos dc prefeito do Egito, porque tudo se desenrolava em Antinoé, e Ariano foi intimado a se apresentar ac tribunal.

A caminho, Apolônio, Filêmon e Ariano, acabaram, pelo ardor, por converter os guardas que os escoltavam. E, diante do prefeito, todos, a uma só voz, declararam-se cristãos, fiéis até o fim a Jesus Cristo, Filho de Deus vivo e verdadeiro.

Então, por ordem do prefeito, foram todos êles atirados ao mar, conquistando, destarte, a gloriosa coroa do martírio (311). E um prodígio se deu: os delfins, por bondade, tomaram-lhes os corpos, levaram-nos à praia, e lá o deixaram. A êste grupo de mártires pertence São Teótico.

* * *

No mesmo dia, na Irlanda, São Senan, bispo e confessor. Sob a direção de um santo homem, cha-

http://www.obrascatolicas.com

nava-se Cassido, Senan iniciou-se na vida religiosa. Aperfeiçoando-se junto de Natal, abade de Kilmaıagh, no Ossory, fêz uma peregrinação a Roma. De volta, sob a indicação de um anjo, construiu o mosteiro de Inis Carthaig. Abade da nova fundação, mais tarde foi elevado ao episcopado. Morto em 560, foi enterrado no mosteiro mesmo de Inis Carthaig.

Na Inglaterra, São Félix, bispo. Padre ainda, converteu à fé o rei Sigeberto, quando do exílio dêste príncipe na França. De volta para o trono, Félix acompanhou-o. Trabalhando para a conversão do povo de Norfolk, Suffolk e Cambridge, conseguiu-o. Elevado ao bispado, sagrado pelo arcebispo de Cantuária, o novo prelado estabeleceu-se em Domnoc. Morto em 646, foi enterrado em Dunwich, depois transferido para Ramsey.

Em Toledo, na Espanha, a festa de São Julião, bispo e confessor, célebre pela santidade e ciência. Elevado ao sacerdócio, logo depois era escolhido para suceder o bispo Quirício. Grande pastor, pai dos pobres, apoio dos fracos, consôlo dos infelizes, amando a Igreja com ardor e pureza, faleceu em 690, tendo presidido, em Toledo, a três concílios. Em 710, de Toledo, foi seu corpo transferido para Oviedo.

Na diocese de Arras, Santo Humfroy, bispo e confessor, ou Hunfrido, mesmo Hunfredo. Jovem ainda, já se encontrava no mosteiro de Prum, na diocese de Trèves. Morto Folquino, bispo de Thérouanne, sucedeu-o. Muito devoto de Nossa Senhora, Humfroy dava na sua diocese um grande brilho à festa da Assunção. Falecido em 871, depois de quinze anos de episcopado, foi enterrado em

http://www.obrascatolicas.com

Thérouanne, sendo, em 1553, levado para Yprès, com exceção da cabeça, que ficou em Saint-Omer.

Na Navarra, São Veremundo. Nascido em 1020, faleceu em 1092. Educado por um tio, o abade Múnio de Hyracha, beneditino, foi um fiel observador da regra. Feito abade, cheio de um grande amor pela Mãe de Deus, conta-se dêle que, em 1080, os pastôres que viviam nas imediações da abadia, guardando os rebanhos, viram cair do céu uma chuva de estrêlas. Correndo ao local do prodígio, uma doce colina, encontraram uma imagem da Virgem, de peregrina beleza. Veremundo, taumaturgo, numa grande fome que se abateu sôbre a região, conseguiu, num só dia, alimentar cêrca de três mil homens esfaimados, com o auxílio de Maria.

Na Polônia, São Vicente Kadlubek, bispo e confessor. Nascido numa nobre família, estudou na universidade de Cracóvia, doutorando-se. Ordenado padre pelo bispo Foulques, sucedeu-o no episcopado. Depois de dez anos debaixo daquela dignidade, desejoso de se aperfeiçoar, decidiu deixar a Sé. Distribuiu aos pobres tudo o que possuía, despojou-se das insígnias episcopais e partiu, descalço, pobremente vestido, para o mosteiro de Jedrzejow, onde faleceu cinco anos depois (1223).

Entre os gregos, Santa Cleopatrônia, virgem, filha de um governador da Ásia, chamado Daciano. Possuída do demônio, livre, converteu-se, recebeu o batismo e se devotou ao serviço de Deus e ao cuidado dos pobres. Faleceu em 400.

Em Como, São Provino, bispo e confessor, discípulo de Santo Ambrósio. Combatendo o arianismo, faleceu em 420.

http://www.obrascatolicas.com

Em Limousin, São Saumon, confessor, ou Psalmond, derivado de *salmo*, natural da Irlanda. Faleceu em 589.

No Franco-Condado, Santo Antônio de Froidemont, ermitão do século X.

Na Escócia, São Duthac, bispo e confessor. Bispo de Ross, trabalhou com grande afinco e maior desvêlo para a santificação das almas. Operando milagres quando em vida, morto (1253), continuou a obrar prodígios. Enterrado na igreja de Tain, aquêle templo se tornou lugar de peregrinação.

Em Nicomédia, São Quintílio, bispo e mártir.

Em Cartago, São Pôncio, diácono do bispo São Cipriano, que, tendo sido seu companheiro de exílio até o dia de sua morte, compôs excelente história das obras e do martírio do mestre. E procurando glorificar a Deus em seus sofrimentos, mereceu receber a coroa da vida eterna.

Na África, os santos Cirilo, bispo, Rogato, Félix, outro Rogato, Beata, Herênia, Felicidade, Urbano, Silvano, e Mamilo.

http://www.obrascatolicas.com

9.º DIA DE MARÇO

SANTA FRANCISCA

Dama Romana

Nasceu em Roma, em 1384, filha de Paulo Buxo e de Giacomina Rofredeschi, duas famílias muito distintas. No batismo recebeu o nome de Francisca. Desde a mais tenra idade deu mostras impressionantes de pudor virginal, chorando quando não se encontrava bem coberta e sofrendo quando era tocada por um homem, ainda que êste fôsse seu pai. Ao aprender a falar, aprendeu como primeira coisa o ofício da santa Virgem. Calma, humilde e dócil, era criança pela idade, matrona pelo comportamento. Não brincava com nada que fôsse pueril, não procurava saber nem contar as novidades. Retirada dentro da casa, evitava conversar com homens, a fim de gozar mais cômodamente do colóquio com Deus. Com os olhos sempre modestamente baixados, jamais se afastava da presença de Deus e dos anjos. O tempo que lhe restava do trabalho e da oração, ela o empregava na leitura de virgens, tornadas célebres pela santidade, no desejo de imitar-lhes o exemplo. Não é de se estranhar que os vizinhos não a conhecessem, se para os da casa ela era difícil de ser vista. Desde cedo fazia o exame de tôdas as

http://www.obrascatolicas.com

ações e expiava com severa penitência o que acreditava ter manchado com pecado. Era maravilhoso ver com que respeito e submissão obedecia ao confessor. Não existia senão um ponto em que era importuna: queria que lhe permitissem mortificar o corpo com penitências que exigiam idade mais avançada. Mais de uma vez foi necessário aceder-lhe aos pios desejos. Deus quis desde cedo formar na mortificação aquela que destinava a uma santidade tão elevada.

Vivendo assim, como reclusa, Francisca alimentava no espírito o desejo de guardar a virgindade e de consagrá-la a Deus, em algum convento. O confessor lhe aconselhou pensar nisso maduramente, examinar os prós e os contras de cada estado, e experimentar suas fôrças por alguma austeridade secreta. Ela obedeceu. Dia a dia, porém, fortificava-se em sua resolução. Falou com os pais, que já, então, desconfiavam de alguma coisa. Êstes não consentiram e como já tivesse passado dos doze anos, pensaram imediatamente em casá-la. Por ordens formais do pai, resignou-se, obediente, e após verter copioso pranto, desposou Lourenço de Ponzanis, jovem romano, cuja fortuna igualava-se com a descendência.

Pouco após as bodas, caiu gravemente enfêrma. Tornava-se pior dia a dia. Os médicos não encontravam remédio para curá-la. O pai se afligia ainda mais, pois considerava a doença da filha uma punição do céu, dado que se recusara a conceder-lhe permissão para abraçar a vida religiosa. Algumas pessoas ousaram esperar que sarasse por sortilégios. Francisca, todavia, protestou constantemente, dizendo que preferia morrer a ofender a Deus por meio

http://www.obrascatolicas.com

de alguma superstição. Sem nenhum socorro de médicos, recuperou a saúde, em parte. Mas, recaiu algum tempo depois, ficando perto de um ano tão doente, que não podia mexer-se na cama, nem reter no estômago alimento algum, o que lhe causava grandes dores, como também aos seus, que esperavam cada dia que morresse. Uma mulher curandeira se apresentou a ela, para curá-la. Mas, foi de tal modo recebida, que deu-se por feliz em escapar da casa sem receber algumas pancadas. Era a véspera de Santo Aleixo, 17 de julho de 1398, o décimo-quarto ano de Francisca. Noite alta, todos dormiam profundamente, inclusive os enfermeiros. Francisca não dormia, pensando em Deus. Repentinamente, o quarto se iluminou com uma luz extraordinária. Santo Aleixo apareceu radiante de glória. Diz quem é e anuncia que Deus o enviara para curá-la. Coloca o manto de ouro sôbre a doente e lhe restitui perfeita saúde. Francisca imediatamente se levantou, bem disposta, foi procurar sua amiga de infância, sua cunhada Vannozia ou Ziametta, que acabara de dormir e lhe conta o milagre e a convida a agradecer a Deus na igreja vizinha; o que ambas fizeram com indescritível devoção. Voltando a casa, Francisca foi recebida por tôda a família como pessoa ressuscitada de entre os mortos. Tôda Roma se encheu de admiração com o acontecimento.

Voltada das portas da morte, Francisca se aplicou com ardor maior do que antes, a tôdas as obras de piedade. O desejo da vida solitária se renovou no coração, a fim de entregar-se tôda a Deus. Vannozia, em chegando, encontrou-a completamente absorta nessas reflexões. Após explicações, Vannozia entendeu as idéias de Francisca, expondo-lhe

http://www.obrascatolicas.com

também seus propósitos. Mas, como poderiam executá-los, se eram ambas casadas? No alto da casa, não ia ninguém. Lá construíram um pequeno oratório. Na extremidade do jardim, antigas ruínas formavam uma espécie de gruta. Todo o tempo disponível passavam-no rezando na gruta, durante o dia e no oratório durante a noite. Um dia, estando na gruta, perguntaram-se o que fariam se Deus lhes concedessem a graça de viverem como ermitoas. Francisca, que amava a abstinência, bem como o jejum, respondeu: "Quando estivermos no deserto, iremos procurar frutas para nosso sustento". No mesmo instante, ouviram cair duas maçãs de uma árvore ao lado, embora estivessem no mês de abril. Admiraram a bondade do Pai celeste que, se dignava, dessa forma, aprovar-lhes os seus propósitos. Uma das maçãs comeram-na ambas, fazendo em seguida ação de graças. Outra, dividiram-na entre os criados, que ficaram maravilhados.

Na época do casamento, Francisca tinha ainda pai e mãe. Além dêles, viviam na casa, seu espôso Lourenço, o sogro Andreósio e a sogra Cecília, com o cunhado Paolúcio, espôso de Vannozia. Todos formavam uma só família. Com a morte do sogro, pouco tempo depois, a administração doméstica coube a ela e a Vannozia. Esta, conhecendo-lhe a prudência, referia-lhe tudo. Nunca houve entre ambas a menor discussão. Apesar de tôdas as ocupações, Francisca não era menos fiel aos exercícios de piedade do que antes. Duas vêzes por semana se aproximava do sacramento da penitência, recebia a comunhão em tôdas as grandes festas e recitava em casa o ofício da santa Virgem.

http://www.obrascatolicas.com

O resto do tempo ela o empregava no cuidado da família. Lourenço bem logo viu que poderia gozar de dias tranqüilos, com a espôsa que Deus lhe dera. Embora o número de criados tanto homens como mulheres, fôsse considerável, ela os tratava como irmãos e irmãs. Exortava-os a viver no temor de Deus, dava-lhes exemplo de paz doméstica, pedindo perdão, com tôda a humildade, quando pensava ter ofendido alguém. Mas quando via levantarem-se discussões ou surgirem ocasiões de ofender a Deus, sempre conservando no coração a doçura habitual, patenteava um zêlo ardente e reprimia com grande liberdade o que via iria ofender a Deus e escandalizar o próximo. Um dia, encontravam-se vários nobres jantando em sua casa. Um dêles entregou a Lourenço um livro de magia. Imediatamente, tomou-lhe o livro das mãos e atirou-o ao fogo, apesar de êle a censurar por isso.

Caísse alguém da família doente e Francisca procurava tudo quanto pudesse curá-lo e servia-o ela mesma com grande dedicação e caridade. Vannozia, atacada de doença grave, perdeu o apetite por tôda espécie de alimento. Francisca conjurou-a dizer-lhe se desejava alguma coisa. Esta lhe respondeu que queria comer um caranguejo de rio. Fizeram o possível, mas não encontraram nenhum. Estavam todos penalizados, quando viram cair sôbre a mesa um grande caranguejo. Cozeram-no e levaram-no para ela comê-lo. Desapareceu o desgôsto de Vannozia, que ficou curada.

Vendo como sua casa era rica, Francisca proibiu que qualquer pobre que lá fôsse mendigar, saísse sem nada. Um ano de carestia fêz com que se multiplicasse em Roma a indigência e as doenças. Fran-

http://www.obrascatolicas.com

cisca ampliou a ação caritativa. Dava esmolas aos que lha pediam e, mais, mandava levá-la aos que não podiam vir. Deus manifestou por um milagre, verificado nos processos autênticos, como essa caridade lhe era agradável. Quanto mais a penúria aumentava, mais Francisca multiplicava as esmolas. Eram tantas, que não podemos imaginá-las. Paolúcio e Lourenço, temendo que a liberalidade das mulheres lhes trouxesse prejuízos, tiraram-lhes as chaves do celeiro, que estava cheio, colocaram em reserva o que era necessário à família, os criados, e venderam o resto, deixando o celeiro vasio. Francisca disse, em seguida a Vannozia: "Vamos ao celeiro, ajuntar o que resta para os pobres". Não encontraram senão palhas miúdas, que ajuntaram com as vassouras. Passando tudo pela peneira, obtiveram um punhado de trigo, que distribuíram entre os pobres. Isto feito, Vannozia saiu do celeiro, e Clara, sua criada, fechou-o com chave. Alguns dias depois, os dois maridos lá foram e encontraram quarenta medidas do melhor trigo. Colhidos de admiração, contaram o fato ao sogro, que quis ver pessoalmente o que diziam e reconheceu nisso obra de Deus, que aprovava e recompensava a caridade de Francisca.

Outra vez, como o vinho estivesse escasseando, Andreósio e seus dois filhos colocaram à parte um tonel do melhor para a família. Os pobres, todavia, conhecendo a caridade de Francisca, vinham pedir-lhe um pouco de vinho para os doentes. Ela mandou que Clara fôsse buscar um pouco. Esta atendeu. Pouco depois, o barril estava completamente vasio. Andreósio e os filhos, quando se aperceberam disso, puseram-se a gritar, encolerizados, contra Francisca e Vannozia, dado que para êles não restara nem uma

http://www.obrascatolicas.com

gôta de vinho. Francisca lhes disse sorrindo: "Deixem-nos descer à adega e com a graça de Deus lhes serviremos abundantemente do vinho que desejam". Desceram ambas com Clara, encontraram o tonel, retiraram-lhe excelente vinho e levaram-no para o sogro e maridos, dizendo: eis aqui o vinho em questão. Graças a Deus, o tonel ainda está cheio. O velho experimentou e também seus filhos. Não podendo acreditar no paladar, desceram à adega e encontraram o tonel cheio. Desde então, deixaram plena liberdade às mulheres para administrarem tudo como julgassem apropriado. Êsse prodígio, espalhado por tôda a cidade, teve grande número de testemunhas, que o souberam ou por intermédio de Lourenço ou por Francisca mesma, que o citou mais de uma vez, para excitar os outros a darem esmolas sem parcimônia.

Francisca teve vários filhos. Não se conhece senão o nome de três: Batista, que sobreviveu aos demais, casou-se e deixou descendentes; Evangelista, que morreu aos nove anos de idade; uma filha, chamada Inês. Evangelista foi um anjo terreno, tanto se comprazia na oração e no culto divino. Teve o dom da profecia. Um dia, tomando da espada do pai e colocando-lhe sôbre o lado, disse: "Eis o que vos acontecerá". E na invasão de Roma, por Ladislau, rei de Nápoles, por volta de 1413, Lourenço foi gravemente ferido no lugar marcado pelo filho. Era maravilhoso ver as obras que o pequeno Evangelista fazia, bem superiores às que sua idade permitia. O que mais parecia preocupá-lo e falava à mãe com a maior alegria era a preparação para a vida eterna. Sua felicidade não tardou. No ano 1411, a peste que desolava Roma, alcançou Evangelista, quando

http://www.obrascatolicas.com

tinha nove anos. Fizeram logo vir um confessor, e, tendo recebido a absolvição, disse à mãe: "Lembra-se, mamãe, de que eu lhe disse que neste mundo nada me agrada e que desejo a vida eterna e a companhia dos anjos. Deus olhou com bons olhos os meus desejos. Eis que nos vamos separar. Meus patronos, Santo Antônio, Santo Onofre, vieram do céu e estão aqui com uma multidão de anjos. Tenha sempre coragem e saiba que estarei bem e que rezarei pela senhora. Agora, dê-me sua bênção". E, arrumando êle mesmo as mãos e o corpo, entregou-se a Deus. No mesmo instante, uma pequena da casa vizinha, que estava à morte e desde muito tempo não falava, atacada de um mal, exclamou de repente: "Olhem, olhem Evangelista Ponzani que sobe aos céus, entre dois anjos!"

Durante uma noite em que Francisca velava deitada, e a pequena Inês dormia no mesmo quarto, viu uma pomba branca, levando no bico um círio aceso, que ela aproximava de todos os sentidos da menina. Depois, voou de ambos os lados e, batendo as asas, desapareceu. Fazia aproximadamente um ano que Evangelista morrera. Francisca não sabia o que pensar da visão. Outra noite, já perto do amanhecer, viu o quarto banhado em uma claridade incomum e no meio dessa luz aparecer seu filho, tal qual era quando vivo, incomparàvelmente mais belo, porém. Ao lado, via ela um jovem, bem mais belo ainda. Atônita, a princípio, depois tomada de inenarrável alegria, ainda mais que o via aproximar-se e saudá-la graciosamente, não se conteve e estendeu-lhe os braços, perguntando com ternura o que fazia e onde estava e se se lembrava de sua mãe no céu. Êle lhe respondeu, erguendo os olhos para o céu: "Nossa

http://www.obrascatolicas.com

ocupação é contemplar o abismo eterno da bondade divina, louvar e bendizer sua majestade com transportes de alegria e amor. Inteiramente absortos em Deus nessa celeste beatitude, não sòmente não sofremos dor, como não podemos tê-la e gozamos de uma paz que durará sempre. Não queremos, nem podemos querer senão o que sabemos ser agradável a Deus, que é nossa inteira e única beatitude. Saiba que os coros que estão acima de nós nos manifestam os segredos divinos". E acrescentou: "Como quer saber, minha mãe em que lugar me encontro agora; saiba que estou colocado no segundo côro da primeira hierarquia, entre os arcanjos, e associado a êste jovem que é bem mais belo do que eu, porque, no mesmo côro, se encontra em degrau mais elevado. Foi enviado por Deus para consolá-la na peregrinação. Será seu companheiro perpétuo, e, dia e noite, terá a consolação de vê-lo. Agora, anuncio-lhe que vim para levar Inês, que morrerá dentro de pouco tempo e gozará comigo das alegrias do paraíso".

Então Francisca compreendeu o que significava a pomba. Após êsse consôlo, que durou cêrca de uma hora, da aurora ao levantar do sol, Evangelista pediu permissão à mãe para se retirar, deixando o outro anjo. A beleza de ambos era tão desconcertante, que jamais ela teria podido fixar nêles os olhos, se Deus não houvesse moderado o esplendor. Foi o que ela testemunhou mais de uma vez ao diretor espiritual, que a obrigou pela obediência a dar-lhe conhecimento de tudo quanto ela vira de extraordinário, e que escreveu sua vida, tão certo do que ouvira dela como do que sabia por si mesmo. Certa, pois, da morte próxima da filha, Francisca não contou nada a ninguém. Entrementes, ela a servia com

http://www.obrascatolicas.com

amor e respeito, não mais como filha, mas como uma espôsa destinada a Jesus Cristo, o rei terno, dando graças a Deus por dignar-se chamar a menina a si. Inês ficou doente e deixou êste mundo, aos cinco anos de idade.

Quando da invasão de Roma por Ladislau de Nápoles, Paolúcio, cunhado de Francisca, foi lançado ao cárcere. Seu marido, Lourenço, condenado ao exílio. Não ficou em casa mais do que Batista. O comandante do rei, ao deixar Roma, quis levá-lo como refém. Francisca, que não tinha senão êle, pensou em escondê-lo. O confessor, movido por desígnios mais elevados, ordenou-lhe que ela mesma o conduzisse ao comandante. Ela obedeceu. O comandante e os oficiais ficaram admirados. Alguns, todavia, censuraram-na por expor assim seu filho único ao cativeiro, talvez mesmo à morte. Aconselharam-na a solicitar indulto do comandante. Ela respondeu: "Implorarei a graça de quem pode socorrer-me". E se pôs de joelhos diante de uma imagem da santa virgem. O comandante fêz com que Batista fôsse colocado sôbre um cavalo para partir. Apesar de tôdas as esporas, o cavalo recuava, ao invés de avançar. Houve mesmo alguns que fizeram o rapaz montar. Por fim, espantado, o comandante entregou-o à mãe, que recebeu, assim, o prêmio por sua obediência.

Freqüentemente tinha êxtases, durante os quais ficava imóvel. Mas desde que seu diretor espiritual lhe ordenasse ou pedisse alguma coisa em nome da santa obediência, ela fazia e respondia de acôrdo com as ordens e perguntas, sem sair do êxtase, permanecendo insensível como uma pedra à voz de qualquer outra pessoa. Essa experiência se deu mais de

http://www.obrascatolicas.com

uma vez diante de grande número de pessoas. Um dia, estava em seu quarto com Vannozia, recitando o ofício da santa Virgem. Estava para recitar uma antífona, quando o marido a chamou por meio de um criado. Imediatamente deixou o livro e executou o que o marido lhe mandara. Voltou ao quarto e retomou a antífona interrompida, quando foi chamada pela segunda vez. Tornou a interromper a antífona para obedecer com prontidão. Isso aconteceu quatro vêzes seguidas. Na quarta vez, quando retomou o livro nas mãos, encontrou a antífona escrita em letras de ouro e soube de São Paulo, no êxtase, que Deus fizera-o por um anjo, para testemunhar-lhe o quanto sua obediência lhe era agradável. Vannozia, que estava presente, foi testemunha ocular do milagre.

A peste grassava em Roma. A caridade de Francisca apressou-a a socorrer os empesteados. Antes de mais nada, aconselhava-os a santificar a doença, pela salvação da alma. Depois fazia tudo quanto lhe era possível para lhes restituir a saúde. Deus lhe concedeu a graça das curas. Doentes de tôda parte acorriam a ela, e sua ternura não recusava nenhum. Para satisfazer à multidão que a procurava, arrumou para êles várias dependências na casa de seu marido, de onde saíam curados, contra tôda espectativa. Como êles atribuíssem a ela os méritos da cura, imaginou um meio de desviar-lhes os elogios. Compôs um medicamento com cêra, óleo e suco de ruta e manjerona. Esperava que atribuíssem a cura à virtude do medicamento e não aos méritos da pessoa. Aconteceu o contrário: os doentes, que saravam em grande número e ràpidamente, em vista disso, dedicaram-lhe mais veneração ainda.

http://www.obrascatolicas.com

Não contente de servir aos doentes em sua própria casa, Francisca foi procurá-los nas cabanas e nos hospitais, deu-lhes de beber, preparou-lhes a cama, limpou-lhes as feridas. Quanto mais as chagas eram horríveis e lhe revoltavam o coração, mais cuidava delas, dobrando a atenção. Algumas vêzes, para vencer melhor a repugnância da natureza, tomou dêsse líquido infecto e o espalhou pelo rosto, chegando até a bebê-lo. Mas Deus, para mostrar como essa vitória lhe era agradável, tornava essa infecção mais deliciosa do que as iguarias mais finas. Francisca tinha o costume de levar ao hospital o que tinha de mais fino à mesa e distribuía aos mais indigentes. Levava para casa os andrajos mais sujos, lavava-os, remendava-os com cuidado. Depois, colocava-os entre perfumes, como se fôssem servir a Nosso Senhor mesmo.

Assim, Francisca, de acôrdo com o que se constatou no processo de canonização, serviu aos doentes nos hospitais, durante trinta anos, enquanto o marido era vivo. Como fôsse difícil encontrar médicos para tratar do corpo, por causa do contágio, e mais difícil ainda encontrar sacerdotes para o cuidado da alma, ela mesma se encarregou de ir buscar um, para trazê-lo para junto dos doentes que ela havia preparado. Assegurou ao eclesiástico um tratamento, a fim de que pudesse visitar os doentes que ela lhe indicasse no hospital. Não se pode imaginar quantas almas foram salvas por essa caridade.

Entretanto, desejava fazer uma peregrinação a Assis, principalmente porque ela tinha o nome do patriarca, São Francisco, e porque, como êle, comprazia-se em meditar na Paixão do Salvador. Pôs-se a caminho a pé, pelos fins de julho, para assistir a 2 de

http://www.obrascatolicas.com

agôsto à festa da Porciúncula. Estava acompanhad de Vannozia, sua cunhada, e de uma de suas ami gas, chamada Rida, ou seja, abreviação de Marga rida. Dividiam o tempo entre piedosas meditaçõe e piedosos entretenimentos. Estavam chegando a fim da peregrinação e entrando na planície de Folig no, quando se juntaram a venerável religioso, qu vestia o hábito franciscano, o qual, após tê-las sau dado, perguntou-lhes a causa da viagem e se pôs a falar com maravilhoso fervor da infinita caridad que o Salvador nos testemunhou. A santa, reconhe- cendo que aquêle que falava com amor tão inflamado da Paixão de Jesus Cristo era o próprio São Francisco, sentiu-se emocionada até o fundo da alma e experimentou uma alegria indizível. Suas companheiras estavam igualmente encantadas com um entretenimento tão agradável e esqueceram a fadiga do caminho. Todavia, como estavam no fim de julho, o calor excessivo fazia-as sentir grande sêde. O santo, batendo com o bastão em uma pereira silvestre, à beira do caminho, fêz caírem peras tão bonitas e grandes, que as piedosas peregrinas apenas conseguiam abarcar uma com ambas as mãos. Enquanto admiravam o portento, o santo desapareceu. Reconheceram elas que aquêle que havia falado não era um mortal. E elevaram a Deus as mais fervorosas ações de graça.

Os primeiros confessores de Francisca morreram. Escolheu, então, o sacerdote João Matteoti, cônego-cura de Santa Maria Nova, que não ficava longe da casa. Foi êle seu diretor espiritual durante todo o tempo que ela viveu. Foi êle quem nos deixou a primeira biografia da santa, da qual os principais

http://www.obrascatolicas.com

atos se encontram, aliás, jurìdicamente atestados nos processos verbais da canonização.

Essa biografia é em três livros. O primeiro expõe muito abreviadamente os principais fatos de sua vida. O segundo, apresenta o elenco das principais visões, em número de 97. O terceiro contém as lutas com os demônios, e as revelações sôbre as penas do inferno, as expiações do purgatório, as alegrias do paraíso.

Além do anjo da guarda, tal como o temos todos, Francisca tinha ainda, como já sabemos, um arcanjo para assisti-la perpètuamente. Ela o via, dia e noite, sob a forma humana de uma criança de nove anos, vestido com uma túnica branca como neve. Seu rosto era mais replandescente do que o sol, de sorte que ela podia ver-lhe o brilho, mas não olhá-lo. Apenas em duas ocasiões ela podia contemplá-lo mais fàcilmente: quando falava do arcanjo ao diretor espiritual; então podia observar-lhe os cabelos, os olhos e os demais membros. E quando era atacada pelos espíritos malignos. Neste caso olhava sem dificuldade alguma para o arcanjo, para se reconfortar com essa visão. O que é mais admirável quando ela era batida e enfadada pelos espíritos malignos, a ponto de quase morrer, é que o arcanjo aparecia com o rosto resplandecente e a cabeleira irradiando luz. Os espíritos malignos não podiam suportar o brilho e fugiam inteiramente confundidos. Tal era o brilho do arcanjo, que, à claridade dêle, Francisca fazia durante a noite todos os exercícios necessários na casa, sem nenhuma luz material.

Quanto às revelações de Santa Francisca sôbre o inferno, o purgatório e sôbre a hierarquia dos anjos, revelações que a Igreja examinou sem nelas

http://www.obrascatolicas.com

encontrar nada que merecesse reparos, podem ser vistas resumidas no tomo XXI da *História da Igreja*.

Lourenço Ponzani, tocado pelas virtudes da santa espôsa, e sabendo como aspirava ela a uma vida mais perfeita, resolveu guardar com ela a continência, contanto que ela continuasse morando com êle na mesma casa e a dirigir a família, prometendo-lhe não contrariar-lhe jamais a vontade, nem causar-lhe aborrecimentos. Francisca sentiu-se inundada de alegria. Não devia senão servir a Deus e ao espôso. Deus, acima de tôdas as coisas. O espôso, como seu irmão, nas enfermidades que contrairia como conseqüência dos ferimentos, da prisão e do exílio. Quanto a ela mesma, vendo-se livre de todo o resto, vendeu suas roupas caras que vestia até então por obediência e empregou o preço em roupas para vestir os pobres. Vestiu-se com um vestido de burel, que os próprios criados não gostariam de vestir. O mundo não podia compreender que uma dama tão nobre e tão rica se humilhasse dessa maneira. Ela ia a um dos seus vinhedos, perto de São Paulo e colhia cachos de uva, trazendo-os, depois, à cabeça, através da cidade, para distribuí-los entre os infelizes. Seu marido viu-a um dia. Não lhe disse nada, sabedor que era dos santos motivos que a levavam a agir assim. Algumas vêzes conduzia um burrico carregado de feixes de lenha que distribuía pelas casas dos mais indigentes. E fêz mais: durante uma época de carestia, ia com sua cunhada Vannozia aos bairros de Roma onde não eram conhecidas e mendigavam de porta em porta, para dar aos pobres. Como percebessem que elas mesmas não eram pobres, aconteceu várias vêzes que receberam injúrias em lugar de dinheiro. Durante um dêsses atos de humildade e caridade, ouvi-

http://www.obrascatolicas.com

ram gemidos dentro de uma casa: uma criança acabava de morrer sem ter recebido o batismo. Francisca tomou-a nos braços e a entregou viva à mãe, recomendando aos presentes que nada dissessem. E fugiu-lhes à vista. Amava de tal modo a pobreza, bem como a humilhação, que se colocava prazenteiramente entre os mendigos à porta das igrejas. Os pedaços de pão que lhe davam como a uma mendiga, ela os guardava para si e aos pobres dava pão inteiro de sua casa. Os pedaços quebrados pareciam-lhe mais deliciosos, porque tinham sido dados por amor a Deus.

Desprezando a si mesmo, dava-se a austeridades várias. Jamais bebeu vinho, nem quando sã, nem quando doente. Contente com uma só refeição por dia, não comia nada à tarde, a não ser em caso de doença ou por ordem do confessor, uma maçã cozida. E isso, raramente. Durante dezesseis anos sua nora, chamada Mobília, observou-a e jamais a viu comer carne, ovos, laticínios, peixes, ou outras coisas que pudessem agradar ao paladar. Bem ou mal de saúde, seu alimento era pão ordinário, legumes ou ervas cozidas, com um pouco de sal, sem azeite. Não dormia senão duas horas, sôbre uma cama dura, em uma posição incômoda, mais sentada do que deitada. Sôbre o corpo tinha um cilício, com uma cinta de crina e um círculo de ferro, que lhe ocasionou mais de uma ferida. Ajuntai a isso um açoite de pontas de ferro, com as quais se supliciava até arrancar sangue. Perseverou nesse rigor de penitência até que o confessor lhe proibiu o uso do círculo de ferro e dos açoites. Todavia, embora tão severa consigo mesma, Francisca era doce e indulgente para com todos, não deixando faltar nada a nin-

http://www.obrascatolicas.com

guém, principalmente aos doentes e cumprindo com uma constância solícita todos os deveres de mãe de família.

Quando meditava na paixão do Salvador, sentia-se profundamente tocada, a ponto de verter lágrimas abundantes. Sua nora e os criados temeram mais de uma vez que morresse de dor. Essa dor não lhe penetrava sòmente a alma, como também o corpo. Pensava nos pés e nas mãos perfurados por pregos, que sentia os próprios pés e as mãos doloridos, de tal forma que não podia fazer uso dêles. A coroa de espinhos lhe ocasionava uma coroa de dores de cabeça. A flagelação deixava-lhe os membros amortecidos. Nessa contemplação dolorosa, era arrebatada em êxtase. Os pés e as mãos vertiam sangue. Meditando sôbre o lado aberto do Salvador, todo o peito se cobria de feridas. Êsse sofrimento durou-lhe muito tempo. Saía-lhe um líquido semelhante à água. Foi necessário aplicar uma toalha e mudá-la de tempo em tempo. Não podendo fazê-lo sòzinha, tanta dor sentia, viu-se obrigada a contar seu segrêdo a Vannozia e a duas outras companheiras íntimas, que guardaram essas toalhas como relíquias. Curou-se da ferida durante um êxtase, no dia de Natal no ano de 1432, em presença de uma de suas companheiras e do confessor.

Desde criança, Francisca ia habitualmente à missa e se confessava na igreja de Santa Maria Nova, perto da casa paterna. Essa igreja era cuidada pelos Beneditinos da congregação do Monte Olivete, fundada pelo bem-aventurado Bernardo Ptolomeu de Sena. Quando de seu casamento, Francisca foi morar em outro bairro. Mas, vinha constantemente confessar-se na igreja de Santa Maria. Ela

http://www.obrascatolicas.com

havia conquistado a afeição e a confiança de numerosas damas que freqüentavam a mesma igreja. Relações piedosas se estabeleceram entre elas. Um dia, no ano de 1425, falando-lhes com fervor extraordinário, Francisca lhes expôs como seria agradável a Deus se tôdas se consagrassem à santa Virgem e, sob sua proteção maternal formassem uma associação de piedade, na própria igreja, como outras, tais como a do rosário ou do escapulário. Essa idéia agradou sobremaneira a tôdas as senhoras, que a olharam como inspirada do céu e digna de ser posta em execução imediatamente. No dia da Assunção, fizeram a solene entrega de suas pessoas à santa Virgem, por uma oblação. De onde lhes adveio o nome de *Oblatas*. Tôdas tinham em Francisca a mãe e a superiora que ela mesmo lhes havia dado. Foi a semente, que com o tempo, deveria produzir algo de mais perfeito. Quando Francisca recebeu do marido plena liberdade de seguir todos os movimentos de sua devoção, pensou que poderia um dia reunir-se com essas damas piedosas em uma mesma casa e dar assim nascimento a uma congregação religiosa. Êsse pensamento se tornou uma resolução formal, quando se viu privada da companhia tão agradável de sua cunhada Vannozia, com a qual vivera trinta anos inteiros em tal união, que ambas pareciam não terem senão um só coração e uma só alma. Doente Vannozia, Francisca sabia que ela não tornaria a levantar-se do leito. Assistiu-a constantemente com sacerdotes e outras pessoas piedosas. Percebendo que o espírito maligno procurava perturbar a moribunda, recomendou ao padre reprimí-lo pela aspersão de água benta. Isso feito, o arcanjo que acompanhava Francisca continuamente, obrigou, com um olhar, o tenta-

http://www.obrascatolicas.com

dor a se retirar, transformado em mísera formiga. A doente morreu santamente e Francisca viu sua alma subir ao céu, em uma nuvem luminosa.

Três santos levaram Francisca a procurar a fundação da congregação das Oblatas: São Paulo, São Bento e Santa Madalena. No comêço do mês de julho de 1433, o papa Eugênio IV incumbiu disso a Gaspar, arcebispo de Cosenza, que pelo fim do mesmo mês, deu parecer favorável. As piedosas senhoras, algumas solteiras, outras viúvas, se reuniram em uma casa chamada a Tôrre dos Espelhos. Francisca, madre e fundadora, não pôde segui-las imediatamente. Seu marido, que ainda vivia e sofria de muitas enfermidades, reclamava continuamente sua assistência. Morreu cristãmente em 1436. A partir de então, reuniu-se às queridas filhas. Tendo colocado tudo em ordem, foi prostrar-se à porta do convento, descalça, braços cruzados, suplicando às irmãs, em meio a lágrimas e soluços, que a admitissem em sua companhia, a ela que era uma mendiga e pecadora que, após ter dado ao mundo a flor da juventude, vinha oferecer a Deus os restos de uma velhice esgotada. Êsse espetáculo inesperado comoveu às lágrimas tôdas as irmãs, que a levantaram com carinho e a introduziram na casa com santa alegria. Ela tomou o hábito e fêz sua *oblação* no dia de São Bento, em 21 de março de 1436. A superiora era, então, a irmã Inês de Lellis. Mas tôdas suplicaram a Francisca aceitar ser a superiora, já que era a madre e fundadora. Resistiu durante muito tempo, não para ser servida, mas para servir as outras, como a última de tôdas. Por fim, cedeu às instâncias. Mas como suas freqüentes visões e êxtases podiam ser-lhe um obstáculo para o perfeito cum-

http://www.obrascatolicas.com

primento de certos deveres, tomou por assistente a própria Inês de Lellis. A vida de Francisca era uma regra viva de perfeição. Todo dia à tarde, prostrava-se diante de tôdas as irmãs e, de mãos postas, pedia-lhes humildemente perdão pelas faltas que pudesse ter cometido. Deus não cessou de glorificar a humilde serva pelo dom da profecia, e grande número de milagres, jurìdicamente comprovados por testemunhas oculares. Enfim, em 2 de março de 1440, sabendo que seu filho João Batista se encontrava doente, foi visitá-lo com uma das irmãs. Encontrou-o melhor. Mas ela mesma ficou doente lá. Queria retornar ao convento à tarde, segundo a regra. Todavia, como ficava longe, o confessor ordenou-lhe que ficasse por obediência na casa do filho. Conheceu por revelação que morreria dentro de sete dias e preparou-se para a morte como havia vivido, isto é, santamente. Realmente, recebidos todos os sacramentos da Igreja, expirou tranqüilamente no dia 9 do mesmo mês, aos cinqüenta e seis anos de idade. Um minuto antes de morrer, vendo-a mover os lábios, o confessor lhe perguntou se queria alguma coisa. Ela lhe respondeu: "Estou terminando as vésperas da santa Virgem!"

Os milagres foram tão numerosos após sua morte como o haviam sido durante a vida. Desde então começou-se a honrá-la com culto público. Entretanto, o processo de canonização, começado sob Eugênio IV e Nicolau V, terminou apenas sob Paulo V, em 1608. Seu corpo pode ser visto em Roma, em um relicário magnífico e lá se celebra sua festa, no dia 9 de março, com muita solenidade. As religiosas que reconhecem Santa Francisca por fundadora não

http://www.obrascatolicas.com

fazem nenhum voto. Prometem simplesmente obedecer à madre presidente. Elas têm pensão, herdam dos pais e podem sair com a permissão da superiora. Nos conventos que elas têm em Roma, existem damas das mais distintas.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA CATARINA DE BOLONHA (*)

Virgem e Abadessa

Catarina nasceu no dia 8 de setembro de 1413, em Bolonha, na Itália. Era filha de João de Vigri, advogado, lente da Universidade de Bolonha, e de Benvenuta Mamellini.

Nossa Senhora, um dia, aparecendo a João Vigri, disse-lhe:

— Tua filha será um grande e luminoso farol para o mundo!

Com nove anos, a jovenzinha foi levada à côrte do marquês de Ferrara, e ali, educou-se com a princesa Margarida.

Catarina era vista como menina de rara prudência e de modéstia fora do comum. Vivendo para as coisas de Deus, quando completou treze anos, filiou-se a uma associação religiosa. Ciente da miséria humana, da fraqueza do homem, constantemente assediado pelo demônio, porque foi a Santa, já naquela altura, terrìvelmente tentada, capacitou-se da grandeza de Deus, que lhe dera armas, conseguidas pela oração e pelos jejuns, para vencer o tentador.

A mandado de Jesus, escreveu, então, um tratado sôbre as sete armas espirituais, trabalho que conservou cuidadosamente oculto de olhos alheios, e o qual só deu a conhecer, perto da morte, ao confessor.

http://www.obrascatolicas.com

Eis que a princesa de Verde pensava em fundar um mosteiro sob a invocação do Santíssimo Sacramento, casa que se destinava a receber os membros daquela associação a que a santa virgem se filiara. Grande foi a alegria de Catarina de Vigri.

Depois de algum tempo, em que se pendeu para a regra de Santo Agostinho, depois para a de Santa Clara, ficou assentado que se adotaria a das clarissas.

Era em 1432, e Catarina estava com vinte e um anos, quando o provincial dos irmãos menores da Observância conferia à fundação a primeira regra da doce seguidora de São Francisco de Assis.

Grandes progressos no caminho da perfeição fêz a jovem filha de João Vigri. Favorecida com o dom dos milagres, tendo divinas visões, anunciou uma grande queda: a do império do Oriente e a tomada de Constantinopla pelos turcos. Humilde, que desejou Santa Catarina no convento, ela que era tão grande aos olhos de Deus? Quis, para satisfazer o desejo de penitência, tratar da padaria, vivendo apagadamente.

As altas virtudes, porém, um dia, levá-la-iam a ser a mestra das noviças.

Deus recompensou-a com imensa delicadeza. Contam de Santa Catarina de Bolonha que, certa vez, quando então era porteira e com alegria atendia os pobres que batiam à porta do convento, um venerável velho apareceu-lhe para uma esmola. A Santa deu-lha, e êle, a olhá-la com grande doçura, retirou-se, sem dizer palavra, agradecendo tão-sòmente com os olhos que falavam. No dia seguinte, tornou a aparecer. Recebeu humildemente o que a Santa lhe oferecia e se retirou, silencioso, agradecendo-lhe a esmola só com o olhar, como já o havia feito anteriormente.

http://www.obrascatolicas.com

No terceiro dia, o suave velho tornou a surgir, à mesma hora. Trazia nas mãos uma escudela muito singela, mas muito transparente, que estendeu à santa porteira, dizendo:

— Toma para ti. Era a taçazinha em que Maria dava de beber ao Menino Jesus.

Catarina, assombrada e maravilhada, tomou-a nas mãos que tremiam. E, a pensar se as teria tão puras que pudessem tocar tão pura beleza — quando percebeu, já o venerável e suave velho desaparecera misteriosamente.

Era São José? Era. Deus, à serva fiel, fizera-o, saber, depois, por uma revelação.

Quando a superiora da comunidade faleceu, era ela a boa Mãe Tadéia, Catarina foi olhada como a sucessora da abadessa desaparecida. Nada, porém, levou-a a aceitar aquela dignidade, e outra ocupou a vaga deixada.

Catarina, todavia, estava fadada a ser abadessa. Anos mais tarde, Bolonha reclamava de Ferrara idêntica fundação em sua cidade. E a santa virgem foi designada para governá-la.

— Não! dizia ela, muito humildemente. Impossível ! Eu sou incapaz, nada faria de bom! Não posso! Sou indigna do que me querem conceder!

Na noite daquele dia em que se escusou do que lhe vinham de impor, adoeceu repentina e estranhamente. E, altas horas da madrugada, numa visão, viu Jesus que lhe aparecia. Curou-a, e disse-lhe, brandamente:

— Minha filha, tu serás a abadessa de Bolonha, porque esta é a vontade de meu Pai celeste!

http://www.obrascatolicas.com

Ora, Bolonha estava ao par das altas virtudes daquela filha insigne, e, pois, recebeu-a com grande alegria.

Era a 22 de julho de 1456, e o cardeal Bessarion, legado da Santa Sé, mais o cardeal-arcebispo de Bolonha, com o clero, foram-lhe ao encontro, seguidos do povo, que exultava, recebê-la condignamente.

Bolonha, naqueles dias, vivia turbada por questões políticas, inquieta, desassossegada e dividida. Foi um milagre! Com a chegada de Catarina, tudo serenou — cessaram as arruaças, os discursos inflamados, e a união e a paz que constrói sôbre todos desceu calmamente, clareando o céu borrascoso e espantando negras nuvens ameaçadoras.

E o mosteiro, denominado do Santíssimo Sacramento (ou Corpus Christi) floresceu. Sob tal abadessa, tudo era progresso, tanto temporal como espiritual.

O papa Pio II, em 1458, ia, com uma bula, alegrar a grande abadessa. Dizia a bula que, entre as clarissas, a abadessa sèria superiora sòmente por três anos.

Catarina exultou: teria agora oportunidade de não ser nada. Grande engano! Findos que foram os três anos de govêrno, efetuada a eleição, novamente sôbre ela recaiu a escolha das religiosas — e a Santa, até o fim de seus dias, ocupou-se da administração do convento da cidade em que nascera. E docemente, em 1463, faleceu, exclamando em meio às religiosas que a assistiam:

— Jesus! Jesus! Jesus!

Estava com quarenta e nove anos, e o corpo foi enterrado no cemitério da comunidade.

Muitos milagres foram realizados à beira do túmulo da santa abadessa, que, dezoito dias depois,

http://www.obrascatolicas.com

foi desenterrada e encontrada sem qualquer corrupção. A descoberto, ficou ela exposta no côro da igreja. E dois grandes prodígios se deram. Às religiosas que a rodeavam, saudou-as por três vêzes, com suaves sorrisos. E, tendo vindo uma menina venerá-la, chamava-se Leonor Poggi, Catarina, como se fôra viva, abriu os olhos e fêz-lhe sinal para que mais se aproximasse.

A menina, sem se espantar, calmamente, achegou-se do corpo. E a comunidade tôda, maravilhadíssima, ouviu-a dizer à jovem, com muita clareza:

— Leonor, sê boazinha, que eu quero que sejas religiosa neste convento, que sejas minha filha e guarda de meu corpo.

E assim foi, alguns anos mais tarde.

Santa Catarina de Bolonha foi canonizada pelo papa Clemente XI em 1712.

* * *

No mesmo dia, em Barcelona, na Espanha, São Paciano, bispo, notável pela vida e eloqüência. Casado, antes de se dar a Deus, teve um filho, chamava-se Dexter, que foi prefeito do pretório e amigo de São Jerônimo. Morta a espôsa, tempos depois era feito bispo de Barcelona (363), sucedendo a Pretextato. Dêle, além de cartas, temos: *Excortação à Penitência, Sermão Sôbre o Batismo, Cervus.* Falecido em idade bem avançada (390), quando de Teodósio, o Velho, foi um dos grandes ornamentos da Igreja.

Em Nissa, São Gregório, bispo, filho dos Santos Basílio e Emmelia e irmão dos santos Basílio, o Grande, Pedro de Sebasta, ambos bispos, e da vir-

http://www.obrascatolicas.com

São Gregório de Nicéia. Segundo Dominiquim.

http://www.obrascatolicas.com

gem Macrina. Célebre pela vida e pela erudição, pela defesa da fé católica foi expulso da cidade episcopal, quando de Valens, imperador ariano. Escritor fecundo, faleceu em 400.

Em York, na Inglaterra, São Bosa, bispo e confessor. Monge de Whitby, depois de York, substituto de Wilfrido, faleceu em 705. Beda, o Venerável, elogiou-lhe o saber e a virtude.

Na Sicília, São Vital, abade e confessor, natural de Castro Nuovo. Abandonando os pais e os seus para levar vida monástica, foi educado por Filipe de Agirone. Quando em peregrinação a Roma, tendo sido picado por perigosa serpente, livrou-se de qualquer mal só com fazer, no lugar da mordedura, o sinal da cruz. Faleceu em 990.

Na Bretanha, o bem-aventurado Félix de Rhuys, abade e confessor, nascido em 1038. Abade de Rhuys, o Senhor glorificou-lhe o túmulo com grande número de milagres.

Na Irlanda, Santa Melle, viúva, abadessa. Da família dos Mac Nai, foi mãe de dois santos: Cannech ou Kenneth, padre, muito celebrado, e Tigernach, que foi abade. Com a morte do marido, Melle recebeu do filho Tigernach a cessão da abadia de Longh Melve, onde viveu até a morte (século VIII).

Na Morávia, os santos bispos Cirilo e Método, que converteram à fé de Jesus Cristo numerosos povos dessa região, inclusive os reis.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

10.º DIA DE MARÇO

Os quarenta mártires de Sebaste

Em 313, no mês de janeiro, o imperador Licínio, de acôrdo com Constantino, cuja irmã acabara de desposar, publicou um edito favorável aos cristãos. No mês de maio do mesmo ano, o imperador Licínio, após invocar o Deus dos cristãos em favor do seu exército, obteve vitória esmagadora sôbre o perseguidor Maximino Daia, exterminando tôda a dinastia dos imperadores perseguidores, Diocleciano, Galério, Maximino e Severo. Em 315, Licínio começou a perseguir os cristãos. Em 324, perdeu juntamente com a batalha a vida. Sua dinastia foi exterminada como o foi a de Diocleciano, de Galério e de Maximino.

Durante a perseguição de Licínio, a cidade de Sebaste, na Armênia, assistiu a dois gloriosos triunfos de mártires. Primeiro o de São Brás, seu bispo. Depois, o de quarenta soldados.

Eram êstes de diferentes países, mas unidos entre si como irmãos, pelo valor de guerreiros, e, mais ainda, pela mesma fé cristã. O batalhão dêles era conhecido por causa da bravura. Um dia em que a divisão da qual faziam parte empreendeu a fuga, mantiveram-se firmes e enfrentaram todo o exército

http://www.obrascatolicas.com

inimigo, sem que nenhum dêles tombasse. Por isso, eram tidos como modelos dos bravos.

O imperador Licínio deu ordem de sacrificarem aos ídolos. O governador Agricolau fêz vir os quarenta e lhes disse: "Mostrastes a todos vossa irmandade na guerra por acôrdo perfeito e pela vitória. Todos vós comandastes o exército. Mostrai, pois, a mesma união agora, obedecei às leis imperiais e sacrificai aos deuses, diante dos tormentos". Os santos responderam ao governador: "Quando nos batemos por um imperador mortal, alcançamos a vitória, como

Licínio, imperador romano.

bem sabeis. Quanto mais nos bateremos por um soberano imortal, para vencer tua proposta malévola?" Agricolau disse: Propomos duas coisas: sacrificar aos deuses e receber grandes honrarias ou, se vos negardes a isso, privar-vos das armas e da milícia. Refleti, pois, e escolhei o que vos é mais vantajoso. Os santos responderam: O Senhor proverá àquilo que nos convém. O governador disse: Nem mais uma palavra. Voltai amanhã e sacrificai aos deuses. E os prendeu. Os santos, uma vez lá dentro, puseram-se de joelhos e rezaram: "Senhor, livrai-nos das tentações e das emboscadas dos que obram em iniqüidade". Ao cair da tarde, puseram-se a cantar êste salmo: "O que habita na assistência do Altíssimo, repousa na proteção do Deus dos céus. Êle dirá ao Senhor: Vós sois minha defesa e meu refúgio. Êle é meu Deus e espe-

http://www.obrascatolicas.com

rarei nêle, etc." Trata-se de um dos salmos que a Igreja recita ou canta nas orações da tarde. Quando os quarenta soldados terminaram o salmo, rezaram. Depois, levantando-se, entraram a recitar salmos até noite alta. O chefe do primeiro côro chamava-se Cirião, o do segundo Cândido. À meia-noite, o Salvador lhes apareceu e disse: "Vosso comêço é bom. Mas quem perseverar até o fim, será salvo". Todos ouviram essa voz e foram tomados de mêdo. Ficaram a noite inteira acordados.

O governador convocou todos os amigos dos soldados, fê-los vir e lhes disse: "Falo-vos sinceramente. Entre todos os soldados do imperador, não há outros como vós, tão dignos de elogios, nem tão amados por nós. Não queirais transformar êsse amor em ódio. Isso depende de vossa escolha". São Cândido, fazendo alusão ao sentido que tem em grego o nome de Agricolau, respondeu: "Foi bem a propósito que lhe deram o nome de bajulador silvestre." O governador retrucou: Não vos disse que depende de vossa escolha o ódio ou o amor? Cândido replicou: "Desde que depende de nós, odiamo-vos e amamos a Deus. Sendo-nos odioso, não queirais amar-nos." Agricolau, rugindo como leão, mandou que fôssem acorrentados e conduzidos à prisão. Santo Cirião lhe disse: "Não tendes poder para nos punir, mas sòmente para nos interrogar". O governador, tomado de mêdo, ordenou ao carcereiro que lhes tirasse as correntes, mas que cuidasse dêles, até a chegada de Lísias, comandante-geral das tropas. Nesse ínterim, Santo Cirião exortou os companheiros dia e noite. Dizia-lhes: "De acôrdo com a disposição de Deus, fomos amigos nesta milícia temporal. Não nos separemos, pois. Mas, como fomos unidos durante a vida,

http://www.obrascatolicas.com

sejamo-lo no martírio. Valentes aqui na terra e obedientes ao soberano temporal, apressemo-nos a nos encontrar diante do Deus soberano.

Após sete dias, Lísias chegou de Cesaréia, Capadócia, a Sebaste. No oitavo dia, sentou-se com o governador no tribunal e ordenou que lhe trouxessem os santos. A caminho, Cirião os exortava, dizendo: "Mantenhamo-nos firmes e ajudemo-nos mùtuamente. Quando marchamos para a batalha não invocamos o Senhor? E êle nos assistia e trazíamos a vitória. Lembrai-vos daquele combate memorável em que todos os demais fugiram e nós nos encontramos sòzinhos, nós os quarenta, no meio dos inimigos. Invocamos o Senhor com lágrimas e êle nos deu coragem: matamos alguns e pusemos em fuga a outros e nenhum de nós foi ferido por tão grande multidão de soldados. Hoje, temos três adversários que procuram abater-nos. Satanás, o general e o governador. E êsses três são um. E nós nos deixaríamos vencer por êsses três? Não, não, eu vos peço. Mas, como sempre invoquemos o Senhor e nem as correntes, nem os tormentos nos lograrão abater. Quando vamos para a guerra ou para o combate, dizemos êste salmo: "Deus, salvai-me em vosso nome e na vossa virtude, libertai-me; Deus, escutai minha prece, escutai as palavras de minha bôca. Recitemos agora êsse salmo e o Senhor nos escutará e nos amparará." E enquanto eram conduzidos ao tribunal, recitavam êsse salmo, que é de número 53.

Tinham todos acorridos ao espetáculo. Os quarenta chegaram à presença do general e do governador. Aquêle, olhando para êles, lhes disse: "Eis aí homens que desejam ser persuadidos a receber as maiores honrarias. Na realidade, são dignos disso.

http://www.obrascatolicas.com

Eu vos proponho, pois, duas coisas: a primeira, que sacrifiqueis aos deuses, para receberdes de mim honras e recompensas. A segunda, se não quiserdes sacrificar, que sejais privados das armas e da milícia e entregues ao castigo. São Cândido respondeu: "Recebei nossas armas e mesmo os nossos corpos, porque não estimamos nada nem ninguém acima de Cristo". Então o general ordenou que lhes ferissem o rosto com pedras. Cândido respondeu: "Comandante das trevas e doutor de iniqüidade, iniciai o que ordenaste e vereis vosso castigo". O governador enraivecido contra os militares que serviam de executores, disse-lhes: "Ó ministros maus, por que não fazeis prontamente o que vos foi ordenado?" Os executores tomaram, então, de pedras, mas atiravam-nas em si próprios. Isso deu aos servos de Deus certa confiança. O general, enfurecido, tomou de uma pedra para bater com ela no rosto de um dos santos. Mas a pedra foi atingir o maxilar do governador, que ficou gravemente ferido. Santo Cirião, disse, então: "Senhor, os inimigos que nos atacam enfraqueceram a si mesmos e tombaram. Que suas espadas lhes penetrem nos corações e que seus arcos se quebrem!" O governador disse: "Pelos deuses! Essa gente usa de magia, para não sentir os tormentos e fazê-los vir contra nós." Os santos compararam o governador à cabeça do diabo, o general ao rabo, e disseram: "Sois todos ministros de Satã. Se não o percebestes desde os primeiros tormentos, tentai outros. Os executores disseram aos santos: Insensatos e inimigos da bondade dos deuses, por que não lhes sacrificais? Santo Cirião respondeu: Nós adoramos um só Deus e Jesus Cristo, seu filho, e o Espírito Santo, que tem o poder de dirigir nossa palavra para a verdade, a

http://www.obrascatolicas.com

fim de podermos receber a coroa incorruptível, triunfando de vossas maliciosas intenções".

O general mandou que os reconduzissem à prisão, para ter tempo de decidir o que fazer com êles. Chegado à prisão, santo Cirião pôs-se a cantar com os companheiros o salmo 122: Elevei meus olhos para vós, que habitais nos céus. Quando terminaram, uma voz se fêz escutar. O Salvador lhes apareceu e lhes disse: "Quem crê no Pai, no Filho e no Espírito Santo, viverá, mesmo quando estiver morto. Tende confiança e não temais as penas que vos possam infligir, porque elas não duram senão algum tempo. Ainda um pouco de paciência e sereis coroados". Passaram tôda a noite na alegria de Cristo.

No dia seguinte, quando apareceram diante do general e do governador, viram um demônio negro, segurando uma espada e uma serpente, dizendo ao ouvido de Agricolau: "Tu és meu, coragem!" Os mártires, em pé no meio do povo, disseram aos magistrados: "Por que tanta demora? Fazei prontamente o que desejais fazer". O governador, irritado, ordenou lhes colocassem uma corda ao pescoço de cada um e os arrastassem sôbre um tanque nos arredores da cidade, e que, então, se encontrava congelado, dado o inverno rigoroso. Ao lado, havia banho quente para aquêle que quisesse renunciar a Jesus Cristo. Pela tarde, os quarenta foram expostos sôbre o gêlo, completamente nus, batidos por um vento gélido. À primeira hora da noite, os membros inchados pelo frio excessivo, abriam-se-lhes por todos os lados. Um dos quarenta, perdendo a coragem, entrou no banho. Mas, apenas sentiu-lhe o calor, expirou. Os demais se puseram a rezar a uma só voz: "Senhor, não exerçais sôbre nós a vossa ira, nos rios, nem vosso

http://www.obrascatolicas.com

furor, no mar. Aquêle que se separou de nós foi esparso como a água e seus ossos foram dispersos. Mas nós não nos afastaremos de vós, porque nos dareis a vida e nós vos invocaremos. Tôdas as criaturas vos louvam, os dragões e todos os abismos. Tudo obedece à vossa palavra, Senhor, o fogo, o gêlo, a neve, o granizo, o vento das tempestades. Vós sòmente voais nas asas do vento. Vossos passos pisam o mar como a terra firme. Escutai, Senhor, como escutastes a Jacó, quando fugia da cólera de seu irmão Esaú. Livrai-nos, Senhor, como livrastes da tentação a José, que foi vendido, como símbolo de vós; escutai-nos como escutastes a Moisés, fazendo prodígios no Egito, dividindo o mar e conduzindo vosso povo pelo deserto. Escutai-nos, Senhor, como vos dignastes escutar os apóstolos, quando os ímpios os proibiam de falar em vosso nome. Assim, escutai-nos agora e livrai-nos pela vossa misericórdia de sermos afogados por esta tempestade e soterrados por êste gêlo. Socorrei-nos, Senhor, porque afundamos no mar e nossos pés estão tintos de nosso sangue. Senhor, amenizai o rigor dêste frio, a fim de que todos saibam que nos dirigimos a vós".

E à terceira hora da noite, o sol se levantou sôbre êles com um calor de verão, derretendo o gêlo e tornando a água quente. Ora, os que os guardavam, estavam imersos em sono profundo. Sòmente o porteiro estava acordado, escutando com atenção o que diziam os mártires nas suas preces e considerando como aquêle que se retirara para o banho morre imediatamente, enquanto os outros que rezavam sôbre o gêlo ainda viviam. Quando percebeu que se encontravam inundados de luz, olhou para o céu, para ver de onde vinha aquela luz. E viu coroas descerem do

http://www.obrascatolicas.com

céu em número de trinta e nove. Dizia a si mesmo: Como pode haver uma coroa menos, se são quarenta? Compreendeu, então, que aquêle havia sido castigado e não era mais contado entre os quarenta. Imediatamente, acordando os guardas, atirou diante dêles suas roupas, saltou para dentro do tanque, exclamando: Eu também sou cristão. E colocando-se no meio dos quarenta, disse: Senhor Deus, creio em vós como êstes aqui. Colocai-me entre êles e tornai-me digno de sofrer por vós tormentos e tentações, para que eu também me encontre em vós. Santo Cirião exclamou: Que Deus é tão grande como nosso Deus? Vós sois o único Deus que faz grandes milagres. Vós trazeis para o nosso lado os que estão contra nós, para completar o número de quarenta; para que o espírito maligno não se rejubile por haver reduzido nosso batalhão, mas para que se lamente de ser confundido por um opróbrio eterno. Com efeito, Satanás, em forma de homem, lamentava-se diante dêles: Sou infeliz, fui vencido pelos santos e tornado ridículo, por não ter tido bons ministros. Se fôsse diferente, não teria sido vencido. Agora influirei no juiz, fazendo mandar queimar os corpos dos santos e atirá-los ao rio, para que não sejam encontradas suas relíquias.

Pela manhã, os perseguidores chegaram aos lugares e viram o porteiro em pé no meio dos mártires. Perguntaram aos soldados o que tinham visto, para que êle fizesse assim. Os soldados responderam: Estávamos mortos de sono, mas o porteiro ficou acordado durante tôda a noite. De repente nos acordou, e vimo-lo cercado por intensa luz. Mas êle, tirando a roupa, entrou no tanque, exclamando: Eu também sou cristão! Os perseguidores ordenaram

http://www.obrascatolicas.com

que tirassem os mártires para fora do tanque e, com barras de ferro, lhes quebrassem as pernas, as costas e os demais ossos. A mãe de um dêles estava presente. Seu filho, Melitão, era o mais novo. Ela temia por êle, temia que tivesse mêdo. Contìnuamente, estendia-lhe os braços, dizendo: Filho muito amado, tem coragem, para que sejas perfeito. Não temas nada, pois Jesus Cristo te sustenta. Enquanto lhes quebravam as pernas e expiravam, diziam: Nossa alma está livre, como um pássaro que foge à armadilha do caçador. A armadilha foi quebrada e nossa alma está salva. Nosso socorro está no nome do Senhor, que fêz o céu e a terra. E todos diziam: Amém, entregando a alma a Deus.

Vieram carroças para levarem os corpos dos santos, a fim de serem queimados e as cinzas atiradas ao rio. Melitão, o mais jovem, respirava ainda. Deixaram-no, na esperança de que sobrevivesse e pudessem fazê-lo mudar de idéia. Mas êle expirou entre os braços de sua mãe, que seguia as carroças, para colocá-lo com os corpos dos santos. Era uma mulher, e uma mulher do povo.

Quando os corpos foram queimados, o general e o governador comentaram: Se deixarmos as cinzas, os cristãos as recolherão com cuidado e as espalharão pelo mundo. Joguemo-las ao fundo do rio, para que não possam fazer coisa semelhante. Em conseqüência, varreram o próprio lugar da fogueira, para que não restasse nada de relíquias. Precaução vã, porque, após alguns dias, Pedro, bispo de Sebaste, teve uma revelação de que as relíquias dos santos mártires se encontravam reunidas em certo lugar do rio. Foi para lá de noite, com alguns homens piedosos do

http://www.obrascatolicas.com

clero e do povo. E eis que as relíquias dos santos brilhavam na água, como as estrêlas no firmamento. Êles as recolheram em um relicário, de onde se espalharam por todo o universo. Êsses quarenta soldados sofreram o martírio no dia 9 de março de 320. Foram celebrados nos eloqüentes panegíricos, por São Basílio, Santo Efrém, São Gregório de Nícia, São Gaudêncio de Bréscia. Foi dêsses escritos, bem como de três espécies de biografias que tiramos êste artigo. A festa dos quarenta mártires de Sebaste foi colocada no dia 10 de março, para ceder o dia 9 a Santa Francisca de Roma, cuja festa é mais solene.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO KESSOC (*)

Bispo e Confessor

Kessoc nasceu em Cashel. Era filho de família real. Dêle, tão santo era já na primeira juventude, contam o seguinte.

O pai, comumente, entretinha-se com os senhores da vizinhança. Conversando sôbre política, arte ou coisas do dia, passavam a tarde em alegres tertúlias.

Kessoc, por sua vez, reunia-se aos jovens filhos daqueles senhores, e saíam a passear pelas redondezas.

Um dia, com dois prìncipezinhos, divertiam-se à beira dum calmo mas profundo lago. Em dado momento, os dois amigos, descuidando-se, rolaram pela margem e, afundando-se nas frias águas, não mais tornaram à tona.

Kessoc, apavorado, correu ao pai, a conversar com os amigos, entre os quais estavam os progenitores dos dois jovens que se haviam afogado, e, temeroso do que ambos pudessem fazer-lhe, em segrêdo, contou o que sucedera.

Quando o fazia, dois moradores do lugar, que haviam presenciado o que se desenrolara à beira dágua, surgiram e relataram a todos o afogamento dos dois prìncipezinhos.

http://www.obrascatolicas.com

Ora, os pais dos infelizes, julgando que Kessoc era culpado, por isso que falava em voz baixa, tão em segrêdo, furiosos, ameaçaram atacar aquela propriedade, incendiá-la e liquidar com todos os seus habitantes.

Sem mais nada, abruptamente, renovando as ameaças deixaram a companhia e se foram.

Kessoc estava desoladíssimo. E, em seu quarto, passou a noite a orar, para que os príncipes não levassem a efeito o que tão furiosamente haviam prometido.

De madrugada, cantavam os galos e já tênue claridade, ao longe, no nascente, apontava o dia que não havia de tardar, um anjo muito belo e muito alvo, surgiu no quarto. Kessoc, surprêso, teve um leve estremecimento. E o anjo falou:

— Kessoc, nada temas! Enviou-me o Senhor para dizer-te que tuas orações foram ouvidas! Sossega, que os jovens que ontem caíram dentro do lago estão sãos e salvos!

Nem bem desaparecera o celeste mensageiro, e Kessoc ouviu, fora, um grande alarido. Correu à janela e viu que os dois prìncipezinhos, com os pais que exultavam, a rir e a cantar, vinham pedir desculpas da afoiteza do dia anterior.

São Kessoc pregou o Evangelho na Escócia e chegou a bispo, falecendo em 560.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTA ANASTÁCIA, A PATRÍCIA (*)

A Patrícia vivia na côrte de Justiniano. Piedosa, rica e virtuosa, vivia para fazer o bem à pobreza. Muito bela, logo atraiu a atenção do imperador, que por ela se apaixonou. E tão abertamente passou a cortejá-la que Teodora, a imperatriz enciumada, deu de vigiar a pobre, que não sabia o que fazer para livrar-se do galanteador.

Um dia, resolveu deixar a côrte, e, fundando um mosteiro para moças, nas cercanias de Alexandria, nêle se enclausurou, deixando o mundo para sempre.

Justiniano acabou descobrindo o paradeiro de Anastácia. E, morta Teodora, em 548, o imperador correu procurá-la.

Ora, a Patrícia chegou a nova de que Justiniano vinha buscá-la. Ràpidamente, disfarçando-se com roupagem masculina, deixou o mosteiro e demandou o deserto, à procura dum virtuoso abade, o abade Daniel, ao qual solicitou proteção, concluindo, depois de tudo esclarecido:

— Quero deixar o mundo e sòmente servir a Deus. Ajuda-me, livra-me da perseguição do imperador.

Daniel levou-a a uma caverna mais ou menos afastada da comunidade que dirigia, onde havia uma velha cela, e ali, dando-lhe uma regra de conduta, deixou-a, recomendando-lhe:

http://www.obrascatolicas.com

— Todos pensam que és homem. Vieste com trajos masculinos e a todos enganaste. Para melhor segurança de tua pessoa, que passes, então, por homem.

— Sim, sim, fêz Patrícia alegremente. Serei, para todos, Anastácio, o Eunuco.

Ali, passou a viver, e não recebia ninguém. E o alimento que o bom e esperto abade lhe enviava, por intermédio dum dos discípulos do mosteiro, deixava-o êle à porta e se retirava. Quando voltava para recolher o prato, êste já se encontrava fora, à soleira, de modo que a virtuosa patrícia jamais foi vista por quem quer que seja.

Anastácia viveu naquele retiro por vinte e oito anos. E, por todo êste tempo, à risca, seguiu tôdas as ordens do abade que a salvara das inconveniências do imperador Justiniano.

Quando se sentiu perto da morte, escreveu a Daniel uma mensagem e pô-la, porta fora, dentro do prato que o discípulo do abade costumava trazer e levar.

O bom abade, porém, durante o sono, fôra, em sonhos, advertido do fim de Anastácia, então próximo. E apressando o discípulo, ordenou-lhe que fôsse, antes da hora costumeira, buscar o prato do "Eunuco", dizendo-lhe:

— Há, dentro da vasilha que lhe levas, uma mansagem que me envia. Traze-a incontinenti.

Quando o discípulo de Daniel tornou com a mensagem, o abade leu: "Vem sepultar o eunuco Anastácio".

http://www.obrascatolicas.com

O abade foi correndo, com o discípulo, e encontrou-a com vida, dela recebendo o último alento (567). Enterrada na cela mesma, só depois é que Daniel deu a conhecer a todos a verdadeira identidade da Santa.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SANTO HIMELINO (*)

Confessor

De Santo Himelino, que, dizem, era parente de São Rumoldo, o apóstolo da Bélgica e primeiro bispo de Malines, conta-se a seguinte história.

Quando Santo Himelino, feita a Roma uma peregrinação, venerado que fôra o túmulo dos Santos Apóstolos, voltava para a Irlanda, onde nascera, tornou-se, na França, prêsa de estranha febre que o consumia.

Continuando a viagem, quando chegou a Vissenaeken, viu-se obrigado a interrompê-la. Devorado pela sêde, sentou-se sob uma vasta árvore copada, à sombra fresca que fazia, e ali se deixou ficar, derreado e sem fôrças, a garganta sêca a pegar fogo.

Ora, uma jovem, que fôra à fonte em busca d'água, passava com a bilha à cabeça. Himelino, à vista do bojudo vaso, sentiu a sêde redobrar de intensidade. E, com voz débil, chamou a moça:

— Filha de Deus, por Jesus Cristo, dá-me de beber desta fresca água que levas na bilha, sim?

A mocinha entreparou. Olhou o homem que se estirava à sombra da grande árvore e procurou uma desculpa, já que a peste, naqueles dias, assolava o país. Quem era aquêle desconhecido que ali jazia,

http://www.obrascatolicas.com

com tôdas as características duma grande febre estampadas no rosto? Teria contraído a peste? Dar-lhe-ia da água que levava?

Disse-lhe:

— Não posso, infelizmente, satisfazer-te. Meu patrão não permite que atenda estrangeiro algum. Perdoe-me, por favor!

— Morro de sêde, gemeu o Santo.

— Por que, tornou a jovem, não vens comigo até a casa de meu senhor, e ali terás o que quiseres?

Santo Himelino tornou a gemer:

— Sem um pouco d'água, que me molhe a garganta e me restaure, filha, não poderei arredar pé donde me encontro. Por Deus, achega-te e dá-me de beber. Se tens receio dum desconhecido, do qual sabes o mal que o aflige, não te apoquentes. Dá-me de tua água, e o Altíssimo, asseguro-te, bendirá tua boa ação.

A mocinha, afinal, compadecida, cedeu. Aproximou-se de Himelino, a arder em febre, e deu-lhe de beber.

Assim que ela se afastou, o Santo, sentindo-se mais reconfortado, levantou-se, embora penosamente, e continuou o caminho, titubeante.

Quando a caridosa jovem chegou, entregou a bilha ao patrão. E êste, tomando dum pouco d'água, bebeu-a. Estupefato, chamou a criada:

— Donde tiraste esta água? perguntou-lhe.

— Da fonte, senhor. Por quê?

— Porque, embora tenha tôda a aparência de água, nada mais é do que vinho.

— Vinho?

http://www.obrascatolicas.com

— Sim, vinho, e do melhor. Como pode ser isto?

A mocinha, então, esclareceu:

— Isto deve ser obra daquele homem deitado à sombra da grande árvore.

— Que fêz êle? perguntou o patrão.

A jovem, então, contou-lhe o que se passara.

Ora, o senhor da mocinha era padre, e, pois, impressionado com o sucesso, correu à árvore em que Himelino estivera.

Lá chegando, não o viu. Teria seguido pela estrada real? Com certeza. Tomou-lhe a direção e, como o Santo avançava vagarosamente, logo o alcançou. Alcançou-o e convidou-o para repousar em sua casa.

Himelino, que não mais suportava tamanha fadiga, aceitou, dando graças a Deus. E ali, na casa do bom padre, tendo recebido os últimos sacramentos, faleceu em paz.

Nem bem deixara escapar o último suspiro e cerraram os olhos cansados, e todos os sinos do lugar, sem que mãos humanas interviessem, deram de, festivamente, bimbalhar por longo tempo. Morrera um santo. E o padre que o acolheu, comovido, d'olhos cheios d'água, exclamava, admirado:

— Morreu um santo! Morreu um santo!

Num átimo, por tôda a cidade, correu a notícia. E todos, com unção, levantando os olhos para os céus, repetiam aquêle dito:

— Morreu um santo! Morreu um santo!

Quando levaram o corpo de Himelino à igreja, ali encontraram, miraculosamente preparada, uma tumba, onde, para sempre, havia êle de ficar. E

http://www.obrascatolicas.com

tôda gente, mais convicta ainda, não cessava de exclamar:

— Morreu um santo! Morreu um santo!

* * *

No mesmo dia, na Irlanda, São Silvestre, bispo. Romano de nascimento, foi um dos companheiros de Paládio, quando da evangelização da Irlanda. Faleceu em 420.

Na França, São Blanchard, confessor no século VII.

Em Jerusalém, São Macário, bispo e confessor, sob a instigação do qual os santos lugares foram purificados e ornados com magníficas basílicas por Constantino, o Grande, e a bem-aventurada Helena, sua mãe. Ocupando a cátedra de Jerusalém em 314, depois de Hermon, pela piedade, zêlo e conduta prudentíssima, foi um dos prelados mais ilustres daqueles tempos. Para reconhecer, entre três, qual a verdadeira cruz de Jesus, apelou para Deus: havia, na cidade, doente de doença incurável, uma judia convertida, que se viu às portas da morte. O santo bispo levou as cruzes à casa da agonizante e, ajoelhando-se, com grande ardor rogou ao Senhor que a curasse, quando se lhe tocasse com a verdadeira cruz onde o Filho, por nós, vertera seu preciosíssimo sangue. Assim, descobriu-se a verdadeira Cruz de Nosso Senhor. São Macário faleceu em 335.

Em Paris, festa de São Drotoveu, abade, que foi discípulo de São Germano, bispo. Conhecido também como São Droteu, nasceu em Auxerre em 530. Primeiro abade do mosteiro de São Vicente, faleceu em 576, com quarenta e seis anos de idade.

http://www.obrascatolicas.com

No mosteiro de Bobbio, São Átalas, abade, célebre pelos milagres. Natural da Borgonha, zeloso, combateu tenazmente o arianismo. Diz-se que, à porta de sua cela, colocara um crucifixo, o qual beijava tôdas as vêzes que saía e entrava. Morreu aos seus pés (626), sendo enterrado ao lado de São Columbano, ao qual havia seguido no exílio e sucedera no govêrno da abadia.

Na Irlanda, São Sedna, bispo de Ossory, amigo de São Molua de Clonfert. Faleceu em 570.

Ainda na Irlanda, São Failbhe, chamado o Segundo, abade de Iona e confessor. Desaparecido por volta de 754.

Na Itália, o bem-aventurado André de Valombrosa, confessor, falecido em 1097, cognominado o Liguriano. Originário de Parma, foi discípulo de Santo Arialdo, que morreu gloriosamente, martirizado quando de suas lutas contra a simonia.

No mesmo dia, em Apameo, Frígia, os santos Caio e Alexandre, que, durante a perseguição de Marco Antônio e Lúcio Vério, assim como Apolinário, bispo de Hieraplo, escreveu em seu livro contra os hereges catafrígios, receberam a coroa de glorioso martírio.

Na Pérsia, quarenta e dois santos mártires.

Em Corinto, os santos mártires Codrato, Dinis, Cipriano, Anecto, Paulo e Crescêncio que o presidente Jasão fêz passar pelo fio da espada, durante a perseguição de Décio e de Valeriano.

Na África, São Vítor, mártir, pela festa do qual, Santo Agostinho fêz um sermão ao povo.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

11.º DIA DE MARÇO

SANTO EULÓGIO

Sacerdote de Córdova, mártir, e outros mártires de Espanha durante a perseguição dos maometanos.

Interrogado pelos discípulos sôbre quem era o maior no reino dos céus, Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio dêles e lhes disse: "Em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como êste menino, não entrareis no reino dos céus. Quem se humilhar, pois, como esta criança, será o maior no reino dos céus. Guardai-vos de desprezar um dêstes pequeninos, porque eu vos asseguro, seus anjos vêem, sem cessar, a face de meu Pai que está nos céus". Outra vez, como os discípulos discutissem quem era o maior entre êles, Jesus lhes disse: "Os reis das nações as governam como amos. Assim não será entre vós. Mas o maior será como o menor e o chefe como o servidor. Quem é maior, aquêle que está sentado à mesa ou aquêle que serve? Não é o que está sentado? Todavia, estou no meio de vós como aquêle que serve. Fôstes vós que perseverastes comigo nas minhas tentações, assim eu vos preparo, como meu Pai me preparou a mim, um reino, para que comais e bebais à minha mesa no

http://www.obrascatolicas.com

meu reino, e para que vos senteis em tronos, julgando as doze tribos de Israel". E quando no jardim das Oliveiras, Pedro sacou da espada para defendê-lo, Jesus disse: Põe tua espada na bainha. Pensa que não poderia rogar ao Pai, e que êle me não enviaria imediatamente mais de doze legiões de anjos? Mas como então se cumpririam as Escrituras, que anunciam que isso deve acontecer assim? Por fim, interrogado por Pilatos, se era o rei dos judeus, respondeu-lhe: "Meu reino não é dêste mundo. Se meu reino fôsse dêste mundo, meus ministros combateriam por mim, para que não fôsse entregue aos judeus. Mas agora meu reino não está aqui. Pilatos lhe disse: és, então, rei? Jesus respondeu: tu o dizes, sou rei. Nasci para isso, e para isso vim ao mundo, para dar testemunho da verdade. Quem é da verdade, escuta minha voz".

Dessas palavras de Nosso Senhor, êle é rei, tem um reino seu. Seu reino não provém dêste mundo, mas do Pai, que lhe disse: "Tu és meu Filho, hoje te gerei. Assenta-te à minha direita, até que reduza teus inimigos a escabêlo de teus pés. O Eterno fará sair de Sião o cetro de teu poder; domina como mestre sôbre teus inimigos." Êsse reino de Nosso Senhor Jesus Cristo se estende ao céu, sôbre a terra e sôbre o inferno. Só ao nome de Jesus, tudo se curva, no céu, na terra e no inferno. Entre os ministros dêsse rei e dêsse reino, há milhões de anjos que permaneceram fiéis na tentação. Não sòmente servem a Deus e seu Filho, mas ainda às crianças. Tal é o poder dêles, que um só, em uma só noite, matou cento e vinte quatro mil homens do exército de Senaqueribe. Os anjos infiéis, cujo chefe é chamado o chefe do poder do ar, o príncipe dêste mundo, o deus dêste

http://www.obrascatolicas.com

século, estão sujeitos às ordens de Deus e de seu Filho, como executantes de sua justiça e de sua providência. No inferno, punem os condenados, segundo a extensão de seus crimes e a sentença do juiz. Sôbre a terra, tentam o homem, na medida em que Deus o permite. Era uma legião, quando pediram a Jesus permissão para entrarem em uma manada de porcos.

O homem é pôsto à prova como o anjo, antes de ser incorporado definitivamente no reino de Deus. Nossos primeiros pais sucumbiram à tentação. Mas no castigo mesmo, Deus lhes anunciou um redentor nascido de mulher, a qual esmagará a cabeça à serpente e será ao mesmo tempo filho de Deus e filho do homem, rei do céu e da terra, dos anjos e dos homens fiéis. Satã enganou nossos pais do alto de uma árvore. Jesus Cristo nos redimiu do alto da árvore da cruz. Êle é o cordeiro imolado desde a origem do mundo, cujo sangue opera, desde então, a redenção. O primeiro homem que morreu era um santo, um mártir: Abel, figura de Jesus Cristo e de sua Igreja, como Caim é a de Satã e do mundo.

Na Igreja de Deus, após Abel e Set, apareceram os patriarcas e os profetas: Enoch, que ainda vive; Noé, herdeiro do primeiro mundo e pai do mundo novo. Sem, Abraão, Isaac e Jacó, ancestrais de Cristo, segundo a carne. Melquisedech, sacerdote do Altíssimo, e figura do sacerdote eterno, embora da tribo de Canaã; Jó da de Esaú; José, salvador do Egito; Moisés, Arão, Josué, Samuel, Davi, Isaías, Elias, que ainda vive; Daniel, os Macabeus, João Batista, por fim, Jesus Cristo com os doze apóstolos, seguido de milhões de mártires, de confessores, de santos de todos os povos e de tôdas as línguas.

http://www.obrascatolicas.com

No mundo figurado e começado em Caim, no qual Satã reina pela mentira, pela violência, impiedade, idolatria, heresia, cisma e crimes de tôda espécie, vemos, após o primeiro assassinato, êsses monstros de violência e de luxúria, que atraem o dilúvio, por seus excessos. Os povos de Sodoma e Gomorra, que os anjos sepultaram sob fogo e enxôfre; êsses reis da Babilônia e de outros lugares, que se fazem adorar como se fôssem deuses, os Antíocos, os Neros, os falsos profetas, os grandes sedutores, Ário, Maomé, que perverteram nações inteiras; todos, entretanto, se encontram sob o poder de Deus e servem para o cumprimento de seus desígnios, provar os homens como metais na fornalha, purificar os santos como o ouro e julgar com êles o mundo, reprovar os maus com os espíritos do abismo que adoraram ou imitaram.

Deus nos fêz conhecer adiantadamente, pelo profeta Daniel e pelo apóstolo São João, êsse conjunto de desígnios sôbre os impérios da terra: o império assírio sucumbiu sob o dos medas e persas; o império dos medas e dos persas sob o dos gregos; o dos gregos sob o dos romanos; o dos romanos desmembrou-se em uma dezena de impérios, que terminaram por se reduzirem a pó, à colisão de uma pedra desprendida da montanha; pedra que se torna como uma montanha, enchendo tôda a terra, e que o profeta nos ensina ser o império do Altíssimo. Está mesmo dito que nessa dezena de impérios nos quais devia desmembrar-se o império romano, um dos últimos, haveria de abater três outros. É o império anticristão de Maomé, que abateu o império dos persas no Oriente, o dos gregos em Constantinopla, o dos visigodos na Espanha.

http://www.obrascatolicas.com

Os visigodos, a princípio bárbaros, depois infetados da heresia de Ário, em seguida convertidos ao catolicismo por São Leandro, bispo de Sevilha, viram-se enfraquecidos por longa inatividade e corrompidos por uma dinastia grega, permitindo que os maometanos da África invadissem a Espanha, no começo do século oitavo. A nacionalidade dêles refugiou-se sob a proteção da santa Virgem, numa grota de uma montanha das Astúrias.

No ano de 847, o príncipe muçulmano de Espanha, Abderamo III, enviou embaixadores à França, a fim de pedirem ao rei Carlos o Calvo, que os recebesse em Reims. Ao mesmo tempo, todos os cristãos súditos de Abderamo enviaram um pedido ao mesmo rei, aos bispos e aos cristãos de seu reino, contra um tal Bodon, que, de cristão se fizera judeu alguns anos antes, e que excitava Abderamo e os muçulmanos contra os cristãos de Espanha, para obrigá-los, sob pena de morte, a se fazerem judeus ou muçulmanos. Foi o prelúdio da perseguição. Numerosos godos e outros cristãos da Espanha, para se livrarem do jugo dos infiéis, haviam passado para a França e obtiveram a proteção de Carlos Magno e de Luís o Bonachão, em 816. Carlos o Calvo, cercando Rolosa em 844, concedeu favores semelhantes aos que se retiraram para Barcelona e para os arredores, a fim de serem tratados como os franceses.

Desde o comêço do reinado de Abderamo, dois irmãos, Adolfo e João, sofreram o martírio. E suas biografias ainda não encontradas, foram escritas pelo abade de Cuteclar, *Spera-in-Deo*. A igreja celebra-lhes a memória no dia 27 de setembro. Em 840, duas virgens cristãs, Numila e Alódia, sofreram o martírio, perto de Najara, em Navarra. E, dois anos depois,

http://www.obrascatolicas.com

seus corpos foram levados para o mosteiro de São Salvador de Leyre. A Igreja celebra sua festa no dia 22 de outubro. Mas a grande perseguição começou no ano de 850, o vigésimo-nono ano do reinado de Abderamo. O padre Perfeito, nascido em Córdova e educado no mosteiro de Santo Acisclo, onde passara quase tôda a juventude, era muito instruído nas ciências eclesiásticas e muito conhecido dos muçulmanos, porque conhecia perfeitamente a língua árabe. Todavia, diante da fornalha, com mêdo de morrer, renegou à fé. Santo Acisclo, que acabamos de nomear, foi mártir famoso, que recebeu a palma do martírio em Córdova, durante o reinado de Diocleciano, com sua irmã, Vitória. A Igreja dedicou-lhe o dia 17 de novembro.

Um dia, em que o padre Perfeito passava pela cidade para se dirigir aos seus afazeres particulares, alguns muçulmanos lhe fizeram perguntas sôbre religião e pediram-lhe a opinião sôbre Jesus Cristo e Maomé. "Jesus Cristo, disse êle, é Deus acima de tudo, bendito por todos os séculos. Quanto ao vosso profeta, não tenho coragem de dizer o que os católicos dêle pensam, pois vos sentiríeis por demais ofendidos. Mas, se me prometerdes não levar a mal, vo-lo direi." Prometeram. Então, o padre continuou, falando-lhes em árabe: "Cremos que é um dêsses falsos profetas de que vos fala o Evangelho, que seduziu a muitos e os arrastou consigo ao fogo eterno". Acrescentou ainda várias coisas referentes às impurezas que a religião dêles autoriza, das quais Maomé fôra o exemplo.

Dissimulando momentâneamente a indignação, algum tempo depois, quando o padre foi novamente obrigado a sair para afazeres, vendo-o vir ao longe,

http://www.obrascatolicas.com

disseram aos presentes: "Eis um homem que há bem pouco tempo pronunciou contra o profeta blasfêmias que nenhum de vós poderia suportar". Imediatamente o agarraram e levaram à presença da autoridade, dizendo: "Êste homem falou contra o profeta e nos censura por lhe prestarmos honras; sabeis qual a pena que merece tal crime". Foi, então, levado para a prisão, amarrado a ferros pesadíssimos. Deveria morrer na festa que para êles é a Páscoa. Perfeito entregou-se às vigílias, aos jejuns e à oração, para fortificar-se na fé a que anteriormente havia renunciado. Todavia, predisse a morte do eunuco Nazar, camareiro, principal oficial do Sultão e que dirigia todos os assuntos da Espanha. Perfeito disse, falando dêle: "Êsse homem, hoje tão poderoso, não verá o fim do ano, após haver-me matado".

São Perfeito ficou alguns meses na prisão. Passado o solene jejum do radamã, veio a festa que celebraram no primeiro dia do mês de abril e que êles acompanham com grande alegria. O mártir foi tirado da prisão e conduzido ao outro lado do rio Betis, numa grande planície, ao sul da cidade de Córdova, para lá ser executado. O povo acorreu. São Perfeito confessou novamente a divindade de Cristo, condenou Maomé e sua falsa religião, declarou quais as penas eternas que seriam aplicadas aos que o seguissem. Cortaram-lhe, então, a cabeça, na sexta-feira, dia 18 de abril de 850, dia que a Igreja dedicou à sua memória. O eunuco Nazar morreu nesse mesmo ano, como o santo havia predito.

Um comerciante, chamado João, foi na mesma época acusado de falar mal do profeta e de tentar convencer os que compravam dêle, a abandonarem a seita. A autoridade, porém, não achou convincente

http://www.obrascatolicas.com

o testemunho dos que o acusaram. Mandou que o chicoteassem, para que renunciasse a Jesus Cristo. João, todavia, admitiu a acusação e afirmou conservar-se fiel, até à morte, à religião do Crucificado. Foram-lhe aplicadas cem chicotadas. Depois, meio morto, colocaram-no sôbre um burro, de costas para a cabeça do animal, e o levaram por tôda a cidade, enquanto um dêles gritava: "É assim que se faz com quem blasfema contra o profeta e zomba da sua religião". Em seguida, colocaram-no na prisão, prêso a ferros pesadíssimos. Santo Eulógio, que escreveu esta história, lá o encontrou, quando lá foi jogado.

A confissão e o martírio dêsses dois santos foram provocados pelos maometanos. Essa provocação deu ensejo a que vários monjes, deixando a solidão, viessem a público falar contra o falso profeta. De tal sorte os maometanos ficaram espantados com isso, que temeram uma revolta e pediram aos cristãos que se contivessem. Isto porque era grande o número dêles, como se vê pelas igrejas e mosteiros dos quais se fala na história dessa perseguição, história essa isenta de suspeita, escrita que foi na época, pelo santo sacerdote Eulógio, que estava presente e que foi um dos martirizados. Vemos, pois, aqui o estado dos cristãos na Espanha durante o domínio muçulmano. Eram duas nações distintas, como eram, aliás, gregos e turcos. Os cristãos mantinham seus costumes, a língua, um latim corrompido, os nomes, parte gôdos, parte romanos.

O primeiro monge que sofreu o martírio nessa perseguição foi Isaac. Era natural de Córdova, filho de pais nobres e ricos. Como sabia bem o árabe, desempenhava as funções de escrivão público. Moço ainda, abraçou a vida monástica, em Tabana, mosteiro

http://www.obrascatolicas.com

situado a sete milhas de Córdova, no fundo de bosques, sôbre as mais agrestes montanhas. Era duplo: abrigava homens e mulheres. Fôra fundado por Jeremias, primo de Isaac, homem riquíssimo, que para lá se retirara com sua espôsa Isabel, filhos, e quase tôda a família. Martinho, irmão de Isabel, era o abade de lá, e Isaac morou nesse mosteiro durante três anos, sob sua direção.

Em seguida, foi para Córdova, e, em praça pública, dirigiu-se à autoridade muçulmana: "Gostaria de abraçar vossa religião, se me instruísseis". O muçulmano, jubiloso, disse-lhe que era necessário crer no que Maomé havia ensinado, segundo as revelações do anjo Gabriel. E começou a explicar-lhe a doutrina. "Êle mentiu, disse Isaac em árabe. Êle foi amaldiçoado por Deus, por ter arrastado ao inferno tantas almas que seduziu. Vós, que sois sábios, por que não saís da cegueira e abraçais a luz do cristianismo?" E disse muitas outras coisas semelhantes. O juiz, surprêso e fora de si, deu-lhe uma bofetada no rosto. Mas os conselheiros lhe chamaram a atenção, pois se havia esquecido de sua gravidade e a lei proibia maltratassem os criminosos. Então, voltando-se para Isaac, lhe disse: "Deves estar bêbado ou delirando". Isaac replicou: "Não é nem o vinho nem a doença que me faz falar. É o zêlo da justiça e da verdade, pela qual não me recuso, se necessário, a sofrer a morte".

O chefe muçulmano o enviou para a prisão e comunicou o fato imediatamente ao rei, que o condenou à morte, por ter falado dessa forma do profeta. Cortaram-lhe a cabeça. Depois, penduraram-lhe o corpo pelos pés no outro lado do rio, para servir de espetáculo a tôda a cidade. Era no ano de 851, dia

http://www.obrascatolicas.com

3 de junho, quarta-feira, dia em que a Igreja celebra a memória do santo mártir. Alguns dias depois, seu corpo foi queimado com os mártires que o seguiram, e as cinzas atiradas no rio.

Na sexta-feira, dia 5 do mesmo mês, foi também decapitado Sancho, jovem leigo, natural de Albi, de onde fôra conduzido cativo, depois pôsto em liberdade, e recebido como membro dos guardas do rei, percebendo ordenado. No domingo, dia 7, foram martirizados seis outros cristãos: Pedro, Valabonse, Sabiniano, Vistremondo, Habêncio e Jeremias. Pedro era natural de Eleple. Seu pai casara-se com uma mulher árabe e a convertera à fé cristã, o que fêz com que fôsse obrigado a deixar o país e fugir para diversos lugares, até chegar a Fronien, pequena localidade situada nas montanhas, a quatro léguas de Córdova. Sua espôsa lá morreu, deixando-o encarregado dos dois filhos, Valabonse e Maria. Colocou o filho no mosteiro de São Félix de Fronien, sob a direção do abade Salvador e consagrou a filha a Deus, no mosteiro de Santa Maria de Cuteclar.

Morrendo o abade Salvador, Valabonse tornou para junto do pai e, em seguida, recebeu as ordens de diácono. Foi encarregado, com o sacerdote Pedro, da direção do mosteiro das mulheres de Santa Maria de Cuteclar, perto de Córdova, que se achava sob a direção do abade Frugélio, o qual morava com a comunidade de monges. Sabiniano e Vistremondo eram do mosteiro de São Zoilo de Armilat, nome que lhe deram por causa do pequeno rio sôbre o qual estava situado, em um deserto terrível, a dez léguas de Córdova, no norte. Habêncio era de Córdova e abraçara a vida monástica em São Cristóvão, situado em frente à cidade, sôbre o rio Betis, onde vivia

http://www.obrascatolicas.com

fechado, não se mostrando a não ser por uma janela, trazendo sôbre o corpo lâminas de ferro. Jeremias era o ancião que havia fundado o mosteiro de Tabana.

Êsses seis se apresentaram todos juntos ao juiz muçulmano, dizendo todos ao mesmo tempo: "Somos da mesma opinião que nossos irmãos Isaac e Sancho. Condenai-nos também. Afirmamos que Jesus Cristo é Deus, reconhecemos vosso profeta como precursor do Anticristo e deploramos vossa cegueira". Imediatamente foram condenados a terem as cabeças cortadas. Todavia, o ancião Jeremias, por algo que dissera mais forte do que os demais, foi antes rudemente açoitado, até não agüentar ficar em pé. Quando chegaram ao lugar do suplício, encorajavam-se mùtuamente. Pedro e Valabonse foram executados em primeiro lugar. Todos os corpos foram amarrados a duas estacas e, alguns dias depois, queimados em uma fogueira. As cinzas foram atiradas ao rio. A Igreja dedicou-lhes o dia em que morreram.

Um diácono, Sisenão, apresentou-se também ao martírio, convidado, como dizia, por Pedro e Valabonse, pois tinham ido para o céu. Era natural de Badajoz e, transferindo-se para Córdova, a fim de estudar, foi educado no mosteiro de Santo Acisclo. Acreditou-se que sabia por revelação a hora do suplício, porque, estando na prisão escrevendo uma resposta a um amigo, após ter escrito três ou quatro linhas, levantou-se, pleno de alegria, e entregou a resposta começada ao mensageiro que estava esperando e lhe disse: "Retira-te, antes que os soldados te prendam". Imediatamente chegaram êles gritando e o conduziram, dando-lhes bofetadas e socos. Apre-

http://www.obrascatolicas.com

sentado ao juiz muçulmano, persistiu em seus propósitos e, assim, foi morto, bem jovem, no dia 16 de julho de 851, numa quinta-feira. O corpo foi deixado à porta do palácio. Mas, muito tempo depois, algumas mulheres lhe encontraram os ossos entre as pedras que o riozinho arrastava e os enterraram em Santo Acisclo. A Igreja dedicou-lhe, para lembrá-lo, o dia em que foi morto.

O diácono Paulo, de Córdova, que fôra educado no mosteiro de São Zoilo, servia os prisioneiros com grande caridade. São Zoilo sofreu o martírio em Córdova, com dezenove outros, durante o reinado de Diocleciano e é lembrado no dia 27 de junho. O exemplo e as palavras de São Sisenão levaram Paulo a se apresentar ao juiz, e condenar-lhe a falsidade da religião. Como se encontrava na prisão, Tiberino, sacerdote de Badajoz, prêso havia vinte anos, por uma queixa apresentada ao rei contra êle, pediu-lhe que rogasse sua liberdade, quando se encontrasse diante de Deus. Paulo prometeu fazê-lo. Sofreu o martírio em 20 de julho, numa segunda-feira, e alguns dias depois, o sacerdote Tiberino saiu da prisão e voltou para sua casa. No domingo seguinte, dia 25 de julho, foi martirizado Teodomiro, jovem monge de Carmona, e enterrado com Paulo na igreja de São Zoilo. A Igreja honra a ambos no dia em que foram martirizados.

Houve também mulheres que sofreram o martírio durante tal perseguição. A primeira foi Flora, natural de um lugar chamado Ausiniano, a oito milhas de Córdova, filha de mãe cristã e pai muçulmano, que tinham vindo de Sevilha. Morrendo-lhe o pai, a mãe a educou na piedade, na qual fêz tais progressos, que desde a infância jejuava na quaresma e dava às

http://www.obrascatolicas.com

escondidas aos pobres o que recebia da mãe para comer. A quaresma já ia bem avançada, quando perceberam isso e a mãe, temendo que o jejum a prejudicasse, em idade tão tenra, proibiu-lhe terminá-lo. De início, não ousava ela assistir às reuniões dos cristãos, porque seu irmão era muçulmano e a observava. Depois, porém, mais bem instruída da necessidade de confessar a fé, deixou a casa, sem que a mãe o soubesse, e se retirou secretamente com uma irmã para uma casa de religiosas, onde estavam bem seguras. O irmão vingou-se dos cristãos, fazendo prender alguns clérigos e perseguindo as religiosas. Flora, todavia, não querendo que a igreja sofresse por ela, veio à casa da família e disse: "Estou aqui. Já que me procurais, sou cristã e estou pronta para sofrer o que quer que seja, por Jesus Cristo".

Então o irmão, após ter debalde tentado dissuadi-la por boas palavras, com ameaças e golpes, conduziu-a à presença da autoridade muçulmana e disse: "Minha jovem irmã, que está aqui, observava como eu nossa religião. Os cristãos, todavia, seduziram-na". O juiz perguntou a Flora o que significava aquilo e ela lhe respondeu que sempre fôra cristã. O muçulmano, irritado, mandou que os soldados a prendessem. Amarraram-lhe as mãos e a açoitaram. As pancadas chegaram a atingir a cabeça, deixando o crânio a descoberto. O juiz a entregou ao irmão meio morta, encarregando-o de fazê-la pensar, de instruí-la na lei e de trazê-la de volta. O irmão voltou para casa e a entregou aos cuidados de algumas mulheres, para que dela tratassem e a pervertessem, tomando as precauções. Entretanto, alguns dias após, Flora sentiu-se curada e, certa noite, encontrou um jeito de passar por sôbre o muro, embora muito

http://www.obrascatolicas.com

alto, para uma casinha vizinha, de onde ganhou a rua e fugiu, no meio das trevas, para a casa de uma pessoa de confiança. Depois, saiu de Córdova e foi para Ossaria, pequeno burgo perto de Tuci, onde permaneceu escondida com sua irmã. Por fim, o desejo do martírio fê-la sair. Foi a Córdova. Quando estava rezando na igreja de Santo Acisclo e se recomendava aos santos mártires, outra virgem, chamada Maria, lá entrou também para rezar.

Era a irmã do diácono Valabonse, martirizado havia pouco. Maria era sua irmã mais velha. Por isso tinha êle por ela amor e respeito filiais. E ela, por seu turno, o amava ternamente. Vivera no mosteiro de Cuteclar, onde o pai a tinha colocado, sob a orientação de uma santa mulher de nome Artêmia, que tinha dois filhos, Adolfo e João, os quais haviam sido martirizados no comêço do reinado de Abderamo. Maria, desejando ardentemente seguir o exemplo do irmão, saiu do mosteiro e foi a Córdova procurar o martírio. Entrou na igreja de Santo Acisclo e, lá encontrando Flora, entenderam-se a respeito dos seus desejos, se abraçaram e se prometeram jamais se separarem. Assim, no fervor do zêlo, apresentaram-se ao juiz maometano. Flora disse: "Eu sou aquela que, há algum tempo, fizeste sofrer um flagelamento, pelo fato de ter abraçado a religião cristã, apesar de descender de muçulmanos. Tive a fraqueza de me esconder até o presente. Mas, hoje, confiando no poder de meu Deus, declaro-te que reconheço Jesus Cristo por Deus e que detesto teu falso profeta. Maria acrescentou: E eu, que tenho um irmão entre aquêles que confessaram a Jesus Cristo, declaro também creio em Jesus como Deus e tua religião é uma invenção dos demônios". O juiz

http://www.obrascatolicas.com

fêz terríveis ameaças às jovens, enviando-as depois para a prisão, na companhia de prostitutas. As duas virgens lá se dedicaram ao jejum e à oração.

O sacerdote Eulógio, que já se encontrava na prisão, conhecia as duas. Sabendo que alguns cristãos mesmo procuravam abalar-lhes a fé, escreveu-lhes uma instrução, que lhes enviou. Eulógio era natural de Córdova, de família de senadores, e foi educado pelo clero da igreja de São Zoilo, onde se distinguiu pela virtude e pela sabedoria. Entretanto, não contente com a instrução que recebia, procurou por tôda parte os melhores mestres e foi discípulo, entre outros do abade *Spera-in-Deo,* famoso em tôda a província. Eulógio, assim que atingiu a idade permitida, recebeu o diaconato e, algum tempo depois, foi ordenado sacerdote e colocado entre os doutôres, dado que a igreja de Córdova era uma escola célebre. Desde então, levou vida das mais austeras, juntando vigílias e jejuns aos estudos da Escritura santa. Visitou muitas vêzes os mosteiros para se aperfeiçoar cada vez mais na virtude. E depois de ter-se aproveitado de todos quantos existiam nas vizinhanças de Córdova, aproveitou a ocasião de uma viagem que era obrigado a fazer à França, em 844, para visitar os mosteiros das redondezas de Pamplona. Trouxe para o país vários livros negligenciados e pouco conhecidos, entre outros, a *Cidade de Deus,* de Santo Agostinho; *A Eneida,* de Virgílio; as *Sátiras,* de Horácio e de Juvenal, bem como vários hinos cristãos. Decidira êle fazer uma viagem a Roma, com espírito de penitência, para expiar os pecados da juventude. Entretanto, os amigos não o deixaram fazer isso.

http://www.obrascatolicas.com

A perseguição ia avançada, quando Recafredo, um bispo, se declarou contra os mártires. E por solicitação dêste, foram encarcerados o bispo de Córdova e alguns outros, vários sacerdotes, entre os quais se encontrava Eulógio, como encorajador dos mártires, por suas instruções. Foi quando escreveu a *Exortação ao martírio,* dirigida às virgens Flora e Maria. Dizia-lhes, entre outras coisas: "Ameaçavam-vos de vender-vos pùblicamente e prostituir-vos; mas, nenhuma infâmia que vos seja feita poderá prejudicar a pureza de vossa alma". Depois descreveu a perseguição da seguinte forma: "O fundo da prisão está cheio de sacerdotes que cantam e louvam a Deus, enquanto as igrejas se encontram em silêncio, desertas e cheias de teias de aranhas. Já não se oferece nelas o incenso, não se realiza nenhum ofício." E mais adiante: "Os que desejam abalar vossa convicção representam êsse abandono das igrejas e a interrupção do santo sacrifício. Propunham-vos ceder por algum tempo, para recuperarem o exercício livre da religião." Mas, diz Santo Eulógio, "o sacrifício mais agradável a Deus é a contrição do coração: e não podereis recuar, nem renunciar à verdade, que haveis confessado".

Todavia, o juiz muçulmano de Córdova, influenciado pelo irmão de Flora, fêz com que a trouxessem à sua presença e de seu irmão, e perguntou-lhe se conhecia o jovem. "Sim, respondeu ela, é meu irmão carnal". O juiz respondeu: Como, então, é êle fiel à nossa religião e tu és cristã? Flora replicou: "Há oito anos seguia eu, como êle, o êrro de nosso pai. Mas Deus me esclareceu e abracei a fé cristã, pela qual estou disposta a combater até à morte." O juiz lhe disse: E qual é hoje teu sentimento a respeito

http://www.obrascatolicas.com

do que me disseste há algum tempo atrás? Flora pensou que êle quisesse falar das maldições que havia pronunciado contra Maomé e declarou-lhe que estava disposta a repeti-las. O juiz mandou que a conduzissem à prisão. Imediatamente, Santo Eulógio, que se encontrava na mesma prisão, veio procurá-las e soube como se passara o interrogatório. Dez ou doze dias depois, isto é, em 24 de novembro, levaram Flora e Maria ao suplício. Elas fizeram o sinal da cruz e os verdugos lhes cortaram a cabeça. Primeiramente foi morta Flora, depois Maria. Os corpos foram deixados na praça, expostos aos cães e às aves. No dia seguinte, jogaram-nos no rio. O corpo de Maria foi encontrado e levado ao mosteiro de Cuteclar, de onde tinha saído para encontrar o martírio. O corpo de Flora não foi encontrado. Mas as duas cabeças foram enviadas a Santo Acisclo de Córdova. A Igreja comemora a festa dessas santas, no dia do martírio.

Santo Eulógio e os demais cristãos prisioneiros souberam do fato e renderam graças a Deus, no ofício das nonas e continuaram honrando as mártires com as vésperas, as matinas e a missa, recomendando-se às suas orações. Seis dias após, ou seja no dia 29 de novembro, foram libertados da prisão, de acôrdo com a promessa das santas, porque elas haviam dito a alguns que, assim que estivessem diante de Cristo, pedir-lhe-iam a liberdade de seus irmãos.

Pouco tempo depois, Gumesindo e *Servus-Dei* foram martirizados. Gumesindo, natural de Toledo, viera para Córdova ainda menino, com os pais, que o ofereceram a Deus. Foi educado na clerezia de três mártires, Fausto, Janeiro e Marcial, que a Igreja celebra no dia 13 de outubro. Gumesindo foi orde-

http://www.obrascatolicas.com

nado diácono e sacerdote, para dirigir uma igreja do campo, embora fôsse ainda muito jovem. Veio à cidade, apresentou-se aos juízes com *Servus-Dei*, jovem monge. Ambos foram martirizados, como os demais, no dia 13 de janeiro de 852. A Igreja celebra-lhes a memória no dia em que morreram.

Aurélio, nobre rico, era filho de pai muçulmano e mãe cristã. Na infância ainda ficou órfão e foi educado por uma tia na religião cristã e na piedade, embora ao mesmo tempo os demais parentes o obrigassem a estudar os livros árabes. Isso serviu apenas para fazê-lo ver melhor quão falsa era aquela religião. Assim, não podendo professar pùblicamente o cristianismo, recomendava-se às orações dos sacerdotes por tôda parte onde se encontrasse. Chegando à idade de casar, pediu a Deus uma espôsa que o ajudasse em seus piedosos desígnios. Encontrou uma jovem, filha de muçulmanos, que perdera o pai quando pequena e cuja mãe se casara novamente, desta vez com um cristão, que a converteu ao cristianismo e fêz batizar a filha com o nome de Sabigota. E embora pùblicamente se misturassem com os muçulmanos, no coração, eram cristãos. Aurélio a desposou e viveram ambos como cristãos, secretamente. Havia um parente, de nome Félix, que, por fraqueza, havia renunciado à fé e deplorava em segrêdo a queda, sem ousar declarar-se cristão. Tinha êle desposado Liliosa, filha de cristãos escondidos. Os dois maridos e as duas espôsas estavam unidos entre si por estreita amizade.

Um dia Aurélio dirigiu-se à praça pública e viu o martírio de João o Comerciante, que levavam pela cidade, após o terem açoitado. Aurélio, tocado com o espetáculo, acreditou que aquilo fôra para êle. Voltando à casa, disse à espôsa: "Há muito tempo que

http://www.obrascatolicas.com

me exortas a desprezar o mundo e me propões o exemplo da vida monástica. Creio que chegou a hora de aspirar à perfeição. Vivamos daqui por diante como irmão e irmã, apliquemo-nos à oração e preparemo-nos para o martírio". Sabigota, encantada com a proposta, sentiu-a como vinda do céu. Tinham êles uma câmara mortuária magnífica, mas deitavam-se separadamente sôbre cilícios, jejuando freqüentemente, orando sem cessar, meditando durante a noite nos salmos que sabiam, tomando grande cuidado dos pobres. Visitavam os confessores prisioneiros, entre outros João, o monge Isaac, Flora e Maria, dado que isso acontecera antes de serem martirizados. Aurélio visitava os homens, Sabigota as mulheres.

Aurélio fêz, então, conhecimentos com o sacerdote Eulógio, e pediu-lhe conselho com respeito ao que devia fazer com os bens e os dois filhos que Deus lhe havia dado. "É permitido, dizia, deixá-los com tão pouca idade, expostos a ser discípulos de falsa religião? Deixarei meus bens, sem dêles dispor, para serem imediatamente confiscados?" Santo Eulógio, após exortá-lo a deixar tudo por amor a Deus, aconselhou-o a enviar as crianças a um lugar seguro onde fôssem educados cristãmente, e a vender os bens para distribuir o dinheiro aos pobres, reservando uma parte para a subsistência dos filhos.

Pouco tempo depois do martírio de Santa Flora e Santa Maria, Sabigota viu-as em sonho, vestidas de branco, trazendo ramalhetes de flôres, acompanhadas de vários santos. "Que devo esperar, disse-lhe ela, da oração que vos fiz durante vossa prisão? Serei feliz bastante para seguir-vos no martírio?" "A ti está destinado, disseram-lhe, o martírio e dentro de algum tempo o sofrerás. Como prova, enviar-

http://www.obrascatolicas.com

te-emos um monge, que será morto contigo". Contando o sonho ao marido, não se preocuparam com outra coisa, a não ser com preparar-se para o martírio. Venderam os bens e guardaram uma parte para os filhos. O resto distribuíram aos pobres. Visitavam os mosteiros para receber instruções, principalmente o Tabana, onde colocaram os filhos sob a direção das religiosas, já que eram duas meninas, uma de nove, outra de cinco anos.

Aurélio consultou, entre outros, Alvar, que Santo Eulógio reconhecia por mestre, e que passava pelo maior doutor de seu tempo. Alvar exortou-o a experimentar-se. Se após os primeiros tormentos perseverasse, que procurasse mais o mérito do martírio diante de Deus do que a glória que isso poderia trazer-lhe diante dos homens.

Chegou, todavia, a Córdova, um monge da Palestina, de nome Jorge, que, tendo nascido em Belém, passara vinte e sete anos no mosteiro de São Sabas, a oito milhas de Jerusalém, ao sul, onde viviam, então, quinhentos monges, sob a direção do abade Davi. Jorge era diácono e sabia três línguas: grego, latim e árabe. Seu abade o enviara à África a fim de obter esmolas para o mosteiro. Lá encontrou a Igreja oprimida pelos muçulmanos. E as pessoas o aconselharam a ir para a Espanha. Mas, encontrando lá também a perseguição, ficou incerto, se devia retornar ao mosteiro, ou passar para o país dos cristãos, isto é, a França, porque nessa época quase todos os cristãos do Ocidente estavam sob o domínio dos reis francos.

Estava nessa incerteza, quando foi de Córdova a Tabana, para recomendar sua viagem às orações dos monges e das religiosas. Foi então que Martinho e sua irmã Isabel lhe disseram: "Vem receber a bên-

http://www.obrascatolicas.com

ção da serva de Deus, Sabigota". Assim que a viu, ela exclamou: "É êste o monge que nos foi prometido, para companheiro de combate". Jorge, sabendo quem ela era, atirou-se-lhe aos pés e se lhe recomendou às orações. No dia seguinte, foram ambos a Córdova, à casa de seu marido Aurélio, diante do qual Jorge se prostrou da mesma forma, pedindo-lhe suas orações. E associou-se ao martírio dêles. Aurélio consentiu. Jorge se encontrou animado de novo zêlo e não os deixou mais. Viu na casa dêles Félix e sua mulher Liliose, que tinham também vendido todos os bens e se preparavam para o martírio. Jorge apressou-se em terminar o que lhe faltava ainda por fazer. Quando se havia desincumbido de tudo, consultaram-se a respeito de como haveriam de cumprir seus propósitos. Resolveram, então, que as duas mulheres iriam à igreja com o rosto descoberto, para ver se seriam prêsas. E foi o que aconteceu.

Quando estavam voltando, um oficial perguntou aos maridos o que tinham elas ido fazer nas igrejas dos cristãos. "É costume dos fiéis visitar as igrejas e as moradas dos mártires e nós somos cristãos". Imediatamente o juiz foi avisado e Santo Aurélio foi dizer adeus às filhas, dando-lhes o beijo da paz. No dia seguinte, antes de clarear o dia, despediu-se do sacerdote Eulógio e dos dois que se encontravam com êle, os quais lhe beijaram as mãos e o olharam já como mártir, recomendando-se às suas orações. Aurélio voltou a casa, onde os demais estavam reunidos. O juiz enviou soldados, que gritaram da porta: "Saí, miseráveis, vinde à morte, já que estais cansados de viver!" Os dois maridos e as duas mulheres saíram cheios de alegria, como se fôssem para uma festa. O monge Jorge, vendo que os soldados não o

http://www.obrascatolicas.com

prendiam, disse-lhes: "Por que desejais que os fiéis abracem vossa religião? Não podeis ir para o inferno sem nós, com o vosso profeta?" Os soldados atiraram-no por terra, surrando-o. Sabigota lhe disse: "Levanta-te, meu irmão, marchemos!" Êle respondeu como se nada tivesse sofrido: "Minha irmã, há tanto para ganhar!" Levantaram-no meio morto e o levaram à presença do juiz, com os outros.

A princípio o juiz perguntou com delicadeza por que deixavam êles a religião e corriam para a morte, fazendo-lhes belas promessas. Mas como se declarassem irredutíveis na fé cristã e demonstrassem desprêzo por Maomé, mandou que os prendessem, acorrentados. Na prisão ficaram cinco dias, tempo que lhes pareceu longo demais, pela impaciência que tinham de morrer por Jesus Cristo. Quando os retiraram, para conduzi-los ao juiz, Sabigota encorajava o marido. Após o segundo interrogatório, foram condenados à morte, menos o monge Jorge, a quem foi permitido retirar-se, dado que os juízes não o tinham ouvido falar nada contra o profeta. Então, temendo ser separado dos mártires, declarou que tinha Maomé por discípulo de Satã, ministro do Anticristo e causa de condenação dos seus sequazes. Foi condenado com os outros. Félix foi executado em primeiro lugar, depois Jorge, Liliose, Aurélio e Sabigota, todos no dia 27 de julho de 852. A Igreja dedicou-lhes o dia em que morreram. Os cristãos recolheram-lhes os corpos, às escondidas, e os enterraram em diversos lugares. Jorge e Aurélio no mosteiro de Pillemelar; Félix em São Cristóvão, do outro lado do rio Betis; Liliose em São Genésio e Sabigota na igreja dos três santos, Fausto. Janeiro e Marcial.

http://www.obrascatolicas.com

No dia 20 de agôsto seguinte, dois jovens monges, Cristóvão e Levigildo sofreram também o martírio. Cristóvão era de Córdova, discípulo do sacerdote Eulógio, monge de São Martinho de Roian, nas montanhas. Levigildo era de Elvira, monge de São Justo e de São Pastor, nas próprias montanhas de Córdova. Vieram um após outro se apresentar ao juiz e fazer-lhe profissão de fé. Foram executados juntos e enterrados em São Zoilo os restos dos seus corpos queimados. Pouco tempo depois, dois jovens de família ilustre de Córdova, Emila e Jeremias, sofreram o martírio. Ambos ensinavam na igreja de São Cipriano. Um era diácono, outro leigo. Como soubesse muito bem o árabe, Emila falou contra o profeta, e de tal forma, que tudo quanto os outros mártires haviam dito não era nada, em comparação. Foram executados no dia 15 de setembro.

No dia seguinte foram martirizados dois monges, ambos eunucos, um de idade avançada, chamado Rogel, natural de Elvira; outro, jovem, chamado *Servio-Deo*, que viera do Oriente há alguns anos. Uniram-se, com a promessa de não mais se separarem a não ser se obtivessem o martírio. Entraram na mesquita de Córdova, no meio do povo que se encontrava reunido e começaram a pregar o Evangelho e a exortar os muçulmanos a se converterem. Imediatamente, levantou-se celeuma geral, e começaram a bater nos dois. Teriam sido reduzidos a pedaços, se o juiz, presente, não tivesse intervido e os arrancasse do furor do povo. É que os muçulmanos encaram como crime o fato de alguém, que não pertença à religião dêles, entrar na mesquita. Os dois monges foram amarrados com correntes e atirados à prisão, onde continuaram pregando e predis-

http://www.obrascatolicas.com

seram a morte próxima do rei. Para puni-los por terem entrado na mesquita, e por lá terem pregado o Evangelho, condenaram-nos a terem os pés e as mãos cortados, primeiro, em seguida, a cabeça. Sofreram o suplício com tanta constância, que até os infiéis se sentiram tocados. A Igreja dedicou-lhes o dia em que foram martirizados.

Os muçulmanos, espantados de ver tantos cristãos correr ao martírio, temeram uma revolta e o fim do seu domínio. O rei Abderamo reuniu os conselheiros e ficou resolvido que prenderiam e matariam imediatamente quem quer que falasse contra o profeta. Os cristãos, então, se esconderam e vários fugiram durante a noite, disfarçados, mudando muitas vêzes de esconderijo. Outros, não querendo fugir, nem esconder-se, renunciaram a Jesus Cristo e perverteram outros. Vários, tanto sacerdotes como leigos, que, antes louvavam a constância dos mártires, mudaram de opinião e passaram a tratá-los de indiscretos, alegando mesmo autoridades das Escrituras, para sustentarem suas opiniões. Êsses que, desde o começo, desaprovaram o comportamento dos mártires, se queixavam amargamente de Santo Eulógio e outros sacerdotes, os quais, encorajando-os, haviam atraído a perseguição. O rei fêz reunirem-se em Córdova os metropolitanos de diversas províncias e formaram um concílio, para acharem um meio de apaziguar os infiéis. Na presença dos bispos, um escrivão riquíssimo, cristão, mas que tinha mêdo de perder o que possuía, atacou rijamente o sacerdote Eulógio. Êle havia sempre censurado tais mártires, e pressionava os bispos a pronunciar um anátema contra os que quisessem imitá-los. Por fim, o concílio proibia, daí por diante, que alguém se oferecesse ao martírio.

http://www.obrascatolicas.com

Mas em têrmos alegóricos e ambíguos, segundo o estilo da época, de sorte que havia como contentar o rei e o povo muçulmano, sem todavia censurar os mártires, quando se penetrava o sentido das palavras. Santo Eulógio não aprovava tal dissimulação.

A perseguição continuou. O bispo de Córdova estava pela segunda vez na prisão, quando o rei Abderamo, subindo a um terraço do palácio, viu corpos de mártires ainda amarrados a estacas, para serem queimados. No mesmo instante perdeu a fala e, transportado para seu leito, expirou na noite seguinte, antes que as fogueiras dos mártires se houvessem apagado. Foi no ano de 852. Reinara trinta e um anos. Maomé, o filho mais velho, sucedeu-lhe e reinou trinta e cinco.

Êste não era menos inimigo dos cristãos. Desde o primeiro dia de reinado, prendeu todos os que havia no palácio e privou-os dos cargos. Pouco depois, impôs-lhes o tributo e tirou o sôldo dos que serviam em suas tropas. Nomeou oficiais tão inimigos dos cristãos, quanto êle mesmo. De sorte que, não sòmente não permitiam que falassem contra o profeta, como também obrigavam a muitos, por ameaças, a abraçar o islamismo. Entre os apóstatas, aponta-se o escrivão que no ano anterior, havia-se declarado contra santo Eulógio e os mártires. Era o único de todos os cristãos, que restava no palácio, por causa de falar o árabe elegantemente. Mas, alguns meses depois, foi prêso como os demais e privado do cargo. Não podendo suportar a perda da fortuna, fêz-se muçulmano e começou a freqüentar a mesquita bem mais assìduamente do que freqüentara a igreja cristã. Foi, então, reconduzido ao cargo

http://www.obrascatolicas.com

e à sua habitação no palácio, para servir de exemplo e converter a outros.

Todavia o rei ordenou que tôdas as igrejas construídas novamente fôssem destruídas, bem como as que haviam sido erguidas desde o domínio árabe. Quis expulsar do reino todos os cristãos e judeus e não permitir outra religião, que não a sua. Mas as revoltas que se ergueram no comêço de seu reinado, impediram-no de executar tal propósito. E, ao contrário, teve o desprazer de ver vários muçulmanos fazerem-se cristãos e desprezarem a morte, sem contarmos os que o temor fazia se esconderem. Como as revoltas houvessem diminuído as rendas, determinou que os cristãos pagassem mais impostos. Os muçulmanos, vendo os cristãos assim abatidos, diziam-lhes: "Que é feito da vossa coragem e do vosso ardor pelo combate? Os que tinham tanta vontade de atacar o nosso profeta foram punidos como mereciam. Que venham agora, se é Deus que os dirige".

Um jovem monge, Fandila, amável pelos traços e pela virtude, apresentou-se ao martírio. Era da cidade de Aci, hoje Cádiz. Vindo estudar em Córdova, abraçou a vida monástica e se retirou para Tabana, sob a direção do abade Martinho. Após ter vivido lá algum tempo, os monges de Penha-Melar solicitaram-no por intermédio de seu abade. E, apesar de não querer, ordenaram-no sacerdote, para que governasse a comunidade de homens e mulheres daquela localidade. Como abade, redobrou os jejuns, as vigílias e as orações. Um dia foi a Córdova e se apresentou corajosamente ao juiz, para lhe pregar o Evangelho e condenar-lhe as impurezas da seita que seguia. O juiz mandou-o para a prisão, amarrado a correntes e comunicou o fato ao rei, o qual se enco-

http://www.obrascatolicas.com

lerizou grandemente, diante da coragem e o desprêzo de sua autoridade. Ordenou que prendessem o bispo de Córdova. Mas êste havia fugido. O rei havia dado uma ordem geral de matar todos os cristãos e vender-lhes as mulheres, para os dispersar. Mas os grandes fizeram-no revogar essa ordem, lembrando-lhe que não era justo perder tanta gente por causa da temeridade de um só, à qual nenhum dos mais sábios e dos mais respeitáveis teria aderido. Contentou-se, então, com mandar cortar a cabeça a Fandila e expor-lhe o corpo no outro lado do rio, no dia 13 de junho de 853. A Igreja lembra-o no mesmo dia.

No dia seguinte, Anastácio, também sacerdote e monge, sofreu o martírio. Desde a infância fôra instruído por Santo Acisclo de Córdova. Como diácono, deixou suas funções, para abraçar a vida monástica e foi ordenado sacerdote. Apresentando-se aos juízes e tendo falado contra o profeta, foi executado, e com êle, Félix, monge natural de Compluto, porém africano de origem. Tiveram ambos a cabeça cortada. No mesmo dia, à hora das nonas, uma religiosa, Digna, do mosteiro de Tabana, que dirigia Isabel, se apresentou ao martírio. Pouco antes, acreditou ter visto em sonho Santa Ágata, que, com lírios e rosas nas mãos, lhe deu uma destas e a convidou a segui-la. Depois dêsse dia, desejava ardentemente o martírio. Ao saber que Anastácio e Félix tinham sido mortos, não pôde esperar mais tempo. Abrindo secretamente a clausura, dirigiu-se a Córdova, em uma diligência, e perguntou corajosamente ao juiz o motivo por que mandara matar seus irmãos, que não sustentavam senão a verdade. Acrescentou sua profissão de fé e os anátemas à falsa religião. O juiz mandou imediatamente que lhe cortassem a

http://www.obrascatolicas.com

cabeça e lhe prendessem o corpo pelos pés, juntamente com os dois outros. Os três mártires foram mortos ao mesmo tempo, no dia 14 de junho de 853. No dia seguinte, Benilda, mulher de idade avançada e de grande piedade, sofreu o martírio e a Igreja honra os quatro santos no dia de sua morte. Os corpos foram queimados alguns dias após, e atirados ao rio.

Colomba, irmã do abade Martinho e da abadessa Isabel, porém muito mais jovem, encantada com a virtude de sua irmã e com a de Jeremias, seu cunhado, estava freqüentemente com êles. Apossou-se dela grande desejo de se consagrar a Deus. A mãe, que desejava que se casasse, não gostou e lançou a culpa à filha mais velha e ao genro. Colomba recusou vários partidos. Por fim, livre, pela morte da mãe, retirou-se com sua irmã para o mosteiro de Tabana, sob a direção de Martinho, seu irmão. Lá foi exemplo de tôdas as religiosas e, para se entregar mais livremente à oração, obteve licença para fechar-se em sua cela. Mas os muçulmanos dispersaram a comunidade de Tabana e as religiosas foram obrigadas a retirar-se para Córdova, em uma casa que tinham perto da igreja de São Cipriano. O fervor de Colomba aumentava dia a dia. Levada por freqüentes revelações, saiu secretamente do mosteiro, perguntou pela residência do juiz e se apresentou diante dêle, declarando sua fé e exortando-o docemente a se converter. O juiz, surpreendido com sua beleza e palavras, conduziu-a ao palácio e a apresentou a conselho, onde ela continuou a falar tão acerbamente, que nem procuraram fazê-la mudar de atitude e a executaram imediatamente diante da porta do palácio. Ela deu um presente ao carrasco que devia cortar-lhe a cabeça, e o corpo, assim, não foi exposto, como os demais.

http://www.obrascatolicas.com

Mas, colocaram-no em um cêsto, vestido como estava, com roupas de linho, e o jogaram ao rio. Foi em 17 de setembro de 853. Seis dias após, o corpo foi encontrado inteiro, pelos cuidados de alguns monges e levado a Santo Eulógio, que a enterrou com honrarias na igreja de Santa Eulália.

Pomposa, religiosa de Penha-Melar, seguiu o exemplo de Santa Colomba. O mosteiro era dedicado a São Salvador e estava situado ao pé de um rochedo onde se tinham alojado abelhas, fato que lhe deu o nome, que significa rochedo de mel. Santa Pomposa para lá se retirou com o pai e a mãe e tôda a família e atingiu grande perfeição. No mesmo dia soube do martírio de Santa Colomba. E como desde há muito suspirava por essa graça, saiu do mosteiro durante a noite seguinte, foi a Córdova, apresentou-se pela manhã ao juiz e teve a cabeça cortada em 19 de setembro. Seu corpo, atirado ao rio, foi retirado e enterrado em Santa Eulália, com o de Santa Colomba. A Igreja honra as duas santas, cada uma no dia em que morreu.

Foi assim que as provações dos maometanos da Espanha se viram confundidas pela coragem das virgens cristãs, coragem piedosa e calma, como a graça que inspira, e como a Igreja de Deus, que no-la propõe por modêlo.

A perseguição continuou alguns anos ainda em Córdova. Um sacerdote chamado Abúndio, cura de uma paróquia nas montanhas vizinhas, foi levado ao martírio por artimanha dos muçulmanos. Reconhecendo que era a vontade divina, foi contente para o sacrifício, para o qual o conduziram. Interrogado pelo juiz, professou corajosamente sua fé e falou contra Maomé e seus seguidores. Imediatamente foi

http://www.obrascatolicas.com

levado à morte e o corpo foi exposto aos cães, em 11 de julho de 854. No ano seguinte, em 30 de abril, três mártires sofreram o martírio conjuntamente: Amador, jovem sacerdote, que viera estudar em Córdova; Pedro, monge; Luís, irmão do diácono Paulo, martirizado em 851. Reuniram-se os três para juntos fazerem profissão do Evangelho e foram prontamente executados. Os corpos foram jogados no rio, de onde retiraram dois: o de Pedro que foi enterrado em Penha-Melar e o de Luís, enterrado em Palma, diocese na Andaluzia. Ao mesmo tempo, um ancião chamado Vitesindo, que tivera a infelicidade de apostatar, reparou gloriosamente sua falta. Exortado ao exercício da falsa religião que acabara de abraçar, recusou-se corajosamente e foi, então, morto.

No ano seguinte, 856, Eli, sacerdote da Lusitânia, já velho, foi levado à morte com dois jovens monges, Paulo e Isidoro, no dia 17 de abril, e no dia 28 de junho, Argemiro, monge de idade avançada. Tinha êle um encargo considerável em Córdova. E, tendo sido dêle privado, retirou-se para um mosteiro. Alguns infiéis o acusaram ao juiz de ter traído o profeta, tratando-o de impostor e de professar a divindade e o poder de Cristo. Foi atirado à prisão. O juiz, em vão, tentou dissuadi-lo. Mandou que o colocassem vivo sôbre o cavalete e lhe furassem o corpo com uma espada. Foi enterrado perto de São Perfeito, na igreja de Santo Acisclo.

Áurea, irmã de Santo Adolfo e de São João, que sofrera o martírio no comêço do reinado de Abderamo, era religiosa há trinta anos, no mosteiro de Santa Maria de Cuteclar. De família nobilíssima entre os árabes da província de Sevilha, o que deu ensejo a que alguns dos seus parentes, ouvindo falar disso,

http://www.obrascatolicas.com

viessem vê-la. Encontrando-a não sòmente como cristã, mas como religiosa, comunicaram o fato ao juiz, que também era seu parente. Êste fê-la vir à sua presença e, a princípio, censurou-a docemente pela vergonha que causava à família, pela mudança de religião. Em seguida, porém, ameaçou-a de tormentos e de morte, para obrigá-la a deixar o cristianismo. Áurea cedeu, por ora, e prometeu fazer tudo quanto êle quisesse. O juiz deixou-a em liberdade. Mas voltando à casa, continuou a fazer profissão de fé cristã, como anteriormente, esforçando-se por apagar por arrependimentos e lágrimas, o escândalo que havia causado. Como freqüentava corajosamente as igrejas, os infiéis a acusaram ao juiz, ao qual ela respondeu que jamais se separara de Cristo e que nunca aderiria às profanações muçulmanas, embora tivesse tido a fraqueza de lho prometer. O juiz, irritado, mandou-a para a prisão, acorrentada. Recebendo ordens do rei, mandou o juiz que a executassem, no dia seguinte, ordenando que o corpo fôsse suspenso a um patíbulo, com a cabeça para baixo, e em seguida, atirado ao rio. Foi no dia 19 de julho, no mesmo ano, ou seja, 856. A Igreja honra todos êsses mártires nos dias em que morreram.

O sacerdote Santo Eulógio, que nos conservou a memória dêles em três livros, tomou a si, também, o cuidado de defendê-los contra as censuras dos cristãos que não quisessem reconhecê-los como mártires. Diziam que "êles não fazem nenhum milagre como os antigos mártires. Não sofrem nada, nenhum tormento; os que os fazem morrer não são idólatras, mas muçulmanos, que reconhecem o mesmo Deus que nós e detestam a idolatria". Santo Eulógio lhes respondia: "Quanto aos milagres, não são necessários

http://www.obrascatolicas.com

em todo tempo, como eram na época em que nasceu a Igreja, e não constituem marcas infalíveis de santidade. Os tormentos não são essenciais ao martírio; é a morte a perseverança até o fim, isto sim; não se olha para a duração do combate, mas para a vitória. Embora Maomé não tenha ensinado a idolatria, basta aos cristãos terem-lhe ódio, ser um falso profeta e um dos impostores preditos pelos apóstolos, que combatera a divindade de Jesus Cristo". Santo Eulógio nota que os cristãos faziam o sinal da cruz e se recomendavam a Deus, quando ouviam os gritos dos muçulmanos chamar o povo do alto das tôrres das mesquitas.

Entre êsses mártires de Córdova, vimos vários se oferecerem aos perseguidores. Fazia-se uma quarta objeção contra êles. Santo Eulógio os justificava, em seu primeiro livro, pelo exemplo de muitos outros mais velhos, que a Igreja venera como mártires, embora se tenham apresentado por si mesmos. Esta resposta é peremptória: Fleury não teria devido deixá-la passar em silêncio, para dizer que as respostas de Eulógio a essa objeção são fracas. Um santo dos últimos tempos, Francisco de Sales, pensa como Santo Eulógio, e acha mais heróica a caridade dos mártires que se apresentavam por si mesmos." O bem-aventurado porteiro da prisão de Sebástia, diz êle, vendo um dos quarenta que estavam, então, sendo martirizados, perder a coragem e a coroa do martírio, se colocou no lugar dêle, sem que alguém o perseguisse. E dessa forma, o quadragésimo dêsses gloriosos e triunfantes soldados de Nosso Senhor, Santo Adauto, vendo que São Félix era conduzido ao martírio, disse: "E eu, sem ser perseguido por ninguém, sou tão cristão como aquêle ali, por adorar o mesmo

http://www.obrascatolicas.com

Salvador." Depois, beijando São Félix, encaminhou-se com êle para o martírio e teve a cabeça cortada. Milhares dos antigos mártires fizeram o mesmo. Escolheram o sacrifício generosamente, ao invés de o evitarem cômodamente. Nestes, pois, o martírio foi um ato heróico da fôrça e da constância que um santo excesso de amor lhes deu. Mas quando é o caso de suportar o martírio ou de renunciar à fé, o mártir não deixa de ser mártir e um excelente ato de amor e de fôrça. Não obstante, não sei se é necessário chamar ato heróico, não sendo escolhido por nenhum excesso de amor, mas pela necessidade da lei, que, neste caso, o condena." Eis o que diz o santo e sábio bispo de Genebra. Ora, os mártires de Córdova que se apresentaram livremente, não o fizeram por uma impetuosidade natural, mas após haverem consultado a Deus pela oração e pelo retiro. Por isso a Igreja os venera como mártires a êles e ao seu defensor Santo Eulógio.

Já tinha terminado os três livros, quando dois mártires sofreram o martírio. Acrescentou, então, a história dêles no fim de sua apologia. O primeiro, Rodrigo, era um sacerdote nascido no burgo de Egabre, instruído e ordenado sacerdote em Córdova. Tinha dois irmãos, dos quais um se fêz muçulmano, o que lhe causou discussões contínuas com o terceiro, que permanecera cristão. Uma noite a discussão chegou a tal excesso, que Rodrigo querendo acalmá-los, os dois se atiraram sôbre êle, deixando-o como morto. Como se tivesse deitado, inconsciente, o irmão muçulmano colocou-o sôbre uma padiola e fêz com que o levassem pela vizinhança, dizendo: "Eis aqui meu irmão, que Deus esclareceu. Embora sacerdote, abraçou nossa religião, e encontrando-se nas últimas, como vêdes, não quis morrer sem declará-lo". Alguns

http://www.obrascatolicas.com

dias depois, o sacerdote Rodrigo estava curado e soube do fato. Retirou-se da casa e foi para outro lugar. A perseguição era, então, violenta em Córdova, de tal modo, que foram abatidos os sinos de algumas igrejas. São Rodrigo foi obrigado a sair do fundo da montanha onde se encontrava escondido, para vir ao mercado de Córdova. O irmão apóstata o encontrou e o levou ao juiz, acusando-o de ter abandonado a religião de Maomé. Rodrigo negou ter abraçado tal religião e declarou que não sòmente era cristão, como também sacerdote. O juiz, em vão, tentou convencê-lo a apostatar. Enviou-o, então, para a prisão.

Lá encontrou um tal de Salomão, que tendo apostatado durante algum tempo, voltara à Igreja. Tornaram-se logo bons amigos e, juntos, dedicavam-se ao jejum e à oração. O juiz sabendo disso, separou-os e proibiu-os de ver quem quer que fôsse. Depois, após tê-los feito vir à sua presença e exortá-los por três vêzes, condenou-os à morte, por ordem do rei. Foram conduzidos às margens do rio. Prepararam-se para o combate com o sinal da cruz. São Rodrigo foi executado primeiro. Os corpos foram expostos e atirados ao rio, como os outros. O sacerdote Santo Eulógio, ao saber da morte bem-aventurada de ambos, veio ver-lhes os corpos, celebrando a santa missa. Viu infiéis, que apanhavam pedras tintas com o sangue dos mártires, lavarem-nas e atirarem-nas ao rio, para que os cristãos não as guardassem como relíquias. O dia do martírio de ambos, no qual a Igreja os celebra, é 13 de março de 857.

Na Espanha, o sacerdote Santo Eulógio depois de ter empregado o talento em encorajar, defender e fazer conhecer os mártires de Córdova, terminou por

http://www.obrascatolicas.com

aumentar-lhes o número. O arcebispo Vistremir de Toledo morreu no último dia do ano de 858. Eulógio foi eleito para sucedê-lo, pelo sufrágio de todos os bispos da província e da vizinhança. Mas houve um obstáculo que o impediu de ser consagrado e um outro foi escolhido, que, contudo, não viveu dois meses após sua eleição, porque sofreu o martírio, após ter encorajado tantos. Uma jovem, Leocrícia, de família de nobres muçulmanos, fôra, desde a infância educada na religião cristã por uma de suas parentes, que a fêz batizar-se. O pai e a mãe, sabendo do fato, maltrataram-na e açoitaram-na dia e noite, para fazê-la renunciar à fé. Ela levou ao conhecimento de Santo Eulógio sua situação, bem como sua irmã Amalone, afirmando que desejava ir para qualquer lugar onde pudesse dedicar-se livremente à religião.

Santo Eulógio obteve-lhe secretamente os meios para sair da casa dos pais, a cuja vontade ela dava a impressão de ceder, chegando até falar contra a religião cristã. Enfeitou-se como se tivesse pensado em casamento. E, sob o pretexto de ir a uma boda, saiu e correu encontrar-se com Santo Eulógio e sua irmã, que a receberam de braços abertos e a esconderam em casa de amigos fiéis. Os pais, desesperados, removeram céus e terra para encontrá-la. E, por autorização do juiz muçulmano, fizeram com que vários cristãos fôssem presos e chicoteados, inclusive religiosas e sacerdotes. Santo Eulógio, sem se comover, fazia Leocrícia mudar freqüentemente de esconderijo e passava as noites rezando por ela, prosternado na igreja de São Zoilo. Ela, por seu turno, jejuava e vigiava, deitada sôbre cinzas e coberta com um cilício.

http://www.obrascatolicas.com

Uma noite, vindo ver Santo Eulógio e sua irmã, não pôde retornar, porque a pessoa que devia acompanhá-la chegou muito tarde, quando já era dia. Avisado, o juiz enviou soldados para cercar a casa, de onde retiraram Leocrícia com Eulógio, conduzindo-os à presença da autoridade. Êste perguntou a Eulógio por que motivo tinha aquela jovem consigo. O santo respondeu que os sacerdotes não podiam recusar instruções a quem lhas pedisse. O juiz o ameaçou de morte a golpes de vara. Mas Santo Eulógio respondeu que a espada era o meio mais seguro e começou a falar bem alto contra os falsos profetas e sua falsa religião. Levaram-no imediatamente ao palácio, à presença do conselho. Um dos conselheiros, que o conhecia particularmente, lhe disse: "Se ignorantes se precipitam infelizmente à morte, um homem sábio e virtuoso como tu não deve imitar-lhes as loucuras. Crê em mim, eu te peço, dize sòmente uma palavra agora, que é necessário. Depois voltarás à religião e nós prometemos não procurar-te." Santo Eulógio lhe disse, sorrindo: "Ah! se pudesses conhecer as recompensas que esperam os que conservam nossa fé, tu renunciarias à tua dignidade temporal". Entrou, então, corajosamente a propor-lhe as verdades do Evangelho. Mas, para não escutá-lo, condenaram-no a perder a cabeça.

Quando o conduziam ao suplício, um dos eunucos do rei lhe deu uma bofetada. Êle mostrou a outra face e, pacientemente, sofreu outra bofetada. Quando chegaram ao lugar da execução, rezou de joelhos, levou as mãos ao céu, fêz o sinal da cruz sôbre todos os corpos, e apresentou a cabeça, que foi prontamente cortada. Isso aconteceu às três horas da tarde de um sábado, dia 11 de março de 859.

http://www.obrascatolicas.com

Foi enterrado São Zoilo. Santa Leocrícia foi também decapitada, quatro dias após e atirada no rio Bétis. Mas foi tirada e enterrada em São Genésio de Tertios. A Igreja venera um e outro no dia do martírio. A vida de Santo Eulógio foi escrita por Alvar, seu amigo, e desde sua morte, poucos monumentos nos restam da igreja da Espanha que estêve sob o domínio dos muçulmanos.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO SOFRÔNIO

Patriarca de Jerusalém

Era da Fenícia do Líbano, natural de Damasco. Seu pai chamava-se Plintas, sua mãe Miro. Abraçou a vida monástica perto de Jerusalém, em um mosteiro de São Teodoro. Estudou tão bem as letras humanas que lhe deram o título de sofista ou de sábio. Os escritos que temos dêle, particularmente os que foram há pouco encontrados, justificam essa distinção literária. Já conhecido, como Padre da Igreja, pela exatidão e a firmeza de suas doutrinas, São Sofrônio pode ser agora conhecido como poeta pela piedosa elegância de seus hinos. Existem dêles duas espécies: uns vinte em versos anacreônticos, sôbre os principais fatos do Evangelho e outros temas piedosos, como a Anunciação da Virgem, a Natividade de Jesus Cristo, a adoração dos Magos, a apresentação no templo, seu batismo, a ressurreição de Lázaro, o domingo de Ramos, a Instituição da Eucaristia, São Paulo, São João, Santo Estêvão, o retôrno da Santa Cruz, a santa cidade de Jerusalém e os santos lugares. Neste último hino, Sofrônio fala, com amor, do jardim de Getsêmani, que recebeu outrora o corpo da santa Mãe de Deus, e onde foi construído seu sepulcro. Mas não fala do corpo

http://www.obrascatolicas.com

mesmo, como lá estando. A segunda série de pequenos poemas, consta de duzentas e trinta odes sôbre as virtudes cristãs, particularmente o espírito de penitência. Cada ode é de quatro estrofes, das quais a última é quase uma invocação à santa Virgem. São Sofrônio diz em uma delas: "Virgem sem mancha, vós nos destes à luz, com duas vontades e duas naturezas, o Filho único do Pai feito homem para nos tornar participantes da natureza divina, êle, o Deus supremo". Outro escrito do mesmo padre é um comentário sôbre a liturgia de Jerusalém. Faz-lhe a história e dá a explicação mística tanto do edifício, como das cerimônias. Diz, entre outras coisas: "Os sacerdotes são semelhantes aos arcanjos, porque assim como o serafim toma do carvão ardente e o dá ao profeta Isaías, assim os sacerdotes tomam do pão ou corpo do Senhor e o dão ao povo. Ninguém deve pensar que essas coisas santas são as figuras do corpo e do sangue de Jesus Cristo, mas êle deve crer que o pão e o vinho oferecidos foram transformados no corpo e no sangue de Jesus Cristo". Enquanto Sofrônio morou em Alexandria, acometeu-o uma doença nos olhos que os médicos, após terem tentado vários remédios, declararam incurável. Descrente dos homens peritos na arte de curar, Sofrônio voltou-se para os santos mártires São Ciro e São João, cujas relíquias tinham sido transferidas por São Cirilo para uma igreja à beira-mar. Foi completamente curado e, em sinal de gratidão, escreveu a vida dos dois santos assim como a relação de setenta milagres operados pela intercessão dêles, o septuagésimo, nêle.

Era amigo inseparável de outro monge, João Moschus, com quem veio para Alexandria, em 610; o patriarca João, o Esmoler, os acolheu como amigos

http://www.obrascatolicas.com

íntimos. Respeitavam-no os dois como a um pai e lhe obedeciam sem reservas. Como eram muito doutos, combatiam os hereges. E trabalharam com tanto êxito, que arrancaram da heresia grande número de burgos, igrejas e mosteiros. Pelo ano de 615, os dois amigos foram a Roma, onde João Moschus escreveu o livro chamado o *Prado espiritual*, como sendo todo semeado de flôres, isto é, de milagres ou de exemplos de raras virtudes, que aprendera durante as diversas viagens. João morreu em Roma, sob o pontificado de Bento V. Endereçou o livro *Prado espiritual* a seu amigo Sofrônio, seu discípulo querido, o que o fêz citar sob seu nome. E é de se presumir que tenha tido grande parte nessa obra. João deixou-o, ao morrer, e recomendou-lhe não deixar seu corpo em Roma, mas pediu-lhe que o levasse em um sarcófago de madeira, para ser enterrado no monte Sinai, com os monges daquele retiro; e se as incursões dos bárbaros não lhe permitissem levá-lo para tão longe, que o enterrasse no mosteiro de São Teodoro, onde havia renunciado ao mundo. Sofrônio executou a ordem, e, partindo de Roma com os outros onze discípulos de João, chegou a Ascalon, onde soube que era impossível ir até o monte Sinai, por causa das revoltas dos árabes. Foi a Jerusalém no mês de setembro de 619, e, encontrando o abade São Teodoro, transportou o corpo do bem-aventurado João para o mosteiro.

Cedo São Sofrônio combateu com muita disposição e muita ciência, tanto em Alexandria, como em Constantinopla, a nova heresia do monotelismo, que foi introduzida pelos patriarcas dessas duas cidades, Ciro e Sérgio. Essa heresia consistia em sustentar que Jesus Cristo não tinha duas vontades, como duas naturezas, a vontade divina e a vontade humana,

http://www.obrascatolicas.com

mas uma só: o que é contrário à fé da Igreja. São Sofrônio demonstrou, então, que sempre os santos Padres ensinaram que em Jesus Cristo havia duas naturezas, a divina e a humana; que cada uma delas era perfeita, cada qual tinha a sua vontade e sua operação distinta; que em Jesus Cristo há duas vontades e duas operações, como existem duas naturezas.

Todavia, São Sofrônio, ao voltar ao Oriente, foi eleito patriarca de Jerusalém, no ano de 633. Quase todos os bispos orientais e os povos cristãos lhe rogaram enviasse um dos sufragantes a Roma, para informar o papa do novo êrro e pedir-lhe um remédio para o mal. Atendendo ao pedido, recolheu em dois volumes seiscentas passagens dos Padres, para convencer os monotelitas e procurar trazê-los à ortodoxia. Assim que ocupou o cargo em Jerusalém, reuniu o concílio e escreveu uma carta sinodal, segundo o costume, para informar o Papa e os demais bispos das grandes dioceses de sua fé. Explica nela o mistério da Trindade e refuta as heresias contrarias com penetração e justeza. Explica ainda com igual clareza o mistério da Encarnação, dedicando-se especialmente a provar a unidade de pessoa contra Nestório, e a distinção das naturezas contra Eutíquio. Assentadas essas duas verdades, passa às conclusões contra o novo êrro dos monotelitas.

O papa Honório não aprovava absolutamente o êrro. Mas não desconfiava o suficiente dos artifícios de Ciro de Alexandria e de Sérgio de Constantinopla. Acreditava poder devolver a calma ao Oriente, como ela reinava no Ocidente, onde ninguém discutia tais coisas. Entretanto o mal aumentou no Oriente, ao invés de diminuir. As admoestações de São Sofrônio, os dois volumes nos quais recolhera

http://www.obrascatolicas.com

os testemunhos dos Padres, em lugar de reconduzir os monotelitas à melhor doutrina, irritaram-nos e êstes passaram a caluniá-lo. Nessa situação, empregou o grande remédio: enviar um emissário a Roma. Tomando o primeiro sufragante, Estêvão de Doro, levou-o ao Calvário e lhe disse: "Tu prestarás contas a Deus que, neste lugar santo, voluntàriamente foi crucificado por nós, corporalmente; tu darás contas a êle, quando vier, glorioso e terrível, julgar os vivos e os mortos, se negligenciares o perigo no qual a fé se encontra. Farás, pois, o que não posso fazer pessoalmente, por causa da incursão dos sarracenos. Vai imediatamente, desta extremidade da terra, apresentar-te ao trono apostólico, onde estão os fundamentos da santa doutrina. Faz conhecer, não uma ou duas vêzes, mas inúmeras vêzes, às santas personagens que lá estão, tudo o que se passa aqui, e não cesses de orar, até que, da apostólica sabedoria, pronunciem um julgamento vitorioso, e que, de acôrdo com os cânones, destruam completamente dogmas, para que, como diz o apóstolo, êles não progridam como a gangrena, e não deitem a perder, sempre mais, as almas simples". Estêvão amedrontado com êsse juramento e pressionado pelas orações da maior parte dos bispos e dos povos do Oriente, pôs-se imediatamente a caminho. Mas os monotelistas, sabendo disso, enviaram ordens para diversos lugares, para prendê-lo e recambiá-lo acorrentado. Todavia, êle evitou êsses perigos e chegou a Roma, talvez após a morte do papa Honório. Teodoro, sucessor de Honório nomeu Estêvão vigário na Palestina.

A cidade santa de Jerusalém foi tomada pelos muçulmanos, no ano de 636, após um cêrco de dois

http://www.obrascatolicas.com

anos. Rendeu-se, por fim, ao califa Omar, que estava presente. São Sofrônio recebeu garantias para tôda a Palestina. São Teófano acrescenta em sua cronografia: "Omar, assim que entrou na cidade, com um manto de pêlo de camelo imundo, pediu para ver o templo dos judeus, construído por Salomão, para lá fazer o oratório de suas blasfêmias. Sofrônio, vendo-o, disse: "É de fato a abominação e a desolação reinando no lugar santo, abominação e desolação preditas pelo profeta Daniel. E êsse defensor da piedade chorou amargamente sôbre o povo cristão".

Essas palavras de São Sofrônio e de São Teófano merecem atenção. Qualificam de blasfêmia, hipocrisia satânica, a religião de Maomé. Já vimos, em 6 de março, quarenta ilustres mártires se exprimirem da mesma forma e demos-lhes razão. Como Maomé encontra seu deus no pecado, não é o verdadeiro Deus que os maometanos adoram, não é o Deus do céu e da terra, mas um falso deus, o deus dêste século, o príncipe do mundo, Satã, o verdadeiro autor do mal. O islamismo é, pois, a grande blasfêmia; sua piedade é verdadeiramente uma hipocrisia satânica, pois adora a Satã, desdenhando a Deus.

Há mais. O verdadeiro Deus tem um Filho único, que se fêz homem, que morreu na cruz, para a redenção do gênero humano. Ora, o deus do qual Maomé se diz profeta nega tudo isso e é, em todos os sentidos, inimigo da cruz. Satã, portanto, adversário de Cristo, Anticristo. Conclui-se que seu culto em Jerusalém era a abominação da desolação no lugar santo. E São Sofrônio teve razão de dizê-lo.

Entretanto, a mesquita que o califa Omar mandou construir sôbre o lugar do templo de Salomão

http://www.obrascatolicas.com

começou ser erguida, quando, de repente, desmoronou. Perguntando pela causa, os judeus lhe responderam que aquêle edifício não poderia existir enquanto houvesse uma cruz erguida no monte das Oliveiras. Omar mandou que a abatessem. E nessa ocasião várias cruzes foram derrubadas. São Sofrônio morreu, nessa triste conjuntura, no dia 11 de março de 644.

O ódio que o inferno dedica à cruz e ao Homem-Deus que morreu nela, deve aumentar continuamente nossa fé e nosso amor para com Jesus nosso Salvador e nossa devoção para com a sua santa cruz. Foi nessa visão, que um religioso dominicano, o bem-aventurado Henrique Armando Suzon, espalhou na Alemanha a devoção do santo nome de Jesus.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO VINDICIANO DE CAMBRAI (*)

Bispo

Êste Santo nasceu no fim do reinado de Clotário II, em 620, quando Santo Elói era bispo de Noyon.

Sucessor na Sé de Cambrai de Santo Alberico, era pastor terno e vigilante, caridoso, zeloso e desinteressado. Foi durante seu episcopado que se deu a translação do corpo de Santa Maxelenda, martirizada em Caudry. Conta-se, então, o seguinte fato.

Havia na cidade uma viúva. Chamava-se Amaltrudes e era mulher de grande piedade, que vivia a fazer o bem, a cuidar dos pobres.

Um dia, quando, fervorosamente, em casa, orava, recebeu um aviso do céu. Diziam-lhe:

— Tu deves procurar o bispo Vindiciano. Dize-lhe que deve trasladar o corpo de Maxelenda, há pouco martirizada. Hão de se ver grandes prodígios.

Amaltrudes foi entrevistar-se com o santo bispo e transmitiu-lhe a celeste mensagem. E a trasladação teve ocasião.

Ora, Harduino fôra o matador de Santa Maxelenda, e, logo após a barbaridade cometida, ficara cego. Arrependido, todo trêmulo e penitente, quando

http://www.obrascatolicas.com

soube da cerimônia, fêz-se conduzir ao lugar onde o cortejo devia passar. Então, sentindo a aproximação da Santa que assassinara, num ímpeto, atirou-se, de joelhos, ao lado da maca em que a mártir era levada, e pùblicamente, a chorar, suplicou perdão para o crime que havia perpetrado.

No mesmo instante, recuperou a vista. E a primeira figura que viu, depois da santa mártir muito serenamente estirada no singelo esquife em que viajava, foi Vindiciano.

Sempre chorando, levantou-se nervosamente, e, entre soluços, foi jogar-se aos pés do bispo, para relatar tudo o que lhe sucedera.

Vindiciano, comovido, não perdeu aquela oportunidade. E, dirigindo-se ao povo que se comprimia, disse:

— Eis como Deus, infinitamente poderoso e misericordioso, glorifica os seus santos. Eis porque devemos sempre e sempre louvá-lo, e eternamente devemos agradecer-lhe as bondades que nos concede dia a dia.

Em 686, São Vindiciano também se ocupou com a transferência dos corpos de Santa Eusébia e de Santa Gertrudes, transferindo-os para a igreja do mosteiro de Hamage, que consagrara solenemente.

Velando sem cessar pelo rebanho que apascentava, perene socorro da pobreza, esteio de fracos e oprimidos, zeloso do direito sagrado de viúvas e de órfãos, São Vindiciano, em paz, faleceu em 712.

Sepultado no mosteiro do Monte de Santo Elói, o túmulo que lhe recebeu os restos foi ilustrado por inúmeros milagres, tornando-se, por muitos anos,

http://www.obrascatolicas.com

lugar de peregrinação. Depois de 1601, passou o corpo de São Vindiciano a descansar na catedral de Arras.

* * *

No mesmo dia, na Escócia, São Constantino, rei e mártir, filho de Kenneth II. Morto pelos dinamarqueses em 874, enterrado pelos súditos fiéis, operou milagres.

Na Irlanda, Santo Engus, bispo e confessor, nascido perto do célebre mosteiro fundado por São Fintan. Educado ali, desde a mais tenra idade já se dava a grandes mortificações. Deus conferiu-lhe o dom dos milagres. Moço, desejoso de viver bem afastado dos olhos dos homens, procurou o deserto, e no deserto, o mais áspero e terrível lugar. Praticando estranhos exercícios, religiosamente fazia o seguinte: trezentas genuflexões por dia; cinqüenta salmos, recitava-os na cela que construíra, tosca e pequeníssima; outros cinqüenta, debaixo de uma arvore, de joelhos; e outros cinqüenta, dentro de um grande pote de água gelada. Bispo, faleceu em 824.

Em Sardes, Santo Eutímio, bispo e mártir, que, pelo culto das santas imagens, foi enviado ao exílio pelo imperador Miguel, iconoclasta. Nascido na Ásia, estudou em Alexandria. Martirizado em 829, sob Teófilo, morreu aos golpes dos azorragues de nervos de boi.

Na Espanha, os santos Vicente, Ramiro e outros, mártires em 555.

Na diocese de Sens, São Vigile, bispo e mártir. Sucessor de Paládio na Sé de Auxerre, foi assassi-

http://www.obrascatolicas.com

nado por ordem de Waradon em 685, administrador do palácio real.

Na Espanha, novamente, a bem-aventurada Áuria, virgem, também denominada Oria. Natural de Vila Velayo, tomou o véu, e com algumas amigas, retirou-se para as vizinhanças da abadia beneditina de Santo Emiliano de Susa. Favorecida por Deus com freqüentes visões, faleceu em 1100.

No mesmo dia em Cartago, os santos mártires Heráclio e Zózimo.

Em Alexandria, os santos Cândido, Pipércio e vinte outros mártires.

Em Laodicéia, na Síria, os santos Trófimo e Talos, mártires, que, após cruéis tormentos, obtiveram a coroa imortal durante a perseguição de Diocleciano.

Em Antioquia, a memória de numerosos santos mártires, dos quais uns foram colocados sôbre grelhas ardentes, por ordem do imperador Maximiliano, não para fazê-los morrer, mas sòmente para prolongar-lhes o suplício; e outros entregues a cruéis tormentos. E todos alcançaram a palma do martírio. No mesmo lugar, os santos Jorge e Firmo.

Em Milão, São Bento, bispo.

Nos confins da diocese d'Amiens, São Firmino, abade.

Em Cartago, São Constantino, confessor.

Em Babuco, campo de Roma, São Pedro, confessor, célebre pelo esplendor dos milagres.

http://www.obrascatolicas.com

12.º DIA DE MARÇO

SÃO GREGÓRIO I, O GRANDE

Papa

São Gregório, cognominado o Grande, pelo brilho das suas ações e das virtudes, nasceu em Roma, pelo ano de 540. Gordião, seu pai, era senador e gozava de considerável fortuna. Mas renunciou ao mundo, após o nascimento do filho, fêz-se eclesiástico e morreu como um dos sete cardeais-diáconos que tomavam conta, cada um em seu bairro, dos pobres e dos hospitais. Sílvia, mãe do santo elevada às honras dos altares, seguiu-lhe o exemplo e consagrou-se ao serviço de Deus em um pequeno oratório. Gregório, desde a juventude, dedicou-se aos estudos condizentes com sua posição. Tinha mais ou menos trinta anos, quando foi nomeado pretor, ou primeiro magistrado de Roma. Mas, desde a infância, acostumara-se a estimar apenas as coisas do céu. Por isso, não tinha maior prazer do que entreter-se com Deus, com os santos religiosos e retirar-se para seu quarto ou qualquer igreja, para dedicar-se à oração e meditação. Após a morte do pai, fundou seis mosteiros na Sicília e um em Roma, em sua própria casa, onde êle próprio vestiu o hábito, em 573, e se

http://www.obrascatolicas.com

entregou com ardor incrível a todos os exercícios da mortificação cristã.

Eleito abade de seu mosteiro em 584, zelava com extremo cuidado pela observação da regra. Um de seus monges, chamado Justo, havia ajuntado três peças de ouro e guardara-as, cuidadosamente escondidas. Mas revelou a falta, quando se viu no leito de morte. Gregório, para puni-lo de maneira exemplar, já que havia cometido uma infração contra a regra, que prescrevia espírito de pobreza, proibiu a comunidade de visitá-lo e ir rezar ao redor dêle, como ordinàriamente se faz. Não lhe enviou senão um sacerdote para assisti-lo e exortá-lo à penitência. Justo arrependeu-se da falta e morreu nos sentimentos da mais viva compunção. O santo abade não se detinha aí. Seu zêlo pela manutenção da disciplina monástica levou a fazer o que São Macário fêz em circunstâncias semelhantes. Ordenou que Justo fôsse enterrado com as três peças de ouro, sob um monte de estêrco. Mas como morrera arrependido, não quis privá-lo das orações da Igreja. Por isso ordenou que lhe oferecessem o santo sacrifício da missa durante trinta dias consecutivos.

Aprendamos de São Gregório, inicialmente primeiro magistrado de Roma, em seguida monge, e por fim papa, como devemos estimar a vocação religiosa. Mas aprendamos também com que fidelidade devemos responder a essa vocação e observar a regra.

Em 454 a Grã-Bretanha tinha sido invadida por um povo idólatra e bárbaro, os anglo-saxões, que fundaram sete reinos. Os antigos bretões fugiram, alguns para as montanhas, outros para o continente, refugiando-se na atual Bretanha. A idolatria voltara com os saxões e o cristianismo se fôra com os antigos

http://www.obrascatolicas.com

habitantes. Mas um dia São Gregório, quando não era senão monge, atravessou o mercado de Roma. Viu, expostos, escravos de grande beleza. Informou-se do país de procedência dêles. Disseram-lhe que eram inglêses e da Grã-Bretanha. "Os inglêses são cristãos ou estão ainda nas trevas do paganismo?" — "São ainda pagãos." — "Que infelicidade, tornou êle, para essas criaturas tão belas, serem escravos do demônio e, pena que um exterior assim não esteja acompanhado da graça de Deus!" Imediatamente procurou o papa Bento I e pediu-lhe que enviasse pregadores do Evangelho para a Bretanha. Êle mesmo se ofereceu e partiu. Como os desígnios de Deus são admiráveis! É à piedade de um monge pelos escravos que a Inglaterra deverá sua conversão ao cristianismo.

Mas, apenas Gregório havia partido, o povo romano se agrupou ao redor do Papa, gritando todos a uma só voz: "Santo Padre, que fizestes? Destruístes Roma, ofendestes São Pedro, deixando Gregório partir". O Papa, espantado com os gritos, enviou mensageiros atrás do missionário, para que o conduzissem à cidade. Mas o que não pode Gregório, como monge, executa como Papa. Enviados por êle, o monge Agostinho e seus companheiros, em número de quarenta, converteram, sucessivamente os diversos reinos anglo-saxônicos. Ethelbert, o mais poderoso dêsses reis, que se casara com uma princesa católica de França, converteu-se por primeiro, com os súditos e, de acôrdo com Santo Agostinho e São Gregório, fundou bispados em Cantuária, Londres, York, e em outras cidades. Deus concedeu a Santo Agostinho o dom dos milagres, a exemplo do que acontecera no tempo dos apóstolos. Nos séculos

http://www.obrascatolicas.com

São Gregório, o Grande, envia missionários para converter a Inglaterra ao cristianismo. Segundo uma miniatura de um mosaico do século X.

http://www.obrascatolicas.com

seguintes, êsse cristianismo floresceu tanto, que a Inglaterra foi denominada a ilha dos santos. E de lá saíram grandes missionários zelosos, que converteram os povos da Alemanha e do norte da Europa.

Há três séculos a Inglaterra caiu, em grande parte, no cisma e na heresia. Em nossos dias parece que Deus a olha novamente com olhos de misericórdia e parece certo que a fará entrar, de novo, na unidade da Igreja. Rezemos para que essa esperança se realize, a ilha se torne novamente a ilha dos santos e, por ela, a luz da fé alcance milhões que vivem na Ásia sob o domínio inglês. Pensemos bem que se, por nossas orações, contribuirmos para a conversão de uma só alma, teremos mais méritos diante de Deus do que se tivéssemos criado o céu e a terra.

O reino dos ostrogodos, ou gôdos do este, terminara na Itália. Mas outro povo bárbaro para lá se dirigia. Eram os lombardos, alguns arianos, outros idólatras. Os imperadores de Constantinopla tinham, por seu turno, recuperado algumas porções do país. Entretanto, não enviavam para lá magistrados, a não ser para retirar dinheiro. Viam-se famílias obrigadas a vender os filhos para pagarem os impostos. Por isso os habitantes preferiam entregar-se aos bárbaros, a ficarem sob o govêrno dêsses imperadores de Constantinopla. Êstes não lhes proibiam nem permitiam defenderem-se por si mesmos. Mais. Quando os governadores imperiais faziam tratados com os lombardos, era para rompê-los na primeira ocasião, o que tornava os bárbaros ainda mais ferozes. Em 590, quando São Gregório foi feito papa, contra sua vontade, os lombardos sitiaram a cidade de Roma, enquanto que a peste grassava, internamente. Nós nos queixamos, às

http://www.obrascatolicas.com

vêzes, das misérias da nossa época. Há maiores na História.

Elevado à cátedra pontifícia em tão tristes circunstâncias, São Gregório tornou-se salvador da Itália inteira. Suas orações diante de Deus, sua vigilância sôbre a cidade, detiveram a princípio o contágio que desolava Roma. O trigo que fêz vir da Sicília trouxe a abundância. Como não houvesse nenhuma autoridade temporal, êle mesmo se ocupava da defesa militar do país ameaçado pelo inimigo. Sua firmeza e previdência bastavam a tudo. Tratou da segurança das cidades. Quis que os bispos fizessem outro tanto. Não sòmente lhes permitiu isso, mas ainda mandou que vendessem os vasos sacros das igrejas para redimirem do cativeiro os seus diocesanos. A ferocidade dos lombardos não pôde resistir diante de tanta virtude. Duas vêzes os apaziguou, exasperados que estavam pela traição do governador imperial de Ravena. A rainha dêles, Teodolinda, era católica. Morrendo-lhe o primeiro marido, foi permitido pelos súditos dar a coroa àquele lombardo que ela escolhesse por espôso. Agilulfo, o novo rei, por exortações de sua virtuosa espôsa e do santo pontífice, voltou ao seio da Igreja com a maioria dos súditos e reconstruiu templos e mosteiros destruídos. Ao mesmo tempo, Gregório, em correspondência com todo o universo, trabalhava pela extinção dos cismas e heresias que dividiam o Oriente, pela conversão dos visigodos da Espanha e dos saxões na Inglaterra. Pregava e escrevia com maravilhosa piedade, cuidava da reforma do canto da Igreja. E em meio de tanto trabalho, encontrava-se doente contìnuamente, não podendo às vêzes nem levantar-se do leito.

http://www.obrascatolicas.com

Meu Deus, sêde sempre bendito pelas graças que concedestes a vosso servidor Gregório e pelos bens que por meio dêle fizestes a todo o mundo. Concedei-nos algumas dessas graças, para que nós também nos santifiquemos no pouco que temos a fazer. Que digo? Pouco? Não é nada!

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO FINÉIAS (*)

Sumo Sacerdote do Antigo Testamento

Finéias, filho de Eleazar, deu grandes provas de seu zêlo pela Lei de Deus, zêlo que deteve o castigo do Senhor.

"Israel estava, então, em Setim, e o povo caiu em pecado com as filhas de Moab, as quais os convidaram para os seus sacrifícios. Êles comeram e adoraram os deuses delas. Israel consagrou-se a Beelfegor. Então, irado, o Senhor disse a Moisés:

"— Toma todos os príncipes do povo (1) e pendura-os em fôrcas em face do sol (2), para que o meu furor se afaste de Israel".

"Moisés disse aos juízes de Israel:

"— Cada um mate os seus vizinhos, que se consagraram a Beelfegor".

"Entretanto, um dos filhos de Israel trouxe para junto de seus irmãos uma madianita, sob os olhos de Moisés e de todo o povo, que choravam diante da porta do tabernáculo. Vendo isto, Finéias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, levantou-se do meio do povo e, tomando uma lança, entrou após o Israelita até a parte posterior da tenda e atravessou

---

(1) Ou seja, todos os israelitas culpados.

(2) Quer dizer: em lugar público.

http://www.obrascatolicas.com

o ventre de ambos, do homem e da mulher. Então, cessou a praga sôbre os filhos de Israel. Foram mortos vinte e quatro mil homens com aquela praga.

"O Senhor disse a Moisés:

"— Finéias, filho de Eleazar, filho do sacerdote Aarão, afastou a minha ira dos filhos de Israel, porque foi animado de meu zêlo contra êles. Por isso, eu não extingui os filhos de Israel no furor do meu zêlo. Por isso, dize-lhe: "Eu lhe dou a paz da minha aliança, que será tanto para êle como para sua descendência um pacto de perpétuo sacerdócio, porque foi zeloso pelo seu Deus e expiou a maldade dos filhos de Israel" (3).

E o Senhor tornou a falar a Moisés:

"— Tratai os madianitas como inimigos e matai-os, porque também êles vos trataram como inimigos, e vos enganaram artificiosamente por meio do ídolo de Fogor, e de Cozbi, sua irmã, filha de um chefe de Madian, que foi morta no dia da praga que sobreveio por causa do sacrilégio de Fogor" (4).

"Depois que foi derramado o sangue dos culpados, o Senhor disse a Moisés e ao sacerdote Eleazar, filho de Aarão:

"— Fazei o recenseamento de todos os filhos de Israel, desde os vinte anos para cima, segundo as suas casas e famílias, de todos os que são aptos para pegar em armas".

"Moisés, pois, e Eleazar sacerdote falaram nas planícies de Moab, ao longo do Jordão, defronte de Jericó aos que tinham vinte anos, e daí para cima, conforme o Senhor lhes havia mandado" (5).

(3) Núm. 25, 1, 13.

(4) Núm. 25, 14, 18.

(5) Núm. 26, 1, 4.

http://www.obrascatolicas.com

E o Senhor falou a Moisés, dizendo:

"— Vinga primeiro os filhos de Israel dos madianitas, e depois serás unido ao teu povo".

"Moisés disse logo:

"— Armem-se para a batalha alguns homens dentre vós, que possam executar a vingança do Senhor sôbre os madianitas. Escolham-se mil homens de cada tribo de Israel, para serem mandados a esta guerra".

"Êles deram mil homens por tribo, isto é, doze mil homens prontos a combater, os quais Moisés enviou com Finéias, filho do sacerdote Eleazar, que levou também os vasos santos e as trombetas para tocar. Tendo pelejado contra os madianitas e tendo-os vencido, mataram todos os varões, e os seus reis Evi, Recem, Sur, Hur e Rebe, cinco reis de Madian. Mataram também à espada Balaão, filho de Beor. Tomaram as suas mulheres, os seus filhinhos, todos os seus gados, todos os seus bens. Incendiaram as cidades e as aldeias em que êles habitavam, assim como os seus acampamentos. E levaram a prêsa, tudo o que haviam tomado, tanto de homens como de animais, e apresentaram-no a Moisés, ao sacerdote Eleazar, e a tôda a multidão dos filhos de Israel. Tudo o mais que podia servir-lhes, levaram-no aos acampamentos nas planícies de Moab, junto do Jordão, defronte de Jericó" (6).

"O Senhor disse a Moisés:

"— Fazei o inventário de tudo o que foi tomado, desde os homens até os animais, tu e o sacerdote Eleazar e os príncipes do povo" (7).

---

(6) Núm. 31, 1, 12.
(7) Num. 31, 25, 26.

http://www.obrascatolicas.com

E eis que surgiram os filhos de Ruben e de Gad, que possuíam muitos rebanhos e imensa riqueza em gados, em petição. Moisés deu-lhes segundo as suas famílias.

Morto Moisés, ali na terra de Moab, sucedeu-o Josué, filho de Nun, que, chamando os rubenitas e os gaditas, e a meia tribo de Manassés disse-lhes:

"Vós fizestes tudo o que Moisés, servo do Senhor, vos ordenou. Também a mim me tendes obedecido em tudo, e durante um tão largo tempo até o dia de hoje não abandonastes os vossos irmãos, observando os mandamentos do Senhor vosso Deus. Agora, visto que o Senhor vosso Deus deu repouso e paz aos vossos irmãos, como havia prometido, voltai e ide para as vossas tendas, para a terra que vos pertence, terra que Moisés, servo do Senhor, deu-vos da outra banda do Jordão. Só vos imponho que cumprais exatamente o mandamento e a lei que Moisés, servo do Senhor, prescreveu-vos, isto é, que ameis o Senhor vosso Deus, andeis em todos os seus caminhos, observeis os seus mandamentos, estejais unidos a Êle, e o sirvais de todo coração e de tôda a vossa alma".

"Depois deu-lhe Josué a bênção e os despediu, e êles voltaram para as suas tendas.

"Ora, Moisés havia dado à meia tribo de Manassés uma possessão em Nasan, por isso Josué deu, à outra meia, uma parte entre os outros seus irmãos, na banda de aquém do Jordão, para o ocidente. Reenviando-os para as suas tendas, e, tendo-os abençoado, disse-lhes:

"— Vós voltais para vossas casas com muitas riquezas, rebanhos numerosos, com prata e ouro,

http://www.obrascatolicas.com

bronze e ferro, e vestidos de tôdas as qualidades: reparti com vossos irmãos a prêsa dos inimigos".

"Os filhos de Ruben e os filhos de Gad, com a meia tribo de Manassés, voltaram, e separaram-se dos filhos de Israel em Silo, que está em Canaan, para entrarem em Galaad, terra da sua possessão, que haviam obtido por meio de Moisés, conforme a ordem do Senhor. E, tendo chegado aos distritos do Jordão, na terra de Canaan, edificaram junto ao Jordão um altar de imensa grandeza.

"Tendo ouvido isto os filhos de Israel, e sabido por mensageiros seguros, que os filhos de Ruben, de Gad e da meia tribo de Manassés, haviam edificado um altar na terra de Canaan, nos distritos do Jordão, defronte dos filhos de Israel, reuniram-se todos em Silo, para marcharem e combaterem contra êles. Entretanto, enviaram-lhes à terra de Galaad, Finéias, filho do sacerdote Eleazar, e com êle dez príncipes, cada um de sua tribo.

"Êstes enviados foram ter com os filhos de Ruben, de Gad e da meia tribo de Manassés, na terra de Galaad, e disseram-lhes:

"— Estas coisas vos manda dizer todo o povo do Senhor: Que transgressão é esta? Por que abandonastes o Senhor Deus de Israel, levantando um altar sacrílego, e apartando-vos do seu culto? Porventura, parece-vos pouco o pecado de Beelfegor, do qual ainda hoje não estamos purificados apesar de, por causa dêle, muitos do povo terem perecido? Vós abandonastes hoje o Senhor, e amanhã cairá a sua ira sôbre todo Israel. Se julgais que a terra da vossa herança é impura, passai para a terra em que está o tabernáculo do Senhor, habitai entre nós. contanto que vos não aparteis do Senhor,

http://www.obrascatolicas.com

nem da nossa sociedade, edificando um altar além do altar do Senhor nosso Deus. Não foi assim, por Acan, filho de Zaré, ter violado o mandamento do Senhor, que a sua ira veio sôbre todo o povo de Israel? Êle era um só homem, e oxalá que só êle tivesse perecido por causa do seu crime".

"Os filhos de Ruben, de Gad e da meia tribo de Manassés responderam aos chefes da legação de Israel:

"— O Senhor Deus fortíssimo, Êle o sabe, e também Israel o compreenderá: se nós, com espírito de prevaricação, levantamos êste altar, Êle não nos proteja, mas desde já nos castigue. Se o fizemos com intenção de nos afastarmos do Senhor e oferecer sôbre êle holocaustos, oblações e sacrifícios pacíficos, Êle mesmo o examine e julgue.

"Muito pelo contrário: o pensamento e desígnio que tivemos foi porque poderá acontecer que um dia digam os vossos filhos aos nossos: Que tendes vós com o Senhor Deus de Israel? O Senhor pôs o rio Jordão por têrmo entre nós e vós, ó filhos de Ruben, ó filhos de Gad, e por isso não tendes parte no Senhor. Nesta ocasião os vossos filhos poderiam afastar os nossos do temor do Senhor. Portanto, julgamos que era melhor proceder assim e dissemos: Façamos um altar, não para oferecer holocaustos nem vítimas, mas para testemunho entre nós e vós, e entre a nossa posteridade e a vossa, de que servimos o Senhor e de que temos direito de lhe oferecer holocaustos, sacrifícios e vítimas pacíficas, e para que os vossos filhos não digam amanhã aos nossos filhos: Vós não tendes parte no Senhor. Se o quiserem dizer, responder-lhe-ão: Eis o altar do Senhor, que

http://www.obrascatolicas.com

os nossos pais fizeram, não para holocaustos nem sacrifícios, mas para testemunho entre nós e vós. Longe de nós êste crime que nos apartemos do Senhor, que deixemos de seguir as suas pisadas, edificando um altar para oferecer holocaustos, oblações e sacrifícios, fora do altar do Senhor nosso Deus, que está levantado diante do seu tabernáculo".

"Quando ouviram isto, o sacerdote Finéias e os chefes da legação, que com êle estavam, apaziguaram-se, e acolheram com grande satisfação as palavras dos filhos de Ruben, de Gad e da meia tribo de Manassés. O sacerdote Finéias, filho de Eleazar, disse-lhes:

"— Agora sabemos que o Senhor está convosco, visto que estais alheios a tal prevaricação, e livrastes os filhos de Israel da mão justamente vingadora do Senhor".

"E deixando os filhos de Ruben e de Gad, voltou com os chefes, da terra de Galaad, nos confins de Canaan, para os filhos de Israel, e deu-lhes conta de tudo.

"O seu falar agradou a todos os que o ouviram. Os filhos de Israel louvaram a Deus, e não falaram mais em sair contra êles para lhes fazer guerra e devastar a terra da sua possessão. Os filhos de Ruben e de Gad chamaram ao altar que haviam edificado Ed, porque, disseram, é testemunho, para nós, de que Javé é o verdadeiro Deus" (8).

Morto Eleazar, Finéias sucedeu-lhe como sumo sacerdote. E, quando da guerra contra as tribos dos filhos de Benjamim, vivia êle ainda. Era em

(8) Jos. 22, 1, 34.

http://www.obrascatolicas.com

Silo, na tribo de Efraim, e Finéias residia perto do Tabernáculo e da Arca da Aliança.

"Naquele tempo, a arca da aliança de Deus estava lá, e Finéias, filho de Eleazar, filho de Aarão, presidia à casa de Deus" (9).

Sob seu pontificado, nada fala a Escritura. Sabe-se, contudo, que Finéias teve um filho, e êste se chamou Abisué.

* * *

(9) Juiz. 20, 28.

http://www.obrascatolicas.com

SÃO MAXIMILIANO (*)

Mártir

As *Acta Maximiliani* são um documento precioso e autêntico de literatura martirológica. Nelas estão indicados o lugar do martírio de São Maximiliano, jovem de grandes virtudes, morto na flor dos vinte anos, e a cena. Para o estudo das instituições militares do império romano, as *Acta* são valiosas. uma vez que, entre outras coisas, cita que os soldados levavam ao pescoço uma empola de chumbo, onde vinha constando a identidade e o juramento feito.

* * *

No dia 12 de março de 295 — estava-se sob o consulado de Tusco e de Anulino e era em Tebessa, antiga Tevesta, na Numídia — Maximiliano foi, como o pai, levado à presença do procônsul da África, Dion Cássio, para que servisse no exército.

O jovem, que ia a contragosto, já havia declarado ao pai que, como cristão, não lhe era permitido abraçar tal carreira. Por quê? Acreditava o Santo que o serviço militar era incompatível com a fé cristã, e, assim, ia determinado a negar a sua admissão, acontecesse o que acontecesse.

Dion Cássio fêz tudo para dissuadir o moço Maximiliano.

http://www.obrascatolicas.com

— Eu não serei soldado, dizia o jovem com ardor. Não posso nem quero combater pelo século. Sou soldado de meu Deus.

Dion Cássio foi perdendo a paciência. E o pai do valoroso soldado de Cristo, secundando o procônsul, usava de carinhos para induzir o filho a acatar as ordens e os conselhos de Cássio, mas frouxamente.

— Já disse que não! exclamava Maximiliano mortificado. Não hei de receber, do século, qualquer marca. E, se ma impuserem, quebrá-la-ei. Para mim não tem valor algum. Eu sou cristão, e como cristão jamais levarei ao pescoço aquêle chumbo que é a marca do século. Não trago eu o sagrado signo de Cristo, d'Aquele que é o Filho de Deus vivo? (1).

— Ó jovem, já que és tão insubmisso, e te recusas a prestar o serviço militar, sejas levado à morte, para que a outros fiques servindo de exemplo!

Maximiliano respirou, aliviado. Ergueu os olhos para o céu e exclamou, com alegria:

— Graças sejam dadas a Deus!

Levado para o suplício, Maximiliano, eufórico, animava os cristãos que se lhe comprimiam ao redor:

— Irmãos bem-amados, com tôdas as vossas fôrças, e com todo o ardor de vossos desejos, diligenciai para que possais obter a ventura de ver a Deus e merecer coroa semelhante a minha!

Sorrindo, feliz, o rosto radiante, virou-se para o pai e pediu:

— Dá ao soldado que vai cortar minha cabeça o trajo novo que tu me havias preparado para a mili-

(1) Medalha que os cristãos levavam com uma representação do Cristo e um símbolo.

http://www.obrascatolicas.com

cia! Que os frutos desta boa obra se multipliquem, para ti, centuplicadamente, e que eu, bem cedo, possa receber-te no céu! Ambos, então, juntos, glorificar-nos-emos no Senhor!

Ditas aquelas palavras, foi decapitado incontinenti.

O corpo, levado para Cartago, por uma matrona, chamava-se Pompeiana, foi enterrado ao lado do mártir Cipriano.

* * *

Fábio Vítor, o pai do jovem mártir, entrou radiante em casa. E, caindo de joelhos, de mãos postas, dirigiu-se a Deus:

— Ó Senhor Deus das misericórdias, infinitamente bom, eu, do fundo do coração, agradeço a fortaleza que te dignaste conceder-me e a meu filho. Tu, que me permitiste enviar-te o meu Maximiliano, faze com que eu, sem tardança, possa segui-lo, para, ao Teu lado, viver eternamente a louvar-te.

Quem era aquêle pai que se rejubilava no Senhor, aquêle doce e forte Fábio Vítor? Era o encarregado de levar novos recrutas ao exército. Cristão também, e fervoroso cristão, Deus ouviu-lhe a petição: logo voou para o filho, para que se glorificasse no Senhor das misericórdias.

* * *

São Maximiliano foi martirizado pela religião? À primeira vista, dir-se-ia que o foi simplesmente por um ato de rebeldia, de insubmissão, que foi condenado à decapitação tão-sòmente como um refratário. Não é assim, todavia. A Maximiliano não

http://www.obrascatolicas.com

pode ser arrebatado o glorioso título de mártir. Condenando-o à morte, o procônsul Dion Cássio fê-lo, movido pelo ódio à religião, que vinha criar-lhe dificuldades no desempenho de seu pôsto. Ademais, a insubmissão não era castigada com a pena capital, uma vez que, no século III, aos recrutas rebeldes, que se não submetiam, era-lhes imposta a escravidão, e não a morte.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO PEDRO DA NICOMÉDIA (*)

Mártir

São Pedro era um simples servidor do imperial palácio de Diocleciano, quando êste imperador, em 303, residia na Nicomédia.

Naquele tempo, muitos cristãos desempenhavam humildes serviços ao pé do ímpio governante, que os tolerava, enquanto calados e sossegados.

Pedro, o camareiro, porém, era inflamado, e, com ardor, queixava-se, denodadamente, das crueldades impostas aos cristãos.

Um dia, Diocleciano ordenou que o levassem à sua presença.

— Não tens amor à vida? perguntou-lhe o imperador, com azedume.

— Sim, respondeu Pedro, tenho, mas não a esta, já que a esta não podemos chamar vida, porque é efêmera. Amo, sim, a outra, a eterna, aquela que jamais se acaba.

— Tuas palavras de nada valem, tornou Diocleciano. Sacrifica aos deuses, e vai-te daqui, em paz.

— Em paz? fêz Pedro. Que paz teria eu, se assim o fizesse?

— Sacrifica aos deuses! gritou o imperador.

http://www.obrascatolicas.com

— Impossível! Não posso! Deus proíbe-mo!

Diocleciano, sem mais, ordenou que o suspendessem no ar e o retalhassem a chicotadas, depois do que, nas feridas, deitassem-lhe vinagre misturado com sal.

Pedro, sem um queixume, mostrando que era digno do nome que lhe haviam dado, a tudo suportou, com heroicidade.

Irritado com tal fortaleza, Diocleciano fêz com que o estirassem sôbre uma grande grelha e o queimassem a fogo lento. E assim morreu São Pedro da Nicomédia, fazendo jus à gloriosa coroa do martírio.

* * *

No mesmo dia, na Bretanha Armórica, São Paulo de Leon, bispo e confessor, apelidado o Aureliano. Nascido em 492 (querem certos estudiosos que em 480), faleceu em 572, com 80 anos (ou segundo outros, com 92). Levado para o mosteiro de Iltud, pelo pai, ali encontrou-se com Davi, o futuro bispo de Menevia, com Sansão, futuro bispo de Dol e com Gildas, o Sábio, que mais tarde iria ser o fundador de Rhuys. Aos dezesseis anos, passou a levar vida de anacoreta, vivendo na solidão por muitos anos. Bispo, quando de Childeberto, foi zeloso e ardoroso defensor da fé. Apóstolo, destruiu santuários e simulacros da superstição, convertendo pagãos. Fundador de igrejas, organizou o serviço religioso, construindo santuários e mosteiros. Faleceu no mosteiro de Batz, que erigiu na ilha do mesmo nome. Teve as relíquias queimadas pelos calvinistas.

Em Constantinopla, São Teófanes, confessor. Levando vida na côrte dos imperadores, com 19 anos,

http://www.obrascatolicas.com

órfão de pai, contentou a mãe, casando-se com uma rica jovem, a qual conseguiu levar a viver consigo em perene continência, enquanto aguardavam oportunidade para se darem à religião. Dois anos depois do casamento, confiando a espôsa a um convento, recebeu êle a tonsura das mãos de Teodoro Monocheir. Quando de Leão, o Armênio, dado à ímpia campanha contra as santas imagens, Teófanes, que aquêle procurava atrair, deu-lhe firme e corajosa resposta, na qual afirmava a doutrina professada no concílio de Nicéia. Prêso por muito tempo em escura e terrível prisão, acabou sendo exilado para a Samotrácia, onde faleceu em 817, com quase 60 anos de idade.

Na Etrúria, Santa Fina, virgem, cujo nome nada mais é do que uma simples abreviação de Josefina, segundo alguns, de Serafina, conforme outros. Pobre, trabalhava para ajudar os pais, que haviam sido ricos e se viram na miséria. Belíssima, Deus livrou-a das tentações, enviando-lhe longa e terrível moléstia, ficando com o corpo todo coberto de feias úlceras. Levando, desde a primeira juventude, vida austera, de penitência e de oração, vivia na casa paterna como se fôra num convento. Perdidos os pais, foi viver com a ama. Grande devota de Maria e de São Gregório, o Grande, êste lhe apareceu, anunciando-lhe que havia de morrer no dia de sua festa. E assim foi, a 12 de março de 1253. Há, na igreja de São Geminiano, uma capela que lhe é dedicada.

Na Irlanda, São Fechno, confessor, ou Fiachna, que viveu por muitos anos sob a regra de São Columbano e foi um dos doze discípulos que o acompanharam a Escócia para a evangelização dos pictos. Faleceu em 580.

http://www.obrascatolicas.com

Em Roma, São Pedro, diácono, discípulo de São Gregório, confessor. Notável pela santa vida que levou, foi um fiel imitador do grande papa, ao ombro do qual, por diversas vêzes, viu uma pombinha a segredar-lhe coisas ao ouvido, antes de uma pregação ou se sentar à mesa para a composição de seus trabalhos. Falecido em 605, dizem que foi quem sugeriu a São Gregório a realização dos *Diálogos*.

Na Irlanda, novamente, São Mura, ou Murano, abade e confessor. Nascido em 550, faleceu em 645. Abade do mosteiro de Fahan, fundado, diz-se, por São Columkill, dêle guarda-se, como relíquia, o báculo.

Na Inglaterra, Santo Alfege, o Ancião, bispo e confessor. Filho de uma das maiores famílias da Inglaterra, depois de ter sido monge muito santo e piedoso, sucedeu, em 935, a São Birstano na Sé de Winchester, falecendo em paz no ano de 951.

Em Arezzo, Santa Justina, virgem, que, com treze anos, foi recebida pelas beneditinas de São Marcos. Muito perseguida pelos demônios, que lhe apareciam, conseguiu, com a ajuda de Deus, livrar-se do cêrco que lhe faziam. Dadas às grandes austeridades a que se dedicava, ficou cega. Morta em 1319, foi logo em seguida venerada como santa. O papa Leão XIII, em 1891, aprovou-lhe o culto.

Na Nicomédia, Santo Eguiduno, sacerdote, e sete outros, que, sucessivamente, em dias diferentes, foram sufocados, para incutirem mêdo nos cristãos.

Em Cápua, São Bernardo, bispo e confessor.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

13.º DIA DE MARÇO

SANTA EUFRÁSIA OU EUPRÁXIA

Virgem

Nos dias de Teodósio (o Jovem), imperador piedosíssimo, houve em Constantinopla um senador, chamado Antígono, parente e amigo do imperador, sábio nas palavras e nas obras, que aconselhava continuamente o príncipe, a fim de ser bom, a governar piedosamente os negócios da república romana. Era um homem compassivo, que dava aos pobres as coisas necessárias. O imperador o amava, não sòmente como parente e senador, mas também como cristão piedoso e conselheiro que o orientava diuturnamente. Ora, era êle tão rico, que não existia na capital outra pessoa igual em opulência, em palavras e em obras. Casou-se com uma mulher de família nobre como êle, de sangue imperial, chamada Eupráxia, temente a Deus, freqüentadora assídua da igreja, devotíssima. Arrancou ela da miséria a grande número de pobres; fazia inúmeras oferendas às igrejas e aos santuários. O imperador e a imperatriz dela gostavam de maneira singular, sobretudo porque era da família dêles, e ao mesmo tempo plena de virtude e de piedade. Nascendo-lhes uma filha, deram-lhe o nome da mãe, Eupráxia.

http://www.obrascatolicas.com

Um dia disse Antígono a Eupráxia: "tu sabes, minha irmã e senhora Eupráxia, que esta vida não é nada, que de nada valem as riquezas dêste mundo perecível. Em oitenta anos se acaba a vida do homem. Mas existem riquezas no céu, reservadas para séculos sem fim para aquêles que temem a Deus. E nós nos privamos dessas riquezas, embaraçados que estamos neste mundo e na ilusão da riqueza temporal, passando inùtilmente nossos dias, sem obtermos nada de útil para nossas almas". Eupráxia entendeu o marido e lhe disse: "E que ordenas, senhor, que façamos? Antígono lhe respondeu: Recebemos de Deus uma filha. Contentemo-nos com isso e afastemo-nos da miséria do mundo. A essas palavras Eupráxia levantou-se, ergueu as mãos ao céu, e disse, suspirando, a Antígono: "Bendito seja Deus por haver-te penetrado com seu temor e haver-te conduzido à plena ciência da verdade. Confesso-te, senhor, inúmeras vêzes roguei a Deus que te iluminasse o coração e a inteligência a respeito disso, mas jamais tive coragem de manifestar-te qualquer coisa. Desde que começaste, dize-me que fale." Antígono lhe disse: "Minha irmã, dize o que quiseres". Ela respondeu: "sabes, meu senhor, que muitas gerações já se passaram, desde que o Apóstolo disse: O tempo é curto. E o que resta a concluir é que aquêles que têm mulher, sejam como se não as tivessem, os que se rejubilam, como se não se rejubilassem, os que compram, como se não possuíssem, porque a figura dêste mundo é passageira. De que nos adiantariam êsses tesouros e essa abundância de riquezas? Não nos seguirão absolutamente ao túmulo. O que resolveste, pois, santamente, faze imediatamente. Dá abundantemente aos pobres, para que tua resolução não fique mais tempo

http://www.obrascatolicas.com

sem frutos". Antígono, entendendo essas palavras de Eupráxia, se pôs a glorificar a Deus.

Após terem abraçado essa vida de perfeição e terem distribuído boa parte dos bens aos pobres, Antígono viveu ainda um ano na continência, com sua espôsa, e depois morreu santamente. O imperador e a imperatriz prantearam-no muito, porque, além de membro da família, era homem justo e piedoso. Compadeceram-se também grandemente de Eupráxia, não sòmente porque era parente dêles, mas também porque era muito jovem. Não vivera com o espôso mais do que dois anos e três meses. Um ano e três meses como marido e mulher, um ano como irmão e irmã. Após o entêrro de Antígono, o imperador e imperatriz procuraram consolar Eupráxia. Ela, por seu turno, pegou a filha, colocou-a nas mãos do imperador e da imperatriz e, caindo de joelhos, disse-lhes, entre gritos e gemidos: "Nas mãos de Deus e nas vossas coloco esta órfã. Em memória de Antígono, dignai-vos receber esta criança e fazei-lhe as vêzes de pai e mãe". Os presentes puseram-se a chorar e a dar gritos de dor, a tal ponto, que o próprio imperador começou a soluçar e a chorar.

Com o tempo, quando o luto se acalmou, o imperador aconselhou a viúva de Antígono a confiar a jovem Eupráxia a um nobre do senado. Ela concordou, recebeu as arras e esperou-se que a menina atingisse a idade, porque, então, tinha apenas cinco anos. Algum tempo depois, um senador teve a idéia de desposar a viúva de Antígono. Por intermédio de algumas damas, persuadiu a imperatriz a fazer-lhe a proposta, sem que o imperador o soubesse. Eupráxia ouviu as mulheres e chorou amargamente, dizendo-lhes: "Infelizes de vós no outro mundo, por dardes

http://www.obrascatolicas.com

semelhantes conselhos a uma mulher que deseja viver segundo Deus. Retirai-vos de minha presença, porque o que fazeis é imperdoável". Elas se retiraram, confusas, e contaram à imperatriz o que se passara. O imperador também soube do fato e, irado, disse à imperatriz: "Em verdade, senhora, fizestes uma coisa indigna de vossa majestade. É isso obra de princesa cristã? Foi assim que prometestes a Deus reinar segundo a piedade? Eis como vos lembrais de Antígono, que sempre nos deu os melhores conselhos! Fizestes uma coisa indigna de nosso império, impelindo uma mulher, que abraçou a continência, a voltar ao mundo. Eis como temeis a Deus, fazendo coisa tão má! Quem, sabendo disso, não zombará do nosso império? Quem convencerá os homens de que tal coisa foi feita sem meu consentimento? Cometestes uma ação que não deveria ser mencionada no meu império, por causa do nosso querido Antígono." Diante dessas repreensões, a imperatriz, completamente confusa, ficou como uma pedra, sem voz, durante horas. Grande aborrecimento houve entre os imperadores, por causa de Eupráxia, viúva de Antígono.

Eupráxia, sabendo da causa dêsse aborrecimento entre os príncipes, sentiu-se também triste até a morte e decidiu abandonar Constantinopla. Depois de ter chorado muito, disse à filha Eupráxia: "Minha filha, temos no Egito muitas posses. Vamos lá visitá-las, porque tudo é teu". Foi, então, à capital, com a filha, sem que o imperador o soubesse, e partiu para o Egito, lá ficando em visita às posses. Foi até o interior da Tebaida, com seus intendentes e regentes, tomando ela mesma conta dos negócios. Lá freqüentou as igrejas e os túmulos dos mártires e deixou grandes

http://www.obrascatolicas.com

oferendas. Visitou também o mosteiro de homens e mulheres, e deu-lhes esmolas com liberalidade.

Havia em uma cidade um mosteiro de cento e três religiosas, das quais os habitantes contavam maravilhosas virtudes. Lá não tomavam nem vinho, nem azeite. Ninguém comia nem maçãs, nem uvas, nem figos, nem outros frutos da terra. Dizia-se que várias dessas religiosas, afastadas do mundo desde a infância, não conheciam nem sequer as representações de maçãs e peras. O alimento delas eram legumes, sem azeite. Algumas comiam apenas de dois em dois dias, outras de três em três. Nenhuma lavava os pés com água. Quanto aos banhos, é supérfluo falar dêles. Fazer menção dêles, parecia-lhes uma imodéstia, tal era a repugnância que por êles sentiam. Cada qual tinha seu leito no chão; era um cilício ou um tecido de pêlos, de um amieiro de largura, por três de comprimento, sôbre o qual repousavam alguns momentos. As vestes eram igualmente de cilícios ou tecidos de pêlos, que lhe cobriam o corpo até os pés. Cada qual trabalhava de acôrdo com suas fôrças. Quando uma ficava doente, não se empregava nenhum recurso de medicina. Cada qual recebia a doença como bênção de Deus e a suportava com paciência, até que Deus mesmo lhes concedesse remédio. Nenhuma delas saía do mosteiro. Havia uma portinhola pela qual se faziam tôdas as respostas. Nesse mosteiro operavam-se inúmeras curas milagrosas.

Como Eupráxia gostava muito do mosteiro dessas santas mulheres, por causa de suas virtudes, lá ia freqüentemente, levando incenso e círios. Um dia, chamando a superiora e as principais religiosas lhes disse: "Minha intenção é oferecer ao mosteiro

http://www.obrascatolicas.com

uma pequena bênção, como uma renda de vinte ou trinta livros, para que rezeis por esta órfã e por seu pai, Antígono. Teodora, a superiora, ou abadessa, respondeu: Senhora, vossas servas não têm necessidade de renda nem desejam posses. Desprezaram tôdas as coisas desta vida, para gozarem dos bens eternos. É por isso que não queremos possuir nada, sôbre a terra, a fim de não nos faltarem os tesouros celestes. Todavia, para não vos entristecer, obtende-nos um pouco de azeite para a lamparina e um pouco de incenso para o oratório e terei a justa recompensa". Feito isso, Eupráxia pediu à abadessa e a tôdas as irmãs que rezassem por Antígono e por sua filha Eupráxia.

Um dia a abadessa Teodora disse à menina: "Senhora Eupráxia, gostais dêste mosteiro e das irmãs?" Ela respondeu: "Sim senhora, e vos amo muito." A abadessa lhe disse, então, sorrindo: "Se gostais de nós, ficai conosco, com êste hábito." A menina respondeu: "Se não entristecer minha mãe, não sairei mais daqui." A abadessa tornou: "Dize-me, senhora Eupráxia, de quem gostais mais, de nós ou de vosso noivo?" Ela replicou: "Meu noivo? Nunca o vi, nem êle a mim. A vós eu vejo e amo. Mas vós, senhora, quem amais, a mim ou a êle?" A abadessa respondeu: "Nós amamos a Jesus Cristo e a vós também." "Pois bem, respondeu a menina, eu vos amo e amo a Jesus Cristo, convosco." Eupráxia, a mãe lá estava, afogada em pranto. A abadessa estava satisfeita de ouvir a pequena falar assim, pois ainda não tinha ela sete anos de idade. A mãe, profundamente comovida e chorando amargamente, disse: "Vem, minha filha, voltemos para casa, porque é tarde." A menina lhe respondeu: "Eu vou ficar com a senhora

http://www.obrascatolicas.com

abadessa." Esta disse à menina: "Vamos, senhora, não podeis ficar aqui. Ninguém pode ficar aqui, se não se consagra a Jesus Cristo." A menina perguntou: "E onde está Jesus Cristo?" A abadessa mostrou-lhe graciosamente uma imagem de Nosso Senhor. A criança foi até ela, beijou-a. Depois, voltando-se para a abadessa, lhe disse: "Na verdade, eu também me consagro a Jesus Cristo e não vou mais com minha mãe". "Mas, minha filha, disse-lhe a abadessa, não tendes onde dormir, não podeis ficar aqui." A criança insistiu: "Onde dormirdes, senhora, dormirei eu também".

Veio a tarde. A mãe e a abadessa, por mais que tivessem feito, não conseguiram que a criança deixasse o mosteiro. Os carinhos e as instâncias durante todos os dias que se seguiram, não lograram êxito. Por fim, a abadessa lhe disse: "Mas, se quereis ficar aqui, é necessário aprender as letras, a gramática, os salmos, e jejuar como tôdas as irmãs." A menina respondeu: "Jejuarei e aprenderei tudo; deixa-me ficar." A abadessa disse à mãe: "Senhora, deixai esta criança aqui, porque acho que a graça de Deus espalhou a luz sôbre ela e as boas obras de seu pai e a vossa piedade, e as orações de ambos obtiveram-lhe a vida eterna." Eupráxia levantou-se e tomando a filha, apresentou-a à imagem de Nosso Senhor; depois, erguendo as mãos para o céu, exclamou, entre lágrimas: "Senhor Jesus Cristo, tomareis cuidado desta menina, porque ela vos deseja e se recomendou a vós." Voltando-se para a menina, lhe disse: "Deus, que fêz imóveis os fundamentos das montanhas, queira firmar-te no seu temor, minha filha". Após o que, entregou-a nas mãos da abadessa, e saiu do mosteiro, chorando e batendo no

http://www.obrascatolicas.com

peito, a tal ponto que tôda a comunidade chorava com ela.

No dia seguinte, a abadessa tomou a jovem Eupráxia, conduziu-a ao oratório e, após orar sôbre ela, vestiu-a com o hábito monástico. A mãe, ao chegar e vê-la vestida com aquela vestimenta de anjos, levantou as mãos para o céu e orou: "Ó Rei dos séculos, que começastes nela essa boa obra, completai-a vós mesmo na paz e dai-lhe a graça de proceder segundo os vossos mandamentos, a fim de que essa órfã encontre confiança diante de vossa glória". Em seguida, disse-lhe: "Eupráxia, gostas de estar assim vestida?" "Sim, minha mãe, respondeu a criança, porque a abadessa e as boas irmãs me ensinaram que são as armas que nosso Senhor Jesus Cristo dá àquelas que o amam." A mãe acrescentou: "Que aquêle que desposaste, te torne digna do leito nupcial". Depois, dizendo adeus à abadessa e às irmãs, beijou-a e saiu do mosteiro, para ir, segundo o costume, levar socorros aos pobres e aos infelizes.

Entretanto, por tôda parte todos se edificavam com a vida de Eupráxia, com sua liberalidade para com os mosteiros e outros lugares de devoção. O imperador mesmo ouviu falar disso e o senado de Constantinopla ficou tomado de admiração. É que, contava-se, ela não comia nem peixe, não tomava vinho, era magnânima para com todos, jejuava até à tarde, quando, então, comia apenas legumes.

Alguns dias após a vestição da jovem Eupráxia, a abadessa chamou a nobre senhora e lhe disse em segrêdo: "Senhora, tenho algo a dizer-vos, mas não vos perturbeis." A resposta foi: "Senhora, dizei o que desejais". A abadessa tornou: "Se pensais fazer alguma coisa por essa criança, tomai as providências,

http://www.obrascatolicas.com

porque eu vi vosso marido, em sonho, em grande glória, e êle pediu a Nosso Senhor que vos faça abandonar o corpo, para estar com êle para sempre e gozar da glória que mereceu pela vida excelente". A piedosa senhora não apenas ficou perturbada com essa notícia, como também sentiu grande alegria, dado que pedia a Deus para deixar a vida humana e ir para Cristo. Imediatamente, chamando a filha, lhe disse: "Minha filha, como me foi dito pela senhora abadessa, Jesus Cristo me chama e o dia de minha morte se aproxima. Coloco-te nas mãos todos os meus bens e os de teu pai. Usa dêles piedosamente, para que possas ter a herança do céu". Ao ouvir a mãe falar dessa forma, Eupráxia entrou a chorar: "Sou infeliz, porque sou estrangeira e órfã." A mãe lhe disse: "Tu tens Jesus Cristo por pai e por espôso, minha filha. Tu não és nem estrangeira nem órfã. Tens a senhora abadessa para ocupar o lugar de tua mãe. Sòmente, tem cuidado de cumprir o que prometeste. Teme a Deus, respeita as irmãs. Eu sou de sangue imperial, mas não digas: elas devem servir-me. Sê pobre sôbre a terra, a fim de seres rica no céu. Tens tudo nas mãos. Se fôr necessário, dá promessas e dinheiro ao mosteiro e reza por teu pai e por tua mãe, para que encontremos misericórdia da parte de Deus e sejamos preservados do suplício eterno. Dadas as ordens à filha, foi-se, e morreu três dias depois. Sepultaram-na no mosteiro.

Sabendo da morte de Eupráxia, espôsa de Antígono, o imperador chamou o senador a quem sua filha tinha sido prometida e o informou de que ela se havia retirado para um mosteiro. O senador suplicou ao príncipe que ordenasse à jovem criatura que voltasse para a capital, a fim de celebrarem o casamento.

http://www.obrascatolicas.com

Eupráxia leu a carta do imperador, pôs-se a rir e lhe respondeu de próprio punho, nestes têrmos: "Majestade, aconselharíeis vossa serva a rejeitar a Cristo, para se unir a um homem corruptível e futuro pasto dos vermes? De um homem que hoje existe e amanhã morrerá? Longe de vossa serva cometer tal iniqüidade! É por isso, majestade, que êsse homem não deve aborrecer-vos mais. Dei meu consentimento a Cristo e me é impossível voltar atrás. Suplico-vos, majestade, lembrai-vos de meus pais. Ficai com todos os bens e distribuí-os aos órfãos e aos pobres; o que sobrar, dai-o às igrejas. Sei que vos lembrareis de meus genitores, principalmente de meu pai. Soube que no palácio jamais êle se afastava de vós. Lembrando-vos de um e de outro, disponde convenientemente de todos os bens. Dai liberdade a todos os escravos, com gratificação legítima. Dizei aos intendentes de meu pai que remetam aos trabalhadores o que lhes devem desde a morte de meu pai até hoje, para que, sem me preocupar com negócios terrestres, eu possa sem nenhum obstáculo, servir a Jesus Cristo, a quem recomendei minha alma. Rezai por vossa serva, vós e a imperatriz, a fim de que mereça servir a Cristo, segundo a graça que concedeu a sua serva". Fechou a carta e remeteu-a ao mensageiro. O imperador leu-a com a imperatriz e desfizeram-se ambos em lágrimas e rezaram com fervor por Eupráxia. No dia seguinte mandou que a carta fôsse lida em pleno senado, para onde tivera o cuidado de fazer vir o pai do jovem noivo. Todos os senadores compreenderam a carta, choraram e disseram a uma só voz: "Na verdade, majestade, é a filha de Antígono e de Eupráxia. Ela é do vosso sangue. É uma jovem piedosa, de família piedosa, um ramo santo de uma raiz santa".

http://www.obrascatolicas.com

Todos glorificaram a Deus e rezaram pela jovem. O pai do noivo não ousou falar mais dela.

O imperador dispôs piedosamente de tudo, distribuiu os bens aos pobres e morreu cristãmente. Eupráxia admirava-se dos homens, porém vivia segundo Deus, em abstinência acima do que sua idade suportava. Não tinha senão doze anos, quando começou a nela se exercitar. Comia a princípio cada tarde. Depois, passou a comer de dois em dois dias. Por fim, de três em três. Nenhuma outra, senão ela, limpava as mesas, arrumava as camas das irmãs, tirava água do poço para levá-la à cozinha. Havia o seguinte costume no mosteiro: quando uma irmã era tentada pelo demônio durante o sono, contava imediatamente à superiora, a qual pedia a Deus com lágrimas que o demônio se afastasse. Ordenava que colocassem pedras sob o cilício para servirem de leito à irmã e cinza por cima. E à irmã recomendava que ficasse assim deitada durante dez dias. Como era Eupráxia que arrumava as camas, era a ela que a abadessa dava tais ordens. Ora, um dia Eupráxia foi tentada. Colocou, então, pedras e cinza no próprio leito. A superiora se apercebeu disso, sorriu e disse a outra irmã: "A menina começa a ser tentada". E pediu a Deus que a fortificasse no temor por êle. Depois, chamou Eupráxia e lhe disse: "Por que, minha filha, não me fizeste conhecer a tua tentação, e, ao contrário, ma escondeste?" Caindo de joelhos, Eupráxia disse à abadessa: "Perdão, senhora, envergonho-me de vo-lo dizer". A abadessa interveio: "Tem coragem, minha filha, para conquistares a vitória e a coroa".

Tendo sido novamente tentada, pouco depois, Eupráxia contou-o a uma irmã chamada Júlia, que

http://www.obrascatolicas.com

gostava bastante dela e a ajudou nos combates. Júlia disse: "Senhora Eupráxia, não o escondais à superiora, contai-lhe tudo, para que ela peça por vós. Ela mesma diz que já experimentou muitas dessas tentações, durante a juventude. Conta-se que uma noite, violentamente tentada, saiu da casa, ficou em pé, ao ar livre, sem comer, nem beber, nem dormir, durante quarenta dias, não cessando de rezar até que conseguiu vencer a tentação. Assim, todos nós somos tentadas pelo demônio, mas esperamos em Nosso Senhor a vitória. Que isso não vos cause perturbação. Dizei tudo à superiora e não tenhais vergonha." Eupráxia agradeceu a Júlia e lhe disse: "Que Deus vos assista, minha irmã, porque me edificastes e me fortificastes a alma. Vou dizer tudo à superiora". "Fareis bem, disse-lhe Júlia, para que ela reze por vós e se junte aos vossos exercícios". Eupráxia levou ao conhecimento da superiora a tentação. Esta lhe respondeu: "Que isso não te surpreenda, minha filha; tôda a guerra do diabo contra nós é dessa espécie. Sê corajosa e constante e êle não prevalecerá contra ti, porque terás muitas tentações a sustentar da parte dêle. Combate para vencer e receber de Jesus Cristo, teu espôso, a coroa da vitória. De acôrdo com tuas possibilidades, junta-te aos exercícios. De quantos em quantos dias comes?" Ela respondeu: "De três em três". "Pois bem, disse a abadessa, acrescenta mais um". Após êsse conselho, Eupráxia se retirou com alegria.

Aos vinte anos de idade, era forte e, ao mesmo tempo, muito bela. Tentada novamente, consultou a abadessa, que lhe disse: "Não temas, minha filha, Deus está contigo".

http://www.obrascatolicas.com

Havia no pátio do mosteiro um amontoado de pedras. A superiora lhe disse, para experimentá-la: "Minha filha carrega estas pedras daqui para perto do forno". Eupráxia se pôs imediatamente a trabalhar, transportando as pedras. Havia algumas que eram tão grandes, que duas irmãs com muita dificuldade conseguiriam removê-las. Eupráxia as levava sôbre os ombros, sem que ninguém a ajudasse, pois era jovem e forte. Não se queixava à superiora dêsse serviço, como teria alguém dito: As pedras são grandes, não tenho tanta fôrça, estou em jejum, não agüento mais, êsse trabalho me abate. Não. Fazia, com dedicação, tudo quanto a obediência lhe mandava.

No dia seguinte a superiora lhe disse: "Não ficam bem aqui essas pedras. Leva-as de volta para o lugar anterior". E, para provar-lhe a paciência, ordenou-lhe que trabalhasse nisso durante trinta dias. Eupráxia cumpriu novamente as ordens da superiora. Tôdas as irmãs estavam maravilhadas de verem a paciência da jovem. Algumas riam apenas; outras ainda diziam: Coragem, Eupráxia! Ela, por seu turno, terminava a tarefa com alegria e cantando salmos. No trigésimo dia, após o ofício divino. Eupráxia foi transportar pedras, quando a superiora lhe disse: "Minha filha, deixa êsse trabalho, toma da farinha e amassa-a e assa-a no forno, para que esteja pronto o pão, à tarde, para o serviço das irmãs". Com muita alegria e disposição cumpriu o que lhe fôra ordenado.

Eupráxia foi ainda tentada muitas vêzes e de diversas maneiras. Mas contava tudo à superiora, que lhe permitiu, enfim, para vencer o tentador, jejuar a semana inteira, se ela agüentasse. Eupráxia cumpriu-o, sem faltar a nenhum ofício, nem de dia nem

http://www.obrascatolicas.com

de noite e sem deixar de continuar servindo humildemente as irmãs, como de costume. Por isso elas tôdas gostavam dela e rezavam com fervor por sua saúde.

Uma delas, todavia, chamada Germana, nascida, dizia-se, de uma escrava, deixou-se tomar de inveja. Levantou-se contra Eupráxia na cozinha, dizendo-lhe: "Dize-me, Eupráxia, não comes senão uma vez por semana, segundo a ordem da superiora e nós não podemos fazer o mesmo. Se fôrmos obrigadas pela superiora, que faremos?" "Perdão, disse Eupráxia, a senhora superiora disse que cada uma se exercitaria como pudesse. Ela não me impôs isso como obrigação". "Hipocrisia, disse a outra, fazes isso para substituir a superiora, quando ela morrer. Mas, espero que Deus não te deixará chegar ao govêrno da casa." Eupráxia atirou-se-lhe aos pés, dizendo: "Perdoa-me, senhora, perdoa-me!" A superiora soube do que se passara. Reuniu tôda a comunidade, repreendeu Germana e privou-a durante trinta dias da santa comunhão e mesmo da companhia das companheiras, não lhe perdoando ao fim dêsse tempo, senão por pedido de Eupráxia e das demais irmãs.

Outra vez, para vencer violenta tentação do espírito mau, Eupráxia ficou de pé, ao ar livre, mãos erguidas para o alto, durante quarenta dias e quarenta noites, sem beber, nem comer. Ao final dêsse tempo, caiu esgotada e como morta. Mas recuperou os sentidos e a fôrça, quando a superiora a fêz tomar alimento.

Não podendo vencê-la pela tentação, o diabo procurou fazê-la morrer. Um dia em que tirava água do poço, fê-la cair lá dentro, com a cabeça voltada para baixo. Ela exclamou: "Jesus Cristo, socor-

http://www.obrascatolicas.com

rei-me!" As irmãs a retiraram e ela se pôs a rir, dizendo: "Viva meu Deus! Tu não me vences, não, demônio, e eu não cederei! Em lugar de um cântaro de água, levarei dois." Outro dia, quando estava rachando lenha, êle fêz com que ela se ferisse com o machado. O que, porém, não a impediu de levar a lenha rachada para a cozinha. Outra vez fê-la cair do terceiro andar da casa. Doutra feita, atirou-lhe água fervente no rosto, dentro de casa. Neste caso, ela não sentiu nenhuma dor, o que levou a abadessa e antigas religiosas a crerem que Deus a colocara sob sua proteção especial.

Tôda a cidade e a província tinha o costume de levar as crianças doentes ao mosteiro, para junto das mulheres milagrosas. A superiora recebia-as. Entrava e, na igreja, rezava-se por elas; imediatamente essas crianças, curadas de tôdas as espécies de males, eram entregues às mães, que voltavam a casa, alegres, louvando a Deus. Além disso, nesse mesmo mosteiro havia uma mulher energúmena, que lá estava desde a infância para ser curada. Estava possuída de um espírito imundo, tinha ferros nas mãos e nos pés, rangia os dentes, tinha espuma nos cantos da bôca e gritava de fazer tremerem todos quantos estivessem ao alcance de escutá-la. Várias vêzes a superiora e as principais religiosas haviam rezado pela sua cura, mas sem êxito. Não se podia nem sequer aproximar-se dela, para dar-lhe de comer. Apresentava-se-lhe a comida de longe, numa vasilha, na ponta de uma vara. Freqüentemente tomava da vasilha e da vara e as atirava ao rosto de quem lhe prestava êsse serviço.

A porteira foi um dia dizer à superiora: "Senhora, uma mulher veio com uma criança e está à

http://www.obrascatolicas.com

porta, chorando. A criança é um menino de cêrca de oito anos, paralítico, surdo e mudo". A superiora sabia por revelação que Eupráxia tinha merecido a graça especial contra os demônios. Mandou que a chamassem e lhe disse: "Vai receber essa criança e traze-a aqui". Ela foi, mas vendo a pobre criança paralítica e tremendo, teve-lhe grande piedade e fazendo sôbre ela o sinal da cruz, com profundo gemido, lhe disse: "Que aquêle que te criou te cure, meu filho". Em seguida, tomando-o nos braços, levou-o à abadessa. Mas enquanto o carregava, o menino ficou bom e se pôs a gritar por sua mãe. Eupráxia, vendo-o falar, colocou-o no chão, espantada. A criança levantou-se imediatamente, correu à porta, procurando pela mãe. A porteira correu a informar a superiora. Esta chamou a mãe da criança e lhe disse: "Minha irmã, dize-me, vieste tentar-nos?" A mãe da criança respondeu: "Tomo Jesus Cristo como testemunha, senhora, que até hoje esta criança não andava, nem falava, nem ouvia. Mas esta religiosa tomou-o nos braços e êle começou a falar. Ela, por seu turno, colocou-o no chão, estupefacta. A criança levantou-se e veio a mim, vossa serva." A abadessa lhe disse: "Eis que agora está com saúde. Levai-o e ide em paz". A mulher tomou o filho e foi-se, glorificando a Deus.

A abadessa perguntou de novo às antigas irmãs da comunidade: "Que pensais de Eupráxia?" Elas responderam: "É uma verdadeira serva de Deus." Fazendo-a vir, disse-lhe: "Minha filha, quero que ofereças tu mesma a comida a essa pessoa doente que se encontra no mosteiro, se é que não tens mêdo." "Senhora, disse Eupráxia, não tenho mêdo". E, de fato, apanhou a vasilha de legumes com um pedaço

http://www.obrascatolicas.com

de pão e apresentou-os à mulher. Imediatamente, ela se pôs a ranger os dentes e a tremer. Lançou-se sôbre a vasilha, agarrou-a e quis quebrá-la. Mas Eupráxia, segurando-lhe a mão, disse: "Viva o Senhor Deus, se te puser por terra. Tomarei o cordão da senhora abadessa e te surrarei tanto, que tu não ousarás fazer novamente isso". A possessa, vendo que Eupráxia era mais forte, ficou quieta. Então Eupráxia falou-lhe de maneira delicada: "Senta-te, minha irmã, come, bebe e não fiques perturbada". A outra obedeceu: sentou-se, comeu e bebeu e ficou calma. Desde êsse momento, não mais lhe deram a comida com uma vara; ela a recebia e a tomava da mão de Eupráxia. Tôdas as irmãs, ao verem isso, rezaram por ela. Quando começava a mexer-se e zangar-se, as irmãs lhe diziam: "Fica tranqüila, irmã e não te zangues, porque, se a senhora Eupráxia vier, te baterá". Imediatamente ela se acalmava.

Entretanto Germana, deixando-se novamente tomar de inveja, dizia às outras irmãs: "Quer dizer que se não existisse Eupráxia para tratar dessa doente, ninguém poderia fazê-lo? Dai-me a comida, que eu a servirei". E, tomando a comida, aproximou-se da energúmena, dizendo: "Toma, minha irmã e come". Imediatamente a mulher se atirou sôbre ela, estraçalhou-lhe as vestes e a atirou ao chão, devorando-lhe, em seguida, a carne. Ouviram-se gritos, mas ninguém ousava aproximar-se. Júlia correu à cozinha dizer a Eupráxia: "Depressa, senhora. Germana está em pedaços nas mãos da possessa!" Eupráxia acorreu, tomou as mãos e o pescoço da possessa e arrancou-lhe Germana, que estava tôda em sangue e feridas. Eupráxia disse: "Fizeste bem de maltratar assim tua irmã?" A outra estava em pé,

http://www.obrascatolicas.com

espumando e rangendo os dentes. Eupráxia acrescentou: "Doravante, se tu fôres má com tuas irmãs, não te pouparei, surrar-te-ei sem misericórdia". A possessa se acalmou.

No dia seguinte pela manhã, saindo do oratório, após o ofício, Eupráxia encontrou a energúmena que havia rasgado suas vestes, tinha jogado no chão os trapos, sentara-se em cima dêles, juntando as sujeiras e comendo-as. Eupráxia chorando, informou a abadessa. Tôdas as irmãs viram o triste espetáculo. A abadessa ordenou que lhe dessem outra túnica. Eupráxia tomou a roupa, uma vasilha de legumes e pão e lhos apresentou, dizendo: "Toma, minha irmã, veste-te e come. Por que ficar num estado assim indecente?" E vestiu-a e serviu-a. A possessa comeu e bebeu. Mas Eupráxia não cessou de chorar sôbre ela até o entardecer. À noite, sem nada dizer às irmãs, rezou para que sarasse daquele mal. Pela manhã, a abadessa lhe disse: "Por que não me contaste que ias fazer oração pela energúmena? Se mo tivesses dito, teria unido meus esforços aos teus." "Perdoai-me, senhora, disse Eupráxia, estava comovida de vê-la em estado tão deplorável." A abadessa respondeu: "Devo anunciar-te algo, mas cuidado com Satã. Que êle não te tente e não te faça orgulhosa. Jesus Cristo deu a ti o poder de expulsar êsse demônio". Imediatamente, Eupráxia atirou-se ao chão com cinzas na cabeça, exclamando: "Quem sou eu, impura, para expulsar êsse demônio, que não conseguistes expulsar, há tanto tempo?" A abadessa lhe respondeu: "Minha filha, tu é que deves fazer isso, porque tua recompensa é grande no céu".

Entrando no oratório, Eupráxia atirou-se aos pés do Salvador, suplicando-lhe ouvisse sua oração e

http://www.obrascatolicas.com

lhe desse socorros do alto. Levantando-se e rezando ainda, foi para junto da energúmena, segundo lhe ordenara a superiora. Tôda a comunidade a seguiu, para ver o que se passaria. Aproximando-se da energúmena, Eupráxia disse: "Que meu senhor Jesus Cristo te cure!" E fêz-lhe sôbre a fronte o sinal da cruz. O demônio gritou diante de todos: "Ó hipócrita malvada! Há tantos anos que aqui moro e ninguém me expulsou. E essa impura libertina pretende pôr-me para fora?" Eupráxia disse: "Não sou eu que te expulso, mas Cristo, mestre de tudo." O demônio retrucou: Eu não saio, impura, porque não recebeste poder para me expulsar." Eupráxia respondeu: "Eu sou impura e cheia de maldade, como tu testemunhas. Mas por ordem do Senhor, sai dela; se não expulsar-te-ei a pancadas." E como o demônio resistisse, tomou do cordão da abadessa e lhe disse: "Ou sais ou te surrarei." O demônio replicou: "Como posso sair? Tenho um pacto com ela e não posso rompê-lo." Eupráxia entrou a bater. À terceira pancada disse: "Sai desta criatura de Deus, espírito imundo! O Senhor Jesus Cristo te censura!" O demônio respondeu: "Não posso sair, por que pretendes expulsar-me? Aonde posso ir?" "Para as trevas exteriores, respondeu Eupráxia, para o fogo eterno, para os tormentos preparados para ti e para teu pai Satã e para todos os que fazem vossas vontades". As irmãs tôdas olhavam de longe, sem ousar chegarem mais perto. Eupráxia entrou, assim, em luta com o demônio. Olhando para o céu, disse: "Senhor Jesus Cristo, não me confundais nesta hora! Que êste impuro não leve consigo a vitória!" Imediatamente, espumando e dando um grito, o demônio saiu da mulher. Esta sentiu-se curada no mesmo ins-

http://www.obrascatolicas.com

tante. As irmãs acudiram glorificando a Deus, porque tinham estado possuídas de grande mêdo. Eupráxia tomando a mulher, lavou-a com água e vestiu-a, apresentando-a, depois, à abadessa. Esta a conduziu com as irmãs ao oratório, onde tôdas agradeceram a Deus o milagre. Dêsse momento, Eupráxia tornou-se ainda mais humilde, passando a noite inteira sem dormir e a semana inteira sem comer, servindo a tôdas as irmãs, segundo seu costume, com alegria e dedicação, doçura e humildade.

Um dia, teve a abadessa uma visão que a perturbou muito. Prostrou-se no oratório, desfeita em lágrimas, sem dizer nada a ninguém. As irmãs mais velhas não se encorajavam a perguntar-lhe nada. Como fizesse cada dia a mesma coisa, as prioresas suplicaram-lhe por fim: "Por favor, senhora, dizei-nos o que vos aflige tanto e nos despedaça a alma com lamentações e gemidos?" A abadessa disse: "Não me obrigueis a dizê-lo, até amanhã." As irmãs replicaram: "Sabeis, senhora, que se não no-lo disserdes, nos causareis grande aflição?" A abadessa respondeu: "Até agora não queria contar nada a ninguém. Mas, desde que me obrigais a isso, escutai: Eupráxia nos deixa, porque morrerá amanhã. Que ninguém lhe conte isso, para que não se aflija". Logo, prantos e gritos se fizeram ouvir durante algumas horas. Uma das religiosas, quando o soube, correu ao forno onde Eupráxia fazia o pão, assistida por Júlia, sua companheira ordinária. A religiosa disse: "Sabeis, senhora Eupráxia, que a abadessa e as prioresas estão aflitíssimas, por vossa causa?" Eupráxia e Júlia ficaram longo tempo, mudas de surprêsa. Júlia disse, enfim: "A senhora superiora teria sabido que por instigação daquele, que vos reclamou outrora, o imperador

http://www.obrascatolicas.com

mandou retirar-vos do mosteiro e seria por êsse motivo que está aflita?" Eupráxia respondeu: "Viva o Senhor! Mesmo que todos os impérios da terra se abalassem, jamais poderiam persuadir-me a deixar meu Senhor Jesus Cristo. Todavia, enquanto êsses pães estão assando, ide saber exatamente por que essas lágrimas, a fim de tirar minha alma da preocupação".

Júlia foi e, parando à porta, ouviu a abadessa falar às irmãs, desta forma: "Vi chegar aqui dois homens de boa aparência, para levarem Eupráxia, os quais me disseram: Mandai-a, porque o rei a reclama. Chegaram outros que me diziam: Levai-a vós mesma e conduzi-a ao Senhor. Eu a busquei e avancei com êles. Quando chegamos a certa porta, da qual não saberia descrever a magnificência, esta se abriu por si só, entramos e vimos uma glória inenarrável. Um palácio superceleste, um aposento e um trono nupcial, que mão humana não pode fazer. Por mim, não pude aproximar-me mais. Os santos, porém, levaram Eupráxia e a apresentaram ao Senhor, a quem ela beijou os pés sem mancha. E vi lá miríades e miríades de anjos e multidões inumeráveis de santos. Todos estavam de pé, olhando. E eis que a Mãe do Senhor, tomando Eupráxia, lhe mostrou o palácio, o aposento e o trono nupcial, assim como a coroa que lhe estava preparada. Escutei uma voz dirigida a Eupráxia: Eis tua recompensa e teu repouso. Agora vai; voltarás daqui a dez dias e gozarás destas coisas, durante séculos infindos. Ora, hoje é o nono dia. Eupráxia morrerá amanhã, pois."

Ouvindo essa descrição, Júlia bateu no peito e no rosto e voltou ao forno, chorando desconsolada-

http://www.obrascatolicas.com

mente. Eupráxia vendo-a chorar e desolar-se, disse-lhe: "Eu vos conjuro pelo Filho de Deus, minha irmã! Dizei-me o que escutastes e por que razão chorais. Júlia respondeu: Eu choro, senhora, porque nós nos separaremos hoje; como ouvi, amanhã morrereis." A essas palavras, Eupráxia caiu sem fôrças. "Minha irmã, dai-me a mão, conduzi-me aonde está a lenha disposta, disse, e deixai-me lá. Todavia, tirai os pãos do forno e levai-os ao mosteiro." Júlia obedeceu, mas não contou nada à abadessa. Eupráxia, por seu turno, prostrada sôbre o chão, pedia a Deus, entre lágrimas, que não a levasse tão sùbitamente, mas que a deixasse um ano ainda para poder expiar os pecados, a fim de não aparecer diante dêle com as mãos vazias de boas obras para ser atirada no fogo como figueira estéril.

Uma das irmãs ouviu-lhe os lamentos e avisou a abadessa. Júlia, então, disse: "Na realidade, senhora, ela soube que vai morrer amanhã." A abadessa disse às prioresas: "Quem lhe causou tal tristeza? Não vos recomendei não dizer nada a respeito de que sua hora era chegada? Ide e tirai-a de lá". Ela veio, chorando e soluçando. A abadessa lhe disse: "Que tens, minha filha, por que choras a sorte?" "Eu choro, senhora, respondeu Eupráxia, porque sabeis que vou morrer e não mo dissestes, para eu chorar meus pecados, visto que não pratiquei nenhuma boa obra". Dizendo isso, jogou-se ao chão e agarrou os pés da abadessa, o que provocou as lágrimas das irmãs presentes. Eupráxia disse, lamentando-se: "Tende piedade de mim, senhora, e suplicai a Deus que me conceda ainda êste ano, porque não fiz penitência e não sei que trevas me envolverão." A abadessa lhe respondeu: "Viva o

http://www.obrascatolicas.com

Senhor! Jesus Cristo teu rei te julgou digna do senado celeste". E contou-lhe a visão e como Eupráxia iria gozar dos bens divinos. Pediu-lhe depois, que rogasse a Deus por ela, para que gozasse também da sua felicidade, porque desejava morrer com ela, em Jesus Cristo, e gozar dos mesmos favores.

Eupráxia, prostrada aos pés da abadessa, foi tomada de um arrepio, depois de grande febre. A abadessa disse às irmãs: "Levai-a ao oratório, porque sua hora é chegada". Colocaram-na na capela e ficaram junto dela até o escurecer. Vinda a tarde, à hora da refeição, a abadessa permitiu que fôssem tomar um pouco de pão. Reteve apenas Júlia. Fechou as portas até o amanhecer. Júlia dizia a Eupráxia: "Senhora, minha irmã, não vos esqueçais de mim. Lembrai-vos de que na terra fui vossa companheira inseparável. Rezai ao Senhor para que me leve convosco".

Pela manhã, quando a abadessa viu que Eupráxia estava nos últimos momentos de vida, reuniu as irmãs, por intermédio de Júlia. Juntas, choravam e diziam: "Lembrai-vos de nós, senhora nossa irmã". Por último veio a possessa de outrora, que, vertendo lágrimas, lhe beijou as mãos, dizendo: "Que serviços estas mãos me prestaram, a mim, uma indigna! Por Deus e por estas mãos o demônio me abandonou." Como Eupráxia não pudesse responder, a abadessa disse: "Não tens piedade da irmã que está ali? Por que não lhe dizes nada, a ela, que está tão aflita por tua causa?" Eupráxia voltou-se e disse: "Por que me fazeis sofrer, minha irmã? Deixai-me repousar; estou expirando. Temei a Deus e êle vos guardará." Depois, olhando para a abadessa, lhe disse: "Rezai por mim, porque há um grande combate em

http://www.obrascatolicas.com

minha alma nesta hora". A abadessa rezou e tôdas as irmãs responderam: Assim seja. Eupráxia entregou a alma a Deus, aos trinta e oito anos de idade. Colocaram-na no túmulo da mãe.

Júlia não deixou o túmulo durante três dias, chorando aquela a quem havia ensinado o saltério. No quarto dia, voltou alegre para dizer à abadessa: "Senhora, rezai por mim. Deus me chama. A senhora Eupráxia intercedeu por mim, pecadora". Abraçou tôdas as irmãs e morreu no dia seguinte. Foi depositada no mesmo sepulcro em que Eupráxia jazia.

Trinta dias após, a abadessa convocou as prioresas do mosteiro, dizendo-lhes: "Escolhei uma madre, que possa governar-vos em meu lugar". "Por que, perguntaram elas, dirigis às vossas servas uma linguagem tão nova?" Ela lhes disse: "O Senhor me chama. A senhora Eupráxia rogou por mim. Fêz muitas súplicas para que eu fôsse admitida ao céu. Por intercessão de Eupráxia foi que Júlia se tornou partícipe dessa felicidade". As irmãs souberam com alegria da glória de Eupráxia e de Júlia e fizeram votos para lá chegarem também. Escolheram uma dentre elas, Teônia, para ser a superiora. A abadessa disse: "Eis que tôdas as irmãs vos deram bom testemunho, escolhendo-vos para minha sucessora. Peço-vos, pois, pela consubstancial Trindade, não obter para êste mosteiro os bens e as riquezas do século e não conduzir o espírito das irmãs para as vaidades terrestres, a fim de que desprezem as coisas passageiras e mereçam as que duram nos céus". Em seguida disse às irmãs: "Como vós tôdas conheceis a vida da senhora Eupráxia, imitai-a, para que sejais julgadas dignas da mesma felicidade".

http://www.obrascatolicas.com

Tôdas responderam: Assim seja. Despedindo-se delas, entrou no oratório, e fechou a porta, com a proibição de lá entrarem até o dia seguinte. Quando entraram, pela manhã, encontraram-na adormecida no Senhor. Bendizendo a Deus, depuseram-lhe o corpo no sepulcro de Eupráxia. Lá se produziu grande número de milagres e curas. Os demônios exclamavam: "Mesmo após a morte, Eupráxia tem poder sôbre nós e nos expulsa!"

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO NICÉFORO

DE

CONSTANTINOPLA (*)

Bispo e Confessor

São Nicéforo era natural de Constantinopla, onde nasceu no ano de 738, filho de Teodoro, que foi secretário imperial, quando de Constantino V. Privado daquele cargo, dada a fidelidade em honrar as santas imagens, foi enviado ao exílio, para Nicéia. A mãe, Eudóxia, educou Nicéforo com esmêro. Mulher piedosa, transmitiu-lhe tôdas as virtudes que embelezam a alma. Secretário também, quando adulto, sob Constantino VI, filho da imperatriz Irene, principiou o Santo a mostrar-se grandemente zeloso por tudo aquilo que dizia respeito à Igreja, embora não passasse de leigo.

Desejoso de abandonar o século, desagradado das coisas do mundo, Nicéforo deixou o bulício da côrte e se fêz, alegremente, para a solidão, nos confins do Bósforo. Ali, fundou um mosteiro.

Livre do que quer que fôsse temporal, entrou a orar, jejuar, e, fazendo penitência e estudando a santa Escritura, foi-se inteirando das divinas verdades.

http://www.obrascatolicas.com

São Nicéforo de Constantinopla foi gramático, orador eloqüentíssimo, filósofo profundo. Era doce com os pobres, caridoso, de uma ternura que tocava os corações mais avessos à bondade.

Em 25 de fevereiro de 806, com a morte de Tarásio, todos desejaram vê-lo elevado à cátedra patriarcal de Constantinopla, embora ainda fôsse o Santo um simples laico. Eleito, em poucas semanas recebeu, sucessivamente, as santas ordens e a sagração.

Quando foi de Leão, o Armênio, São Nicéforo viu-se prêso, defensor intransigente que era das santas imagens. Apesar de doente, suportou os maus tratos com paciência e verdadeiro espírito cristão. Banido, no exílio passou catorze anos, falecendo em 828, no dia 2 de junho, tendo cumprido vinte e dois anos de episcopado. Estava, então, com noventa anos.

Em 842, São Método, bispo de Constantinopla, propôs à imperatriz Teodora a transferência dos restos de Nicéforo para aquela cidade. E dizia, solene:

— Há de ficar no exílio, depois de morto, tão ilustre confessor de Nosso Senhor Jesus Cristo?

Teodora concordou, e o corpo do Santo, encontrado ainda bem conservado, foi descansar na igreja dos Santos Apóstolos. Deu-se a translação no dia 13 de março, justamente aquêle em que São Nicéforo fôra degredado.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

SÃO RODRIGO E SÃO SALOMÃO DE CÓRDOVA (*)

Mártires

São Rodrigo, espanhol, era natural da aldeia de Cabra. Sacerdote, tinha dois irmãos, dos quais um, como êle, era cristão. O outro, turbulento e de mau gênio, abraçara a fé muçulmana, tudo fazendo para desprestigiar a religião católica.

Um dia, Rodrigo, calado, acompanhava uma discussão entre os dois irmãos. Quando percebeu que a disputa se acendia perigosamente, estando próxima de uma explosão, achou conveniente interpor-se.

Ambos os altercadores, inflamadíssimos, lançaram-se sôbre êle, maltratando-o tão duramente, que o deixaram gravemente ferido.

O irmão cristão, apavorado, deixou a casa e saiu, arrependido, a correr pelas ruas, a êsmo. O outro, o muçulmano, não contente com o sucedido, agarrou o pobre ferido, e, arrastando-o para fora, gritava para os transeuntes embasbacados:

— Eis aqui meu irmão padre! Ei-lo! Agora, esclarecido, às portas da morte, como todos vêdes, não quer deixar o mundo sem antes patentear a mudança que sofreu!

http://www.obrascatolicas.com

Rodrigo — milagre! — recompôs-se. Não sentia nada. Dor alguma o atormentava. Levantou-se, afastou-se e deixou todos boquiabertos.

Abandonando a casa em que vivia, foi servir a Deus noutro lugar. E, um dia, pelo próprio irmão muçulmano, foi denunciado ao cádi.

Prêso, foi enviado ao cárcere em que jazia, há tempos, um homem chamado Salomão, cristão, também aprisionado pela fé, ao qual Rodrigo se ligou por sólida amizade. E ambos, impossibilitados de serem vergados, foram mortos.

Era em 837, e os corpos, atirados a um rio, pouco depois, pelas águas mesmas, eram lançados a uma das margens.

São Rodrigo foi enterrado no mosteiro de São Genésio, e São Salomão na basílica dos santos Cosme e Damião.

* * *

http://www.obrascatolicas.com

BEM-AVENTURADO AGNELO DE PISA (*)

Confessor

O bem-aventurado Agnelo de Pisa nascido em Pisa em 1194, foi admitido à ordem dos irmãos menores por São Francisco, quando o Pobrezinho de Assis passou por Veneza. Em 1223, o mesmo São Francisco designou-o para ir à Inglaterra, na qualidade de primeiro ministro provincial. Foi considerável a influência dêste franciscano entre os inglêses: Henrique III fê-lo seu conselheiro.

Diz Johannes Joergensen no seu *São Francisco de Assis. Sua Vida e Sua Obra,* uma das biografias mais bem escritas, mais altamente pensadas, e mais sòlidamente documentadas daquele Poverello descalço de Assis: "Devemos voltar ao desenvolvimento científico da Ordem. Êste desenvolvimento redobrou de intensidade quando, em setembro de 1224, os franciscanos chegaram à Inglaterra. A missão vinha da França, e tinha à frente Agnelo de Pisa, que tinha sido custódio em Paris. Os frades pararam primeiro em Cantorbéry, mas, já desde 1 de novembro de 1224, haviam passado a Oxford. Aí grande número de estudantes e de candidatos da célebre universidade uniu-se a êles; e em nenhum outro lugar os estudos progrediram mais do que entre os frades inglêses. Eccleston conta como os

http://www.obrascatolicas.com

frades, descalços, atravessavam grandes distâncias, pela neve e gêlo, e passavam por lugares paludosos onde afundavam, contanto que assistissem às aulas de Oxford.

"Ao mesmo tempo observavam rigorosamente o voto de pobreza franciscana; e também a alegria franciscana reinava entre êles. Riam alegremente quando se encontravam, e também, na igreja, às vêzes, eram prêsa de uma alegria estática, que os impedia de cantar o ofício. Assim os frades inglêses, embora tivessem hábitos particulares, eram, no espírito, verdadeiros franciscanos. E Elias de Cortona, durante o seu generalato, não teve adversário mais implacável, opositor mais enérgico a suas violações da Regra, do que o douto frade menor inglês Adão de Marsh. Todavia, cumpre acrescentar que foi um inglês, Aimone de Faversham, que, vindo a ser, por sua vez, geral da Ordem, de 1240 a 1244, decretou que só os clérigos, isto é, os frades instruídos, tivessem o direito de exercer os cargos superiores da Ordem".

Falecido em 1232, em Oxford, ali o bem-aventurado fundou uma grande escola. Agnelo de Pisa teve o culto aprovado por Leão XIII em 1892.

* * *

No mesmo dia, na Irlanda, São Pulquério, abade. Educado por uma tia, colocou-se, mais tarde, sob a direção de São Comgall, abade de Bangor, que o encarregou da fundação de um novo mosteiro. Tendo obtido de um poderoso chefe, Coemano, a concessão de uma área deserta, ali erigiu uma abadia, depois

http://www.obrascatolicas.com

célebre: Liath-Mochoemoc (1). Falecido em 655, operou milagres.

Ainda na Irlanda, São Geraldo, bispo e confessor. Anglo-saxão de origem, foi monge em Lindisfarne, morrendo como bispo de Mayo em 723.

Em Camerino, Santo Ansovino, bispo e confessor. Educado numa comunidade de cônegos regulares de Santo Agostinho, ali se preparou, excelentemente, para o sacerdócio. Os concidadãos de Santo Ansovino, cheios de admiração pela sua santa vida, desejaram-no como bispo. Em Roma, recebeu a consagração episcopal. Favorecido por Deus com o dom dos milagres, faleceu em 840, depois de muito profícua vida.

Em Viena, São Máximo, Marcial e outros, mártires.

Na Nicomédia, Santo Urpasiano, mártir, um dos cristãos do palácio de Diocleciano. Metido dentro de uma grande gaiola de ferro, foi suspenso a pouca altura das chamas de uma vasta fogueira, arrebatando, heròicamente, a coroa dos mártires. As cinzas foram lançadas ao mar (295).

Em Troyes, São Melânio, bispo e confessor, que sucedeu a Santo Amator. Desaparecido no ano de 390.

Em Poitiers, São Pient, bispo e confessor, que ajudou Santa Radegunda e erigiu um mosteiro. Faleceu em 564.

Na diocese de Nevers, São Vicente de Magny, confessor, cujo túmulo, sob Carlos, o Calvo, foi

---

(1) Mochoemoc: nome pelo qual êste Santo também é conhecido.

http://www.obrascatolicas.com

descoberto, sôbre êle se erguendo uma igreja (século VII).

Na diocese de São Die, Santa Mafléia, ou Mactefléia, virgem e abadessa, também conhecida como Magdefreda ou Mactefleda. Dirigiu um mosteiro para mulheres em Habend, mosteiro êsse fundado pelos santos Romarico e Amato. Falecida santamente em 623.

Em Piemont, Santo Helrad ou Heldrad, abade e confessor. Nascido em Lambesc, próximo de Aix-en-Provence, tornou-se órfão após o nascimento. Herdeiro de grande fortuna, dela se desfez com imenso gôsto, distribuindo-a aos pobres e às instituições que se empenhavam em instruir os ignorantes. Em 814, recebido pelo abade Amblulfe, num mosteiro situado nos Alpes, faleceu em 875.

Na Escócia, Santa Kennocka, virgem, filha de muito nobre família escocesa. Sob os parentes, sofreu por causa da religião. Faleceu em 1007 num mosteiro de Fife. Há em Glascow, onde foi muitíssimo venerada, várias igrejas que lhe foram dedicadas.

Em Perusa, na Itália, o bem-aventurado Henrique ou Erico, confessor, falecido em 1416. Filho de Aquino, rei da Dinamarca, Noruega e Suécia, herdeiro do trono, obrigado a casar-se, queria, todavia, servir a Deus. Disfarçado de monge, revestido com um hábito dos terciários de São Francisco, deixou secretamente o castelo e foi, longe, viver escondido, passando muitos anos em contemplação e a fazer penitência. Descoberto, teve que tornar à côrte. Sagrado rei, pouco depois, fugia novamente, dessa vez para a Itália, onde visitou o túmulo dos Santos Apóstolos e o do Seráfico Pai São Francisco. Faleceu em 1415, deitado sôbre a terra nua.

http://www.obrascatolicas.com

Na Inglaterra, o bem-aventurado Guilherme Haddoc, mártir. Monge em Lancaster, foi morto pelos protestantes em 1536.

No mesmo dia, em Nicomédia, festa dos santos mártires Macedônio, Patrícia, sua espôsa e Modesta, filha de ambos.

Em Nicéia, os santos mártires Teusetas, Horres, seu filho, Teodora, Ninfodora, Marcos e Arábia, que foram atirados nas chamas, por amor a Jesus Cristo.

Em Hermópolis, no Egito, São Sabino, que, após ter sofrido muito, foi, finalmente atirado ao rio, onde foi completado seu martírio.

Na Pérsia, Santa Cristina, virgem e mártir.

http://www.obrascatolicas.com

ÍNDICE

FEVEREIRO

26.º dia de fevereiro

Santo Alexandre, Bispo de Alexandria do Egito 9
São Nestor, Bispo e mártir 27
São Porfírio de Gaza, Bispo e confessor 31

27.º dia de fevereiro

São Leandro, Bispo de Sevilha e apóstolo dos Visigodos 39
São João de Vandieres 50
São Gelásio, mártir 66
São Gabriel da Virgem Dolorosa, confessor 68

28.º dia de fevereiro

Os cristãos de Alexandria, mártires da caridade 74
São Romão e São Lupicino, Fundadores dos mosteiros do Monte Jura 76
Bem-aventurado Augusto Chapdelaine, mártir 78

29.º dia de fevereiro, ano bissexto

Santo Oswaldo, Bispo de Worcester 82
São Eugendo ou Oiendo, abade de Condat, depois São Cláudio 85
Santo Odilon, abade de Cluny 87
Panegírico de todos os mártires pelo diácono Constantino 93

http://www.obrascatolicas.com

MARÇO

1.º dia de março

São Suiberto, apóstolo da Frísia 127
Santa Eudócia, mártir 130
Santo Albino, Bispo e confessor 134
São Davi, Bispo e confessor 136

2.º dia de março

São Simplício, papa 140
Bem-aventurado Carlos, o Bom, mártir 151

3.º dia de março

O bem-aventurado Nicolau Albergati, Cartuxo, Bispo de Bolonha e Cardeal 156
O bem-aventurado Pedro de Palermo 164
Santa Artelais, virgem 168
Santa Cunegundes, Virgem e Imperatriz 170
São Gerwin, abade e confessor 172

4.º dia de março

São Casimiro, rei da Polônia 177
São Leonardo, Bispo e confessor 181
Santo Apiano, confessor 183
São Pedro Pappacarbono, Bispo e confessor 185

5.º dia de março

São João José da Cruz, franciscano 189
São Gerasmo, abade e confessor 193

http://www.obrascatolicas.com

6.º dia de março

Santa Coleta 200
Martírio de quarenta oficiais no Oriente 207
São Cônon, o jardineiro, mártir 214

7.º dia de março

São Tomás de Aquino, Doutor da Igreja 220
Santa Perpétua e seus companheiros, mártires 226
São Paulo, o Simples, ermitão e confessor 244

8.º dia de março

São João de Deus, Fundador dos Frades da Caridade 250
Santo Estêvão de Obasine 262
Santo Apolônio e São Filêmon, mártires 267

9.º dia de março

Santa Francisca, dama romana 272
Santa Catarina de Bolonha, virgem e abadessa 293

10.º dia de março

Os quarenta mártires de Sebaste 300
São Kessoc, Bispo e confessor 310
Santa Anastácia, a patrícia 312
Santo Himelino, confessor 315

11.º dia de março

Santo Eulógio, sacerdote de Córdova, mártir, e outros mártires de Espanha, durante a perseguição dos maometanos 320
São Sofrônio, Patriarca de Jerusalém 357
São Vindiciano de Cambrai, Bispo 364

http://www.obrascatolicas.com

12.º dia de março

São Gregório I, o Grande, papa 368
São Finéias, Sumo-sacerdote do Antigo Testamento 375
São Maximiliano, mártir 383
São Pedro da Nicomédia, mártir 387

13.º dia de março

Santa Eufrásia ou Eupráxia, virgem 391
São Nicéforo de Constantinopla, Bispo e confessor 416
São Rodrigo e São Salomão de Córdova, mártires 418
Bem-aventurado Agnelo de Pisa, confessor 420

http://www.obrascatolicas.com

http://www.obrascatolicas.com

Composto e impresso nas
oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo —— 1959

http://www.obrascatolicas.com